

UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE PERNAMBUCO



COORDENAÇÃO GERAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

A TRAMA PARADOXAL DO ÓDIO NO PSIQUISMO

Maria Neuma Carvalho de Barros

RECIFE – PE
Novembro/2013

MARIA NEUMA CARVALHO DE BARROS

A TRAMA PARADOXAL DO ÓDIO NO PSIQUISMO

Tese apresentada pela doutoranda Maria Neuma Carvalho de Barros ao Programa de Doutorado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, vinculada à linha de pesquisa Psicopatologia Fundamental e Psicanálise, sob a orientação do Prof. Dr. Zeferino de Jesus Barbosa Rocha, para obtenção do título de doutora.

RECIFE – PE
Novembro/2013

A TRAMA PARADOXAL DO ÓDIO NO PSIQUISMO

Tese apresentada pela doutoranda Maria Neuma Carvalho de Barros ao Programa de Doutorado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, vinculada à linha de pesquisa Psicopatologia Fundamental e Psicanálise, sob a orientação do Prof. Dr. Zeferino de Jesus Barbosa Rocha, para obtenção do título de doutora.

Prof. Dr. Zeferino de Jesus Barbosa Rocha (UNICAP/PE) - orientador

Prof. Dr. Gilberto Safra (USP/SP)

Prof. Dr. Ronaldo Monte de Almeida (UFPB/PB)

Profª Dra. Maria Consuêlo Passos (UNICAP/PE)

Profª Dra. Ana Lúcia Francisco (UNICAP/PE)

DEDICATÓRIA

*A meus pais, **Rafael** (in memoriam) e **Alcina**, que, ao tecerem juntos o fio da vida, construíram a família que somos; e, ao nos tornarem projeto, como filhos, na história a eles confiada, nos ensinaram, antes de tudo, que Deus é abertura para a alma e o conhecimento, abertura para novas possibilidades. Ambos, especialmente minha mãe, sabiamente entenderam que o conhecimento é um bem a ser conquistado. Conhecimento este que nos possibilitou compreender, inclusive, que o ódio é também dimensão da existência que tece história e sentido.*

*A meus avós, **Cícero** e **Ana** (in memoriam), que, pelas impossibilidades de seu tempo, não puderam alcançar os benefícios da psicanálise, mas, indiretamente, acabaram por me impelir a enveredar na temática desta tese.*

*A meu marido, **Elbio**, que sempre acreditou em mim, e que, ao me fazer revitalizar sonhos e desejos, me leva a realizar os estudos que idealizo. Sem ele, não poderia conhecer o que só agora alcanço. Juntos, somos cúmplices na história que nos cabe viver.*

*A meus filhos, **Márcio, Gustavo, Rodrigo, e Manuel** (filho do coração), que me dão a oportunidade da sementeira e da renovação e presentificam a continuidade da existência.*

*A meus netos, **Ana Beatriz, Lucas, Guilherme, Nina, Enzo, Davi, Maria Antônia**, que, me fazem ver, cotidianamente, que a vida não cessa de se mover e de propiciar alegria e ricas experiências.*

*A meus irmãos **Cleide, Ivone, Glória, Fátima, Vânia e Rafael Junior**, benfazejos companheiros com quem divido a tarefa de viver.*

*A meus pacientes, fonte de inestimável aprendizado; e a **Regina e Daniel**, em especial, que me instigaram a estudar o ódio e alcançar o que ainda não sabia.*

AGRADECIMENTOS

Nos *Agradecimentos*, podemos agradecer aos que, de um modo ou de outro, fazem parte de nossas realizações. Eles e elas são muitos e de certa forma passaram todos a fazer parte de meu percurso de estudos psicanalíticos: há os que me ajudaram mais ou menos diretamente na realização deste doutorado, especialmente, na elaboração desta tese; alguns já me acompanham há mais de uma década, enquanto outros seguiram caminhos diferentes ao longo dessa mesma trajetória; há também os que se têm incorporado a esse grupo, sem o qual não mais me imagino psicanalista; há ainda a comunidade científica, em relação à qual temos o dever ético e acadêmico de prestar contas quanto à forma e à finalidade desta tese. Guiando-me pela sensibilidade, passo então a agradecer:

a **Deus**, antes de tudo, pelo projeto realizado;

a meu orientador, **Zeferino** Rocha, pela presença enriquecedora em minha trajetória psicanalítica, pelos incansáveis anos como incentivador maior de meus estudos psicanalíticos, pela simplicidade com que compartilha seu saber e experiência, por sua disponibilidade e atenção como orientador desde a realização de meu mestrado e, agora, do doutorado, meu profundo reconhecimento;

a Gilberto **Safra**, com quem não me canso de aprender, pelo privilégio de sua participação em nossa banca de doutorado e pela profícua e significativa interlocução que tanto contribuiu para meu crescimento na área psicanalítica e para realização de meus estudos sobre a questão do ódio;

à professora **Consuelo** Passos, cujas reflexões — sempre pertinentes e construtivas — além de apontar caminhos desafiadores, me ajudaram a consolidar a elaboração desta tese. Sou-lhe extremamente grata por sua postura solidária em toda esta caminhada acadêmica;

à professora **Ana Lucia** Francisco, pelo estímulo permanente e pelas relevantes contribuições ao longo de minha trajetória na pós-graduação, em geral, e na produção deste trabalho, em particular;

a **Ronaldo** A. Monte, pela presença atuante em várias instâncias de meu trabalho como psicanalista; em especial, por sua entusiasta e provocativa colaboração na construção desta tese; pela condução de instigantes discussões sobre a temática do ódio; pelas sugestões e pertinentes revisões de meus textos. Sua irreverência teórica e suas críticas incisivas sempre aguçaram minha criatividade, impelindo-me a avançar;

aos professores **Nannete** Frej e **Iraquitán** Caminha, pela disponibilidade generosa em compor, como suplentes, nossa banca de doutorado;

aos **professores** do Curso de Doutorado em Psicologia Clínica da **UNICAP** — nas pessoas das professoras, **Cristina Brito** e **Edilene Queiroz** —, cujos ensinamentos e permanente colaboração foram fundamentais para a concretização de meu doutorado e desta investigação;

aos **colegas de turma**, pelo convívio enriquecedor e pelas trocas profícuas, e aos dedicados **funcionários da UNICAP**, nas pessoas de **Nélia** e **Nicéas**, pela atenção, disponibilidade e eficiência;

a **Elbio T. Pakman**, marido, companheiro e colaborador de todas as horas, que me auxiliou incansavelmente na coleta de materiais e informações, na digitação reiterada de textos e na compreensão de artigos em outros idiomas. Sua excepcional sensibilidade acadêmica e sua filosofia pragmática — “não importam as insuficiências ou os erros: o fundamental, em ciência, são os acertos. Por isso, jamais hesite ousar” — me estimularam constantemente a prosseguir. A ele, pois, meu maior agradecimento;

a **Cleide Barros**, irmã-amiga, pelo ativo trabalho de pensamento e de revisão desta tese, mantendo-se sempre tão paciente em perscrutar o movimento da palavra e da escrita; por todo o rigor de sua leitura e correções, rigor generoso e imprescindível, de modo a imprimir mais clareza, fluência, precisão e objetividade a este texto; por sua hospitalidade tão presente, que trouxe tanta aproximação em nossos encontros de trabalho. A você, mana querida, toda minha gratidão pela sua incansável dedicação da revisão de meus textos ao longo dos anos.

às irmãs e companheiras de profissão na psicanálise e no **EPSI**, **Ivone Vita** e **Glória Barros**, que — cada uma a seu modo — contribuíram para a consecução deste doutorado. Juntas compartilhamos estudos, trabalho, cuidados com nossos pacientes, colegas, funcionários e professores; à primeira, devo minha inserção na seara psicanalítica e com ela tenho compartilhado a idealização e realização de inúmeros projetos e de frutífero e gratificante trabalho institucional;

ao **EPSI-Espaço Psicanalítico**, instituição em que tenho realizado todo o meu trabalho psicanalítico, juntamente com todos os que integram essa rede permanente de estudos e cuidados, pelo imprescindível apoio ao longo da realização de meu doutorado;

aos colegas do Laboratório de Psicopatologia Fundamental do EPSI — **LABORE** — **Alejandro Terehoff**, **Andréa Caminha**, **Dorcas B. Gominho**, **Eugênia Chaves**, **Glória Barros**, **Inês Araújo**, **Iraquitán Caminha**, **Jaqueline Batista**, **Paula G. Borba**, **Pedro Von Sohsten**, **Ronaldo Monte** (coordenador) e **Ursula Leite** — pela receptividade estimulante à esta problemática de pesquisa e pelo enriquecimento de nossas reflexões e trabalhos sobre o ódio;

a **Paulina** Schmidtbauer Rocha, presença marcante em nosso percurso pelos meandros da psicanálise, cuja disponibilidade e solidariedade foram fundamentais e continuam vivas na concretização deste acalentado projeto;

a **Luís Claudio** Figueiredo — teórico generoso que pratica o cuidado —, pela disponibilidade em compartilhar seus conhecimentos e com quem sempre pudemos contar para ampliar a compreensão de inúmeras questões da psicanálise, especialmente aquelas pertinentes à temática do ódio;

a **Mário Eduardo Pereira**, por nos apontar o verdadeiro sentido da pesquisa psicanalítica e pelas oportunidades de enriquecimento teórico que nos tem propiciado ao longo de vários encontros e interlocuções;

a **Dulcinéa Araújo**, que, de seu lugar de analista, me propiciou o necessário suporte para transpor dificuldades e realizar este projeto de estudos;

a meus filhos, **Márcio**, **Gustavo** e **Rodrigo**, pelo provimento de condições fundamentais para a realização deste projeto de doutorado e concretização desta tese e pela compreensiva tolerância de minhas inevitáveis ausências no convívio familiar;

à minha **família**, em geral, que sempre esteve a meu lado, estimulando-me a enfrentar desafios e buscar novas realizações;

a **Gisele**, assim como a **Neto** e **Patrícia**, a **Zito** e **Regina**, pelo apoio imprescindível à realização desta tarefa;

Ao término destes **Agradecimentos**, e com certo distanciamento, dou-me conta, um tanto estupefata, do grande contingente de pessoas das mais diversas procedências, com quem divido o fazer e o pensar psicanalíticos, compartilho o viver e a alegria de me relacionar, e de quem recebo apoio intelectual, afetivo, calor humano e também espiritual — ingredientes fundamentais para nossos empreendimentos vida afora. Aqui, incluímos **Luísa** Barros Colin, **Alice** Coelho, **Gisele** Franca, **Joelda** Lira, Fátima “**Fafá**” Barros, D. **Lindalva** Maia, **Christian** Azaïs, **Clarissa** R. Troccoli, **Eugênia** Chaves, **Giovanni** Pizzetti, **Ivan** Troccoli, **Nadieje** Paiva. Concluo estas linhas, reafirmando o afeto e o agradecimento incomensuráveis que dispenso a todas estas pessoas e a tantas outras que, inadvertidamente possa ter deixado de mencionar.

RESUMO

O ódio — um dos principais elementos de nossa relação com o outro — é um afeto que suscita rejeição. Na perspectiva psicanalítica, ele protagoniza o processo de estruturação subjetiva do sujeito e por vezes funciona como elemento de preservação psíquica, como nos revela a prática clínica. Diante disto, é oportuno indagar: de que forma o ódio atua no psiquismo? A presente pesquisa se propõe a ser prolongamento da atividade clínica e a dar prosseguimento a estudos por nós anteriormente desenvolvidos. Para tanto, recorreremos às postulações de três dos principais autores e psicanalistas conhecidos: S. Freud, M. Klein e D. W. Winnicott. Considerando as concepções de sujeito e de psiquismo humano de cada um desses autores, constatamos, em suas teorizações, a existência de dados fundamentais para o entendimento da presença do ódio na dinâmica psíquica. Partindo de tais teorias — aqui parcialmente ampliadas por reflexões de estudiosos da atualidade sobre tal afeto —, centramos nossa investigação na trama paradoxal do ódio, dada sua ambivalente atuação na dinâmica psíquica: funciona tanto como elemento de estruturação e afirmação do sujeito, quanto de resistência e destrutividade. Transitando entre os polos teórico e clínico — e desse modo realçando a articulação ativa entre teoria e clínica, tal como postula a psicanálise —, recorreremos também a fragmentos clínicos para ilustrar nosso argumento central. Os exemplos clínicos reportados neste texto sugerem, em suma, que o ódio — tal como evidenciado no processo de análise — pode ser igualmente usado como defesa, assim modificando o desenvolvimento da trama psíquica. Acreditamos, finalmente, que esta tese possa vir a se constituir em subsídio e contribuição para aqueles que se dedicam à prática psicanalítica e ao estudo da psicanálise, particularmente no que diz respeito às complexas e reveladoras manifestações do ódio, características da condição humana.

Palavras-chave: ódio, psicanálise, teoria psicanalítica, trama paradoxal do ódio, ambivalência do ódio, ódio, paradoxo

ABSTRACT – *The paradoxal plot of hatred*

Hatred — one of the main constituent elements in one's relationship with other people— is a kind of affection that may engender rejection. From a psychoanalytical perspective, it protagonizes the self's subjective structuring process and, at times, contributes to psychic preservation, as revealed in clinical practice. Thence, the need to start this work by posing the following question: how does hatred work in the psychic structure? This research is meant to be an extension of clinical practice and of our previously developed studies. To achieve this goal, we have resorted to some of the concepts of three major psychoanalysts and authors: S. Freud, M. Klein and D. W. Winnicott. Considering their concepts on both the self and human psychism, we have detected in their theories pieces of information which are basic to the understanding of the presence of hatred in psychic dynamics; in addition to this, we have here examined some present day scholars' contributions to our theme. All of these materials have helped us perceive the paradoxical plot created by the ambivalence of this affection in psychic dynamics, where it works not only to build up the self's structure and affirmation, but also as an element of resistance and destructiveness. Moving from theory to clinical practice — and thus reinforcing the active articulation between both these poles, as recommended by psychoanalysis — we have also resorted to clinical fragments to illustrate our major argument. The clinical examples here reported suggest, in short, that hatred can be equally used as a defense — as evidenced, for example, in the analytical process —, thus modifying the development of the psychic plot. Finally, we do believe that this investigation can eventually contribute to the work of those who dedicate themselves to psychoanalytical practice and the study of psychoanalysis, particularly as regards the complex and revealing expressions of hatred, which are characteristic of the human condition.

Keywords: hatred, psychoanalysis, psychoanalytical theory, paradoxal plot of hatred, hatred, ambivalence

RÉSUMÉ – La trame paradoxale de la haine dans le psychisme

L'un des principaux éléments de la relation à l'autre, la haine est un affect qui suscite le rejet. Dans la perspective psychanalytique, elle est présente dans le processus de structuration subjective et fonctionne comme élément de préservation psychique, ainsi que le révèle la psychanalyse clinique. Notre questionnement porte sur le rôle de la haine sur le psychisme. Notre recherche constitue un prolongement de la clinique et s'inscrit dans la lignée de travaux déjà réalisés. Nous mobilisons les formulations de trois grands auteurs de la psychanalyse: S. Freud, M. Klein et D.W. Winnicott. A partir de la conception de sujet et de psychisme humain avancées, leurs théorisations mettent l'accent sur des aspects fondamentaux pour la compréhension de la présence de la haine dans la dynamique psychique. Partant de l'architecture psychanalytique de ces trois contributions, partiellement élargies à celles de théoriciens actuels sur ce même thème, notre lecture insiste sur la trame paradoxale de la haine dans son ambivalence dans la dynamique psychique, affect qui joue comme élément de structuration et d'affirmation du sujet et aussi de résistance et de capacité destructrice. Dans un mouvement en spirale, passant entre le pôle théorique et le pôle clinique, nous utilisons des fragments cliniques pour analyser la trame paradoxale de la haine; cela nous permet ainsi d'articuler activement théorie et clinique, comme le postule la psychanalyse. Les cas rapportés suggèrent que la haine peut-être utilisée en tant que défense, comme c'est le cas, par exemple, dans le processus d'analyse, en modifiant le développement de la trame psychique. Grâce à notre recherche, nous pensons pouvoir contribuer aux travaux de ceux qui se penchent sur la pratique et les études psychanalytiques, particulièrement, les complexes et révélateurs expressions de la haine, caractéristiques de la condition humaine.

Mots-clés: haine, psychanalyse, théorie psychanalytique, trame paradoxale de la haine, ambivalence de la haine

RESUMEN – La trama paradójal del odio en el psiquismo.

El odio, uno de los principales elementos en la relación con el otro, es un afecto que suscita rechazo. Dentro de la perspectiva psicoanalítica, se presenta como protagonista del proceso de estructuración subjetiva del individuo y, a veces, funciona como elemento de preservación psíquica, conforme la clínica nos revela. De ahí que sea oportuno indagarse: ¿cómo actúa el odio en el psiquismo? La presente investigación constituye una prolongación de la clínica y da seguimiento a estudios emprendidos anteriormente. Para responder, recorreremos a las formulaciones de tres grandes autores del psicoanálisis: S. Freud, M. Klein y D. W. Winnicott. A partir de las concepciones de sujeto y de psiquismo humano que cada uno de ellos postula, sus teorizaciones apuntan aspectos fundamentales para entender la presencia del odio en la dinámica psíquica. Con base en el instrumental teórico de las referidas contribuciones, parcialmente ampliadas por los aportes de estudiosos de la actualidad que tratan del tema, nuestra lectura tiene como enfoque la trama paradójal del odio en su ambivalencia dentro de la dinámica psíquica, afecto que actúa como elemento de estructuración y de afirmación del sujeto, como también de resistencia y de destructividad. Transitando entre el polo teórico y el polo clínico, recurrimos a fragmentos clínicos para ilustrar nuestra argumentación central, realizando, de esa manera, la articulación activa entre la teoría y la clínica, tal como lo postula el psicoanálisis. Los ejemplos clínicos reportados en el texto sugieren que el odio puede ser usado como defensa, tal como se evidencia en el proceso de análisis, modificando el desarrollo de la trama psíquica. Creemos, por fin, que esta tesis pueda ser subsidio y contribución para aquellos que se dedican a la práctica psicoanalítica y al estudio del psicoanálisis, particularmente en lo referente a las complejas y reveladoras manifestaciones del odio, tan características de la condición humana.

Palabras-clave: odio, psicoanálisis, teoría psicoanalítica, trama paradójica del odio, ambivalencia del odio, odio, paradoja

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	pg. iv
AGRADECIMENTOS	v
RESUMO	viii
ABSTRACT	viii
RÉSUMÉ	ix
RESUMEN	ix
SUMÁRIO	1
I. INTRODUÇÃO	4
1.1 Da clínica ao interesse pelo estudo teórico do ódio	5
Odio e campo social	6
A Tese e seu contexto	10
1.2 Terminologia e entendimentos	12
Etimologia e uso corrente	13
O entendimento psicanalítico	14
1.3 Importância e atualidade do tema	18
Na teoria e na clínica	18
Acerca dos estudos psicanalíticos sobre o ódio	21
1.4 Hipótese e objetivos	23
Hipótese de trabalho a ser examinada	23
1.5 A metodologia em pauta	26
Para uma abordagem científica do ódio	26
A pesquisa em Psicopatologia Fundamental	29
O círculo virtuoso clínica e teoria	32
Uma teoria em construção	33
1.6 Visão de conjunto da estruturação da tese	34
II. S. FREUD: O DESPERTAR DA TEORIZAÇÃO DO ÓDIO	37
2.1 Abordagem pulsional do psiquismo humano	37
2.2 Primeiros textos: 1893-1900	44
Os primórdios – despertando para o ódio	44
Impulsos agressivos e impulsos sexuais	45
Afetos hostis nos sonhos	48
Ódio e sexualidade edípica	50
Crueldade, sadismo, ambivalência	51
O caso Dora	53
O chiste hostil a serviço do ódio	55
2.3 Textos metapsicológicos – Primeira Tópica – 1900-1914	56
Hans reedita o conflito edípico	56
O <i>Homem dos Ratos</i> : abertura para a metapsicologia do ódio	57
Da Vinci transforma amor e ódio em conhecimento e arte	60
A paixão do ódio move a paranoia	62
O ódio antecede o amor, e a ambivalência na explicação do ódio	63
2.4 O ódio no primeiro dualismo pulsional	65
Ódio como autopreservação	65
Uma teoria narcísica do ódio	67

Melancolia: identificação narcísica com o objeto odiado	70
2.5 Textos da Segunda Tópica – 1920-1938	72
<i>Além do princípio do prazer – ódio e pulsão de morte</i>	72
Ódio e as novas instâncias psíquicas	76
O ódio silencioso no masoquismo primário	78
A pulsão de destruição no mal-estar da cultura	80
 III. M. KLEIN: O ÓDIO À LUZ DO DESENVOLVIMENTO PRECOCE	84
3.1 Abordagem objetual do psiquismo	84
3.2 O psiquismo a partir do desenvolvimento infantil	90
O ponto de partida – a análise de crianças	90
Teorizações iniciais	92
3.3 O avanço da construção psíquica	95
De anjos a demônios – a permanência do sadismo infantil	95
Superego arcaico	101
Complexo de Édipo precoce	107
3.4 Coexistência dinâmica entre amor e ódio: a trama das posições	111
Ódio, simbolismo e sublimação	111
O ódio na posição depressiva	114
O ódio na posição esquizoparanóide	123
Ódio e inveja	131
 IV. D. W. WINNICOTT: ÓDIO E RELAÇÃO MÃE-BEBÊ	140
4.1 Abordagem relacional do psiquismo	140
4.2 O percurso conceitual	148
A criatividade teórica encontra um ambiente favorável	148
Voracidade e agressividade do bebê	149
O bebê e o seio materno – destruição e amor ao mesmo objeto	154
A (des)continuidade com Freud	160
4.3 Para introduzir o ódio	164
O papel da agressividade no desenvolvimento emocional	164
Ambivalência do amor cruel – amor com destruição	169
Externalidade e <i>uso de um objeto</i>	175
4.4 Dimensões do ódio	180
<i>O ódio na contratransferência</i>	180
Discordância com o entendimento kleiniano do ódio inato	183
Analista – o ódio procurado	184
Mãe – o ódio ao bebê	186
O bebê - ódio como fator constituinte da psique	187
O ódio: uma conquista no desenvolvimento emocional	189

V. O ÓDIO REVISITADO: A TRAMA PARADOXAL DO ÓDIO	191
5.1 Pontos de partida	191
(Re)pensando o ódio, à luz da trama	191
Diversas abordagens do psiquismo e o papel do ódio	192
Nas pegadas dos clássicos	193
Freud – uma leitura	194
Klein – uma leitura	196
Winnicott – uma leitura	199
5.2 As raízes do ódio e seus desdobramentos	202
Ódio originário e constituição do psiquismo	202
A ambivalência integrando a trama	204
O paradoxo integrando a trama	205
Da destrutividade do ódio à pulsão de morte e ao dualismo pulsional	210
5.3 Ódio a serviço da preservação psíquica – exemplos?	212
Elizabeth exterioriza e elabora seu ódio	213
Ofélia: o ódio melancólico é deslocado	214
Os pacientes de Pao – ódio organizador e defensor do ego	215
Clara, odiar para manter a integridade psíquica	218
5.4 João, o ódio como laço de filiação	221
O ódio materno dá existência a João	221
5.5 Anna, o ódio como meio de afirmação	223
Uma escuta analítica e a intervenção da analista	224
O ódio como força unificadora	228
 À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS	 229
 REFERÊNCIAS	 234
 APÊNDICES	 246
APÊNDICE A – Da terminologia e os entendimentos sobre o ódio	246
APÊNDICE B – Seleção de autores com textos relevantes sobre o ódio	258
APÊNDICE C – Referências complementares	259

I INTRODUÇÃO

O entendimento de um texto, para além da letra fria da escrita, depende fundamentalmente de sua leitura à luz da realidade do autor, inserida em um determinado contexto. As condições, pontos de vista e motivações a ele pertinentes constituem elementos explicativos relevantes e contribuem para incrementar a compreensão de sua mensagem. Passamos a situar, pois, os elementos constitutivos deste trabalho de tese.

Ingrediente da trama intersubjetiva, mais primitivo que o amor, fonte de fantasias, desejos e sintomas, expressão das relações com o outro,

o ódio é esta tormenta que, de alguma forma, em muitos momentos e em várias circunstâncias, está presente na vida psíquica de todos os seres humanos. Se é assim, então sua presença deve ter uma função – deve ter uma gênese – o que é confirmado pela constatação, na clínica psicanalítica, de que sua ausência traz conseqüências patológicas. (Cromberg, 2000, p. 210)

Reiterando a pertinência desta colocação, pretendemos demonstrar neste texto — a partir de dados revelados na experiência clínica — que o ódio não só tem função, mas pode igualmente atuar como defesa no psiquismo.

Ao longo da produção de um trabalho sobre um caso clínico — pré-requisito para nosso reconhecimento como psicanalista junto à instituição psicanalítica a que pertencíamos —, debruçamo-nos sobre algumas questões suscitadas pela escuta e pelos movimentos transferenciais do caso em questão, particularmente a função dos impulsos hostis na dinâmica psíquica de uma jovem paciente. Tais impulsos — ou "ódio", como ela os denominava — de um lado, constituíam manifestações da angústia de castração e de outro, meios de preservação de sua integridade psíquica, ou seja, defesa contra seu deslizamento na problemática familiar. A compreensão que desta defesa tivemos certamente produziu efeitos em nossa escuta e no manejo clínico daqueles impulsos, além de ter aberto novas perspectivas para o caso em foco.

Por ser particularmente marcante e inusitada, tal constatação nos impeliu a investigar teoricamente os impulsos de ódio, com vistas a expandir a compreensão das diferentes configurações que assumem. Uma descoberta nos chamou a atenção: a confrontação, no campo terapêutico, com uma dimensão do ódio tanto quanto diversa da face destrutiva comumente evidenciada nas leituras que dele se fazem. Apesar de referida

no âmbito da teoria psicanalítica, só no caso clínico em questão pudemos constatar que o ódio poderia ter valência positiva. Daí, a decisão de elegê-lo objeto de estudo, para, ao desvelar seus matizes, impasses e possibilidades, apreender a polissemia que encarna e, num plano mais geral, ampliar a inteligibilidade do *páthos*. Assim nasceu nossa dissertação de mestrado, cujo tema optamos por retomar neste doutorado, sob ângulo mais específico: a trama que o ódio enreda no psiquismo.

1.1 Da clínica ao interesse pelo estudo teórico do ódio

Constantemente desafiados pela clínica a ultrapassar seus obstáculos, vimo-nos impelidos a buscar, na teoria, subsídios para ampliar as possibilidades de compreensão, interpretação e manejo clínico de situações instigantes. Dois casos clínicos, em particular, nos chamaram a atenção para a singularidade com que os sentimentos hostis atuavam em seus contextos.

O primeiro deles, com duração de quase quatro anos, foi protagonizado por um garoto de nove anos, Daniel, cujo ódio, densamente represado em sua história transgeracional, se fazia presente sessão após sessão, manifestando-se por longo período de tempo no silêncio que gritava e ecoava em forte movimento de resistência. A análise deste caso — que tivemos oportunidade de discutir em supervisão com Joyce McDougall¹ —, já me fizera atentar para a problemática do ódio e a recorrer à teoria para, desde então, buscar desvendar os meandros dos impulsos hostis.

Em trabalho posterior, Dores e delícias de ser o que se é (Barros M. N., 2002), abordamos o caso clínico de uma jovem senhora – em análise durante cinco anos –, em cujas defesas e relações pessoais se infiltravam afetos de ódio. Paradoxalmente cúmplices da vida, tais afetos punham em marcha um trabalho psíquico a serviço da preservação da integridade psíquica da paciente.² Apresentado por ocasião de nosso reconhecimento como psicanalista, este material clínico se tornou ponto de partida e, retroalimentado, também ponto de chegada de nossa dissertação de mestrado (Barros M. N., 2004).

¹ Supervisão esta realizada em Natal, em agosto de 1999, a partir do relato clínico, *Um grito de silêncio (Daniel's loud silence)*. (Barros M. N., 1999)

² Em supervisão sobre este material clínico, realizada com Gilberto Safra, em março de 2002, a função positiva que o ódio assumia no caso em questão foi evidenciada. Essa supervisão foi fundamental para nossa compreensão desta dimensão do ódio.

A escolha do ódio como objeto de pesquisa certamente foi motivada pela complexidade que ele suscita nos processos que se dão entre os protagonistas da experiência clínica, ou seja, na transferência e na contratransferência. Intruso que igualmente habita paciente e analista, o ódio é de tal forma marcante, que requer cuidadosa compreensão de suas modalidades, de sua presença na economia psíquica e nas tramas que enreda nos processos psíquicos originários, além de seu impacto nas relações intersubjetivas. Estudá-lo tornou-se, portanto, exigência imposta pela clínica.

Ódio e campo social

O fato de nos termos dedicado ao tema em questão no período do mestrado aguçou nossa percepção em relação a questões diversas suscitadas pelo ódio, não apenas no plano das conjecturas, mas também em manifestações que carregam sua marca e no âmbito sociocultural.

A começar pelo próprio campo psicanalítico, o ódio aí se manifesta densa e incessantemente. Aliás, Freud foi desde sempre objeto de hostilidade, em razão das descobertas “intoleráveis” que impingiu à humanidade, isto é: a sexualidade perverso-polimorfa que habita o íntimo do homem; a relevância e abrangência da dimensão do inconsciente, a partir da qual o homem deixa de ser dono absoluto de sua própria morada; as teias edípicas no âmago da subjetividade; ou ainda, a presença da pulsão³ de morte no ser humano.

Essa hostilidade exacerbada ainda hoje se manifesta, por exemplo, nas pesadas ofensas nos últimos anos desferidas contra Freud e a psicanálise. Haja vista o lançamento da coletânea, *O livro negro da psicanálise (Le livre noir de la psychanalyse: Vivre, penser et aller mieux sans Freud, 2005)* — organizada por Catherine Meyer, com a participação de historiadores (principalmente anglófonos) e terapeutas comportamentalistas —, e da recém-lançada obra, *O crepúsculo de um ídolo – a fabulação freudiana*, de Michel Onfray (*Le crépuscule d'une idole: L'affabulation freudienne, 2010*).

As referidas publicações — que incitam ao desprestígio da obra freudiana e denigrem a imagem do fundador da psicanálise, agressivamente acusado de “proveitador” e “mentiroso” (Meyer, 2005, pp. 43-4) — provocaram respostas, a exemplo do ensaio da renomada historiadora e psicanalista francesa, Élisabeth L — *Por que tanto*

³ O termo pulsão (*trieb*, em alemão) é, com frequência, traduzido para o Português como *instinto*.

ódio – anatomia do “Livro negro da psicanálise” (Roudinesco, 2005). Na trilha deste texto em resposta ao trabalho de Onfray, ela publica em 2010, juntamente com outros estudiosos, o dossiê *Freud – mas por que tanto ódio?* (Roudinesco, 2010).

No primeiro dos textos, Roudinesco chama a atenção para o fato de que, na obra a que se contrapõe, “são atacados com uma rara violência todos os representantes do movimento psicanalítico desde suas origens”, atitude que assim avalia: “*Há 20 anos eu disse que o ódio à psicanálise era o sintoma de seu progresso impetuoso, e isso se verifica nos dias de hoje.*” (Roudinesco, 2009). Quanto à postura de Onfray, considerado antifreudista radical, Roudinesco a considera expressão de “ódio em estado puro e sem nenhum outro fundamento senão a negação da realidade (...)” (Roudinesco, 2011, p. 7). Mais adiante, no mesmo texto, afirma que o referido autor pretende demonstrar que a psicanálise é uma *religião ditatorial e fanática* (Roudinesco, 2011, p. 35), e seu criador é simplesmente perverso, impostor, homofóbico e fascista — um ídolo a ser banido, em suma. (Roudinesco, 2011, pp. 8, 9, 13, 25, 29...)

Ao longo da própria história do movimento psicanalítico, registram-se também arroubos de ódio entre seus personagens quando, por vezes, se defrontam com pontos de vista discordantes ou teses que implicam redimensionamento ou modificação de suas posições. Exemplos disto são: a indiferença de Freud frente aos novos achados de Klein; as acirradas controvérsias entre Klein e Anna Freud e as ásperas discussões entre kleinianos e freudianos; impregnada de ódio, a ruidosa, e radical objeção a Klein, por parte de sua própria filha, Melitta Schmideberg etc. Mais recentemente, constatamos também intenso ódio nas frequentes dificuldades de diálogo entre psicanalistas e instituições, em que ambas as partes se mantêm entrincheiradas em suas posições dogmáticas.

Para além do campo psicanalítico, chamam muita atenção as manifestações de ódio na cultura de vários povos. Ingrediente da vida em sociedade, o ódio se faz recorrentemente presente no cotidiano social atual, marcado pela aparente “naturalidade” da violência desenfreada e pela banalização da morte e da destruição. Entretanto, a questão do ódio na cultura, embora muito importante, não é objeto de análise nesta tese, que aponta para o campo social apenas como possibilidade de reflexão.

Frente às intempéries impingidas à subjetividade e ao desejo, que quer a todo custo realização independente do objeto, o encontro com a alteridade — mais que nunca tão em baixa — mostra-se difícil: o outro, cujas necessidades e desejos são relegados, às vezes só é

levado em conta como alvo de descarga pulsional, a serviço de interesses individualistas. Onipotente e impermeável ao outro e à realidade, o sujeito da atualidade, que padece de extremado individualismo, é marcado pela busca frenética do prazer e da atuação desenfreada de seus impulsos agressivos. Por caminhos cada vez mais curtos, tais impulsos prevalecem sem renúncia, freio ou desvio, e a lei da selva fatalmente se sobrepõe à lei social.

A hostilidade, bem sabemos, é inerente ao humano: *Homo homini lupus*⁴. No entanto, para que a sociedade se estabeleça, os indivíduos têm de se submeter às restrições impostas à sua agressividade antissocial e à violência bruta, tal como Freud aponta em *O Mal-estar na Civilização* (1930). Se a renúncia pulsional necessária é cada vez mais evitada e não integrada, em termos tanto da sexualidade quanto dos impulsos agressivos, a pulsionalidade indomada torna-se potência ameaçadora, em detrimento da cultura. Surpreende, neste contexto, o acentuado nível de hostilidade atuada contra o outro.

Talvez esta situação de crise e instabilidade existenciais esteja a sinalizar que o trabalho cultural tem sido insuficiente para viabilizar subjetivação e simbolização e possibilitar que libido e hostilidade, amor e ódio – forças psíquicas que fundam a subjetividade e habitam o humano desde sempre – sejam utilizados em favor do sujeito. Na verdade, cabe ao trabalho cultural ensejar equilíbrio entre reivindicações individuais e exigências culturais e propiciar a sublimação dos impulsos hostis, para que não sejam atuados simplesmente como destruição. A libido não é nada dócil⁵, e a desmedida, que tanto ameaça a existência do indivíduo e a vida em comum atualmente, faz gerar novas regulações pulsionais; por conseguinte, a tarefa econômica que cabe aos indivíduos realizar acaba por produzir novas formas de subjetivação e de sofrimento.

Ao refletir sobre os destinos do ódio na pós-modernidade, o psicanalista, sociólogo e filósofo belga Jean-Pierre Lebrun, pertinentemente sugere a existência de novo regime simbólico. Estabelecido na pós-modernidade e tendo como fundamento a completude, tal regime nega a figura do terceiro e faz desaparecer o lugar da exterioridade, vetor para a existência e também para o ódio. Nesta perspectiva, o ódio não tem lugar para aportar

⁴ *O homem é lobo do homem*, expressão criada pelo dramaturgo romano Plauto e celebrizada por Thomas Hobbes, que Freud usou para destacar a hostilidade que habita a natureza humana.

⁵ Tal como colocou Luís Claudio Figueiredo em longa e profícua discussão que mantivemos sobre o projeto da presente tese em Recife, em 28 de maio de 2010.

nem objetos a que se endereçar, pois, não se “vive” ódio de alguém: simplesmente se sente ódio (*O futuro do ódio*, 2008, pp. 10-1).

O ódio domina a cena contemporânea e é sintoma e expressão de sofrimento psicológico, já que não tem limites nem objeto que o endosse. Cada vez mais cedo, é atuado de forma assustadora entre crianças e jovens, instigados a rivalidades excessivas; nas experiências de *bullying*; na crueldade diariamente manifesta na agressão aos pais por parte dos filhos; no impedimento culposos de pais incapazes de dizer não; em comportamentos homofóbicos; na ação de justiceiros; em frequentes atos de delinquência etc. O ódio igualmente contamina relações de gênero e relacionamentos amorosos, haja vista a grande incidência de crimes passionais. Assim é que as trocas afetivas se revelam inóspitas, os laços sociais, esgarçados; os vínculos afetivos, voláteis, e a experiência cotidiana, densamente marcada por ambivalências extremas.

Latente e desligado, o ódio se propaga por força do *narcisismo defensivo*⁶, como recurso do sujeito para fazer frente à instabilidade imposta pela exterioridade invasiva e ameaçadora, que mina o eu, cada vez mais impotente. Sem que seja matizado e fecundado pelo amor, impõe sua força pela ação, sendo atuado desenfreadamente sem pára-excitação. Sem fiador psíquico para elaboração dessas moções e sem fiador social que legitime a necessária renúncia pulsional, os indivíduos encontram dificuldades para regular a dinâmica pulsional que resulta deste estado de coisas.

Esta manifestação eloquente de ódio vazio, sem laço ou apaziguamento, sinaliza uma estratégia de sobrevivência, meio de afirmação autoconservativa e preservação narcísica. Afinal, o ego se vê duplamente acorrentado: por um lado, não pode se deixar afetar pelo outro – que se mostra mais e mais ameaçador – nem pela exterioridade disruptiva e inquietante, que paralisa e imobiliza; por outro lado, instigado pelo próprio narcisismo exacerbado, não quer se deixar tingir pela alteridade, pela presença do outro. Sintoma e produto da sociedade atual, em que a identidade pouco a pouco se esfacela, todo esse ódio, em ato e em excesso, aniquila o outro e demanda escuta, subjetivação, ligação.

⁶ O psicanalista e pesquisador, Zeferino Rocha, em seu livro *Freud: novas aproximações*, ao refletir sobre a cultura da violência na contemporaneidade, associa a violência ao narcisismo e defende a ideia de que, na atualidade, o homem se abriga no narcisismo – *narcisismo defensivo* – quando se sente violentado na sociedade em que vive. (2008, p. 254)

Não é demais ressaltar que, tendo incursionado pelas modalidades do ódio ao outro, Freud redireciona seu interesse para o ódio que permeia a cultura — temática que não mais o abandonará, afetado que fora ele por conflitos bélicos e intolerância racial. A pulsão de morte, primária e autodestrutiva, será por ele entrevista na origem de uma pulsão agressiva e destrutiva — perspectiva em que o ódio emerge com inusitada força.

Na cultura, é possível constatar várias expressões de ódio, a exemplo das manifestações de xenofobia e racismo; do ódio recíproco entre povos, caso dos confrontos históricos entre árabes, palestinos e judeus, há muito protagonistas de inúmeras guerras na disputa por lugares sacros e legados históricos, cuja posse exclusiva cada um reivindica. Justamente esse ódio secular é que perpetua a hostilidade entre radicais e fundamentalistas de ambos os lados, inviabilizando uma saída para o conflito milenar. Aliás, ao refletir sobre o sentido das guerras contemporâneas, o filósofo, pensador e psicanalista francês de origem grega, C. Castoriadis, afirma ser “impossível compreender o comportamento das pessoas participantes de tais eventos sem ver nisso a materialização de afetos de ódio extremamente potentes.” (Castoriadis, 2004, p. 251)

Diante de tal quadro, somos convocados, como psicanalistas, não apenas pelas exigências da clínica, mas também pela realidade social e pelo intenso mal-estar que fustiga o sujeito da atualidade. A nós se impõe a necessidade de compreender as formas com que o ódio se manifesta diante dos impactos subjetivos hoje infligidos pela cultura.

A tese e seu contexto

O presente trabalho se constitui, portanto, em desdobramento de nossa dissertação de mestrado — *O ódio e suas vicissitudes. Um estudo teórico-clínico à luz da psicanálise freudiana e kleiniana* (Barros M. N., 2004) —, produzida na Universidade Católica de Pernambuco. Aí estudamos as teorizações de S. Freud e M. Klein sobre os impulsos de ódio, para, finalmente, num movimento de articulação entre teoria e clínica, tecer reflexões sobre o material clínico ali apresentado.

A temática mobilizou de tal forma nosso interesse que, concluído o mestrado, decidimos investigá-la de forma mais abrangente no doutorado. Além disso, a continuada prática clínica, as leituras individuais e discussões coletivas no âmbito do LABORE — Laboratório de Psicopatologia Fundamental do EPSI — igualmente nos instigaram a

produzir esta tese.⁷ Tal decisão descortinou novo caminho para a abordagem do tema em questão, a partir de nova articulação ativa entre pesquisa clínica e pesquisa acadêmica.

Nesta nova etapa, além de revisitar teorizações freudianas e kleinianas, examinamos contribuições de D. W. Winnicott e análises pontuais de outros autores sobre o ódio. A escolha desta tríade de autores (Freud/Klein/Winnicott), como base de nossa tese, é sem dúvida uma opção autoral, tendo em vista a importância no movimento psicanalítico e as contribuições de cada um para a elucidação de questões inerentes ao tema desta tese. Igualmente optamos pela não inclusão de alguns autores, apesar de sua importância, por mera necessidade de delimitar esta pesquisa: não queremos nem temos a pretensão de esgotar a temática deste estudo. Muito pelo contrário: esperamos que outros pesquisadores — com abordagens e objetivos diferentes, mas igualmente legítimos — venham a descobrir também a atualidade do tema aqui estudado e se sintam motivados a revisita-lo.

Passamos a destacar a trama paradoxal do ódio como afeto atuante na economia psíquica, ódio este que ora se realiza como força destruidora ora se apresenta como afeto necessário — a serviço da afirmação psíquica do eu — e como elemento de resistência, que viabiliza a separação e diferenciação ego-objeto. O foco desta tese, em suma, é a questão do ódio como ingrediente dinâmico da trama constitutiva do sujeito psíquico.

Graças à disponibilidade e multiplicidade de referências sobre o tema, as leituras e estudos posteriores ao nosso mestrado se refletem no número mais expressivo de fontes consultadas para a realização da pesquisa atual, cuja abrangência ensejou significativos avanços na fundamentação teórica e estruturação do trabalho. Além disso, as disciplinas cursadas durante o doutorado se constituíram em importante suporte para o desenvolvimento do tema. Imprescindíveis — e, por isso mesmo, de alguma forma integradas — foram também as reflexões de professores e colegas sobre trabalhos que apresentamos e discutimos nesse contexto.

Cabe salientar que o desenvolvimento deste estudo igualmente se alicerça em trabalhos sobre temas afins ao objeto de nosso interesse, por nós apresentados e discutidos no contexto de disciplinas cursadas durante o doutorado. Os referidos estudos

⁷ Em 30 de setembro de 2012, o LABORE – Laboratório de Psicopatologia FundamentaI do EPSI- Espaço Psicanalítico, realizou, em João Pessoa — com a participação dos psicanalistas Luís Claudio Figueiredo e Marion Minerbo — o *Colóquio sobre o ódio*, em que o artigo *Sobre o amor e o ódio*, de Michael Balint (*On love and hate*, 1952), foi debatido.

contaram com a contribuição de professores, colegas mestrandos e doutorandos, cujas reflexões, suscitadas ao longo de discussões, foram também integradas, direta ou indiretamente, ao presente texto.

Destacamos ainda as profícuas contribuições dos integrantes do Laboratório de Psicopatologia Fundamental da UNICAP, em cujas reuniões tivemos oportunidade de expor nossas ideias e formulações e contar com escuta e apreciação orientadoras, fundamentais para a elaboração de um trabalho científico desta natureza: o presente texto certamente carrega, em suas entrelinhas, a fertilidade dessas contribuições.

Importante registrar, finalmente, a reiterada constatação de nossa implicação na problemática do ódio. As reflexões sobre esta temática nos conduziram à relevante descoberta de que, subjacentes a nosso interesse pelo tema, estão motivações inconscientes: a história de uma criança que, por força da separação de seus pais, é levada a extirpar de si a lembrança da mãe e a jamais procurá-la ou encontrá-la. Esta história de ódio silenciado talvez tenha finalmente recobrado sua expressão verbal neste texto, cujo conteúdo ressuscita e revela marcas de uma trajetória, tal como vaticinam as palavras de R. Mezan:

Uma teoria psicanalítica é o fruto da elaboração da experiência psicanalítica, experiência que se desdobra em diversas perspectivas: a da formulação conceitual é uma delas, porém não a única, já que a autoanálise do psicanalista, o momento cultural e o discurso dos pacientes também determinam o conteúdo propriamente teórico. (Mezan R. , 1998, p. X)

Para terminar, vale lembrar que este texto é também resultado do esforço para converter nossas reflexões em um discurso coerente, que possa ser compartilhado, tal como defende a própria Psicopatologia Fundamental. Esperamos abrir caminho e contribuir para a produção de novos estudos sobre o ódio, perspectiva sem a qual este texto não se justificaria.

1.2 Terminologia e entendimentos

O que é o ódio? O que expressa a palavra ódio? Estas são perguntas simples que demandam, no entanto, respostas complexas: o termo é bastante conhecido por todos, mas tropeçamos na hora de usá-lo, entendê-lo, conceituá-lo ou explicá-lo cientificamente.

Tendo em vista a dinâmica e dimensão psicológica desse afeto, o referencial psicanalítico dispõe de recursos para compreendê-lo e analisar sua gênese, sua natureza e suas modalidades no contexto da experiência emocional. Começamos por explicitar a etimologia da palavra “ódio”, o entendimento corrente do termo, sua concepção e seus endereçamentos à luz da psicanálise.

Etimologia e uso corrente

A palavra ódio advém de *odium*, e odiar, de *odisse* (*odi, odisti, odisse*), em latim; daí também provém *odio*, vocábulo correspondente em espanhol e italiano, que é *haine*, em francês⁸; *hate* ou *hatred*, em inglês e *Hass*, em alemão.

Resumidamente, o *ódio* é referido como afeto, sentimento, paixão, juntamente com o desejo da ruína ou desgraça do outro. Em geral, os dicionários/enciclopédias são unânimes ao seguir a significação do termo em latim e destacar o que é comum às suas várias definições:

- trata-se de afeto/sentimento/vínculo/paixão/atitude emocional;
- manifesta-se com elevado grau de intensidade e tem caráter duradouro;
- pode ser deflagrado em reação a causas diversas (medo, raiva, culpa, injúria etc);
- é ativamente direcionado a um objeto (pessoa ou coisa), a que se deseja ou contra o qual se provoca o mal, e cuja adversidade é motivo de júbilo.

A versão impressa do *Dicionário do Aurélio da Língua Portuguesa* assim o define: “Paixão que impele a causar ou desejar mal a alguém; execração, rancor, raiva, ira (...); aversão a pessoa, atitude, coisa, etc.; repugnância, antipatia, desprezo, repulsão.” (Ferreira, 2010). Na versão *on line* da mesma obra, encontramos: “Sentimento de profunda inimizade; paixão que conduz ao mal que se faz ou se deseja a outrem. / Ira contida; rancor

⁸ I. K. Marin (Marin, 2002, pp. 83-4) chama a atenção para “uma interessante interpretação etimológica” de observação reproduzida por Jaques Hassoun, que, ao se remeter ao linguista G. Gougenheim (*Les Mots français dans l'histoire et dans la vie*, Paris 1966, vol. 2, *Les mots dans la société*, p. 25), se refere a “odisse”, apontando que este verbo “tem a particularidade de apenas existir no tempo passado”, e acrescentando que, se tivesse existido no tempo presente, seu “infinitivo *odire* dificilmente teria sobrevivido já que seria confundido com o verbo *audire* ‘escutar’.” (Hassoun, 1997, pp. 25-6). Em relação a dita dimensão paradoxal, Isabel K. Marin escreve: “O que tenho levantado permanentemente no meu trabalho é até que ponto toleramos escutar/odiar. No entanto, *escutar é condição para amar*.” (Marin, 2002, p. 84)

violento e duradouro. / Viva repugnância, repulsão, horror. / Aversão instintiva, antipatia.” (Ferreira, 2011).

Eis também a definição apresentada no *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*: “1. Aversão intensa geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida; odiosidade. 2. A pessoa ou coisa odiada; ódio, aversão, repugnância, antipatia, desagrado, enfado, nojo, moléstia, inoportunidade.” (Houaiss, 2001)

Não existe uso unívoco do termo, que, não raro, é confundido com vocábulos aparentados, como visto nas referências acima. Aversão, antipatia, cólera, desprezo, execração, hostilidade, ira, maldade, malevolência, raiva, rancor, repugnância, repulsão, ressentimento, para citar apenas alguns, são termos empregados como sinônimos, comumente associados ao ódio na linguagem corrente e geralmente usados como se não houvesse entre eles qualquer distinção.⁹ Além disso, a ênfase invariavelmente recai sobre a negatividade do ódio – algo a ser sempre evitado e combatido. O ódio é, portanto, frequentemente concebido como sentimento adverso, associado à aversão e ao desejo de causar o mal, sendo considerado apenas na acepção negativa, como algo indesejável a ser rejeitado e condenado.¹⁰

O entendimento psicanalítico

O ódio não é em si um conceito psicanalítico, mas a metapsicologia lhe possibilita mais ampla apreensão, incluindo o reconhecimento de seus atributos: natureza psicológica, fenomenologia, destinações, caracterização e modalidades no contexto da experiência emocional.

Começemos pela constatação daquilo que, intuitivamente, todos sabemos: o ódio – afeto recorrente no cotidiano das relações interpessoais e da experiência humana – é ingrediente da vida psíquica que, em situações diversas e em momentos inusitados, se manifesta por dor, sofrimento, medo ou pela culpa que pode gerar. Dicionários e enciclopédias da área revelam que *ódio* não é termo em evidência dentre os verbetes psicanalíticos, sendo diretamente referido só em algumas obras, e nas demais, diluído em noções de que a psicanálise se serve.

⁹ “O ódio é uma manifestação severa de raiva” (Grotstein, 2000, p. 462).

¹⁰ Como nos tem lembrado a professora A. L. Francisco, a parte do mundo permeada pela moral cristã alimenta a ideia de que não se pode odiar, como se o ódio não fizesse parte da vida pulsional.

A falta de referências surpreende, já que o ódio tem presença marcante na experiência humana cotidiana. Talvez este fato seja indicativo de quão difícil é dele nos aproximar, posto que remete a processos originários que se vinculam a desprazer, dor, medo, culpa, além de desvelar forças primitivas indomadas do psiquismo. Possivelmente daí resulta a atitude de evitação, que acaba por desencorajar e restringir a aproximação ao tema.

Chama a atenção, por exemplo, que o citado verbete não figure em conceituadas obras de referência¹¹ e, quando incluído, esteja geralmente baseado nos escritos e conceituações de Freud ou de outros teóricos da psicanálise. Pierre Fédida, por exemplo, ao inserir o verbete em seu *Dictionnaire abrégé, comparatif et critique des notions principales de la psychanalyse* apresenta a definição formulada pela psicanalista da escola inglesa, Joan Riviere, segundo a qual o ódio é utilizado na psicanálise “para designar, em relação ao amor, ‘uma força de destruição, de desintegração, que vai no sentido da privação e da morte’. (Joan Riviere).” (Fédida, 1974, p. 143). Fédida remete, em seguida, aos verbetes, agressividade, ambivalência, amor, culpabilidade, pulsão de morte.

Charles Rycroft, na obra *A Critical Dictionary of Psychoanalysis* (1968), também define o ódio, recorrendo a formulações de outros autores. Conforme ressalta, o afeto é sempre caracterizado como mais profundo e duradouro do que a raiva, que, para ele, é principalmente uma emoção, enquanto o ódio é considerado muito mais um sentimento. Eis como o referido dicionário apresenta o ódio:

1. Princípio ou força interna que se supõe acionar o comportamento.
2. AFETO caracterizado por um desejo duradouro de danificar ou destruir o objeto odiado. O ódio é não raro confundido pelos analistas com a IRA, embora esta seja uma emoção passageira, não duradoura, e que pode ser sentida em relação a alguém que se ama. Segundo McDougall (1908), o ódio é um SENTIMENTO e a ira, uma EMOÇÃO primária, simples. Segundo Freud (1915), o ódio é a reação a ameaças ao EGO, mas, em seus trabalhos especulativos posteriores, o ódio foi considerado como manifestação do

¹¹ Como destaca R. Gori: “(...) a própria definição da palavra ‘ódio’, estranhamente, ou está ausente, ou sem destaque e pouco desenvolvida nos verbetes dos dicionários onde habitualmente procuramos nossas referências” (Gori, *O realismo do ódio*, 2006, p. 126). Dentre estas obras, encontram-se o *Vocabulário de psicanálise*, de J. Laplanche e J. B. Pontalis (Laplanche & Pontalis, 1991), o *Dicionário de psicanálise*, de E. Roudinesco e M. Plon (Roudinesco & Plon, 1998), o *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan* (Kaufmann, 1996), ou o *Dicionário de psicanálise Freud & Lacan*, vol. 1 (ASSOCIATION FREUDIENNE, 1997).

INSTINTO DE MORTE. Os analistas influenciados por essas idéias posteriores tendem a considerar o AMOR e o ódio como contrários, e a encarar a psique como um campo de batalha entre esses dois instintos opostos. (Rycroft, 1975, p. 167)

Destacamos ainda o léxico, *The language of Winnicott: a Dictionary of Winnicott's Use of Words*, de Jan Abram, expressiva contribuição sobre palavras e expressões do domínio semântico das teorizações winnicottianas. Entre temas, expressões e conceitos fundamentais da teoria de Winnicott, o dicionário inclui o verbete *ódio*, por se tratar de termo ligado a um dos mais conhecidos trabalhos de Winnicott¹², como a própria autora salienta.

Tal como concebido pelo pediatra e psicanalista inglês, a autora, com base em inúmeras citações e indicações bibliográficas, introduz a tese winnicottiana do ódio, que brevemente define a partir do paralelo que Winnicott faz entre o ódio da mãe diante do recém-nascido e o ódio do analista frente ao paciente regredido. Abram ressalta também a posição winnicottiana, segundo a qual a ambivalência pode ser alcançada quando a capacidade de odiar, ao lado da capacidade de amar, é conquistada, como realização do desenvolvimento do bebê no período da dependência relativa e do “estágio de preocupação”. O verbete inclui referências a formulações freudianas e kleinianas. (Abram, 2000, pp. 163-71)

Mais recentemente, o *Dictionnaire international de la psychanalyse*, publicado originalmente em 2002, sob a direção de Alain de Mijolla, dedica amplo espaço aos verbetes *ódio* e *ódio de si mesmo* bem como *ódio de transferência*, respectivamente elaborados por N. Jeammet e J.-F. Rabain). (Mijolla, *Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*, 2005, pp. 1310-1 e 1901-4, v. 2). Tais verbetes explicitam as origens do ódio, os fundamentos da relação amor-ódio e seu desenvolvimento ao longo das diferentes fases da organização libidinal (oral, sádico-anal, genital), destacando seu papel constitutivo, razão pela qual Nicole Jeammet (*La haine nécessaire*, 1989), fala em *ódio necessário*.

Observamos, portanto, que, em vários dicionários, o vocábulo só aparece no contexto de outros verbetes, com os quais guarda relação, tais como: “conflito”, “ideal do

¹² Trata-se do texto, *Hate in the countertransference*, escrito na década de 40 – quando Winnicott trabalhava com pacientes psicóticos – e pela primeira vez apresentado à Sociedade Psicanalítica Britânica em 1947.

Eu”, “inibição”, “neurose obsessiva”, “sexualidade”, “ambivalência”, “agressão”, “frustração”, “libido”, “melancolia”, “pulsão de morte” etc. (ENCYCLOPÆDIA UNIVERSALIS, 1997, pp. 552-5), (Kaufmann, 1996) e (Fanti, 2003, p. 219).

Alguns dicionários de Psicologia — (Doron & Parot, 2001); (AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION, 2010); (Dorsch, Häcker, & Stapf, 2009) — fazem referência a autores da psicanálise quando definem o verbete *ódio* ou delegam sua elaboração a psicanalistas, caso do *Dictionnaire de psychologie* (1991), cujos autores, R. Doron e F. Parot, recorreram ao psicanalista Didier Anzieu, para escrever sobre o termo:

O ódio é um sentimento, sempre intenso, de uma pessoa em relação a outra ou outras pessoas, a quem se deseja o mal ou com cujas desgraças se alegra. O ódio é desencadeado por inveja, ciúme, amor-próprio ferido, injustiça sofrida etc. Pode provocar desprezo, agressividade, vingança. Pode se alternar com sentimentos de amor para com a mesma pessoa (ambivalência) ou da transformação em contrário de uma paixão amorosa excessiva ou desiludida. Enquanto o amor busca semelhança ou complementaridade com o parceiro, o ódio é uma reação de intolerância com as diferenças relativas ao outro ou aos outros. As bases inconscientes do ódio foram estudadas pela psicanálise: S. Freud as relaciona com as pulsões de morte; M. Klein precisou a precocidade das fantasias sádicas e destrutivas no bebê; D. Winnicott fez com que se reconhecesse o papel, às vezes necessário, do ódio na contratransferência do psicanalista. *D. Anzieu*. (Doron & Parot, 2001)

É interessante notar que vários autores adjetivam o ódio de forma a corroborar seus pontos de vista pessoais, a exemplo de: ódio necessário (Jeammet N., 1989); ódio objetivo ou ódio justificado – *objective or justified hate* (Winnicott D. W., 1949); ódio essencial (Gantheret, 1986); ódio de (contra)transferência e ódio destrutivo – *destructive hatred* (Kernberg, 1991); *persistent hate/incidental hate* (Balint, 1952); *amour destructeur* (Dorey, 1986) etc. Recorremos também à adjetivação para qualificar o ódio (ódio positivo/ódio negativo) em nossa dissertação de mestrado (Barros M. N., 2004).

Destacamos ainda o neologismo *hainamoration*, que reedita a lendária interligação amor e ódio, frequente em textos de uma plêiade de autores desde tempos remotos. Cunhada por Jacques Lacan no famoso seminário *O saber e a verdade*, de 20 de março de 1973 (Lacan, 1982), a expressão léxica, *amódio* (amálgama dos interdependentes amor e ódio), fundamenta a forma peculiar com que o autor analisa esta relação: oposição de

sentimentos conflitantes, que se misturam e se sucedem, entrelaçados com a ignorância. O termo teve significativa repercussão na teoria psicanalítica, particularmente na abordagem do tema por alguns adeptos do estudioso francês; além disso, a prevalência das questões do amor nas teorias de Lacan e seguidores também reflete esta característica no tratamento do *amódio*, em que, apenas nos marcos do termo e em função dele, há lugar para abordar a ambivalência do ódio. Considerando a importante contribuição de Lacan para ampliação da compreensão do ódio, vale a pena explorar alguns de seus conceitos, particularmente, *potência de destruição* ou *vontade de destruição*, que sugere nova abordagem do ódio.

Para finalizar este tópico, cabe esclarecer, mesmo que brevemente, o endereçamento do ódio, só evidente em manifestações concretas, circunscritas aos objetos que o suscitam. Trata-se, na verdade, do “ódio pelo outro”¹³ – sempre expresso como “ódio ao outro real” (ou “ódio *do* outro real”) – e do “ódio de si”, como sujeito outro – expressão do ódio existente em cada um de nós e configurado como ódio de si, ódio ao/do/por/pelo outro. O ódio que se estabelece no processo psicanalítico é também “ódio do outro”, modalidade que mais adiante analisaremos.

1.3 Importância e atualidade do tema

Na teoria e na clínica

Decididamente, o ódio não ocupa lugar de destaque no arcabouço conceitual da psicanálise. Como assinalado anteriormente, ele não figura entre os conceitos psicanalíticos centrais, e o amor — afeto com que forma par inseparável — tem despertado bem mais atenção. Em termos relativos, raramente o ódio é objeto principal de estudo e análise no vasto universo da literatura psicanalítica: sempre à sombra do amor e pouco notado, geralmente é tratado como coadjuvante.

Exceção a esta regra é o protagonismo dado ao ódio no clássico estudo de Micheline Enriquez, de 1984 — *Aux carrefours de la haine: paranoïa, masochisme et apathie* (Enriquez M. , 1999) —, posterior à obra *La souffrance et la haine: paranoïa, masochisme et apathie* (Enriquez M. , 1974), em que o tema é inicialmente abordado. Nas

¹³ Como afirma J. P. Lebrun, “o ódio é sempre ódio do Outro em si”, questão que desenvolve na recente obra, *O futuro do ódio* (2008, p. 26).

referidas obras, a autora apresenta profícua análise do ódio associado ao sofrimento, no âmbito da psicopatologia, mais precisamente no que se refere a paranóia, masoquismo e apatia, quadros em que o ódio desempenha papel de destaque. Igualmente relevante é o número 33 da *Nouvelle revue de psychanalyse*, de 1986, sob o título, *O amor do ódio* (*L' amour de la haine*). A publicação conta com a participação de estudiosos e psicanalistas de renome, cujos estudos tratam da hipótese *amor do ódio* – ambivalência passional por excelência. Vale dizer que o início do novo milênio viu surgir com mais frequência publicações e eventos especificamente sobre o ódio ou temas afins.

Algumas obras coletivas chamam a atenção, como *La haine: haine de soi, haine de l'autre, haine dans la culture* (*O ódio: ódio de si, ódio do outro, ódio na cultura*), de 2005, organizada por Alain Fine, Félicie Nayrou e Georges Pragier. Desdobramento de um colóquio sobre o ódio — realizado em Paris em 1994, pela *Société Psychanalytique de Paris* (SPP) —, a citada coletânea, integrada por textos com abordagens filosóficas e metapsicológicas, tem como eixo conceitual a questão do ódio na perspectiva da cura, da psicopatologia e da cultura. O resumo do texto de divulgação desta publicação apregoa: “Depois de Freud, e se baseando nele, a psicanálise retoma a questão [do ódio] e reencontra um aparente paradoxo: o ódio é, ao mesmo tempo, construtivo e destrutivo.” (Fine, Félice, & Pragier, 2005)

Nos últimos tempos, a temática em questão tem sido evidenciada em alguns eventos, tais como: a conferência, *On hatred and haters*, realizada em 2001, na Universidade de Tel Aviv; o *Symposium on Hate and Hating*, organizado pela *Western New England Psychoanalytic Society* em 2003, em New Haven; e o *Colóquio Internacional de Psicanálise* — “Os desafios da psicanálise no século XXI: pensar o ódio e a violência”¹⁴ —, que teve lugar em Bucareste em 2008.

Por fim, é importante assinalar que grande parte das apresentações em eventos temáticos e publicações sobre o ódio veiculam apenas reflexões pontuais e sem maior aprofundamento teórico. No entanto, alguns autores se destacam pela publicação de trabalhos relevantes sobre o tema: Ernest Jones — *Fear, Guilt and Hate*; 1929; Ian Suttie — *The Origins of Love and Hate*, 1935; Joan Riviere / Melanie Klein — *Love, Hate and Reparation*, 1937; Michael Balint — *On love and hate*, 1951; Ping-Nie Pao — *The Role of*

¹⁴ Os numerosos trabalhos deste evento foram compilados no número 3/2009, da *Revista Romena de Psihanaliză*, publicação da *Societății Române de Psihanaliză*. (REVUE ROUMAINE DE PSYCHANALYSE, 2008)

Hatred in the Ego, 1965; Herbert Rosenfeld – *A clinical approach to the psychoanalytic theory of the life and death instincts: an investigation into the aggressive aspects of narcissism*, 1971, e *Contributions to the psychopathology of psychotic patients. The importance of projective identification in the ego structure and object relations of the psychotic patient*, 1971; Christopher Bollas – *Loving Hate*, 1984; Micheline Enriquez – *Aux carrefours de la haine*, 1984; Jean-Bertrand Pontalis – *L'amour de la haine & La haine illégitime*, 1986; Masud Khan – «*Pensées*»- *De l'amour de la haine à la haine de l'amour*, 1986; Pierre Fédida – *De la haine à la guerre*, 1986; Roger Dorey – *L'amour au travers de la haine*, 1986; François Gantheret – *La haine et son principe*, 1986; L. E. Prado de Oliveira – *Les voix de la haine*, 1986; Conrad Stein – *Les Erinyes d'une mère : Essai sur la haine*, 1987; Nicole Jeammet – *La Haine nécessaire*, 1989; Otto Kernberg – *The psychopathology of hatred*, 1991; Maud Mannoni – *Amour, haine, séparation*, 1991; Paul Laurent Assoun – *Portrait métapsychologique de la haine*, 1995; Jacques Hassoun – *L'obscur objet de la haine*, 1997; Roland Gori – *La visée ontologique de la haine*, 2000 & *Le Réalisme de la haine*, 2000; Michèle Benhaïm – *L'Ambivalence de la mère*, 2001; Jean-Pierre Lebrun – *L'avenir de la haine*, 2006; Heitor O'Dwyer de Macedo – *La haine*, 2008.

Vale especialmente destacar a recém-lançada obra *Os ódios – clínica e política do psicanalista* (2012), de autoria do psicanalista Mauro Mendes Dias e escrita a partir da clínica e da política da psicanálise. Neste texto — produto do seminário *Os Ódios* —, o autor, mediante cuidadosa argumentação teórica, aborda diretamente a problemática do ódio e apresenta diversas formulações teóricas sobre o ódio, diferenças de abordagem do tema em Freud e Lacan, e distinções do ódio nos campos do masculino e do feminino. Daí ter se referido a “ódios” no título da obra, na qual também ressalta a positividade do ódio, o caráter emancipatório de suas manifestações e a dimensão política da “clínica do psicanalista”¹⁵.

A temática é referida ainda em *Violências*, obra cuja autora, a psicanalista Isabel Kahn Marin (2002), movida por suas inquietações frente ao silêncio da sociedade atual diante da violência, parte da constatação de que a contemporaneidade nega tal violência.

Contrariamente ao que acontece na teoria, em que a presença do referido afeto é relativamente rara, o ódio tem forte incidência na clínica psicanalítica. Aí nos defrontamos

¹⁵ Esta denominação, conforme o próprio autor, “(...) procura salientar que, na Psicanálise, a experiência se encontra na dependência do manejo do psicanalista, assim como do compromisso e responsabilidade que mantém com sua função.” (Dias M. M., 2012, p. 19)

com o ódio íntimo do paciente, ao qual se junta o ódio ao analista e o ódio por parte do analista, um dos ingredientes do processo de transferência. Assim é que não raro, se não via de regra, observamos na prática analítica, além do ódio próprio da contratransferência, inerente ao analista, manifestações de ódio em graus diversos, como parte do sofrimento humano, que leva os indivíduos a se tornarem pacientes do trabalho clínico dos analistas.

Chama-nos a atenção o fato de que, embora o paciente esteja irremediavelmente permeado de ódio, nós, analistas, nem sempre estamos suficientemente preparados para lidar com a transferência portadora de impulsos hostis. Aliás, raramente há lugar para estudo e reflexão teórica sobre esta força que excita o psiquismo, e, por vezes, o ódio não é suficientemente atravessado e analisado no contexto específico dos processos analíticos — o que evidencia a necessidade de a ele dispensar toda a atenção que exige e de incrementar a pesquisa sobre o tema.

Acerca dos estudos psicanalíticos sobre o ódio

A exaustiva busca por fontes sobre a temática do ódio tem subsidiado a obtenção de um quadro consistente do estado atual da literatura sobre a questão. Tendo em vista o crescente e abrangente volume de textos e informações disponibilizados na internet, esperávamos aí encontrar expressivo número de fontes psicanalíticas sobre o ódio. Em linhas gerais, nossa consulta revelou que:

- as obras de Freud, Klein e Winnicott continuam sendo as fontes mais significativas sobre a problemática do ódio;
- os demais autores que produziram material de certa relevância sobre o assunto tratam, principalmente, de aspectos pontuais do ódio, tendo geralmente por fundamento as concepções dos autores acima mencionados;
- a partir do novo milênio — marcado pela explosão de todo tipo de publicações sobre os mais diversos temas —, o número de textos que abordam o ódio cresceu sensivelmente, mas sua qualidade quase sempre deixa a desejar;
- desde os primórdios da psicanálise, observa-se certa relutância em abordar essa problemática, que, por razões particulares, o próprio pai da psicanálise dela pouco se ocupou. Quanto aos demais estudiosos, bastante reduzida é sua disponibilidade interna para tratar assunto tão espinhoso, que amiúde remete a dimensões obscuras e negativas da personalidade e do psiquismo humano; tal fato é bem

mais notório quando o contrastamos com a grande atenção geralmente dada ao estudo do afeto que faz par com o ódio, isto é, o amor.

Tais afirmações não constituem grande novidade e têm sido parcialmente registradas por alguns autores ao longo do tempo.

Entre 1924-25, em um curso sobre os “sentimentos afetivos” (amor e ódio), o filósofo, médico e professor de psicologia do *Collège de France*, Pierre Janet, afirmou que *“o ódio tem sido muito pouco estudado. Ele tem sido abordado quase que exclusivamente do ponto de vista da moralidade, mais maledizendo este sentimento muito mais do que o estudando.”* (Janet, *L'amour et la haine*, 1937, p. 213). No final do século passado, o conhecido psicanalista Harold P. Blum, diretor executivo dos *Arquivos Sigmund Freud* (Biblioteca do Congresso, USA), ao examinar as dimensões do ódio e com base em revisão da literatura especializada, afirmava: *“o ódio é um fenômeno extremamente importante, porém não tem recebido a atenção merecida. (...) o conceito de ódio só recentemente tem sido objeto de investigação psicanalítica mais intensa.”* (Blum H. P., 1997, p. 359). Na mesma linha, pontuou o psicanalista francês Roland Gori:

(...) podemos constatar que a própria definição da palavra “ódio”, estranhamente, ou está ausente, ou sem destaque e pouco desenvolvida nos verbetes dos dicionários onde habitualmente procuramos nossas referências. Este conceito de ódio está ausente no *Vocabulário de Psicanálise de Laplanche e Pontalis* (1968). Ele faz menção ao ódio somente quando se refere à ambivalência, isto é, quando está ligado ao amor. Também não se encontra a definição desse conceito no *Dicionário de Filosofia de Lalande*. Quanto ao *Dicionário histórico da língua francesa* de Alain Rey, um tesouro da etimologia da língua francesa (1992), é espantoso como é pobre e avaro quanto à etimologia dessa palavra; indica em apenas algumas linhas que “a palavra haine (ódio) provém do verbo hair (odiar)”, oriundo do antigo francês a partir do alemão antigo (hoch Deutsch). Portanto, muito pouco nos dicionários para falar daquilo que move o mundo, ou seja, a paixão do sujeito que, como quer Lacan, visa a destruição de seu objeto. (Gori, *O realismo do ódio*, 2006, p. 126)

Cabe acrescentar que não localizamos nenhuma contestação das afirmações acima, o que indica que o levantamento feito é no mínimo satisfatório. Isto só reforça a percepção do relativo desinteresse da comunidade psicanalítica pela questão do ódio.

1.4 Hipótese e objetivos

Hipótese de trabalho a ser examinada

Nossa investigação nasceu na clínica, de que é prolongamento natural. Desde a situação transferencial, vemo-nos envolvidos com a temática instigante do ódio, cuja força e relevância nos motivou a elegê-la objeto de estudo desta tese. Dada sua extrema complexidade, a questão do ódio demanda minuciosa investigação e, na situação clínica, sua interpretação e seu manejo exigem adequada compreensão.

Na verdade, a experiência psicanalítica é “(...) a base da pesquisa em psicanálise e é ela que fornece os eixos fundamentais para seu norteamento no registro teórico.” (Lowenkron, 2004, p. 24) Nesta pesquisa, sem dúvida, ela é ponto de partida e de chegada. Nas palavras de P. Fédida, o caso clínico “é uma teoria em gérmen, uma capacidade de transformação metapsicológica”, tratando-se, portanto, de uma construção (1991, p. 230). Referindo-se ao mesmo contexto do trabalho clínico, F. Herrmann afirma: “De cada análise, derivam-se proto-teorias *ad hoc* que, às vezes, desembocam em teorias elaboradas o bastante para serem publicadas.” (2004a, pp. 79-80)

Ao explicitar anteriormente o foco desta pesquisa, afirmamos que o afeto de ódio, inerente à condição humana, se faz presente na economia psíquica como elemento dinâmico de afirmação do ego e de resistência no processo de diferenciação do ego-objeto. Atua, em outras palavras, a serviço do narcisismo, da preservação e da integridade do ego, da criatividade e da destrutividade.

Utilizamos nesta tese o termo “trama” em sua acepção corrente¹⁶ na psicanálise. A palavra nos remete aos fios de uma tela, que, entrelaçados, dão consistência ao tecido. Na teia que enreda o processo de constituição psíquica, a trama é dinamizada por componentes pulsionais e afetivos, que se mesclam e possibilitam a organização psíquica complexa. A “trama do ódio” evoca, então, aquilo que este afeto mobiliza na tessitura psíquica.

¹⁶ Trata-se de um enredo que sustenta uma situação, uma teia afetiva que estrutura e caracteriza a subjetividade de um indivíduo. Enfim, a trama é mais do que os elos de uma corrente ou os fios que, ao se cruzarem, constituem a urdidura do tecido.

Neste contexto, a ambivalência¹⁷ emerge como característica marcante e consiste, basicamente, na coexistência conflitante de sentimentos e tendências opostas — com ou sem a mesma intensidade — em relação ao objeto. Tal ambivalência — presente em formulações sobre o referido afeto por parte de autores aqui mencionados — é também focalizada nesta tese, até porque é base de outra característica aqui destacada: a paradoxalidade.

O termo “paradoxo”¹⁸ — noção relevante para a psicanálise — denota contradição, isto é, algo que amiúde contraria a opinião prevalecente. Referimo-nos ao caráter multifacetado da trama que o ódio enreda na constituição psíquica, envolvendo o ego e em tensão com o objeto, produzindo efeitos que podem contrariar as expectativas do senso comum e se afiguram paradoxais. Para nós, o paradoxo está presente no ódio e na trama acima referida. Visamos, portanto, aqui apreender e analisar a dimensão paradoxal imbricada na força e dinâmica do ódio.

Não é por acaso que utilizamos a expressão “trama paradoxal”¹⁹ do ódio neste trabalho. Ela contraria a ideia, consabida e impensadamente compartilhada por muitos, de

¹⁷ Laplanche e Pontalis assim definem ambivalência: “Presença simultânea, na relação com um mesmo objeto, de tendências, de atitudes e de sentimentos opostos, fundamentalmente o amor e o ódio.” (Laplanche & Pontalis, 1991, p. 17) E mais adiante: “Pode efetivamente servir para designar as ações e os sentimentos resultantes de um conflito defensivo em que entram em jogo motivações incompatíveis; visto que aquilo que é agradável para um sistema é desagradável para outro, pode-se qualificar de ambivalente qualquer ‘formação de compromisso’. Mas o termo ‘ambivalência’ pode então conotar todas as espécies de atitudes conflituais de maneira vaga. Para que conserve o valor descritivo, e mesmo sintomático, que originalmente teve, conviria recorrer a ela na análise de conflitos específicos, em que a componente positiva e a componente negativa da atitude afetiva estão simultaneamente presentes, indissolúveis, e constituem uma oposição não dialética, insuperável para o sujeito que diz ao mesmo tempo sim e não.” (idem, p. 18) Observa C. Rycroft, que ela deve ser diferenciada do caso de sentimentos mistos em relação a alguém, pois a ambivalência “Refere-se a uma atitude emocional subjacente em que as atitudes contraditórias se originam de uma fonte comum e são interdependentes, ao passo que os sentimentos mistos podem basear-se numa avaliação realista da natureza imperfeita do objeto.” (Rycroft, *Dicionário crítico de psicanálise*, 1975, p. 36)

¹⁸ O conceito de paradoxo é muito pertinente na psicanálise, e tal como aponta Bernardo Tanis, “embora o paradoxo nasça no campo da lógica e tenha uma longa trajetória desde os gregos, acabou entrando para o campo da filosofia e da psicanálise para se tornar uma noção central de importantíssima relevância clínica e epistemológica” (Tanis, 2010, p. 61). Considerar a paradoxalidade nos leva a identificar contradições e aparentes faltas de nexos em certos conceitos e a compreender atitudes e opiniões que parecem contradizer o senso comum. Para nós, o referido conceito pode se tornar poderosa ferramenta para elucidar aquilo que escapa ao conhecimento e carece de explicação.

¹⁹ Ou seja, trama que apresenta aspectos contraditórios reais ou aparentes em relação à opinião popular prevalecente. Assim, quando aludimos à “trama paradoxal do ódio”, referimo-nos ao

que tal afeto apenas visa e quer o mal e a destruição. Esta visão unilateral, fundamentada em razões aparentemente coerentes, resulta de análise superficial, que não considera a verdadeira natureza, a dinâmica e o funcionamento do ódio, em que operam contradições ocultas. É a psicanálise que, com seu instrumental metapsicológico, possibilita desvelar a dinâmica paradoxal e necessária deste afeto, mostrando que ele pode ser tanto movido pela pulsão de vida (ódio ligado, simbolizado, sublimado) — quando, então, funciona como elemento constituinte²⁰ do ego e propulsor da criatividade — quanto dinamizado pela pulsão de morte — quando se volta para a destrutividade.

Partindo desta abordagem do ódio, assim definimos nossa hipótese de trabalho: o ódio tem papel paradoxal e é constituinte do sujeito psíquico, conforme diversos entendimentos do psiquismo humano em diferentes autores. É ingrediente dinâmico, polo de um campo de forças ambivalentes, é força primordial, tanto de afirmação e integração como de resistência, discordância e negação — dimensões igualmente importantes no processo de estruturação subjetiva.

Tendo em vista analisar a pertinência desta hipótese, a pesquisa tem como objetivo geral investigar, sob a perspectiva da psicanálise, algumas teorizações que subsidiam a proposição da trama paradoxal do ódio. Para tanto, examinamos formulações de S. Freud, M. Klein e D. W. Winnicott — autores basilares da pesquisa —, assim como reflexões de alguns estudiosos da atualidade que contribuem para o desenvolvimento da pesquisa. Reportamo-nos também a fragmentos da clínica que ilustram e dão suporte à discussão.

caráter multifacetado que o ódio pode assumir na constituição do tecido da subjetividade, produzindo efeitos que podem contrariar as expectativas do senso comum, e portanto, se afiguram paradoxais. É justamente tal dimensão que buscamos analisar nesta tese. Como apontamos mais adiante, incorporamos vários elementos de que se utiliza Flora Singer para desenvolver a ideia da “lógica paradoxal”, que implica a lógica do negativo, do não-saber, inerente ao campo da Psicopatologia Fundamental. (Singer, 2002, p. 95)

²⁰ O termo *constituição* (composição) designa um processo ou efeito de constituir ou compor algo. Já *constituinte* refere-se a elementos, componentes, características, enfim, traços distintivos essenciais que compõem a construção ou totalidade resultante, que, por sua vez, passa a ter suas próprias qualidades. Quando indicamos que um elemento é *constituinte*, estamos enfatizando seu papel formador da unidade estrutural resultante de sua ação. No entender de A. Mijolla, a noção de constituição “refere-se ao conjunto de caracteres e tendências, tanto somáticos quanto psíquicos, que o indivíduo traz consigo ao nascer. Ela diz respeito ao que é inato, herdado, ou seja, ao que é geneticamente determinado. Opõe-se classicamente a tudo o que é adquirido no curso da vida, ao acidental.” (Mijolla, *Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*, 2005, p. 394)

Dada a escassez de textos sobre o tema em questão, acreditamos e esperamos que esta pesquisa possa contribuir para ampliar o conhecimento sobre a natureza psicopatológica da subjetividade e do psiquismo humano, tal como entendida pela psicanálise.

1.5 A metodologia em pauta

Para uma abordagem científica do ódio

Muitos são os textos e debates sobre a relação entre psicanálise e ciência. Considerando as peculiaridades do próprio objeto de investigação da psicanálise —o inconsciente, o psiquismo —, a questão de seu *status* tem sido recorrente desde os primórdios dos estudos freudianos, quando o autor tenta fundamentar a cientificidade da psicanálise nos padrões da época. Não pretendemos aqui debater o estatuto epistêmico da ciência psicanalítica, mas, sem entrar no mérito dos enunciados, é preciso esclarecer o entendimento que norteia este estudo e proceder com o devido rigor científico.

Em todas as áreas do conhecimento, pesquisas diversas definem parâmetros considerados adequados e imprescindíveis à investigação científica rigorosa. Sabemos, de antemão, que uma metodologia eficiente não necessariamente garante um bom resultado, mas sua ausência compromete irremediavelmente a obtenção de resultados válidos. No caso da psicanálise, o rigor científico tem que ser encontrado no próprio campo psicanalítico e não na comparação com outros campos do saber. Para Gilberto Safra, as peculiaridades da psicanálise, como espaço investigativo da subjetividade humana, não comprometem o rigor de seu modelo de fazer ciência. Conclui ele:

O fato de serem trabalhos que não utilizam a metodologia tradicional, caracterizada pela dicotomia sujeito-objeto, controle de variáveis, não os torna menos rigorosos, pois eles são também feitos com rigor, em uma outra perspectiva. Neles o rigor é dado, principalmente, pela fidelidade aos princípios que norteiam a prática da investigação psicanalítica. (Safra, *Investigação em psicanálise na universidade*, 2001)

Nossa preocupação se restringe ao nível do que pretendemos e podemos produzir, na perspectiva de Safra, quando defende que, no âmbito da pós-graduação, “o pesquisador

precisa investigar para além do conhecido, produzindo um trabalho que revele sua autoria e autonomia de pensamento” (Safrá, 2001).

Por certo a psicanálise não se confunde com as demais áreas humanas, em que os procedimentos científicos seguem padrões e práticas acatados e reconhecidos por diferentes setores da comunidade de estudiosos e pesquisadores. O objeto e o método da psicanálise são marcadamente singulares, assim como sua abordagem científica, em comparação com outras áreas, em que objeto e sujeito são destacadamente definidos e, principalmente, separados. A psicanálise se apresenta tanto como campo clínico de atuação quanto como área de investigação teórica, com interfaces notórias, pois ambas se complementam e se retroalimentam. Tal como o próprio Freud define em célebre verbete enciclopédico:

Psicanálise é o nome de (1) um procedimento para investigação dos processos mentais que são quase inacessíveis para qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica. (Freud, *Dois verbetes de enciclopédia; (A) Psicanálise*, 1923 [1922], p. 287)

Assim é que, para estudar o ódio, buscamos as principais formulações psicanalíticas sobre gênese, natureza, vicissitudes e funções deste afeto e identificamos teorizações que dão sustentação à hipótese da trama paradoxal do ódio no processo constituinte do sujeito psíquico. Partindo destas perspectivas, ensejamos nova abordagem das manifestações desse afeto no campo clínico, procedimento que, por sua vez, gera subsídios para consecutivas formulações teóricas. Cabe ressaltar que as diversas teorias sobre psiquismo se interligam indissociavelmente.

Adotamos nesta tese a postulação de que a clínica psicanalítica é fundada na intersubjetividade,

lugar não apenas de produção do saber psicanalítico como também onde se define a veracidade e a consistência dos conceitos psicanalíticos. (...) Entretanto, isso não implica em formular que a clínica é o *único* lugar onde essas hipóteses podem ser produzidas... porém, (...) ela representa sem dúvida o lugar onde estas hipóteses se desenvolvem e se verificam. (Birman, 1989, p. 196)

Desde que claramente indicados, vários caminhos se prestam a trabalhar conceitos e ilustrar teorizações, a exemplo da utilização de fragmentos clínicos ou de um romance, um filme etc., ou da criação de uma ficção. Nesta tese, de um lado nos apoiamos amplamente em autores clássicos da psicanálise, sem deixar de recorrer a contribuições pontuais de estudiosos contemporâneos; também lançamos mão de fragmentos clínicos tendo em vista explicitar o tipo de experiência que suscitou nossa teorização e o funcionamento dos conceitos. Na verdade, a base clínica propicia a necessária ancoragem para as teorizações e evita que fiquemos à deriva. Pretendemos, por esta via, permanecer o mais próximo possível de nossa experiência clínica.

Na produção intelectual, o psicanalista é fortemente influenciado por sua vivência e sua prática, uma vez que, além de autor, ele está implicado na construção de sua produção. Afirmo F. Herrmann que a psicanálise, como ciência da psique, do inconsciente, tem método de investigação muito particular: a interpretação psicanalítica (Herrmann F. A., *Pesquisa psicanalítica*, 2004b, p. 25). Segundo este autor, de longe, a maior parte da pesquisa psicanalítica é realizada em consultórios.

É importante salientar que o cerne da problemática em foco neste estudo não é a gênese e/ou a natureza do ódio em si, mas, essencialmente, a dinâmica deste afeto e seus desdobramentos. O entendimento do psiquismo humano certamente varia de autor para autor, apesar da concordância generalizada em relação a questões fundamentais, como, por exemplo, a estrutura das instâncias dinâmicas do aparelho psíquico. Além disso, o texto de um autor se presta a diversas leituras e interpretações, e a multiplicidade de abordagens teóricas não constitui problema, mas enriquece qualquer análise.

Cabe esclarecer que nossa posição em relação ao *status* e ao método da psicanálise neste texto leva em consideração os postulados da psicopatologia fundamental — em cujo âmbito se situa esta pesquisa —, campo que tem contribuído significativamente para o avanço da psicanálise.

A pesquisa em Psicopatologia Fundamental

Criada pelo estudioso e pesquisador Pierre Fédida, a psicopatologia fundamental tem como ponto de partida uma reflexão crítica sobre a perspectiva ética e modelos conceituais preconizados pela psicopatologia geral cunhada por Karl Jasper, em 1913. (Berlinck, 2000, p. 7) Esta disciplina vem renovar a pesquisa sobre o psicopatológico, ao

criar um espaço amplo e heterogêneo que abriga discursos e procedimentos diversos em torno do sofrimento psíquico.²¹

A psicopatologia fundamental propõe superar a dicotomia normalidade-anormalidade e acolhe como ética decisiva o intercâmbio de saberes diversos sobre o pathos – afeto, sofrimento, paixão – psíquico. Ao se designar *fundamental*, dá destaque ao significado do discurso – logos – que caracteriza o significado da palavra psicopatologia. (Berlinck, 2009, p. 43) A denominação *fundamental* visa também ressaltar a distinção do enfoque iluminista característico da psicopatologia geral. A psicopatologia fundamental salienta o logos enquanto discurso complexo e realça a dimensão da subjetividade e da singularidade inerente ao humano, estabelecendo clara diferença da tradição racionalista que considera a exatidão e a objetividade como marcos balizadores a serem perseguidos.

Este novo campo amplia a compreensão do pathos psíquico, não se restringindo a um discurso único. Pretendendo-se intercientífico, advoga mais clareza na delimitação do objeto e de sua territorialidade. Não há dúvida de que a psicanálise enriquece a psicopatologia, como acontece, por exemplo, no posicionamento mais específico da psicopatologia fundamental em relação ao *páthos*, característico deste novo olhar transdisciplinar. Segundo E. F. Queiroz e A. R. R. da Silva,

a psicopatologia fundamental não é uma nova disciplina, senão um lugar vazio, um operador que permite construções metafóricas. Ela se constitui, então, como um campo intercientífico capaz de permitir a interação de diversos discursos acerca do psicopatológico, numa relação sustentada na lógica do negativo, e não mais nos critérios de cientificidade positivista. Com a adoção da lógica psicanalítica do negativo, preserva-se um espaço de acolhimento do outro, do diferente. (Queiroz & Silva, 2002, p. 10)

Nesta linha de raciocínio, cabe destacar os argumentos de F. Singer (2002), que defende, justamente, a inserção da lógica do negativo, do não-saber, no sistema de elaboração do próprio conhecimento. Isto se justifica devido às características peculiares

²¹ No ano de 1995 é fundado, no Brasil, sob direção do psicanalista Manoel Tosta Berlinck, o Laboratório de Psicopatologia Fundamental do Núcleo de Psicanálise do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). (Berlinck, 2000, p. 11) A partir de então, diversos programas de ensino e pesquisa em Psicopatologia Fundamental foram criados em universidades brasileiras, seguindo as iniciativas de Manoel T. Berlinck, Mário E. C. Pereira e outros.

da psicanálise, em que o singular, o incomum e o indeterminado limitam a generalização e a teorização. Sobre isto insiste E. F. Queiroz:

Sendo um lugar e não uma disciplina, a psicopatologia fundamental se sustenta numa lógica do negativo, e não na positividade da disciplina, o *páthos* pode ser parcialmente apreendido de diferentes ângulos. (Queiroz, 2002, p. 20)

O princípio de não contradição não tem, na psicanálise, o lugar e a função que ocupa na pesquisa filosófica. Singer observa que os cânones epistemológicos do positivismo, de atribuição do *status* de cientificidade a uma teoria — baseados no princípio da identidade e da não contradição — não se ajustam à psicanálise. A abordagem positivista privilegia a universalidade de traços em detrimento da singularidade das diferenças. Como corolário, são relegados “os aspectos do objeto que implicam a negatividade: a alteridade, a singularidade, a contradição, o não-saber” (Queiroz, 2002, p. 94).

É importante assinalar que a psicanálise tem se afirmado como ciência pelo fato de ter condições especiais e diferentes de outras ciências, dadas as peculiaridades de seu objeto. Singer novamente esclarece:

O desenvolvimento das ciências humanas na França, a partir dos anos 1950, contribui para o surgimento de um novo paradigma psicanalítico e traz à nossa compreensão novos fundamentos para uma epistemologia específica à psicanálise, deslocando os critérios positivistas e concedendo um lugar à lógica paradoxal. Redimensiona-se, assim, a importância da alteridade, da singularidade e do não-saber dentro de um sistema teórico. (Singer, 2002, p. 95)

No que tange ao sofrimento humano e com base na lógica do negativo, a psicopatologia fundamental se orienta para a experiência subjetiva, em prol de conhecimento mais abrangente do *páthos*. Entretanto, a negatividade não representa oposição excludente da positividade, mas, sim, outra maneira de abordar e analisar o objeto. Entendemos que ela fundamenta e valida a pluralidade de entendimentos, face à pluralidade de realidades que a singularidade do objeto acarreta. Para nós, esta pluralidade nos possibilita transcender a ortodoxia e o dogmatismo, que, ao impedir inclusões do inesperado, se restringe a um universo reduzido e não extrapolável. Acreditamos que este

direcionamento científico da psicopatologia fundamental nos liberta e estimula a refletir e criar.

O confronto metodológico permeia as ciências sociais em geral desde o nascedouro. A generalização, como processo indutivo, e seus limites nunca deixaram de ser debatidos e questionados, a partir de diversas abordagens teóricas. Em outras teorizações, a experiência individualizada adquire *status* reservado, apenas, às generalizações. É o que diferencia a psicopatologia fundamental da psicopatologia geral. Para Berlinck,

de fato, a psicanálise nasce e se desenvolve como uma Psicopatologia Fundamental, mas com a morte de Freud e a subsequente babelização da psicanálise, a casa da psicanálise fica tão vasta e comporta tantas posições que se torna necessário especificar cada vez mais precisamente qual a posição que se ocupa nesta enorme mansão. (Berlinck M. T., *Psicopatologia fundamental*, 2000, p. 24)

Impõe-se, portanto, a cada autor, precisar sua abordagem no início ou ao longo de sua exposição. Ademais, ressalta ainda Berlinck,

a psicopatologia está interessada num sujeito trágico que é constituído e coincide com o *páthos*, sofrimento, paixão, passividade (...) Nesse sentido, quando o *páthos* acontece, algo da ordem do excesso, da desmesura se põe em marcha sem que o eu possa se assenhorar desse acontecimento, a não ser como paciente, como ator.” (Berlinck M. T., *O que é Psicopatologia Fundamental*, 1998, p. 53)

Entendemos, assim, que manifestação de ódio implica manifestação de *páthos*. Daí a pertinência de realizar o presente estudo, tendo como suporte este campo do saber. O ódio circunscreve-se na dimensão subjetiva do *páthos* e textualizá-lo é também meio de representar o páthico — justamente, um dos propósitos da pesquisa em psicopatologia fundamental.

O círculo virtuoso clínica e teoria

A clínica nos desafia constantemente e nos impele a buscar, na teoria, subsídios para ultrapassar seus impasses. Cada vez que sobre ela nos debruçamos, formulamos hipóteses e vislumbramos novos caminhos para a compreensão e o manejo clínico de problemáticas instigantes. Dia a dia, a articulação entre teoria e prática é reeditada. Assim também ocorreu quando – diante da complexidade de situações de nossa prática clínica como psicanalista e supervisora clínica – tivemos que recorrer à teoria para nos auxiliar a deslindar as múltiplas faces do ódio. A implicação em determinada problemática de estudo seguramente oculta motivações de ordem transferencial e nesta dimensão o ódio

nos fala de sua importância, exhibe sua força e significações, capturando nossa atenção e [despertando] o desejo de nos debruçarmos sobre ele (...) estabelecendo-se, então, na relação com [o objeto de pesquisa], um campo transferencial. Um contexto pulsátil, portanto, que nos move no sentido de, com o estudo a ser empreendido, fazer brotar o que se oculta no objeto, alcançar sua especificidade em seus diversos matizes, captar os sentidos que o encobrem. (Barros M. N., 2004, p. 22)

Esta citação destaca o que Herrmann chama de *inconsciente relativo do objeto*. Para ele,

cada vez que nos pomos em ação para estudar psicanaliticamente um conjunto de significações humanas, gera-se um inconsciente relativo que tem, que comporta um saber transferencial do estudioso em relação ao objeto estudado. Quer dizer, é como se evocássemos uma transferência. (...) quando o pesquisador se debruça sobre o seu objeto, pensando psicanaliticamente, cria-se um campo transferencial.” (*Uma aventura: a tese psicanalítica - Entrevista com Fabio Herrmann*. In: Silva, 1993, p. 138.)

Como anteriormente afirmamos, esta investigação e a consequente circunscrição do presente objeto de estudo tiveram origem na clínica – espaço a ser significado e simbolizado, espaço de escuta e acolhimento de um discurso portador de *páthos*, estabelecido com vistas à produção de um saber sobre tal *páthos*:

(...) deslizamos, neste ponto, para o campo da psicopatologia fundamental, o qual também se funda num espaço vazio, de abordagem da experiência prática, que possibilita a reflexão, a emergência e o relacionamento com o outro em termos interteóricos e sob diferentes ângulos, e que tem como eixo a

dimensão subjetiva e a condição de possibilidade do *páthos* se tornar experiência e conhecimento compartilhados. (Barros M. N., 2004, p. 23)

Ao decidir realizar esta pesquisa, buscamos fazer incursões mais profundas, a partir de outro lugar — que não o contexto da clínica analítica isolada —, no qual tais conteúdos já são material de pesquisa, pois a prática psicanalítica implica pesquisa. Não há, portanto, como exercê-la sem concomitantemente pesquisar, elaborar, pensar a experiência que tem lugar no momento do próprio exercício desta prática.

Trazer a problemática do ódio para investigação no âmbito acadêmico, remetendo-a, simultaneamente, ao campo da psicopatologia fundamental, é uma tentativa de inseri-la em outra rede discursiva, na qual circulam diferentes teorias, conceitos e disciplinas. É profícua a perspectiva

de poder contar com um contexto extramuros, o qual pode se constituir num terceiro, intermediador, que propicie um distanciamento tal e garanta um certo nível de alteridade do objeto de análise, de modo que torne viável transitar em seu interior a partir de um outro lugar. (Barros M. N., 2004, p. 23)

Em resumo, a experiência clínica propiciou a matéria-prima a partir da qual circunscrevemos a problemática ora tomada como objeto de reflexão e cuja compreensão pretendemos ampliar, articulando teoria e clínica, pesquisa clínica e pesquisa acadêmica.

Uma teoria em construção

A psicanálise deve oferecer critérios próprios de validação da pesquisa psicanalítica pela mediação da experiência clínica. É preciso confiar nos recursos e procedimentos psicanalíticos, sem preocupação com a avaliação discordante que representantes de outros campos do saber possam fazer da psicanálise — único arcabouço teórico cuja marca singular é o fato de ter, como protagonista, a subjetividade, em que sujeito e objeto estão integrados.

A psicanálise dispõe de uma base de princípios fundamentais, que conferem coerência à teoria, o que não exclui o fato de que ela parte da singularidade do indivíduo para construir suas elaborações teóricas. Entretanto, a absolutização da generalidade pode conduzir a teorizações dogmáticas, que negam a singularidade do sujeito. Por outro lado, não reconhecer certo grau de generalização pode redundar em total empirismo. Os

conceitos, em qualquer hipótese, possuem contradições internas, o que não contraria as teorizações, mas apenas evidencia sua complexidade.²²

Como evitar os riscos de posições extremadas seja em que direção for? Toda ciência, particularmente a psicanálise, requer do pesquisador rigor e ética na busca da verdade, boa dose de sensibilidade analítica e humildade científica, sem o que o dogmatismo prevalece. No afã de obter resultados relevantes, podemos perder o rumo e nos desviar do caminho. L. C. Figueiredo afirma que é o binômio “espaço de ignorância/desejo de conhecer”, que impulsiona a pesquisa. (2002, p. 129 e 131) A consciência dos perigos iminentes acima mencionados é imprescindível para que o pesquisador não perca de vista a trilha planejada.

Considerando seu caráter teórico-clínico, o presente trabalho se fundamenta na leitura e análise dos textos de autores que fundamentam teoricamente a pesquisa. Paralelamente, apresenta materiais clínicos para situar a experiência que nos induziu a desenvolver uma teorização para explicá-la. Esclarecemos, no entanto, que não se trata de um estudo de caso. Tentamos manter diálogo entre teoria e clínica, de modo a perseguir um caminho em que a reflexão seja motor deste trabalho, e o texto, mais do que mera descrição. Para ilustrar os diferentes contextos em que o ódio se manifesta e sua trama é tecida, utilizamos também fragmentos clínicos de outros autores.

1.6 Visão de conjunto da estruturação da tese

Como já afirmamos, nosso ponto de partida são os autores clássicos da psicanálise, Freud, Klein e Winnicott, cujas teorizações percorremos, tendo em vista subsidiar a reflexão sobre a trama paradoxal do ódio como força primordial na constituição do sujeito psíquico.

A partir desse percurso, chegamos ao ponto em que nossas elaborações — articuladas com contribuições teóricas incorporadas ao longo do estudo — aqui se consubstanciam em um capítulo temático. Nele desenvolvemos a ideia que nasceu gradual e sutilmente na clínica e foi formalmente enunciada nas considerações finais de nossa

²² Contra esse perigo de pasteurização conceitual alerta Singer, ao afirmar que “todas as noções da psicanálise podem tornar-se conceitos, no sentido de noções a-dinâmicas e amplificadas.” (2002, p. 104)

dissertação de mestrado: o ódio tem face positiva e construtiva, assim como negativa e destrutiva. Esta ideia foi ampliada e ganhou forma na proposição sobre a trama paradoxal que o ódio enreda na constituição psíquica, desenvolvida no capítulo acima mencionado. Aqui incorporamos contribuições pontuais de estudiosos e autores anteriormente citados, com o objetivo de fundamentar a análise e interpretação do ódio do ponto de vista aqui defendido. Por fim, as considerações finais arrematam as ideias anteriormente apresentadas.

Constam do corpo da tese um texto introdutório e três capítulos, sucessivamente dedicados às contribuições de Freud, Klein e Winnicott. O quinto capítulo expõe e analisa a hipótese defendida nesta tese à luz dos estudos realizados, e, para concluir, tecemos nossas considerações finais. Da última parte do trabalho constam referências bibliográficas, a que se seguem alguns apêndices.

Na *Introdução*, historiamos as razões que nos conduziram ao tema da pesquisa. Buscamos, antes de tudo, contextualizar nossa posição como pesquisadora, por entender que explicitar a posição a partir da qual o autor elabora seu trabalho é fundamental e esclarecedor, facilitando o entendimento do texto e da forma como foi elaborado.

Nesta parte inicial do trabalho, discorremos sobre a atividade de pesquisa em geral e, *a priori*, indicamos a terminologia e os entendimentos sobre o ódio nas acepções leiga e especializada. Demonstramos a pertinência da temática escolhida como objeto de estudo e sua importância na atualidade; situamos, brevemente, o “estado da arte” em relação à referida problemática; delimitamos a hipótese de trabalho da tese, demarcamos os objetivos traçados e definimos o roteiro metodológico do trabalho, ao tempo em que sinteticamente situamos a psicanálise como ciência e seu método, circunscrevendo, simultaneamente, a presente pesquisa no campo da psicopatologia fundamental. Ainda neste tópico, destacamos o eixo metodológico teórico-clínico da pesquisa.

Os capítulos dois, três e quatro, focalizam a compreensão metapsicológica do ódio, à luz das contribuições dos autores que teoricamente fundamentam o estudo e que, em termos mais gerais, são mais influentes no campo psicanalítico como um todo. Pela ordem cronológica e de sucessão, o Capítulo 2 – *S. Freud: O despertar da teorização do ódio* — apresenta as teorizações freudianas concernentes à problemática do ódio, particularmente, as que mais diretamente subsidiam o desenvolvimento de nossa reflexão. O Capítulo 3 — *M. Klein: O ódio à luz do desenvolvimento precoce* — expõe o pensamento

da autora sobre o tema, com destaque para as formulações que dão sustentação à tese que defendemos e à análise que desenvolvemos. O Capítulo 4 – *D. W. Winnicott: Ódio e relação mãe-bebê* — se concentra nas ideias de Winnicott sobre o ódio, que igualmente contribuem para fundamentar nossa tese.

No Capítulo 5, *O ódio revisitado: a trama paradoxal do ódio* — cerne deste estudo —, explicitamos e fundamentamos nosso ponto de vista. Neste contexto, desenvolvemos nossas ideias e reflexões com base nos estudos que precedem este capítulo e recorremos a fragmentos clínicos que espelham nossa hipótese de trabalho em articulação com a teoria. Dão suporte, ainda, à análise contida no capítulo, algumas contribuições de estudiosos contemporâneos ou posteriores a Freud-Klein-Winnicott, que, de uma forma ou de outra, contribuem para a discussão em foco.

Todo o percurso acima descrito conduz às conclusões, consubstanciadas nas *Considerações finais*.

As *Referências* incluem as obras efetivamente utilizadas na elaboração da tese propriamente dita. Ao longo da pesquisa, identificamos uma bibliografia consistente e abrangente sobre o estudo psicanalítico do ódio, que pode ser útil aos interessados nesta problemática e por isso mesmo foi aqui anexada no apêndice *Referências complementares*.

Nos *Apêndices*, finalmente, foram incluídos alguns materiais que incrementaram a produção textual da tese e podem igualmente ser úteis a outros pesquisadores. O *Apêndice A – Da terminologia e dos entendimentos sobre o ódio* — apresenta definições de diversos dicionários e enciclopédias sobre o termo; o *Apêndice B — Autores com trabalhos relevantes sobre o ódio*; o *Apêndice C – Referências complementares*, incluindo textos importantes porém não citados na tese.

II. S. FREUD – O DESPERTAR DA TEORIZAÇÃO DO ÓDIO

2.1 Abordagem pulsional do psiquismo humano

Os conceitos básicos em cada teoria psicanalítica tornam-se a urdidura e a trama das quais é tecida a complexa tapeçaria da experiência humana.

(Greenberg & Mitchell, 1994, p. 9)

Toda teoria psicanalítica parte de um arcabouço básico de análise para compreensão do psiquismo humano, do ponto de vista de sua estrutura, dinâmica e desenvolvimento. Em conformidade com o enfoque de suas formulações, cada teoria define os elementos que lhe dão sustentação, e seus delineamentos resultam, por conseguinte, em diferentes abordagens de agressão e de ódio.

Ao destacar a descoberta do inconsciente, Freud revela que o eu não é dono de sua própria morada. Como expõe o psicanalista Zeferino Rocha, “descentrado, o sujeito humano perdeu a suposta autonomia de que se acreditava revestido e passou a fazer a experiência do desamparo” (Rocha, *Freud: novas aproximações*, 2008, p. 130). O homem é habitado pelo outro, cerne do inconsciente, por “(...) *essa coisa estranha*, por esse *outro* que nos vive, mais do que o vivemos e nos conduz mais do que o conduzimos” (idem, p. 132).

O homem é impulsionado por seu desamparo, sua insuficiência e pela exigência de se afirmar. Primordialmente, como o próprio Freud revela, o indivíduo vive uma relação de “indiferença e insensibilidade” em relação ao mundo.²³ Fechado em si mesmo, não percebe o mundo nem o outro, mas tudo muda tão logo surgem os estímulos externos, aos quais se seguem excitações internas, cuja fonte não pode ser aplacada e se torna núcleo do desprazer, vivenciado como estranho, inimigo (Freud, *Os instintos e seus destinos*, 1915b, p. 75) — um *objeto estrangeiro*, sintetiza Rey-Flaud (*Os fundamentos metapsicológicos de O mal-estar na cultura*, 2002, p. 7). Para Freud, essa indiferença é precursora do ódio (Freud, *Os instintos e seus destinos*, 1915b, p. 76). Como esclarece o psicanalista Joel Birman, “(...) essa condição originária é logo rompida pela emergência da pulsão, pela

²³ Para Freud, este estado narcísico primordial de *indiferença* se contrapõe ao amor-ódio em conjunto quando “(...) o Eu-sujeito coincide com o que é prazeroso, o mundo externo com o que é indiferente (eventualmente com o que, enquanto fonte de estímulos, é desprazeroso).” (Freud, *Os instintos e seus destinos*, 1915b, p. 74)

perturbação desprazerosa provocada pelo impulso e pela necessidade”. (Birman, *As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico*, 2009a, p. 143).

Freud sugere que o inconsciente é a mais antiga das *províncias* psíquicas, fundamento que faz emergir o psiquismo humano, que tem o outro em seu âmago e é, em si, pulsional. Para o autor, o homem passa a ser, então, movido pela pulsão, fonte de energia que nasce de uma excitação corporal acumulada, “(...) representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma, como uma medida do trabalho imposto à psique por sua ligação com o corpo” (Freud, *Os instintos e seus destinos*, 1915b, p. 57). Sendo, pois, uma *porção de atividade* (idem, p. 57), esta carga energética ativa o psiquismo e determina a vida psíquica. Trata-se, na verdade, de um excesso de tensão, vivenciado como desprazer, que demanda descarga – experiência que resulta em apaziguamento e prazer. Antes biológico, o corpo torna-se *corpo pulsional* e erógeno. Esta implantação da pulsão funda o Inconsciente, assim marcando o início do aparelho psíquico e o surgimento da sexualidade.

Na visão de Freud, portanto, o psiquismo tem dimensão intensiva, e o sujeito é inexoravelmente assaltado pela sexualidade. Segundo Rocha, na psicanálise freudiana, o homem é, antes de tudo, “(...) um *ser* de desejo e de paixão” (2008, p. 234).²⁴ As pulsões expressam anseios e paixões e dão significado aos fenômenos psíquicos. Freud compreende que “(...) o poder do id expressa o verdadeiro propósito da vida do organismo do indivíduo”, ao mesmo tempo em que defende que as pulsões “(...) sejam a suprema causa de toda atividade” (*Esboço de psicanálise*, 1940, p. 173).

O significado das experiências é determinado pelas pulsões que as motivam e pelas defesas advindas do conflito entre imperativos da paixão — que envolvem pulsões sexuais e agressivas — e exigências da civilização. Na primeira teoria freudiana das pulsões, estes significados ora se remetem a uma dimensão sexual — quando prevalecem os impulsos libidinais — ora à autopreservação — quando se vinculam às pulsões do ego. Em revisão teórica das pulsões (1920), Freud atribui o significado dos acontecimentos à complexa dinâmica das pulsões de vida e de morte.

Embora tenha se voltado muito mais para a dimensão intrapsíquica, Freud não deixa de ressaltar o papel determinante dos objetos exteriores e a influência marcante do meio e da cultura sobre o homem. Acredita ele que a presença do outro é constituinte do

²⁴ Segundo Rocha, “inconsciente e pulsão mutuamente se complementam” (2008, p. 231).

sujeito, cuja estruturação psíquica se dá pela relação do ego com objetos dos mundos externo e interno. É importante lembrar que Freud sempre considera o homem em sua dimensão biopsíquica e social. O autor constrói ampla psicologia individual, mas busca associá-la à análise dos vínculos e da organização social, quando então atribui a origem de várias práticas ao controle de impulsos hostis inconscientes e da ambivalência, como explicita em *Totem e tabu* (1912-13).

Freud também defende, em *O mal-estar na civilização* (1930), que a própria sociedade se funda com a necessidade de renúncia, por parte do homem, a suas tendências inatas, o que o salvaguarda da hostilidade e do ódio. Por meio do recalque, a civilização surge para substituir a barbárie. Na verdade, Freud afirma, neste texto, que os destinos do indivíduo e da comunidade em que se insere só podem ser estudados conjuntamente.

A visão freudiana da experiência humana, todavia, se fundamenta, principalmente, em um modelo pulsional – que tem a dimensão da força como concepção essencial – e na história individual. Segundo Freud, a estrutura psíquica é concebida como um *aparelho*²⁵, que, movido pelo interjogo de forças pulsionais, constantemente busca quietude na tentativa de se manter livre de excitações – postulado freudiano do *princípio de constância*. Inicialmente, Freud relaciona esse *quantum* de excitações aos afetos, os quais, sem adequada ab-reação, ficam enredados em conflitos. Tais excitações surgem de fonte endógena, sendo, pois, originalmente, narcísicas, e só secundariamente derivam do exterior, quando, na vivência das experiências, se dirigem aos objetos externos.

Trata-se de um modelo de organização com sistemas distintos, que ocupam espaços psíquicos separados, desempenham papéis diferenciados e são movidos por modos de funcionamento específicos. É nesta tópica com instâncias e lugares psíquicos, que se configura a realidade psíquica e se move o conflito intrapsíquico. Considerando os tempos sucessivos de estruturação do aparelho psíquico, Freud concebe o psiquismo em termos de *tópicas*: a *primeira tópica*, segundo a qual o psiquismo comporta os sistemas: *inconsciente* – por ele considerado a mais antiga *região psíquica*, movida por processos primários; *pré-consciente* e *consciente*, que surgem no curso do desenvolvimento e são caracterizados pelo processo secundário. A *segunda tópica* redimensiona o psiquismo em termos de id —

²⁵ Há diferentes perspectivas sobre a estrutura psíquica. Freud a define em termos de *aparelho*, destacando, com isso, a ideia de *tarefa, trabalho*.

instância psíquica separada, da qual provêm, por diferenciação, as demais instâncias, ou seja, ego e superego.

A noção freudiana de psiquismo pressupõe, também, uma perspectiva *dinâmica*, que subentende um funcionamento e, por conseguinte, envolve um jogo de forças dinâmicas²⁶ em conflito, que impulsiona o psiquismo. O aparelho psíquico é movido pelo dualismo pulsional – pulsões do ego ou de autoconservação e pulsões sexuais. Posteriormente a dualidade pulsional é concebida em termos de pulsões de vida e pulsões de morte, cujas dinâmicas regulam as atividades psíquicas.

Por fim, Freud concebe um princípio *econômico* para o funcionamento do psiquismo, segundo o qual os processos psíquicos envolvem circulação de investimentos energéticos, fluxo de intensidades e transformação de energias pulsionais. O aparelho psíquico, em sua dimensão econômica, tem como objetivo manter a energia interna em um nível tão reduzido quanto possível – o *princípio de constância* acima mencionado. O desequilíbrio nas intensidades pulsionais sinaliza doença.

A teoria freudiana concebe a organização do psiquismo no registro da sexualidade, cujo desenvolvimento envolve diferentes modos de organização. Seu foco recai, por um lado, sobre sucessivos estádios libidinais, que se organizam a partir de uma *zona erógena* e de um modo de relação com o objeto.²⁷ Longe de serem simples etapas cronológicas, essas diferentes fases podem se *sobrepôr ou coincidir*, segundo afirma o próprio Freud.

Agressividade e ambivalência marcam a psicogênese — desde os primeiros tempos da organização libidinal — nas etapas *pré-genitais*, em que o sujeito se funda. Na fase *oral* ou *canibalesca* — primeiro tempo da organização libidinal, em que necessidade e sexualidade estão associadas —, a relação com o objeto é pensada como *incorporação*, e o objeto tem natureza parcial. Neste modo de relação, não há diferenciação, e as atividades

²⁶ A dimensão de força, inerente às pulsões, é essencial no modelo de psiquismo freudiano, que, por conseguinte, envolve mecanismos para dar conta do jogo de forças entre as instâncias que o compõem.

²⁷ Conforme Laplanche e Pontalis, além do desenvolvimento da atividade libidinal, Freud sugere outras linhas evolutivas quanto ao acesso ao objeto — autoerotismo, narcisismo, escolha de objeto (homossexual e heterossexual) e, ainda, em relação à sucessão de desenvolvimento, que vai do princípio de prazer até o estabelecimento do princípio de realidade. Entretanto, ele não se propõe a realizar análise mais ampla, associando a sucessão das diversas etapas da libido e outras linhas de evolução, incluindo, por exemplo, o desenvolvimento do ego, das defesas etc., embora considere a existência de um movimento dialético entre eles. (1991, p. 183)

sexual e alimentar estão misturadas.²⁸ Posteriormente, ao ressaltar a fusão da libido e da agressividade no contexto da oposição entre *pulsões de vida* e *pulsões de morte* (1920), Freud sugere: na etapa oral do desenvolvimento libidinal, “a posse amorosa ainda coincide com a destruição do objeto”. (*Além do princípio do prazer*, 1920, p. 225)

No segundo tempo da organização libidinal – fase *sádico-anal* – há predominância de aspectos sádicos, com o controle do objeto e o desenvolvimento da *pulsão de domínio*, da qual provém o sadismo. Um de seus propósitos pulsionais é o controle e a manipulação da mãe, que começa a se diferenciar: “nessa fase , portanto, já é possível demonstrar a polaridade sexual e o objeto alheio” (*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, 1905b, p. 186). Atividade-passividade, antítese dominante nessa etapa, além de dominação-submissão, retenção-expulsão, são as primeiras polaridades a se estabelecerem, cuja divisão sinaliza comportamentos opostos em relação ao objeto. Freud identifica, aqui, uma tendência a crueldade, a desejos hostis. Sadismo e ambivalência marcam, pois, esta fase da organização da sexualidade²⁹. Freud vincula, assim, a crueldade à pulsão de domínio, embora não se confunda com ela. Como realça em sua interpretação do texto freudiano Sophie de Mijolla-Mellor em seu artigo *Mulheres, feras e grandes criminosos*, “Trata-se de um *domínio violento*, talvez porque o objeto se recusou”. (2005, p. 46)

A organização *libidinal* posterior é contemporânea do desenvolvimento do complexo de castração e do complexo de Édipo, que envolve densa rede de desejos incestuosos e vivência de intenso ódio pela figura parental rival, tal como os sonhos revelam. O conflito edípico é um conflito de ambivalência, tendo em vista que, na visão de Freud, é dinamizado por “(...) um amor fundamentado e um ódio não menos justificável.” (*Inibições, sintomas e ansiedade*, 1926[1925], p. 124). Esta organização compreende o que

²⁸ K. Abraham concebe que nesta etapa oral precoce (de sucção) *pré-ambivalente*, a criança não sente nem amor nem ódio pelo objeto. A etapa oral, tardia, *canibalesca*, porém, já é ambivalente – a exemplo das demais etapas subsequentes do desenvolvimento da libido – e tem como objetivo a incorporação. Tal etapa se caracteriza pelo desejo de morder e pela angústia de destruir o objeto amado e ser por ele devorado. A *incorporação* do objeto torna-se, então, destrutiva. Freud integra as contribuições de Abraham à noção de ambivalência. (cf. A. de Mijolla, *Dicionário Internacional da psicanálise*, verbete *ambivalência*, 2005, p. 75)

²⁹ Já no entendimento de K. Abraham, as tendências opostas de prazer, destrutivas e hostis, são concebidas na parte sádica da libido: “O componente instintivo do sadismo, tal como existe na libido infantil, também mostra em ação duas tendências opostas do prazer. Uma delas é de *destruir* o objeto (ou mundo externo); a outra é *controlá-lo*. ”(...) a tendência a poupar o objeto e preservá-lo surgiu da tendência destrutiva, mais primitiva, através do processo de repressão. (...) o afastamento ou a perda do objeto pode ser encarado pelo inconsciente como um processo sádico de destruição ou como um processo anal de expulsão.” (*Teoria psicanalítica da libido*, 1970 [1927], p. 91).

Freud denomina de fase *fálica*, do primado do falo, e fase *genital* propriamente dita. Os efeitos organizadores de toda a dinâmica conflitiva desta etapa possibilitam à instância superegóica exercer sua função de proteção e resolução dos desejos edípicos. Entre esses dois tempos se interpõe um período de reorientação do desenvolvimento psicosssexual, o *período de latência*, que propicia benefícios sociais e culturais.

As consecutivas etapas de acesso ao objeto libidinal³⁰ constituem outro processo evolutivo do desenvolvimento da personalidade. A evolução dos princípios que regulam o funcionamento psíquico também marca o desenvolvimento psíquico, envolvendo o percurso do princípio de prazer até o princípio de realidade — este surge secundariamente, modifica e suplanta o princípio de prazer.

Pulsão e representação, eis os registros que Freud prioriza. Para o pai da psicanálise, o homem sofre angústia ao ser inundado por sensações e pressões pulsionais — que sinalizam excesso pulsional sem representação —, e sua estrutura psíquica se organiza, tendo em vista suas possibilidades de satisfação e regulação pulsional. Sua personalidade ganha, portanto, matizes de suas possibilidades de gratificação pulsional e de defesa.

Na compreensão freudiana, o homem é impulsionado por tendências que ora se põem a serviço da preservação da vida, ora operam, em contrapartida, com o objetivo de destruir. Preliminarmente, até formular sua segunda teoria das pulsões, Freud reconhece a agressão como manifestação presente nas relações³¹, sendo inscrita na oposição entre a dimensão sexual e a autoconservação. Assim, de início, a agressividade se inclina para o eixo da pulsão sexual, mas, principalmente, para o polo das pulsões de autoconservação e do ego, interessado em sua própria afirmação. A problemática da agressividade está, pois, articulada à instância psíquica do ego, como J. Birman aponta em seu ensaio *Arquivo da agressividade em psicanálise (Cadernos sobre o mal: agressividade, violência e crueldade, 2009b, p. 58)*³². Neste último polo, os movimentos hostis se associam a apreensão e

³⁰ Trata-se das distintas etapas da relação da pulsão com o objeto: autoerotismo (o objeto é o próprio corpo); narcisismo (o ego é tomado como objeto de amor); escolha homossexual (o objeto é a própria pessoa); e escolha heterossexual (o objeto de amor é escolhido a partir do modelo dos pais); conforme destacam Laplanche e Pontalis (1991, p. 183).

³¹ Freud depara com manifestações hostis na ambivalência surgida na transferência, como afeto transferencial a mobilizar resistências (1912). Posteriormente, o ódio passa a ser visto como gerador de sintomas.

³² A partir da genealogia do discurso psicanalítico que delineia — de Freud, a Ferenczi, seu principal intérprete, Lacan e Winnicott—, J. Birman chama a atenção para o fato de que “(...) a

domínio do objeto (*pulsão de domínio*³³), a sadismo e crueldade, que só tardiamente se unem à sexualidade.

Na primeira teoria das pulsões (1915), em que distingue as pulsões primordiais – *pulsões do ego* ou *de autoconservação* e *pulsões sexuais* –, Freud explica comportamentos e sentimentos agressivos, como sadismo e ódio, por meio do complexo mecanismo dos dois grandes tipos de pulsões. Afirmar ele que a transformação do amor em ódio é apenas aparente; o ódio tem gênese própria, não é o negativo do amor, e seus derivados “(...) não provêm da vida sexual, mas da luta do Eu por sua conservação e afirmação” (Freud, *Os instintos e seus destinos*, 1915b, p. 78)

Ao analisar o ódio como polo da ambivalência afetiva e de conversão do amor, o autor considera tal afeto consubstancial ao ser, impulsor do psiquismo, elemento que se faz presente nas origens da complexa trama que funda o sujeito psíquico e que, simultaneamente, alicerça a constituição do objeto, em sua alteridade e, conseqüentemente, também da realidade. Originariamente, o ódio investe contra o que é exterior ao eu, percebido como estranho, hostil e odiado.

Em *Além do princípio do prazer*, a agressividade — a partir do novo dualismo pulsional — passa a ocupar importante papel, tornando-se meio crucial de afirmação da vida: a pulsão de morte impulsiona a des fusão pulsional por meio do desinvestimento do objeto. Sem a neutralização desta pulsão, por parte da pulsão de vida, o psiquismo é ameaçado. A pulsão de vida interfere e reorienta a pulsão de morte, cuja maior parte é direcionada ao exterior, em manifestações de sadismo contra os outros.

Considerando, pois, os processos de fusão e des fusão das pulsões de morte e de vida, tal como Freud concebe em *O Eu e o Id* (1923), a agressividade voltada para o exterior se torna sadismo, violência e destrutividade; e a dirigida ao interior se traduz em autodestrutividade e masoquismo. A fusão e des fusão pulsionais também dominam as relações entre instâncias psíquicas, e a agressividade não mais diz respeito apenas à pulsão e à instância do ego em relação aos objetos. A des fusão provém do id e da severidade do superego, ao passo que a fusão advém do ego, em sua própria constituição e em seu papel

problemática da agressividade em psicanálise (...) deve ser concebida na articulação entre os registros do sujeito e do Outro” (2009b, p. 58).

³³ Vale lembrar que, para Freud, a *pulsão de domínio* é uma pulsão independente, vinculada à musculatura e associada à fase sádico-anal do desenvolvimento libidinal.

de integração das instâncias. Tal como se revela na melancolia, a pulsão de morte é quase totalmente desfusionada. De início, para Freud, a agressividade se volta para a relação do sujeito com o outro, mas, após 1920, concebe-a, por um lado, no âmbito do sujeito – como masoquismo e autodestrutividade e como sadismo e destrutividade – e, por outro, no campo das instâncias psíquicas.

Em seu clássico texto *O mal-estar na civilização* (1930), as diversas modalidades de agressividade são, para o autor, essência e cerne do mal-estar na modernidade, e estão amplamente identificadas na cena social. Se Freud antes se recusara a aceitar a ideia de uma pulsão de agressão, agora passa a destacá-la como conceito fundamental para a compreensão do psiquismo. É justamente no contexto da evolução de sua compreensão do psiquismo humano, que Freud desenvolve sua teorização sobre o ódio e seu papel na constituição do aparelho psíquico.

2.2 Primeiros textos: 1893-1900

“A força psíquica do ódio é muito maior do que supomos.”

A. Strindberg, *The Gothic Rooms* (1904), citado por Freud em 1920. (Freud, *Atos casuais e sintomáticos*, 1901, p. 188)

Os primórdios – despertando para o ódio

A necessidade de examinar mais profundamente as teorizações de Freud sobre o ódio deriva não apenas da importância dessas reflexões em si, mas também do fato de até hoje se constituírem em fundamento de formulações dos mais diversos psicanalistas.

Na primeira década de sua produção, Freud pouco se refere ao ódio, a não ser em relação à acepção coloquial da palavra. Entretanto, em suas primeiras reflexões sobre a gênese da histeria, menciona o ódio recalcado ao chamar a atenção para o intenso esforço de uma jovem paciente, Rosália H., “(...) para reprimir o ódio e o desprezo que sentia pelo tio³⁴” (Freud, *Casos clínicos*, 1893-1895, p. 180).

Logo depois, ao tratar das obsessões, ele salienta, dentre os *estados emocionais* que afligem o obsessivo, o *ódio incompreensível*, *ódio incontrolável*, que, inalterado, se desloca de objeto em objeto, como defesa do ego. (Freud, *Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia*, 1895 [1894], pp. 77-9). Ao teorizar este processo, intriga-o a aparente indestrutibilidade do ódio: “Por que o estado emocional associado

³⁴ Freud esclarece, em nota de rodapé acrescentada em 1924, que não era do tio, mas do pai que se tratava.

com a representação obsessiva persiste indefinidamente, em vez de se dissipar como outros estados de nosso eu?” (idem, p. 82).

No início dos anos 1900, ele se refere a *desejos maléficos inconscientes* e frequentes sentimentos hostis, que afloram: em crianças quando, em sonho, se tornam pequenos *infanticidas* em relação aos irmãos, rivais ou colegas mais fortes (Freud, *A interpretação dos sonhos - I*, 1900, pp. 250-1); em pais e filhos ou mães e filhas, quando a hostilidade, inerente a tais relações, entre eles se interpõe — tal como, na mitologia, Cronos traga os filhos ou Zeus castra o pai; na infância, quando se originam os desejos de morte contra os pais, surgidos nos sonhos (idem, pp. 255-6); ou nos fortes sentimentos ambivalentes de filhos pelos pais, quando a criança nutre paixão por um deles, e o ódio irrompe contra o outro na dinâmica edípica. Neste mesmo contexto, Freud interpreta a tragédia *Oedipus Rex*, de Sófocles: “É destino de todos nós, talvez, dirigir nosso primeiro impulso sexual para nossa mãe, e nosso primeiro ódio e primeiro desejo assassino, para nosso pai” (idem, pp. 258).

O autor igualmente destaca o modo como o trabalho do sonho lida com os afetos e, mediante censura onírica, os transforma em seu contrário. Chama também atenção para certos comportamentos na vida social, a exemplo do frequente ocultamento da hostilidade, por trás de palavras aparentemente cordatas; e do extravasamento de ódio, com um gesto ou olhar — ódio sinônimo de malquerer, má-vontade, desprezo, hostilidade em relação à pessoa odiada. Referindo-se ainda aos *afetos nos sonhos*, afirma Freud: “(...) há uma pessoa de minhas relações a quem odeio, de maneira que tenho uma viva inclinação a ficar contente quando alguma coisa adversa lhe acontece” (Freud, *A interpretação dos sonhos - II*, 1901 [1900], p. 442). Posteriormente, ele se volta para os desdobramentos do ódio, expondo situações e formas de exteriorização do referido afeto.

Impulsos agressivos e impulsos sexuais

A questão das pulsões hostis é introduzida por Freud no contexto das primeiras pesquisas psicanalíticas, realizadas nos idos de 1896. À época, predomina a teoria segundo a qual a neurose é originária de experiências traumáticas (estupro, sedução...), sofridas na infância. Freud postula que a neurose obsessiva é desencadeada ativamente após “experiências de sedução sexual que mais tarde tornarão possível o recalçamento, e então sobrevêm os atos de agressão sexual contra o outro sexo, que aparecerão depois sob a forma de atos que envolvem autoacusações. (Freud, *Observações adicionais sobre as*

neuropsicoses de defesa, 1896, p. 160) Aí se anuncia a ideia inovadora de que sexualidade e ódio se amalgamam no seio da neurose obsessiva. Cabe lembrar, no entanto, que Freud percorre longo caminho até formular claramente essa ideia e estendê-la a situações diversas.

Correntemente, afirma-se que Freud tarda em reconhecer a relevância dos impulsos hostis, haja vista a conhecida história de sua hesitante aceitação da agressão como parceiro igual à – ou rival da – libido na vida psíquica. Desde cedo, entretanto, mantém-se atento à presença de comportamentos agressivos no pensamento e na ação humana. Na verdade, longe de banalizar a força dos impulsos hostis, o autor suspeita que estão à espreita na hostilidade de seus pacientes; na resistência do analisando a interpretações; em piadas, desejos ocultos de morte de pessoas queridas etc. Seus pacientes lhe revelam que lapsos, sonhos e sintomas são também habitados pelo ódio.

Só no início dos anos 30, na conferência *Ansiedade e vida instintual*, Freud justifica sua demora em reconhecer as tendências hostis na alma humana:

Por que necessitamos de tempo tão longo para nos decidirmos a reconhecer um instinto agressivo? Por que hesitamos em utilizarmos, em benefício de nossa teoria, de fatos que eram óbvios e familiares a todos? (Freud, Conferência XXXII. *Ansiedade e vida instintual*, 1933 [1932], p. 129)

Nesta conferência, retoma o dualismo pulsional que decreta a existência das moções pulsionais eróticas (Eros) e das moções pulsionais agressivas (Thanatos), voltadas para a destruição. Diante delas e movidas por forte afetividade, as pessoas, em geral, mutuamente se opõem. De fato, uma pulsão que tem por fim a destruição contraria a crença na bondade inata do ser humano — justificativa que explica a demora de Freud em teorizar sobre impulsos hostis, em complemento a suas formulações sobre impulsos sexuais.

Vale destacar que Freud se recusa a admitir a hipótese de um impulso agressivo independente, por lhe parecer que tal noção subtrai aquilo que, para ele, caracteriza a pulsão, ou seja: o fato de ser um impulso a que não se pode fugir, que demanda certo trabalho do aparelho psíquico e que aciona a motricidade.³⁵ De início, Freud não considera

³⁵ Os fatores determinantes dessa atitude de recusa, provavelmente, não eram apenas teóricos. Sua resistência podia ter relação com o fato de se tratar de uma formulação originária de Alfred Adler, a cujas teorizações Freud objetava, por se distanciarem das questões do inconsciente e da sexualidade, fato que motivaria, posteriormente, radical dissidência. Por outro lado, também

a primazia da autoagressividade sobre a heteroagressividade, o que ocorre só em 1920, quando introduz a noção de pulsão³⁶ de morte na reformulação de sua teoria das pulsões.

Como assinalamos acima, os impulsos hostis são por Freud observados na clínica, com a oposição de seus pacientes a descobertas que, por revelarem desejos inconscientes, lhes infligiam “vexames psicológicos”. Em carta a Fliess, ele se reporta à marca agressiva da resistência: “(...) quem, no início do tratamento, era um sujeito excelente e franco, torna-se grosseiro, mentiroso ou obstinado (...) até que lhe digo isso e, desse modo, torna-se possível superar esse caráter” (Freud, Carta 72, 1897b, p. 367).³⁷

É preciso salientar que, principalmente pela via do ódio e da agressividade, o fenômeno da resistência e, por extensão, da transferência (negativa) se impõem, mais precisamente, em 1905, a partir do “caso Dora”, quando ele observa a incidência característica da hostilidade no tratamento psicanalítico:

(...) o enfermo [no decorrer de outros tratamentos] só evoca transferências ternas e amistosas que contribuam para sua cura. (...) Na psicanálise, por outro lado, (...), despertam-se todas as moções [do paciente], inclusive as hostis; mediante sua conscientização elas são aproveitadas para fins de análise (...). (Freud, *Fragmento da análise de um caso de histeria*, 1905 [1901], p. 111)

A questão dos impulsos hostis é finalmente integrada à teoria, de que já constava a sexualidade. Com isso, o arcabouço teórico se fortalece e abre caminho para novos desdobramentos.

Afetos hostis nos sonhos

poderia existir um ingrediente de cunho pessoal e defensivo, talvez um meio de Freud se resguardar de sua própria agressividade, como sugere Peter Gay. (Gay, *Uma vida para nosso tempo*, 1989, p. 364)

³⁶ Utilizamos *pulsão* e *pulsional*, em vez dos termos, *instinto* e *instintual*, geralmente usados nas traduções para a língua portuguesa; obviamente, mantemos estas expressões nas citações.

³⁷ Para ilustrar essa colocação, lembramos a citação de Nietzsche, usada, segundo Freud, pelo Homem dos Ratos— paciente que, anos depois, lhe impõe a necessidade de conceitualizar o ódio: “‘Eu o fiz’, diz minha Lembrança. ‘Eu não posso ter feito isto’, diz meu Orgulho, e permanece inexorável. No final ... a Lembrança cede” (Freud, *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*, 1909b, p. 187). Afirma o autor que o paciente estaria se remetendo a “(...) um ato criminoso, cujo autor não reconheceu como sendo ele próprio, embora bem nitidamente se lembrasse de havê-lo cometido” (ibidem).

A construção da psicanálise é a história de um trabalho interior — nutrido pelos processos psíquicos de seu próprio fundador —, que se transforma em obra. Tal história encontra nos sonhos via real para sua realização.

Freud inicia seus estudos dos sonhos, mediante análise de sua própria vida onírica, sobre a qual se debruça na “descida aos infernos”³⁸ que realiza em sua autoanálise, para nela ouvir falar o inconsciente, desejos e conflitos ocultos, confidenciados a seu amigo Fliess em cartas que retratam o homem multifacetado que era e cujo trabalho psíquico criador produziria a descoberta da psicanálise. A aventura de sua autoanálise posteriormente se converte “na menina dos olhos da mitologia psicanalítica.” (Gay, *Uma vida para nosso tempo*, 1989, p. 103)

Na trilha dos sonhos, Freud é conduzido a domínios de que jamais suspeitara, como revelam as cartas a seu correspondente, Fliess. Sob o efeito da trama onírica, seus sonhos disfarçam afetos hostis soterrados em seu íntimo, substituindo-os por sentimentos opostos. Exemplo disso é o sonho, *Meu tio de barba amarela* (fevereiro de 1897), em que o desprezo injurioso latente em relação a um tio que envergonhava a família Freud — pelo fato de ter sido condenado a dez anos de prisão por receptação e venda de notas falsas —, é transformado em extrema afeição.

Essa afeição é produto de outra oposição, também extraída do sonho com seu tio, em que oculta o desejo latente de condenar, como tolo, R, amigo mais novo, da mesma especialidade, que, ao concorrer ao cargo de professor-universitário adjunto, muito ambicionado por Freud, estaria passando por cima dele, conforme relata em carta de 24 de janeiro de 1897. (Masson, 1986, p. 229) No tópico, *Os afetos nos sonhos*, de *A interpretação dos sonhos*, afirma: “senti extrema afeição por meu amigo R., enquanto e porque os pensamentos oníricos o chamavam de simplório” (Freud, *A interpretação dos sonhos - II*, 1901 [1900], p. 437).

Freud se aproxima, então, de sua intensa ambivalência afetiva em relação ao pai. De seus sonhos brota ideia decisiva: a existência de impulsos hostis, isto é, desejos de morte direcionados aos pais, mais especialmente do filho contra o pai e da filha contra a mãe, como relata em carta a Fliess, no Rascunho N anexo, de 31 de maio de 1897.

³⁸ Conhecida expressão de D. Anzieu (*A auto-análise de Freud e a descoberta da psicanálise*, 1989, p. 38).

(Masson, 1986, p. 251) Tais impulsos se constituem em ingredientes das neuroses. Em carta anterior Freud já se remetera a um jovem obsessivo, que sofria de pensamentos homicidas e que, desde a morte do pai, não conseguia sair de seu quarto por medo de realizá-los, como relata em carta de 31 de outubro de 1895 (idem, p. 149).³⁹

No percurso de sua autoanálise — entre as reminiscências que desenterra da amnésia difusa que reveste sua infância —, Freud recupera a lembrança de seu desejo incestuoso, surgido com o despertar da libido e voltado para a *matrem*, por ocasião de uma viagem em que imaginava tê-la visto *nudam*. (Freud, *Carta 70*, 1897, p. 360). Freud se recordou não só do ciúme infantil e dos desejos malévolos de que seu irmão, um ano mais novo, desaparecesse, mas também da forte rivalidade que nutria por John, sobrinho, um ano mais velho. Ademais, além de confidenciar a Fliess a crueldade com que trata sua, também sobrinha, Pauline, afirma ele que sua relação com John “*tornara-se a fonte de todas as [suas] amizades e todos os [seus] ódios.*” (Freud, *A interpretação dos sonhos - II*, 1901 [1900], p. 437) Ao elaborar o texto *Sonhos típicos*, ele também se refere à hostilidade entre irmãos, inerente à experiência de todos:

O filho mais velho maltrata o mais novo, fala mal dele e rouba-lhe os brinquedos, ao passo que o mais novo se consome num ódio impotente contra o mais velho, a quem inveja e teme (...). (Freud, *A interpretação dos sonhos - I*, 1900, p. 247)

Tomadas por intenso egoísmo, as crianças lutam ferrenhamente para satisfazer suas demandas, o que as leva a considerar rivais seus irmãos maiores. Dessas impressões de Freud, advém a afirmação de que “(...) o ódio infantil conseguiu fazer-se representar.” (Freud, *A interpretação dos sonhos - II*, 1901 [1900], p. 449) Cheias de ódio, as crianças comumente se tornam pequenos infanticidas em sonho, região acessível a todos, em que a hostilidade é liberada a realizar o desejo de morte contra pessoas amadas, conforme Freud posteriormente explicita. O ódio paira nos sonhos, zona em que pode vir à tona e se realizar.

³⁹ Este paciente, aliás, no entender de Anzieu, instiga Freud a descobrir o desejo de morte do genitor do mesmo sexo e, por conseguinte, o complexo de Édipo. (Anzieu, *A auto-análise de Freud e a descoberta da psicanálise*, 1989, p. 421)

Ódio e sexualidade edípica

Em meio às descobertas sobre seu passado, Freud se defronta com a tensa coexistência de amor e ódio ao reconhecer o simbolismo do mito de Édipo, descrito na tragédia de Sófocles. Em carta a Fliess, de 15 de outubro de 1897, escreve:

Descobri, também em meu próprio caso, [o fenômeno de] me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai, e agora o considero um acontecimento universal do início da infância, mesmo que não [ocorra] tão cedo quanto nas crianças (...). Se assim for, podemos entender o poder de atração do Oedipus Rex, a despeito de todas as objeções que a razão levanta contra a pressuposição do destino; e podemos entender porque o “teatro da fatalidade” estava destinado a fracassar tão lastimavelmente. (Masson, 1986, p. 273)

Autobiografia e ciência se enredam, marcando os primórdios da psicanálise. Na autoanálise, Freud detecta seu ciúme do pai e seus próprios sentimentos edípicos infantis; simultaneamente, o trabalho clínico o conduz à descoberta do complexo de Édipo, de que os impulsos hostis são componentes poderosos. Freud reconhece tais impulsos no jogo de paixões e na mistura de afeto e aversão. Os sonhos lhe revelam a presença da hostilidade em inimagináveis domínios emocionais.

Em *A interpretação dos sonhos*, obra fortemente marcada pela experiência subjetiva, afirma ele: o livro “*é uma reação à morte de meu pai*”⁴⁰. Freud introduz a ideia do complexo de Édipo em sessão de sonhos típicos, dentre os quais aqueles sobre a morte de pessoas queridas. No texto *O sonho da morte de pessoas queridas*, ele retoma e desenvolve a passagem acima citada na carta de 15 de outubro de 1897:

O Rei Édipo, que assassinou Laio, seu pai, e se casou com Jocasta, sua mãe, simplesmente nos mostra a realização de nossos próprios desejos infantis. (...) Ali está alguém em quem esses desejos primevos de nossa infância foram realizados, e dele recuamos com toda a força do recalamento pelo qual esses desejos, desde aquela época, foram contidos dentro de nós. (...) o poeta nos compele, ao mesmo tempo, a reconhecer nossa própria alma secreta, onde esses mesmos impulsos, embora suprimidos, ainda podem ser encontrados. (...) Como Édipo, vivemos na ignorância desses desejos repugnantes à moral, que nos foram impostos pela Natureza; e após sua revelação, é bem possível que todos busquemos fechar os olhos às cenas de nossa infância. (Freud, *A interpretação dos sonhos - I*, 1900, p. 258)

⁴⁰ No Prefácio à Segunda Edição, de 1908.

Ao abordar sonhos homicidas relativos à morte dos pais, Freud comprova que os sonhos são, basicamente, desejos em ação e efetivamente representam a realização de desejos. Presente tanto em mitos, em sonhos marcados por afetos ambivalentes quanto na vida cotidiana, o complexo de Édipo é expressão de conflitos privados, de rivalidades entre irmãos, tensões entre mães e filhas e entre pais e filhos, desejos de morte dirigidos a membros da família, enfim, de tensa ambivalência de forças afetivas.

Freud insiste, desde sempre, que o fato de amar um dos pais e odiar o outro figura entre componentes essenciais do acervo de impulsos psíquicos. Os psiconeuróticos apenas se diferenciam por exibir “(...) numa escala ampliada, sentimentos de amor e ódio pelos pais, que ocorrem de maneira óbvia e intensa nas mentes da maioria das crianças” (Freud, *A interpretação dos sonhos - I*, 1900, p. 256). Como *complexo nuclear*, o Édipo responde, portanto, pela origem das neuroses e, indicador de diferenças, é crucial na teoria do desenvolvimento psíquico, postulada posteriormente.⁴¹

Freud ensina, enfim, que o complexo de Édipo desperta desejos sexuais e hostis contra aqueles que mais amamos. Trata-se essencialmente de um conflito interior de amor e ódio, que produz ambivalência generalizada e marca as relações humanas sem exceção. Em *A interpretação dos sonhos - II*, ele confessa a ambivalência afetiva que marcara sua vida pulsional:

Minha vida afetiva sempre insistiu em que eu tivesse um amigo íntimo e um inimigo odiado. Sempre me foi possível reabastecer-me de ambos, e não raro essa situação ideal da infância se reproduziu tão completamente que amigo e inimigo convergiram numa só pessoa – embora não, é claro, ambos ao mesmo tempo ou com oscilações constantes, como talvez tenha acontecido em minha tenra infância. (Freud, 1901 [1900], p. 446)

Crueldade, sadismo, ambivalência⁴²

Logo após os estudos sobre os sonhos, no artigo *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud constata a tendência à crueldade e aos desejos hostis, existentes

⁴¹ Anos depois, em *Totem e tabu* (1913) — trabalho que, aliás, tem, como um dos eixos principais, a ambivalência emocional —, o complexo de Édipo é concebido como motivo da civilização e da criação da consciência moral.

⁴² “Para Freud, o termo ambivalência, em seu sentido geral, designa a presença, no sujeito, de um par de opostos pulsionais da mesma intensidade; trata-se, frequentemente, da oposição amor-ódio.” (Mijolla, *Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*, 2005, p. 75)

no nascedouro da sexualidade, assim como a ambivalência e o sadismo que caracterizam a complexa organização libidinal. Inicialmente ele postula que, na primeira fase da evolução da libido – oral ou canibalesca –, não há diferenciação entre *correntes opostas*. Na segunda etapa – a sádico-anal – predominam aspectos sádicos. Pulsões sádicas e ambivalência estão presentes, portanto, no período pré-genital: a divisão em pares de opostos, que perpassa a vida sexual, é identificada nos primórdios do desenvolvimento sexual.⁴³ (Freud, 1905b, p. 186)

Neste contexto a pulsão, mais especificamente a pulsão sexual, surge conceitualmente na obra freudiana, designando ora estímulos advindos do corpo, ora o representante psíquico desses estímulos. Freud situa a pulsão, portanto, no cerne da sexualidade, concebendo-a como energia transformável, a que chama de libido.

Nesse primeiro estudo sobre a sexualidade, o impulso cruel é identificado como componente da pulsão sexual e é associado à apreensão do objeto: a crueldade infantil se origina em uma *pulsão de dominação*, que tem como finalidade o domínio do objeto, dirigindo-se, portanto, desde o surgimento, para o exterior. (Freud, 1905b, p. 180) Esta pulsão – que apenas tardiamente se une à sexualidade – não visa, de início, causar sofrimento ao outro⁴⁴. Contudo, Freud observa que a ausência da capacidade de compaixão envolve o risco de que pulsões cruéis e sexuais permaneçam indissociadas posteriormente. (idem, p. 181)

Ainda nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, ao ressaltar o importante papel das pulsões parciais na constituição dos sintomas neuróticos, Freud destaca que a contribuição da *pulsão de crueldade*

(...) é indispensável à compreensão da natureza sofrida dos sintomas e domina quase invariavelmente uma parte da conduta social do doente. É também por intermédio dessa ligação da libido com a crueldade que se dá a transformação do amor em ódio, das moções afetuosas em moções hostis, que é característica de um grande número de casos de neurose e até, ao que parece, da paranoia em geral. (Freud, 1905b, p. 156)

⁴³ Essas etapas de desenvolvimento formuladas por Freud têm sido comparadas às proposições de Karl Abraham quanto às subdivisões dessas fases pré-genitais. Em trabalho sobre a história do desenvolvimento da libido (1924), Abraham distingue as etapas do desenvolvimento sexual como: *pré-ambivalente*, *ambivalente* e *pós-ambivalente*.

⁴⁴ Em 1913, Freud assinalou que a atividade – antítese da tendência passiva – é alimentada pela pulsão de dominação, que é chamada de sadismo, quando associada à pulsão sexual (Freud, 1913a, *A disposição à neurose obsessiva*, p. 405).

A partir de 1905, com a teorização sobre a sexualidade, Freud aponta a libido como agente do retorno das tendências afetivas, passando a defender que a presença da crueldade, associada à libido, é que opera a transformação de amor em ódio, de tendências ternas em tendências hostis. A ligação sexualidade-crueldade indica a transformação do conteúdo de uma pulsão em seu contrário, tal como ele próprio postula em 1915.

O caso Dora

Um dos primeiros grandes casos clínicos de Freud, cuja produção e publicação tardias marcaram, historicamente, o movimento psicanalítico, *Fragmentos da análise de um caso de histeria*, (1905 [1901]) é considerado um elo entre *A interpretação dos sonhos* (1900) e os *Três ensaios* (1905). Esta comunicação clínica — na verdade, um *fragmento de análise*⁴⁵ — apresenta elaborações posteriores a 1900 e gira em torno de dois sonhos e do conflito edípico não elaborado da jovem Dora, manifesto, mais precisamente, em seus sintomas marcadamente histéricos. Cabe ressaltar, no entanto, que se trata de história clínica emblemática, no que concerne à questão transferencial. Como o próprio Freud admite em comentário crítico acrescentado ao relato clínico do caso, o fracasso inesperado desse tratamento revela suas dificuldades de interpretação do que ainda estava a apreender: a transferência.

Esta experiência clínica, marcada por hostilidade mútua, mostra a circulação de inclinações amorosas, mas, principalmente, a atuação de tendências hostis presentes na relação transferencial, gerando vingança e rompimento prematuro do tratamento, por parte da paciente, após apenas onze semanas de seu início. No citado pós-escrito, além de entrever o papel primordial da transferência como exigência fundamental, chama a atenção para as referidas moções em circulação:

(...) o enfermo só evoca transferências ternas e amistosas que contribuam para sua cura; não podendo ser esse o caso, ele se afasta o mais rápido possível, sem ser influenciado pelo médico que não lhe é “simpático”. Na psicanálise, (...) despertam-se todas as moções [do paciente], inclusive as hostis. (*Fragmento da análise de um caso de histeria*, 1905 [1901], p. 111)

⁴⁵ Freud assim se refere a este texto clínico, tal como anuncia o próprio título da apresentação. (Cf. Freud, 1905[1901], p. 107)

A jovem Dora vivia em ambiente marcado por discórdia, paixões e mentiras, relações intra e extra-familiares, emaranhadas e densamente ambivalentes. Aos dezesseis anos, repentinamente começou a manifestar, em meio a sintomas histéricos, uma hostilidade que parecia irracional: passou a detestar um velho amigo da família, acusando-o de abordá-la sexualmente quando nele depositava afetuosa confiança. No entanto, suas queixas e indignação não foram ouvidas por seu pai, que a considerava “(...) inabalável em seu ódio pelos K”, a ponto de exigir dele o rompimento dos laços de amizade com os membros da família K. (1905 [1901], p. 33)

As recriminações, dúvidas e necessidades de Dora também não tiveram, por parte de Freud, o reconhecimento e a credibilidade de que essa jovem adolescente, violada em sua confiança e cruelmente assediada, tanto buscava: Freud teve dificuldades em considerar as rejeições e a hostilidade da paciente e não conseguiu alcançar o verdadeiro drama nem as tramas enredadas nas demandas de Dora. Só posteriormente ele entende que “a transferência, destinada a constituir o maior obstáculo à psicanálise, converte-se em sua mais poderosa aliada quando se consegue detectá-la a cada surgimento e traduzi-la para o paciente” (idem, p. 111-2).

A insistência, o imediatismo, a inflexibilidade e imparcialidade de tantas interpretações, além da pressão para que Dora fizesse suas comunicações e acatasse as verdades indesejadas que lhe mostrava, fizeram-no derrapar na condução do caso. Freud imputou o fracasso da análise dessa jovem paciente ao fato de ele não ter trabalhado devidamente a transferência: “Não consegui dominar a tempo a transferência; (...) esqueci a precaução de estar atento aos primeiros sinais da transferência (...)” (idem, p. 112).

Para Freud, Dora interrompeu o tratamento devido a uma transferência vingativa: “(...) ela se vingou de mim como queria vingar-se dele [o Sr. K], e me abandonou como se acreditara enganada e abandonada por ele. Assim *atuou* uma parte essencial de suas lembranças e fantasias, em vez de reproduzi-las no tratamento” (idem, p. 113). Apesar de reconhecer os movimentos transferenciais de Dora, mesmo que tardiamente, Freud não percebera, em contrapartida, sua irritação e impaciência, a falta de neutralidade resultante da repercussão contratransferencial do caso e o furor de curar, que o levava a interpretações irritantes e categóricas, obstruindo, desse modo, a continuidade do tratamento.

O chiste hostil a serviço do ódio

Ainda no mesmo período, em 1905, Freud descobre que o chiste, como disfarçado agente de gratificação, pode ter fins hostis, servindo para agredir e satirizar as pessoas às quais se dirige. (Freud, *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, 1905a, p. 116) As piadas são uma saída bem-vinda para desejos hostis recalcados e comumente ocultam, nas entrelinhas, vinganças e insultos. A piada hostil substitui, pois, desejos frustrados de criticar, atacar e ferir.

Freud chama a atenção para o fato de que as pulsões hostis, a exemplo das pulsões sexuais, igualmente se submetem a progressivo recalçamento. (Idem, p. 122) As restrições morais ao *ódio ativo* são identificadas e válidas para os que fazem parte da mesma comunidade, ao passo que, em se tratando de estrangeiros, tais restrições deixam de ser consideradas. (ibidem)

Freud acrescenta ainda que, apesar da marcante influência da hostilidade, herdada por todos, logo compreendemos não poder manifestá-la por meio de ações. Em contrapartida, por vias transversas, encontramos meios para buscar aliados e testemunhas contra nosso inimigo, ao lhe desferirmos injúrias e insultos pela mediação do riso, tornando-o, assim, mais desprezível (idem, p. 123). Freud percebe o papel relevante dos chistes, como forma de implicar outras pessoas na realização da vingança, quando afirma que os chistes hostis procuram

tornar o ouvinte, inicialmente indiferente, em correligionário de seu ódio ou desprezo, criando para o inimigo um pugilo de oponentes quando, de início, só existia um único. (Freud, *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, 1905a, p. 156)

Essas observações sobre os impulsos de ódio, acumuladas por Freud ao longo dos anos, se tornam valiosas para a metapsicologia do ódio a ser posteriormente desenvolvida.

2.3 Textos metapsicológicos – Primeira Tópica – 1900-1914

Hans reedita o conflito edípico

A clássica análise do Pequeno Hans (1909) reafirma a presença do ódio pelo pai rival, coexistindo com o amor — tensa ambivalência que suscita o primeiro conflito do garoto, marcadamente edípico: o vigor de seu amor pela mãe prevalecia e suprimia o ódio pelo pai. Sem poder extinguir o ódio, no entanto, esse amor o mantinha vivo. (Freud, *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*, 1909a, p. 140)

A situação psíquica de Hans tinha, portanto, a marca do conflito edípico: essencialmente, um conflito de ambivalência, dentre cujas características mais importantes se inclui a oposição entre “(...) um amor bem fundamentado e um ódio não menos justificável dirigidos para a mesmíssima pessoa” (*Inibições, sintomas e ansiedade*, 1926[1925], p. 124). A fobia do menino — saída para a forte ambivalência que o atormentava — deslocava um dos polos dessa ambivalência, o ódio, para os cavalos, objeto substituto para sua atitude edipiana e hostil em relação ao pai: “O impulso instintual que sofreu repressão em ‘Little Hans’ foi um impulso hostil contra o pai” (ibidem).

Freud explica a angústia de Hans como sendo consequência do recalque⁴⁶ de tendências hostis, ou seja, sua propensão agressiva contra o pai e seus impulsos sádicos em relação à mãe (Freud, *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*, 1909a, p. 145). Hans mostra a Freud a importância das tendências agressivas, mas, como apontamos anteriormente, discorda da hipótese de um *instinto de agressão*, sugerida por Alfred Adler, por considerá-la *generalização enganadora*⁴⁷. O autor objeta às teorizações de Adler por se distanciarem do inconsciente e da sexualidade, fato que posteriormente causa dissidência sem volta:

⁴⁶ Utilizamos os termos *recalque* e *recalcado*, em vez de *repressão* e *reprimido*, usualmente empregados nas traduções para a língua portuguesa e obviamente mantidos nas citações.

⁴⁷ Um ano antes, Adler havia proposto que a angústia provinha da supressão do que ele denominou, *instinto agressivo*, ao qual atribuía papel principal nos acontecimentos humanos, na vida real ou na neurose (Freud, *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*, 1909a, p. 145). A existência de uma *pulsão de agressão* (por vezes também designada *pulsão de destruição*), independente da libido, é afirmada por Freud em 1920, no postulado por ele denominado *pulsão de morte*.

Não posso convencer-me a aceitar a existência de um instinto agressivo especial ao lado dos instintos familiares de autopreservação e de sexo, e de qualidade igual à destes. (...) Apesar de toda a incerteza e obscuridade de nossa teoria dos instintos, eu preferiria, no momento, aderir ao ponto de vista usual, que deixa a cada instinto o seu próprio poder de se tornar agressivo (Freud, *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*, 1909a, p. 145-6)

Para Freud, a noção adleriana de um instinto agressivo incorpora o que, na verdade, caracteriza toda pulsão.

O Homem dos Ratos: abertura para a metapsicologia do ódio

Quando, em 1907, o Dr. Ernst Lanzer (a que Freud se referia pelo pseudônimo de o *Homem dos Ratos*) chegou ao consultório de Freud, trouxe-lhe grande e novo problema: o que fazer com o fortíssimo ódio nele tão evidente? Até então, o ódio não havia sido problematizado na teoria psicanalítica. O conceito não figurava entre as teorizações que tinham a histeria como matriz clínica, na qual sexualidade e libido preponderavam. O ódio era considerado genericamente em função da libido, como mera reação à insatisfação de demandas sexuais.⁴⁸

Todavia, as tendências intensamente hostis do *Homem dos Ratos*, que tanto chocaram Freud, impuseram-lhe a ideia de que o ódio podia ter, sim, papel absolutamente fundamental. Isto a partir de uma constatação: o intenso conflito amor-ódio que paralisava a vontade do paciente, resultando em indecisões e incertezas, extensivas a todo o seu comportamento. O *Homem dos Ratos* era nitidamente um neurótico obsessivo-compulsivo, que destilava intenso e duradouro ódio. Foi exatamente este paciente que obrigou Freud a se preocupar com a questão do ódio e a, finalmente, teorizá-la.⁴⁹ As indagações suscitadas pelo caso exigiam elucidação da etiologia da neurose, fundamentada no recalque do ódio, e a definição do estatuto metapsicológico desse afeto.

⁴⁸ Estas questões foram muito bem explicitadas por Luís Carlos Menezes, em seu artigo *Questões sobre o ódio e a destrutividade na metapsicologia freudiana* (Menezes L. C., 1991), retomadas em compêndio de 2001.

⁴⁹ Esta primazia também é destacada em seu próprio texto, quando se refere ao aparecimento da explicação da “notável relação entre o amor e o ódio” (Freud, *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*, 1909b, p. 241).

O *Homem dos Ratos* atormentava-se com a ideia de ter desejado a morte de seu pai como solução para os empecilhos financeiros que impossibilitavam sua aliança com a dama amada. Neste contexto, Freud realçou que “um amor assim intenso era a precondição necessária do ódio reprimido” (Freud, *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*, 1909b, p. 183). Tal efeito não poderia, em hipótese alguma, ser causado por pessoas que lhe fossem indiferentes. O ódio estaria associado a uma origem específica, que o mantinha vivo e indestrutível, e cujas raízes se abrigavam no inconsciente (idem, p. 184).

Freud podia, então, falar de “(...) um conflito entre dois impulsos opostos de força aproximadamente igual; e, até agora, tenho achado, invariavelmente, que esta se trata de uma oposição entre o amor e o ódio.” (idem, p. 195) Em suas palavras,

os conflitos de sentimentos em nosso paciente, os quais aqui enumeramos separadamente, não eram independentes um do outro, mas coligados em pares. Seu ódio pela dama estava inevitavelmente ligado a seu afeiçoamento ao pai, e, de modo inverso, seu ódio pelo pai, com seu afeiçoamento à dama. (Freud, *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*, 1909b, p. 293)

Para Freud, a vida de seu paciente era dominada, desde a infância, por intensa divisão de sentimentos, e o recalcque de seu ódio infantil pelo pai passou a subjugar todo o seu modo de vida, como efeito da neurose. O forte conflito entre amor e ódio impressionava Freud, que já percebera: quando o amor não é satisfeito, pode facilmente se transformar em ódio (idem p. 239). A primazia da ambivalência e, principalmente, dos impulsos de ódio, mostravam-se decisivos naquele quadro clínico em que, por trás de intenso amor, habitava ódio latente, recalcado. A neurose do *Homem dos Ratos* o levava a recalcar seu ódio, assim intensificando seus impulsos libidinais. Tratava-se, na verdade, de um contrainvestimento, uma defesa para escapar de sua intensa hostilidade pelo pai.

No obsessivo, portanto, coexistem, de forma crônica, amor e ódio intensos, dirigidos à mesma pessoa. Esses polos opostos só ocorrem mediante condições psicológicas determinadas e com a interveniência do inconsciente⁵⁰. Segundo Freud,

o amor não conseguiu extinguir o ódio, mas apenas reprimi-lo no inconsciente; e no inconsciente o ódio protegido do perigo de ser

⁵⁰ A importância dos pares de impulsos pulsionais contrários na neurose obsessiva, destacada na história clínica deste paciente, volta a ser apontada em um de seus artigos sobre a técnica: “Na neurose obsessiva, uma precoce separação dos ‘pares de opostos’ parece caracterizar a vida instintual e representar uma de suas precondições constitucionais.” (Freud, *A dinâmica da transferência*, 1912, pp. 141-2)

destruído pelas operações do consciente é capaz de persistir e, até mesmo, de crescer. Em tais circunstâncias, o amor consciente alcança, via de regra, mediante uma reação, um sobremodo elevado grau de intensidade, de maneira a ficar suficientemente forte para a eterna tarefa de manter sob repressão o seu oponente. (Freud, *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*, 1909b, p. 240)

Na base de tal condição, prossegue Freud, na pré-história infantil do sujeito, "*ambos os opostos ter-se-iam separado e um deles, habitualmente o ódio, teria sido reprimido*" (idem, p. 240). O Homem dos Ratos revelara intenso ódio, mantido recalcado pelo amor, ódio este que também exerce importante papel na gênese da histeria e da paranoia. (idem, p. 241)

O "fator *negativo* do amor e os componentes sádicos da libido" ainda permanecem obscuros. Freud evita dar explicações definitivas, mas levanta a hipótese de que, em casos assim, de ódio inconsciente,

(...) os componentes sádicos do amor têm sido, partindo das causas constitucionais, desenvolvidos de modo excepcionalmente intenso, e, em consequência disso, sofrido uma supressão prematura e profundamente radical, e que os fenômenos neuróticos que observamos se originam, de um lado, dos sentimentos conscientes de afeição que ficaram exacerbados como se fossem uma reação, e, por outro lado, do sadismo que persiste no inconsciente sob a forma de ódio. (Freud, *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*, 1909b, p. 241)

Freud comenta ainda os efeitos da indecisão, provocados pela relação de intenso amor-ódio:

Se a um amor intenso se opõe um ódio de força quase equivalente e que, ao mesmo tempo, esteja inseparavelmente vinculado a ele, as consequências imediatas serão certamente uma paralisia parcial da vontade e uma incapacidade de se chegar a uma decisão a respeito de qualquer uma das ações para as quais o amor deve suprir a força motivadora. (...) Destarte, a paralisia de seus poderes de decisão vai-se gradualmente estendendo por todo o terreno do comportamento do paciente. (Freud, *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*, 1909b, p. 241-2)

Indiscutivelmente, no percurso de sua produção teórica, é na análise desta história clínica que Freud faz as primeiras reflexões e inicia a sistematização teórica do ódio. O que antes só aparecia superficialmente, passa a ser visto como produto inicial de uma análise

do ódio e de sua presença no psiquismo. No entanto, até que Freud pudesse contar com as ferramentas teóricas necessárias à elucidação dessa questão, o amadurecimento desta teorização levou alguns anos. Importa aqui destacar que o caso do *Homem dos Ratos* impulsiona significativamente a pesquisa psicanalítica, demandando, de uma vez por todas, o desenvolvimento de uma metapsicologia do ódio. Observamos que, a partir deste emblemático caso, as questões sobre o ódio passam a ser abordadas mais frequentemente.

Da Vinci transforma amor e ódio em conhecimento e arte

Já em 1898, Freud revela seu interesse e predileção por Leonardo da Vinci, “talvez (...) a mais célebre das pessoas canhotas”, de quem “não se tem notícia de nenhum caso amoroso” (Freud, *Carta de 9/10/1898*). Em *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910), o autor examina: o enigma relativo à origem da criatividade do artista, os fundamentos de seu interesse artístico e científico, a relação entre sua criatividade e sua vida psicosssexual, suas inibições e os determinantes de seu desenvolvimento psíquico, sendo centrais as questões de sua homossexualidade e da sublimação.

Nas seis partes que compõem o ensaio, Freud reconstrói a vida emocional deste grande escultor, pintor e investigador, analisa os determinantes infantis de seu desenvolvimento intelectual e de sua história psicosssexual, ao mesmo tempo em que descreve o conflito entre seus impulsos artísticos e científicos. Já no primeiro capítulo do texto, ele aborda o investimento apaixonado de Da Vinci na atividade de pesquisa, as origens infantis da investigação sexual e seus efeitos sobre a vida social e amorosa do artista.

Ao descrever o homem Leonardo da Vinci, Freud chama a atenção para a feminina delicadeza que o caracterizava, sua fria inibição diante do tema sexual, as contradições que o marcavam. Conhecido pela atitude gentil e pacata e pela rejeição a polêmicas, Da Vinci, contraditoriamente, não deixava de acompanhar a execução de criminosos, para observar seu medo, suas expressões de angústia e terror, para posteriormente os expor em seus desenhos. Insistia também em desenhar armas bélicas cruéis, manifestando, desse modo, a origem do sadomasoquismo de suas investigações. Com frequência, aparentava indiferença em relação ao bem e ao mal. Parecia que Eros era “(...) assunto indigno para o pesquisador

em sua busca de sabedoria.” (Freud, *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância*, 1910, p. 65)

Para Freud, Da Vinci revelava, em parte, a natureza de sua vida emocional quando afirmava: “Não se tem o direito de amar ou odiar qualquer coisa da qual não se tenha conhecimento profundo” (idem, p. 68)⁵¹. Freud contesta Da Vinci, lembrando que ninguém posterga o amor e o ódio até alcançar conhecimento pleno do objeto de seus afetos. A vida afetiva mostra o contrário, e os seres humanos são movidos por intensas emoções, que os levam a amar e odiar impulsivamente, sem qualquer interveniência do conhecimento. Freud interpreta que, para Da Vinci, “*dever-se-ia* amar controlando o sentimento, sujeitando-o à reflexão e somente permitir sua existência quando capaz de resistir à prova do pensamento” (idem, p. 69).

Da Vinci não amava nem odiava, apenas se indagava sobre as origens e o significado do que deveria amar e odiar. Desse modo, subordinava amor e ódio ao conhecimento, buscando o controle de seus afetos ao tentar subjugar-los às pulsões de pesquisa. Convertia, portanto, sua paixão em busca insaciável de conhecimento.

Segundo Freud, no caso de Leonardo ocorreu que, “o amor e o ódio se despiam de suas formas positivas ou negativas e ambos se transformavam apenas em objeto de interesse intelectual” (idem, p. 69). O autor presumia, com esta colocação, que as forças psíquicas que movem o amor e o ódio sofrem transformação, sendo convertidas em investigação intelectual. Ele entendia que Da Vinci, “(...) ao atingir o auge de seu trabalho intelectual, isto é, a aquisição do conhecimento, permitia que o afeto há muito reprimido viesse à tona e transbordasse livremente, como se deixa correr a água represada de um rio, após ter sido utilizada” (ibidem).

Na verdade, trata-se do processo de sublimação, que ele aponta como um dos destinos da investigação sexual infantil⁵²: “(...) a libido escapa ao destino da repressão sendo sublimada desde o começo em curiosidade e ligando-se ao poderoso instinto de pesquisa como forma de se fortalecer” (idem, p. 74). Este processo, em que a pulsão é

⁵¹ Na realidade, uma afirmação atribuída a Da Vinci por um autor referido por Freud apenas como Botazzi, conforme consta na correspondente nota de rodapé da página em questão.

⁵² Além da sublimação, Freud também aponta a inibição do pensamento e da curiosidade e, em contrapartida, a exigência compulsiva à pesquisa interminável, como destinos viáveis para os impulsos de pesquisa. (Freud, *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância*, 1910, pp. 73-4)

desviada para novo objetivo não-sexual, com fins culturais, envolve principalmente a investigação intelectual, mas também a atividade artística.

Da Vinci também faz ver a Freud que essa transformação da força psíquica pulsional não se dá sem danos:

O adiamento do amor até o seu pleno conhecimento constitui um processo artificial que se transforma em uma substituição. De um homem que consegue chegar até o conhecimento não se poderá dizer que ama ou odeia; situa-se além do amor e do ódio. Terá pesquisado em vez de amar. (Freud, *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância*, 1910, p. 70)

Ao analisar as inibições da vida sexual e artística de Da Vinci, Freud supõe que, entregue à sedução materna e sem a presença do pai, ele foi precocemente exposto à maturidade sexual, o que o levou à exacerbação de sua curiosidade sexual e sublimação de grande parte de sua libido em ânsia pela pesquisa: “O instinto de ver e de saber foram os mais fortemente excitados pelas impressões mais remotas de sua infância (...)” (idem, p. 119). Considerando as investigações sadomasoquistas de Da Vinci, conforme anteriormente destacamos, Freud entrevê fortes traços sádicos na infância do artista (idem, p. 120) e, para concluir, admite: “Os instintos e suas transformações constituem o limite do que a psicanálise pode discernir” (idem, p. 123). O autor assim reconhece a dificuldade de explicar a tendência especial de Da Vinci para recalcar suas pulsões e sua imensa capacidade para sublimar as pulsões primitivas.

A paixão do ódio move a paranoia

Antes de tudo, é importante ressaltar que Freud já aborda a paranoia nos primeiros trabalhos psicanalíticos⁵³, em que examina diversos quadros psicopatológicos, do ponto de vista da etiologia sexual, e elabora as formulações que então desenvolvia sobre o psiquismo.

Em 1911, em clássico estudo sobre a paranoia, ele discute o *Caso Schreber*, baseado nas *Memórias de um doente dos nervos* (1903), obra autobiográfica do próprio Schreber. O

⁵³ A paranoia foi inicialmente tratada no *Rascunho H*, em que Freud observa que as alucinações, presentes em algumas modalidades da doença, são *hostis ao ego*, embora funcionem em apoio à defesa (Freud, *Rascunho H. Paranoia*, 1895b, p. 298); no *Rascunho K*, sobre as neuroses de defesa (1896), Freud também aborda a questão da paranoia.

Dr. Daniel Schreber exibiu uma série de sintomas delirantes, cuja etapa inicial fora marcada pela forte ambivalência afetiva em relação ao pai, que remontava à história de sua infância. O ódio paranoico de Schreber, transformado por seu amor homossexual pelo pai, intensamente repudiado, passou a funcionar como contrainvestimento defensivo, sendo projetado e percebido como perseguição. O desejo de se livrar desta forte ambivalência afetiva conduziu à projeção do ódio e da violência pulsional no outro, processo que veio a se manifestar de forma delirante, como Freud já observara em seus primeiros manuscritos.

A partir do delírio persecutório, põe-se em marcha um processo de projeção e de transformação da organização afetiva, que move o paranoico na seguinte direção: “não sou eu quem odeia, é ele que me odeia, por isso me persegue”. Ao discutir o mecanismo da paranoia no caso em questão (Freud, 1911, pp. 83-7), Freud considera a alteração sofrida pelo ego sob o prisma do narcisismo, no qual a libido faz o caminho de volta do objeto para o ego. Em um segundo momento, o ego tenta reinvesti-la no objeto, por meio da reconstituição do mundo, que Schreber expressa no delírio que constrói. Portanto, a paranoia, definida por Freud como defesa contra o desejo homossexual, é movida e regida pela paixão do ódio. Ódio em sua dimensão narcísica, portanto, evidenciado não apenas nesta patologia — em que pode conduzir até mesmo à aniquilação do objeto—, mas também na melancolia — em que, por vezes, para aniquilar o outro, o indivíduo considera a possibilidade de suicídio —; ou ainda no quadro da esquizofrenia, quando qualquer ameaça por parte do outro é vivida como invasão.

O ódio antecede o amor, e a ambivalência na explicação do ódio

Dois anos depois (1913), ao retomar a questão da neurose obsessiva quanto à predisposição, Freud insiste em destacar a predominância do ódio entre os sintomas desta neurose e ressalta: a supermoralidade, necessária ao obsessivo, tem por objetivo preservar o amor objetual da “hostilidade que por trás dele espreita” (Freud, *A predisposição à neurose obsessiva*, 1913a, pp. 335-6). Embora inicialmente incompreensível para Freud, a afirmação de W. Stekel — segundo a qual “o ódio, e não o amor, é a relação emocional primária entre os seres humanos” (idem, p. 336) — é incorporada por Freud, que passa a entender o surgimento da moralidade como decorrência do fato de o ódio anteceder o

amor no curso do desenvolvimento. Por ter formulado a conhecida afirmação de que o ódio é “precursor do amor” (ibidem),⁵⁴ Freud ajuda a celebrar a ideia de Stekel.

Tendo estruturado os fundamentos da teoria psicanalítica, Freud começa a refletir sobre a questão cultural, que explicita em sua obra *Totem e Tabu* (1913), resultado deste novo percurso. No segundo capítulo da obra – *O tabu e a ambivalência dos sentimentos* –, realiza longo estudo sobre o tabu, em que chama a atenção para a ambivalência dos sentimentos presentes nas relações do sujeito com o mundo que o circunda.

No referido ensaio, realça também o elevado grau de ambivalência emocional que caracteriza tanto os povos primitivos como os obsessivos. Em minucioso estudo sobre o tabu dos povos primitivos relativo aos mortos, Freud chama atenção para a transformação afetiva por aqueles imposta a estes, quando “(...) o cuidado, a devoção e as homenagens religiosas (...) cessam, e se transformam em ódio e desprezo (...)” (Freud, *Totem e tabu*, 1913b, p. 64). Freud considera que tal tabu é defesa contra a hostilidade inconsciente e descobre ainda que, para os primitivos, as almas dos mortos se tornam demônios, posto que nelas são projetados sentimentos hostis inconscientes. O autor igualmente considera defesas contra o ódio oculto, mantido sob recalque, as autocensuras obsessivas e os inconscientes impulsos de ódio, que sobrevivem após a morte de pessoas queridas.

No quarto capítulo do livro, intitulado *O retorno do totemismo na infância*, Freud introduz definitivamente o conceito de ambivalência⁵⁵ em seu estudo do ódio e reitera tal conceito em sucessivos pronunciamentos sobre a natureza e as manifestações do ódio. Observando os deslocamentos verificados no desenvolvimento afetivo da criança, ele se refere ao “(...) conflito que surge dessa atitude emocional de duplo aspecto, ambivalente, para com o pai, deslocando seus sentimentos hostis e temerosos para um *substituto* daquele” (idem, p. 156).

Freud pressupõe que “a ambivalência que (...) jaz na raiz de muitas instituições culturais importantes (...) originalmente (...) não fazia parte de nossa vida emocional, mas foi adquirida pela raça humana em conexão com o complexo-pai (...)” (idem, p. 186).

⁵⁴ É importante frisar que Freud dá o devido crédito a Wilhelm Stekel pela afirmação que adotara.

⁵⁵ Vale salientar que o termo *ambivalência* foi tomado de empréstimo por Freud a Eugen Bleuler, que o criou em 1911, para se referir à ambivalência das intenções/atitudes afetivas. (Freud, *A dinâmica da transferência*, 1912, pp. 144-5)

Há numerosas observações de Freud em relação à manifestação do ódio em coexistência com o amor, inclusive no âmbito das relações entre nações. No tópico intitulado *A desilusão causada pela guerra*, escreve:

Formações reativas contra certos instintos (...) são favorecidas pelo fato de que alguns impulsos instintuais aparecem em pares de opostos quase que desde o início, algo digno de nota e estranho para o conhecimento popular, denominado “ambivalência afetiva”. O mais fácil de observar e de apreender com a inteligência é o fato de que o amor intenso e o ódio intenso surgirem com muita frequência unidos na mesma pessoa. A isso a psicanálise acrescenta que não é raro os dois impulsos afetivos tomarem a mesma pessoa por objeto. (Freud, *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*, 1915a, p. 219)

2.4 O ódio no primeiro dualismo pulsional

Ainda mobilizado pelos efeitos da experiência clínica que *O Homem dos Ratos* impusera, o fundador da psicanálise vê-se, cada vez mais, obrigado a encontrar lugar para o ódio na teoria revigorada. Como anteriormente *O Homem dos Ratos* faz mover os conceitos, igual avanço posteriormente se dá quando a teoria alcança novo patamar. Ressaltamos, nesta parte, alguns tópicos ligados à metapsicologia, que gradativamente catalisaram a temática do ódio.

Ódio como autopreservação

A questão do ódio se impõe cada vez mais, até ganhar destaque no ensaio *Os instintos e seus destinos*, de 1915, em que Freud apresenta a primeira teoria das pulsões⁵⁶ e dá continuidade aos artigos metapsicológicos que organizam a psicanálise como campo

⁵⁶ Em 1920, com o advento da segunda teoria das pulsões, tem lugar nova reformulação em relação à teorização do ódio.

conceitual⁵⁷. O conceito de pulsão — indiscutivelmente, um dos conceitos fundamentais da psicanálise — impulsiona a teorização do ódio.

O referido ensaio sobre as pulsões consolida a proposição até hoje mantida como fundamento da psicanálise, qual seja: o homem é movido pela circulação constante das pulsões, é marcado pela herança arcaica da ambivalência pulsional — ambivalência esta que, como Freud já afirmara, é inerente ao recalcado (1917) —, e sua vida psíquica é governada por polaridades estreitamente relacionadas. A hipótese freudiana central enfatiza que o ódio não é negativo do amor, e seus derivados, “(...) não provêm da vida sexual, mas da luta do Eu por sua conservação e afirmação” (Freud, *Os instintos e seus destinos*, 1915b, p. 78).

Neste pano de fundo, o ódio é problematizado por Freud como polo da ambivalência afetiva e da conversão do amor, único caso de inversão do conteúdo de uma pulsão em seu contrário, tal como ele assinala:

A transformação de um instinto em seu contrário (...) é observada apenas em um caso, na *conversão de amor em ódio*. Sendo muito frequente encontrar os dois dirigidos simultaneamente para o mesmo objeto, tal coexistência oferece o mais significativo exemplo de ambivalência afetiva. (Freud, *Os instintos e seus destinos*, 1915b, p. 71-2)

Se Freud anteriormente destacara o ódio ligado a rivalidade e inveja, dirigidas ao pai interditor, que impede o amor, o enfoque metapsicológico do referido afeto, em 1915, passa a envolver a complexa trama de constituição do psiquismo. Neste contexto, ódio e narcisismo são associados.

Freud ancora sua teorização sobre o ódio na polaridade amar-odiar. Originariamente mais antigo que o amor, o ódio,

enquanto relação com o objeto, (...) surge da primordial rejeição do mundo externo dispensador de estímulos, por parte do Eu narcísico. Como expressão da reação de desprazer provocada por objetos, sempre permanece em íntima relação com os instintos de conservação do Eu (...). (Freud, *Os instintos e seus destinos*, 1915b, p. 79)

⁵⁷ Embora o termo (*pulsão*) já tivesse sido mencionado na teoria como fator energético que impulsiona o psiquismo, só no texto *Três ensaios sobre a teoria sexualidade* (1905) o conceito de *pulsão* é introduzido.

Nesta perspectiva, a origem do ódio está ligada à constituição do ego e da realidade, processo que envolve diferentes etapas e oposições preliminares. Freud concebe uma genealogia do ego, criando distintos momentos constitutivos do sujeito psíquico, num *continuum* que vai do *Eu-realidade* inicial, do *Eu-de-prazer* (idem, p. 75), até alcançar o *Eu-realidade* definitivo.⁵⁸ A cada etapa se estabelece relação específica entre amar e odiar, envolvendo diferentes oposições, quais sejam: *amor e ódio* conjuntamente, em contraposição à *indiferença*; *amor* como oposto do *ódio*; e, por fim, de marca essencialmente narcísica, a oposição amar e *ser amado* (idem, p. 72). Freud busca a compreensão dessas oposições nas polaridades que regem a vida psíquica e, para ele, mantêm estreita relação entre si. São elas:

sujeito (Eu) - objeto (mundo externo);

prazer - desprazer;

ativo - passivo. (Freud, *Os instintos e seus destinos*, 1915b, p. 72-3)

Uma teoria narcísica do ódio

Nos primórdios da vida psíquica, o ego, em absoluto estado narcísico, coincide com o que é prazeroso, e todas as fontes de prazer são atribuídas ao ego identificado a si mesmo. Em contrapartida, o mundo é exterior, e o objeto, além de tudo aquilo que não é Eu, corresponde ao que é indiferente ou desprazeroso (Freud, *Os instintos e seus destinos*, 1915b, p. 74). Para Freud, essa indiferença — reação do repúdio inicial do Eu narcísico — é precursora do ódio (idem, p. 76), e a primeira polaridade, *amar-odiar/indiferença*, é instituída.

Originalmente autoerótico, o ego não necessita do mundo externo. Contudo, a autoconervação se impõe, levando essa instância a receber os objetos que fazem parte do mundo exterior e, como resultado, a perceber, às vezes como desprazerosos, os estímulos internos. Nova etapa tem lugar, e neste processo de formação,

ele acolhe em seu Eu os objetos oferecidos, na medida em que são fontes de prazer, introjeta-os (conforme a expressão de Ferenczi) e

⁵⁸ O psicanalista Joel Birman pertinentemente ressalta que, para analisar a genealogia entre os registros do amar-odiar, Freud precisou formular oposições preliminares que estariam inscritas na constituição genealógica do sujeito (*As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico*, 2009a, pp. 144-5)

por outro lado expõe de si o que se torna, em seu próprio interior, motivo de desprazer. (...) Logo há uma mudança do Eu-realidade inicial (...) em um purificado *Eu-de prazer*, que põe o atributo do prazer acima de qualquer outro. (Freud, *Os instintos e seus destinos*, 1915b, p. 74-5)

Há, portanto, mudança do *Eu-realidade inicial* — que faz a distinção interior-exterior — em *Eu-de-prazer* purificado, que coloca o prazer acima de tudo. O mundo externo se subdivide em uma parte prazerosa, que o ego a si incorpora e com ela se identifica, e outra parte que se associa ao que traz estímulos desprazerosos, que é resto, percebido como estranho e sentido como hostil: “Ele segregou uma parte integrante do próprio Eu, que lança ao mundo externo e percebe como inimiga” (idem, p. 75). Por efeito deste reordenamento, o Eu-sujeito coincide com o prazer, e o mundo externo, com o desprazer.

Com a chegada do objeto ao Eu narcísico, a segunda antítese do amar, ou seja, o odiar, por conseguinte, se interpõe. Esta oposição reflete a polaridade prazer-desprazer. Freud então propõe que

(...) o sentido original do ódio designe a relação para com o mundo exterior alheio e portador de estímulos. A indiferença se liga ao ódio, à aversão, como um seu caso especial, após ter surgido primeiro como seu precursor. O exterior, o objeto, o odiado, seriam sempre idênticos no início. (Freud, *Os instintos e seus destinos*, 1915b, p. 75-6)⁵⁹

Odiar significa, pois, rejeitar, expulsar, afastar o que causa desprazer, e a relação do Eu com o mundo externo tem sentido primordial de odiar. Eis a dinâmica narcísica que se estabelece no processo de constituição do Eu: *ou ele ou eu*. O Eu incorpora o objeto que o ama e o satisfaz, e odeia e expulsa o objeto que é motivo de desprazer. O prazer e o desprazer expressam, desse modo, as relações entre o Eu e o mundo dos objetos: o Eu se vê atraído pelos objetos que propiciam prazer — quando, então, dizemos que “amamos” esse objeto; em contrapartida, ele se distancia e passa a odiar os objetos que suscitam desprazer. Esse ódio pode vir a se intensificar de maneira tal, que resulte na agressão, ou até mesmo, na aniquilação do objeto. (idem, p. 76)

⁵⁹ Freud volta a ressaltar esta mesma distinção: “(...) o Eu-de-prazer original quer introjetar tudo o que é bom e excluir tudo que é mau. (...) Para o Eu, o que é mau e o que é forasteiro, que se acha de fora, são idênticos inicialmente”. (Freud, *A negação*, 1925, p. 278)

Estas considerações levam Freud a pontuar enfaticamente que as denominações amor e ódio devem ser restringidas às relações do Eu total com os objetos. Pertinentemente, lembra que não falamos que “amamos os objetos que são úteis à conservação do Eu; enfatizamos que temos necessidade deles” (idem, p. 77). O termo “amar” é sempre usado para exprimir a relação do Eu com os objetos sexuais. Já “odiar” expressa a relação de desprazer, ou seja:

O Eu odeia, abomina, persegue com propósitos destrutivos todos os objetos que se lhe tornam fonte de sensações desprazerosas, não importando se para ele significam uma frustração da satisfação sexual ou da satisfação de necessidades de conservação. (Freud, *Os instintos e seus destinos*, 1915b, p. 78)

Freud aqui realça alguns aspectos fundamentais: amor e ódio são totalmente contrários, no que se refere a conteúdo, e a relação entre eles se caracteriza como complexa; antes de se tornarem opostos, ambos têm origem e evolução próprias por influência da relação prazer-desprazer.

O amor é expressão da busca motora pelos objetos que são fonte de prazer. Narcísico em suas origens e só depois destinado aos objetos incorporados pelo Eu, vincula-se intimamente à atividade das pulsões sexuais; e, quando estas alcançam sua síntese, coincide “(...) com a totalidade da procura sexual” (idem, p. 79). O amor atravessa etapas preliminares em seu desenvolvimento: incorporar ou devorar — forma de amor ambivalente, que ocorre quando o objeto ainda não existe separadamente; amor que quase não se diferencia do ódio, que quer a posse do objeto, sem qualquer preocupação em danificá-lo ou destruí-lo — em curso na fase mais desenvolvida da organização sádico-anal; por fim, amor que vai se contrapor ao ódio — na fase genital do desenvolvimento libidinal.

Ao finalizar este ensaio, Freud retoma a conhecida formulação, antes referida, segundo a qual, “enquanto relação com o objeto, o ódio é mais antigo que o amor” (idem, p. 79). Postula, ainda, que o ódio

(...) surge da primordial rejeição do mundo externo dispensador de estímulos, por parte do Eu narcísico. Como expressão da reação de desprazer provocada por objetos, sempre permanece em íntima relação com os instintos de conservação do Eu, de modo que instintos do Eu e instintos sexuais podem facilmente constituir uma

oposição que repete a de ódio e amor. Quando os instintos do Eu dominam a função sexual, como sucede no estágio da organização sádico-anal, eles conferem também à meta sexual as características do ódio. (Freud, *Os instintos e seus destinos*, 1915b, p. 79)

Como antes observamos, ao refletir sobre gênese e natureza do ódio, Freud associa ódio e narcisismo. Podemos, portanto, pensar que sua tese sobre o narcisismo, concebida um ano antes (1914), abre caminho para a teorização metapsicológica do ódio.

Freud, por fim, chama a atenção para o ódio entremesclado, misturado ao amor e dirigido a um mesmo objeto. Essa mescla remonta às origens das pulsões de conservação do ego. Quando se rompe uma relação amorosa com um objeto, por vezes o ódio toma o lugar do amor, dando a impressão de ter havido transformação do amor em ódio. Freud amplia esta descrição, supondo que o ódio produzido por alguma causa real é fortalecido com a regressão do amor à fase sádica primeira. O odiar adquire, então, caráter erótico, de modo que a relação de amor tem assegurada sua continuidade. (Idem, p. 80)

Melancolia: identificação narcísica com o objeto odiado

O conflito de ambivalência amor-ódio, que caracteriza a neurose obsessiva e os tabus dos primitivos, revela-se também no quadro da melancolia, tal como Freud demonstra no clássico trabalho metapsicológico *Luto e melancolia* (1917). Ele entrevê, entre os fatores que desencadeiam a melancolia,

(...) todas as situações de ofensa, desprezo e decepção através das quais pode penetrar na relação uma oposição de amor e ódio ou pode ser reforçada uma ambivalência já existente. Esse conflito de ambivalência, de origem ora mais real, ora mais constitutiva, não deve ser desconsiderado entre os pressupostos da melancolia. (*Luto e melancolia*, 1917 [1915], p. 67)

No ensaio *Os instintos e seus destinos* (1915), Freud já aponta questões que posteriormente retoma em *Luto e melancolia*:

(...) a identificação é a etapa preliminar da escolha de objeto, e é a primeira modalidade, ambivalente na sua expressão, pela qual o ego distingue um objeto. Ele gostaria de incorporá-lo, na verdade, devorando-o, de acordo com a fase oral ou canibalística do desenvolvimento libidinal. (*Luto e melancolia*, 1917 [1915], p. 63)

No mesmo texto, o autor também destaca a identificação narcísica com o objeto, que marca a melancolia, cuja dinâmica aciona um processo de regressão do amor objetual — notadamente pouco resistente — em direção ao narcisismo do ego. Há, portanto, “(...) substituição do amor objetual por identificação” (idem, p. 63), mecanismo por Freud considerado importante para as afecções narcísicas. No quadro melancólico, a perda do objeto de amor, em substituição, remete à identificação, que, por sua vez, faz ressurgir com bastante força a ambivalência preexistente. O conflito de ambivalência constitui, portanto, não apenas marca da neurose obsessiva, como o *Homem dos Ratos* enfaticamente demonstrara, mas é também um dos pressupostos do quadro melancólico.

A ambivalência desencadeia luto de natureza densamente patológica no melancólico e aciona complexa relação com o objeto, que se enreda nas tramas de exacerbada luta entre ódio e amor: o amor pelo objeto se satisfaz por meio da incorporação fantasmática deste, e ao se tratar como objeto, o ego contra si direciona sua hostilidade primordial e sua vingança contra os objetos originários do mundo externo. O ódio que o melancólico dirige contra si mesmo encobre, portanto, seu ódio ao objeto (idem, p. 69). Esse ódio “entra em ação” no objeto substituto, voltando-se para o próprio ego, que, delirantemente, se acha indigno de viver. Em suma, o ódio domina a dinâmica intrapsíquica mediante conflito indelével, desencadeado por uma instância crítica tirânica, que, sem trégua, tenta subjugar o Eu.

O ódio recai, pois, sobre a própria pessoa: aquele que odeia é também aquele que é odiado, ou seja, trata-se do ódio de si mesmo⁶⁰, tal como expressa Freud:

Se o amor pelo objeto – um amor que não pode ser abandonado, ao mesmo tempo que o objeto o é – se refugiou na identificação narcísica, o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, insultando-o, humilhando-o, fazendo-o sofrer e ganhando nesse sofrimento uma satisfação sádica. O autotortimento indubitavelmente deleitável da melancolia significa (...) a satisfação de tendências sádicas e de tendências ao ódio relativas a um objeto, que por essa via sofreram um retorno para a própria pessoa. (Freud, *Luto e melancolia*, 1917 [1915], p. 67)

Freud destaca as várias lutas entre ambivalências que se travam no inconsciente – a própria ambivalência constitutiva, inerente ao recalcável, e as experiências traumáticas

⁶⁰ Mais tarde, em *O eu e o id* (1923), esta dimensão do ódio de si próprio é considerada em relação à neurose obsessiva e à melancolia — no âmbito, portanto, da segunda tópica freudiana.

com o objeto. Entre tais batalhas de ambivalência, ele incluiu o conflito “(...) entre uma parte do ego e a instância crítica” (idem, p. 83). O conflito de ambivalência, portanto, torna complicada a relação de objeto na melancolia, e o ego se vê subjugado pelo objeto, que se mostra muito mais forte. Em torno dele se enredam, no inconsciente,

(...) inúmeras batalhas isoladas, nas quais ódio e amor combatem entre si: um para desligar a libido do objeto, outro para defender contra o ataque essa posição da libido. (...) A ambivalência constitutiva pertence ao reprimido, e as experiências traumáticas com o objeto podem ter ativado um outro material reprimido. (Freud, *Luto e melancolia*, 1917 [1915], p. 81 e 83)

Por fim, além da perda do objeto e da regressão da libido para o narcisismo, Freud entrevê, na grande ambivalência que domina o melancólico, condição econômica para desencadeamento da mania posterior à melancolia. (idem, p. 85)

A noção de ambivalência, definitivamente incorporada ao arsenal conceitual psicanalítico, passa a ser cada vez mais utilizada nas teorizações freudianas⁶¹ e é plenamente incluída no contexto da primeira teoria freudiana das pulsões e na explicação do ódio.

2.5 Textos da Segunda Tópica – 1920-1938

Mas como pode o instinto sádico, que visa ferir o objeto, ser derivado do Eros, conservador da vida?

(Freud, *Além do princípio do prazer*, 1920, p. 225)

Além do princípio do prazer – ódio e pulsão de morte

Outra grande reviravolta na elaboração teórica do pensamento psicanalítico se dá quando a última teoria das pulsões é apresentada por Freud em *Além do princípio do prazer* (1920). Trata-se de texto reorganizador da psicanálise, no qual, além de retomar trabalhos metapsicológicos de 1915, o autor elabora sua segunda tópica. No referido ensaio, Freud inicialmente reflete sobre novo dualismo pulsional, por meio da dinâmica entre pulsões de vida e de morte.

⁶¹ Posteriormente, passa também a integrar teorizações de outros psicanalistas, tais como K. Abraham e M. Klein.

Até então, na primeira teoria do dualismo pulsional, a psicanálise apenas lida com pulsões sexuais e de autoconservação. A partir da nova teoria dualista, que enseja mais pesquisas, Freud estabelece novo patamar para o ódio, passando a relacioná-lo à pulsão de morte e à *pulsão de agressão (Aggressionstrieb)*⁶² — expressão com que geralmente designa a pulsão de morte voltada para o exterior, cuja meta é ferir, destruir o objeto.

A questão da destrutividade aparece, então, explicitamente. Partindo da hipótese de uma tendência primária à redução completa das tensões — *princípio do Nirvana*⁶³ —, Freud, ao postular a pulsão de morte, busca reafirmar o princípio econômico da tendência ao zero e tenta explicar a tendência à compulsão e à repetição, a origem da agressão e a prevalência da autoagressão⁶⁴ sobre a agressão contra outrem. Se anteriormente, apenas a pulsão sexual tem primazia e direito de ser, ocupando lugar de destaque na origem do conflito intrapsíquico, a partir daí, na reformulação da concepção do dualismo pulsional, a agressão passa a ocupar importante papel na teoria. Freud a vincula à *pulsão de morte* — pulsão independente que, preliminarmente, se dirige ao interior, inclinando-se, de início, para a autodestrutividade, e só secundariamente se voltando para o exterior, como pulsão de agressão ou de destruição. Para Freud,

a libido encontra nos seres vivos (multicelulares) o instinto de morte ou destruição que neles vigora, que busca desintegrar este ser e conduzir cada um dos organismos elementares ao estado de inorgânica estabilidade (...). Ela tem a tarefa de fazer inócuo esse instinto destruidor, e a cumpre desviando-o em boa parte — e logo com ajuda de um sistema orgânico particular, a musculatura — para fora, para os objetos do mundo exterior. Então ele se chamaria instinto de destruição, instinto de apoderamento, vontade de poder. (*O problema econômico do masoquismo*, 1924, p. 191)

Nesta perspectiva, a aventura humana é tecida, do começo ao fim, por paradoxos inseparáveis entre Eros e Thanatos. A oposição amor-ódio coincide com a nova polaridade pulsional, e a agressividade e a destrutividade, como expressões da *pulsão de morte*. Antes à margem e de difícil integração na primeira teoria das pulsões, o ódio passa a ser

⁶² Termo introduzido por Alfred Adler em 1908.

⁶³ Expressão que Freud tomou de empréstimo a Barbara Low (*Freud, Além do princípio do prazer*, 1920, p. 228)

⁶⁴ Tal como evidenciam a clínica do luto e da melancolia, a reação terapêutica negativa, fenômenos que manifestam tendências masoquistas do ego, como ressaltam Laplanche e Pontalis (*Vocabulário de psicanálise* — Laplanche e Pontalis, 1991, p. 13)

naturalmente associado à *pulsão de morte*.⁶⁵ Freud busca lugar para a oposição amor e ódio no contexto do novo dualismo, relacionando as duas polaridades:

Na atual penumbra em que se acha a teoria dos instintos, não convém rejeitar qualquer ideia que prometa alguma luz. Partimos da grande polaridade de instintos de vida e instintos de morte. O próprio amor objetual nos mostra uma segunda oposição assim, aquela de amor (afeição) e ódio (agressão). Se conseguíssemos relacionar essas duas polaridades, fazer uma remontar à outra! (Freud, *Além do princípio do prazer*, 1920, p. 225)

Para corroborar a distinção entre pulsões de vida e de morte, ele recorre à polaridade entre amor e ódio e, enquanto vislumbra o amor como representante de Eros, relaciona o ódio à pulsão de destruição, representante da pulsão de morte. Cabe aqui salientar, nesta mesma perspectiva, a mistura e separação que também pode acontecer com os afetos de ódio e de amor, tal como destacado por Freud em 1915, no texto *Os instintos e seus destinos*.

Esta nova dualidade suscita importante questão: a mistura das pulsões de vida e de morte e a relação de forças entre elas, já que os impulsos agressivos — antes vistos como causadores de rupturas na sexualidade — passam a ser considerados tão poderosos quanto os sexuais. Resta saber como tais pulsões antagônicas se combinam e qual a dinâmica de seu mútuo funcionamento.

Freud antes identificara, na pulsão sexual, um componente sádico, que tanto pode se tornar independente e predominar sobre a tendência sexual, quanto se tornar dominante, como pulsão parcial, numa das etapas pré-genitais do desenvolvimento.⁶⁶ No entanto, como explicar a possível derivação, de Eros, da pulsão sádica, quando seu propósito é causar danos ao objeto? Não é tal sadismo — pergunta-se Freud — “(...) instinto de morte que foi empurrado do Eu pela influência da libido narcísica, de modo que surge apenas em relação ao objeto? Então ele entra a serviço da função sexual” (Freud, *Além do princípio do prazer*, 1920, p. 225).

⁶⁵ É importante realçar o que Laplanche e Pontalis resumem quando afirmam que o conceito de *pulsão de morte* não é meramente conceito amplo, que apenas reúne tudo o que fora visto antes como manifestação agressiva. A *pulsão de morte* é expressão daquilo que é específico do desejo inconsciente e característico da sexualidade humana: seu caráter irreduzível, insistente e sua tendência à redução absoluta das tensões. Os autores ressaltam essa observação, tendo em vista o fato de o dualismo *pulsão de vida* — *pulsão de morte* ser, com muita frequência, associado ao dualismo sexualidade—agressividade. (Laplanche & Pontalis, 1991)

⁶⁶ Freud já o reconhecia desde 1905, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905).

Freud salienta, ainda, a ligação da pulsão sexual com a destruição do objeto característico do amor possessivo, na fase oral da organização libidinal; posteriormente, na etapa genital do desenvolvimento, a pulsão sádica se separa, tendo em vista a procriação, e assume papel de subjugador do objeto. Freud busca assim explicar que parte do caráter destruidor da pulsão de morte é neutralizada pela pulsão de vida que a erotiza, ressaltando a ambivalência amor-ódio como produto de fusão⁶⁷ não realizada:

(...) o sadismo expulso do Eu mostrou o caminho aos componentes libidinais do instinto sexual; depois estes acorrem para o objeto. Quando o sadismo original não experimenta atenuação ou fusão, produz-se a conhecida ambivalência de amor e ódio na vida amorosa. (*Além do princípio do prazer*, 1920, p. 226)

Em seguida, no ensaio *O Eu e o Id*, de 1923, ele retoma a questão da mescla pulsional — considerando então a possibilidade, em paralelo, da *desfusão* entre sexualidade e agressividade — e aponta, como exemplo clássico de *fusão*, a existência do componente sádico da pulsão sexual. Quando tal componente se torna autônomo, como perversão, e passa a ter domínio sobre a vida sexual, Freud o considera modelo de *desfusão*. Ao admitir a *fusão* e a *desfusão pulsionais*, passa a observar vários exemplos de separação das pulsões, dentre os quais a ambivalência, por ele também considerada “(...) tão primordial, que deve ser antes uma mescla instintual não consumada” (idem, p. 52).

Para Freud, a mistura entre pulsões decorre do caráter a ambas intrínseco. O autor assim concebe tanto a mistura (*fusão*), quanto a separação (*desfusão*) das pulsões de vida e de morte⁶⁸: a pulsão de vida favorece a *fusão*, e, sendo fator de ligação, impele à *fusão* de tais pulsões; a pulsão de morte, em contraposição, tende a dissociar as relações, impelindo à *desfusão*. Assim é que, se a libido prepondera, faz sobressair a *fusão*, e se é a agressividade que prevalece, a *desfusão* tende a ter maior domínio, fazendo a *fusão* pulsional perder a coesão. Vale ressaltar que a *fusão* e *desfusão pulsionais* realçam a dinâmica paradoxal das pulsões e dos afetos.

⁶⁷ Preferimos usar os termos *fusão/desfusão* em vez de *junção/desjunção*, empregados na recém-lançada edição *Sigmund Freud; Obras Completas*, com tradução de Paulo César de Souza, que ora utilizamos como referência.

⁶⁸ Freud exemplifica com o caso do componente sádico da pulsão sexual, mistura pulsional que se adequa a alguma finalidade ou na *desfusão* que se dá no sadismo quando atua de forma autônoma, como perversão.

O ódio e as novas instâncias psíquicas

No texto *O Eu e o Id*, em que apresenta novo modo de organização da psique por meio das instâncias id, ego e superego, ao fazer corresponder a polaridade amor-ódio com a de pulsão de vida-pulsão de morte, Freud sugere que o ódio *aponta* para a *pulsão de destruição* e que

(...) é não somente o inesperado acompanhante regular do amor (ambivalência), não apenas o seu frequente precursor nas relações humanas, mas também que o ódio, em várias circunstâncias, transforma-se em amor, e o amor, em ódio. Quando essa transformação é mais do que mera sucessão temporal, simples substituição, claramente desaparecem os alicerces para uma distinção fundamental como essa entre instintos eróticos e de morte, que pressupõe processos fisiológicos que correm em direções opostas. (Freud, *O Eu e o Id*, 1923, p. 53)

As preocupações de Freud não incluem casos em que alguém, a princípio, ama uma pessoa e depois a odeia, ou vice-versa; ou quando o amor se expressa primeiramente pela hostilidade e agressão, circunstância em que o *componente destrutivo* se adianta, no investimento ao objeto, até a vertente erótica vir a ele se agregar (Freud, *O Eu e o Id*, 1923, p. 53). Chama sua atenção a transformação do amor em ódio na gênese da homossexualidade no caso da paranoia: por efeito da defesa contra desejos homossexuais, alguém que é tão amado passa a ser perseguidor e, por conseguinte, odiado; ou nos casos em que, só com a superação de rivalidades agressivas, um objeto, antes odiado, passa a ser amado ou se torna objeto de identificação. Ao se indagar se tais casos exemplificam a transformação direta do ódio em amor, Freud afirma que, nesse contexto, ocorrem mudanças apenas internas, sem interveniência de modificações de conduta do objeto. (idem, p. 54)

A ambivalência se faz presente desde o princípio do processo paranoico, em que a transformação amor-ódio ocorre mediante *deslocamento reativo do investimento*, a partir da redução de energia da moção erótica e introdução da energia do impulso hostil. Como a *atitude hostil* não tem meios de descarga, no caso da superação da rivalidade hostil — que conduz à homossexualidade —, a *atitude amorosa*, que viabiliza mais a satisfação, a ela se sobrepõe. Para Freud, a suposição da transformação de ódio em amor não se justifica, pois, é “(...) incompatível com a diferença qualitativa das duas espécies de instintos” (idem, p. 55).

Todas estas referências à transformação amor-ódio, segundo Freud, requerem a suposição de que há no psiquismo uma energia, deslocável e indiferente, que pode se agregar a um impulso erótico ou destrutivo e intensificar o investimento total deste. Essa energia — *reserva de libido narcísica, Eros dessexualizado* — opera no ego e no id. As pulsões sexuais parciais evidenciam processos semelhantes, tal como a comunicação que pode se estabelecer entre elas quando, por exemplo, a pulsão de uma fonte, principalmente erógena, pode transferir sua intensidade para o fortalecimento de uma pulsão parcial de outra fonte, ou quando a satisfação de uma pulsão substitui a satisfação de outra pulsão. (idem, p. 55-6)

Freud concebe que as pulsões sexuais têm mais mobilidade e capacidade de circulação e deslocamento do que as pulsões de destruição, “pois, os instintos eróticos nos aparecem como mais plásticos, desviáveis e deslocáveis do que os instintos de destruição” (idem p. 56). Para conseguir satisfação, os investimentos eróticos não levam em consideração o meio nem o objeto.

No que concerne à relação entre instâncias psíquicas, destacamos as implacáveis pressões do superego⁶⁹ sobre o ego. Tomado de todo o sadismo que há no indivíduo e movido por severidade e crueldade intensas, o superego se insurge contra o ego, conforme se dá na melancolia. Segundo Freud,

(...) o componente destrutivo instalou-se no Super-eu e voltou-se contra o Eu. O que então vigora no Super-eu é como que pura cultura do instinto de morte, e de fato este consegue frequentemente impelir o Eu à morte, quando o Eu não se defende a tempo de seu tirano, através da conversão em mania. (Freud, *O Eu e o Id*, 1923, pp. 66-7)

Em certas modalidades de neurose obsessiva, o superego igualmente exhibe sua face punitiva, embora as circunstâncias não se mostrem tão evidentes nesse contexto. Conforme Freud, a regressão dos impulsos amorosos os converte, no caso, em impulsos agressivos contra o objeto, e, desimpedida, a pulsão de destruição quer banir o objeto. Porém, amparado pela conservação do objeto, o ego objetiva com medidas e formações reativas. O superego responsabiliza o ego por tais tendências destrutivas e o castiga, operando *verdadeira substituição de amor por ódio*. Duplamente enfraquecido frente ao

⁶⁹ Cabe destacar que é neste contexto que o termo *superego* surge pela primeira vez na obra freudiana, em que a expressão, *ideal do ego*, é também usada como seu sinônimo. (Freud, *O Eu e o Id*, 1923, p. 34)

superego e ao id, e erguendo defesas sem sucesso, o ego se atormenta sem parar e, se o objeto está próximo, também lhe inflige tortura sem fim. (Freud, *O Eu e o Id*, 1923, p. 67)

Chamamos atenção para o fato de que, dizia Freud, as pulsões de morte tanto podem se tornar inócuas — na medida em que se mesclam aos impulsos eróticos —, como podem ser dirigidas para o exterior como *agressão*, embora atuem livremente na maioria das vezes. E quanto mais a agressividade é contida ou pouco deslocada para fora, mais duro e rigoroso contra o ego se converte o superego. (idem, p. 68)

O superego se constitui pela identificação do sujeito com o modelo do pai. Com o enfraquecimento dos impulsos eróticos dessexualizados⁷⁰, a destrutividade se desliga de tais impulsos, que são, por conseguinte, liberados no superego e tendentes à agressão e à destruição. A crueldade e o imperativo categórico “ter que”, que marca o superego, têm origem neste processo de desfusão pulsional (idem, p. 68-9).

No caso da neurose obsessiva, no entanto, a separação de amor e agressividade não é movida pelo ego, mas resulta de regressão ocorrida no id, daí se ampliando para o superego, que se torna mais severo com o *inocente Ego*. Tanto na neurose obsessiva como na melancolia, o ego — ao conseguir dominar a libido por meio da identificação — é punido pelo superego com uma mistura de agressividade e libido.

Diante das afirmações acima, torna-se evidente que o lugar do ódio na metapsicologia se consolida cada vez mais, à medida que passa a ser definitivamente incorporado às novas teorizações de Freud sobre as pulsões. Tais teorizações fluem com mais clareza — sinal de amadurecimento das ideias do autor.

O ódio silencioso no masoquismo primário

Com a introdução da *pulsão de morte*, Freud postula a existência do que denomina *masoquismo primário*: estado em que a agressividade se dirige ao próprio ego, cabendo à libido desviar para o exterior grande parte dessa pulsão. O masoquismo assim se constitui em avatar da *pulsão de morte*, e ao postular sua origem na própria pessoa, Freud não mais concebe a agressividade no âmbito da relação com o outro e passa a reconhecer na autoagressão o princípio da agressividade.

⁷⁰ Para Freud, identificações como esta sofrem certa dessexualização ou sublimação, ocorrendo, nesta transformação, uma desfusão pulsional.

As novas ideias repercutem fortemente no arcabouço freudiano, provocando, direta ou indiretamente, a reconsideração de diversos conceitos. É o que parece ter acontecido com a hipótese de que “o ódio a uma pessoa ou instituição determinada poderia *ter efeito unificador* [grifos nossos] e provocar ligações afetivas semelhantes à dependência positiva.” (*Psicologia das massas e análise do Eu*, 1921, p. 55). Esta afirmação chama a atenção pelo fato de desvelar nova face do ódio e, ao mesmo tempo, deixar entrever a dimensão paradoxal deste afeto — entendimento que desqualifica a interpretação banal do ódio como expressão excludente de malignidade e negativismo.

Em 1924, convencido da importância dos impulsos agressivos, Freud teoriza sobre a agressividade:

Uma parte desse instinto é colocada diretamente a serviço da função sexual (...) É o sadismo propriamente dito. Uma outra parte não realiza essa transposição para fora, permanece no organismo e, com ajuda da mencionada excitação sexual concomitante, torna-se ligada libidinalmente; nela devemos reconhecer o masoquismo original, erógeno. (*O problema econômico do masoquismo*, 1924, p. 191)

Ligada também à pulsão de morte está a *reação terapêutica negativa* — fenômeno que testemunha a autoagressividade e se manifesta em certos tratamentos psicanalíticos, como um tipo de resistência à cura. No artigo *O Eu e o Id*, acima mencionado, ao salientar a proximidade de superego e id e, conseqüentemente, o distanciamento da consciência por parte da instância superegoica, Freud se reporta a situações clínicas, em que

toda solução parcial, que deveria trazer — e traz em outros — uma melhora ou suspensão temporária dos sintomas, nelas [nas pessoas] provoca um momentâneo exacerbar do sofrimento, elas ficam piores durante o tratamento, em vez de melhorar. Mostram a chamada *reação terapêutica negativa*. (Freud, *O Eu e o Id*, 1923, p. 61)

Esta reação é por ele considerada expressão de um sentimento de culpa mudo: o paciente — que não se vê culpado, mas doente — não percebe que sua resistência à cura é fruto de sentimento de culpa. Às vezes, a *reação terapêutica negativa* não pode ser superada pelo fato de ter, por motivo último, o caráter radical da pulsão de morte. Sua dimensão paradoxal, dentre outras razões, leva Freud, a postular a hipótese do masoquismo primário.

Além da *reação terapêutica negativa*, outros fenômenos confirmam a autoagressão, como evidenciam as clínicas do luto e da melancolia e o sentimento de culpa inconsciente, que desvelam tendências masoquistas do Eu.

A pulsão de destruição no mal-estar da cultura

Após formular sua hipótese sobre a existência das duas classes de pulsões – *pulsão de vida (Eros)* e *pulsão de morte (Thanatos)* –, o interesse de Freud se volta para as questões culturais. É em sua interpretação psicanalítica da Cultura, iniciada em *Totem e tabu* (1913), que trata do assassinato do pai primitivo, que Freud desenvolve suas reflexões sobre a problemática da violência —, reflexões estas incluídas nos textos: *O futuro de uma ilusão* (1927), cujo fio condutor da investigação é a significação psicológica das ideias religiosas; *O mal-estar na civilização* (1930), cujo principal tema é o antagonismo irreduzível entre as exigências da pulsão e as restrições da civilização; e *Por que a guerra?* (1933), voltado para a civilização como “processo” e para a questão da pulsão de destruição.⁷¹ Estes estudos marcam o interesse de Freud pelas questões culturais, interesse este que o acompanhou pelo resto da vida.

A partir do novo dualismo pulsional, surge uma pulsão agressiva verdadeiramente independente, embora como algo ainda secundário: uma parte da pulsão desviada no sentido do mundo externo e que vem à luz como uma pulsão de agressividade e destrutividade, derivada da *pulsão de morte*, autodestrutiva e primária. Freud passa a enfatizar, cada vez mais, as manifestações da *pulsão de morte* voltadas *para fora*, para o exterior, que, conforme anteriormente mencionamos, são geralmente chamadas de *pulsão de destruição* ou *pulsão de agressão*. Tais expressões possibilitam a Freud qualificar os efeitos mais manifestos das referidas pulsões e assinalar, com mais exatidão, a meta da *pulsão de morte*, já que esta opera essencialmente em silêncio.

Em *O mal-estar na civilização*, depois de analisar a gênese do amor e as metamorfoses de Eros, por meio dos avatares da sublimação – a amizade entre os homens

⁷¹ Na obra de Freud, a *pulsão de morte* está sempre ligada à *pulsão de vida*. Por deslocamento, o ódio é manifestação da pulsão de morte, deslocamento este que Freud denomina *pulsão de destruição* — termo reservado particularmente à parte da pulsão de morte voltada para o exterior.

e o amor universal, místico –, Freud aborda aquilo que funda *o mal-estar na civilização* — ou seja, o ódio —, trazendo à tona verdade em geral repudiada:

(...) o ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor, que no máximo pode se defender, quando atacado, mas sim que ele deve incluir, entre seus dotes instintuais, também um forte quinhão de agressividade. Em consequência disso, para ele o próximo não constitui apenas um possível colaborador e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer a tendência à agressão, para explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para dele se utilizar sexualmente contra sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para infligir-lhe dor, para torturá-lo e matá-lo. *Homo homini lupus*.⁷² (Freud, *O mal-estar na civilização*, 1930, pp. 76-7)

Freud defende, então, que a tendência à agressão perturba as relações com o próximo e demanda esforços supremos por parte da civilização para impor limites às pulsões agressivas e mantê-las sob controle, mediante formações psíquicas reativas (*O mal-estar na civilização*, 1930, pp. 77-8). A agressividade subjacente à relação de amor e afeto entre as pessoas é fato indestrutível da natureza humana, e qualquer restrição dessa agressividade dirigida para fora está fadada a intensificar a autodestruição. No mesmo artigo, Freud postula ainda que

(...) o pendor à agressão é uma disposição de instinto original e autônoma do ser humano, (...) a civilização tem aí o seu mais poderoso obstáculo (...) Mas a esse programa da cultura se opõe o instinto natural dos seres humanos, a hostilidade de um contra todos e de todos contra um. (Freud, *O mal-estar na civilização*, 1930, p. 90)

Para Freud, a pulsão de agressão assim passou a se constituir em derivado e principal representante da pulsão de morte, que, lado a lado com Eros, com este divide o domínio do mundo. A evolução da civilização representa, na verdade, a luta entre Eros e Thanatos, entre pulsão de vida e pulsão de destruição; a vida consiste, portanto, dessa batalha de gigantes, que nossas babás querem amortecer com suas cantigas de ninar. (Freud, 1930, p. 91)

Quais os meios de que a civilização se utiliza para lidar com a agressividade? A culpa é vista por Freud como lugar em que amor e ódio se intrincam indissociavelmente, o que a torna motor da civilização. O caráter persecutório do superego é expressão do núcleo do

⁷² "O homem é o lobo do homem", famosa expressão latina do dramaturgo romano Plautus.

ódio que retorna contra o sujeito, ódio este a ser permanentemente reforçado pela culpa. Sentimento de culpa e superego caminham juntos e fazem exigência moral cada vez maior ao indivíduo.

Este ensaio freudiano dá origem a algumas conclusões. Até que ponto o desenvolvimento cultural consegue lidar com as perturbações advindas da pulsão de agressão e autodestruição? Diante das incertezas e dos sombrios tempos característicos da época, Freud conclui, dizendo que

(...) os seres humanos atingiram um tal controle das forças da natureza, que não lhes é difícil recorrerem a elas para se exterminarem até o último homem. Eles sabem disso; daí, em boa parte, o seu atual desassossego, sua infelicidade, seu medo. Cabe agora esperar que a outra das duas “potências celestiais”, o eterno Eros, empreenda um esforço para afirmar-se na luta contra o adversário igualmente imortal. (Freud, *O mal-estar na civilização*, 1930, p. 122)

Em 1931, quando a ameaça de Hitler começa a se concretizar, Freud acrescenta essas palavras finais: “*Mas quem pode prever o sucesso e o desenlace?*” (idem, p. 122).

Três anos depois, ele escreve *Por que a guerra?* (1932) — reflexão psicanalítica sobre violência, em geral, e sobre as explosões de barbárie evidenciadas nas guerras. As pulsões que tendem a preservar e unir (pulsões de vida) e as que tendem a destruir e matar (pulsões de agressão ou destruição, realçadas como versão da oposição amor-ódio) dificilmente operam isoladas, mas se apresentam mutuamente amalgamadas em graus muito diferentes. (Freud, 1932, pp. 426-7).

Neste contexto a trama paradoxal do ódio se impõe: *Eros* precisa da agressividade para alcançar seus propósitos. Freud entrevê, na ação dialética entre Eros e Thanatos, o surgimento da vida. As ações humanas são mobilizadas por motivos diversos, que se confundem: as razões nobres e elevadas também se mesclam desejos destrutivos. (idem, p. 428)⁷³

Sobre a guerra e a violência, Freud salienta algo extremamente importante: não fora a possibilidade de as forças da *pulsão de morte* se voltarem para o exterior, tais forças destruiriam o ego. Assim é que seus movimentos para o exterior resguardam o organismo,

⁷³ “É na tensão dialética criada por ambas que a vida se desenrola e se expande (...)”, sendo que a psicanálise desvela “os motivos nobres apenas camuflam desejos de ódio e destruição, ou lhes prestam um reforço inconsciente.” (Rocha, *Freud: aproximações*, 1995, p. 322)

trazendo-lhe alívio. Em carta a Einstein, o autor ressalta: “(...) não se trata de eliminar completamente as tendências agressivas humanas; pode se tentar desviá-las a ponto de não terem que se manifestar na guerra” (Freud, *Por que a guerra?*, 1932, p. 430) Tendo em vista se contrapor ao desejo de guerra, Freud propõe, por um lado, favorecer laços afetivos entre os homens e fortalecer vínculos identificadores, em nome de interesses comunitários; e, por outro, propiciar a formação de líderes que tenham “*sujeitado a sua vida instintual à ditadura da razão*”, o que, para ele, parece utópico (idem, p. 431).

Observamos que Freud, pioneiro da psicanálise, formulou muitas teorizações originais. Assim também, ao conceber o ódio, Freud marca seu pioneirismo. Os autores posteriores que tematizam a questão do ódio, sempre o têm como referência imprescindível nas suas elaborações.

III. M. KLEIN⁷⁴: O ÓDIO À LUZ DO DESENVOLVIMENTO PRECOCE

All scientific work has as its aim to see life 'as it is'.

W. R. Bion, H. Rosenfeld e H. Segal, em
Obituário para Klein, *IJP*, v. 42, 1961.

3.1 Abordagem objetal do psiquismo humano

Respalhada por uma estirpe de figuras importantes da psicanálise, como S. Ferenczi, K. Abraham e E. Jones, Melanie Klein empreende, em seu trabalho com crianças, importantes investigações, que corroboram diversas hipóteses freudianas. Seu talento lhe possibilita configurar processos psíquicos e mecanismos arcaicos — presentes na constituição do psiquismo⁷⁵ —, que iluminam a vida emocional da criança. A autora, que tanto valoriza a experiência humana, introduz mudanças singulares na psicanálise, e suas teorizações inovam e ampliam os fundamentos da psicanálise freudiana.

Se, para Freud, o psiquismo se estrutura no inconsciente e é movido pela dinâmica de forças pulsionais, para Klein, em contrapartida, as relações de objeto precoce são o eixo de constituição do aparelho psíquico e nelas alicerçado, o psiquismo se organiza e se transforma. Em sua visão, o psiquismo se funda como sistema de objetos internos, constituídos em meio à trama das relações precoces do bebê com a mãe, que instauram e influenciam significativamente o desenvolvimento psíquico. Habitado por *objetos internos* e operado por fantasias inconscientes⁷⁶, esse *mundo interno* deriva do vínculo primordial, e a dimensão emocional desse laço exerce forte influência sobre a vida psíquica.

Conforme Klein, o contato do Eu com a realidade se estabelece por meio da complexa relação entre objetos do mundo externo e interno. A teoria das relações de objeto ressalta as vicissitudes do objeto e não as pulsões⁷⁷. Tal enfoque muda radicalmente

⁷⁴ Psicanalista austro-britânica (1882-1960), com atuação expressiva em Budapeste, Berlim e, finalmente, Londres, para onde se transfere em 1926.

⁷⁵ Tal como enfatizam Cintra e Figueiredo no livro *Melanie Klein – estilo e pensamento* (2010).

⁷⁶ Diferentemente da compreensão freudiana, segundo a qual o ego se ocupa da descarga (por meio da satisfação) de afetos desagradáveis e tensões pulsionais, existe, para Klein, um ego incipiente — dotado de rudimentos de processos mentais e defesas, expressas em fantasias inconscientes primitivas —, que estabelece relações de objeto desde o nascimento. O ego tem como papel manter sua própria integridade diante de estados intensos de perseguição e ameaças de aniquilamento, advindos de dentro e de fora.

⁷⁷ Como destaca o verbete *pulsões*, do *Dicionário do pensamento kleiniano*, de R. D. Hinshelwood (1992, p. 44)

a ideia freudiana do aparelho psíquico como sistema movido por forças energéticas, que se distribuem, se acumulam, se dissipam ou se conservam.

Mais que qualquer outro autor, Klein investiga a dimensão do *infantil*, aquilo que há de mais arcaico e desmedido nas entranhas pulsionais do psiquismo e a estranheza grotesca das fantasias inconscientes, como apontam Elisa de Maria Ulhoa Cintra e Luís Claudio Figueiredo em estudo sobre Klein e sua obra. Para eles, a teoria kleiniana oscila entre um eixo estrutural, pulsional, e outro, denominado *relacional* ou *ambiental*; e as dimensões histórica, dinâmica e estrutural estão intensamente intrincadas e não se descolam. (*Melanie Klein. Estilo e pensamento*, 2010, p. 54). Outros autores, no entanto, defendem que a obra kleiniana segue modelo muito mais relacional.

Os desenvolvimentos teóricos de Klein partem de muitos pressupostos da psicanálise clássica e têm por base as pulsões de vida e de morte, postuladas por Freud. Cabe, no entanto, destacar que, por enfatizar a *experiência emocional*⁷⁸, ela também repensa a concepção freudiana sobre a natureza das pulsões⁷⁹, por ela consideradas muito mais fenômenos psicológicos ou emoções complexas. Afirma a autora que as pulsões não são um *quantum* energético nem se conservam quantitativamente, como sugere a perspectiva econômica freudiana: são, em contrapartida, forças psicológicas, que se expressam primeiramente por meio de imagens de partes do corpo, para as quais se dirigem as pulsões amorosas e odiosas. Estas imagens constituem o alicerce, ao qual se somam as demais experiências.

Para sobreviver à ameaça de destruição, o bebê fantasia um objeto externo, no qual projeta parte da pulsão de morte, enquanto outra parte é orientada para o exterior. Simultaneamente, parte da pulsão de vida é também projetada, criando um objeto bom. Klein propõe que, “por meio da projeção, pelo desvio para fora de libido e agressão, e inibindo delas objeto, que se dá a primeira relação de objeto do bebê.” (*Influências mútuas*

⁷⁸ Segundo Cintra e Figueiredo, “(...) a dimensão fenomenológica e experiencial aparece sempre em evidência, mas mesclada com a dimensão teórica, mais especulativa e mesmo metapsicológica, produzindo, com frequência, uma teorização híbrida, em que a proximidade com a clínica (e, por trás desta, com a experiência pessoal) é usada para dar valor de verdade às teorias.” (*Melanie Klein – estilo e pensamento*, 2010, p. 52-53)

⁷⁹ Chama atenção a observação de Hinshelwood de que, diferentemente de Freud — que carrega, para a psicologia, a influência de toda a bagagem da ciência física do século XIX —, o fato de Klein não ter antecedentes científicos pode tê-la deixado mais livre (*Dicionário do pensamento kleiniano*, verbete *pulsões*, 1992, p. 368-369) e, talvez, lhe tenha possibilitado produzir uma variedade de novas formulações.

no desenvolvimento do ego e do id, 1952c, p. 82). As relações objetais são criadas, portanto, por força de pressões internas.

Na perspectiva kleiniana, os primeiros objetos são criados como recurso para conter as pulsões. O objeto assume importância essencial, sendo elemento associado à pulsão. Klein entende⁸⁰ que, por meio da relação de objeto que lhes é pertinente, as pulsões incorporam conteúdos dessa relação e dispõem de informações sobre os objetos em que buscam gratificação. Logo ao nascer, o bebê estabelece com a mãe uma relação primária, já imbuída de amor, ódio, fantasias, ansiedade, defesas. Conforme Klein, as pulsões estão intrinsecamente voltadas para os objetos — que são personificados, posto que habitam o mundo interno como pessoas reais. Segundo ela,

(...) não existe urgência pulsional, situações de ansiedade, processo mental que não envolva objeto, externo ou interno; em outras palavras, as relações de objeto estão no *centro* da vida emocional. Além do mais, amor e ódio, fantasias, ansiedades e defesas também operam desde o começo e encontram-se *ab initio* indivisivelmente ligados a relações de objeto. (*As origens da transferência*, 1952b, p. 76)

Esta posição se diferencia da visão de Freud, para quem o objeto é contingente, não se liga originariamente à pulsão, sendo, portanto, secundário, subordinado à satisfação, enfim, meio de satisfação pulsional. Klein entende que a criança se volta para a realidade e busca a mãe tão somente quando frustrada em suas demandas pulsionais. Enfatiza ela, desse modo, a relevância dos processos precoces do bebê e desloca a dinâmica do conflito psíquico⁸¹ para a luta de emoções e fantasias inconscientes com objetos internos e externos. Mais especificamente, a base desse conflito reside na luta entre pulsões, ou seja, entre sentimentos de amor e ódio, presentes no vínculo com os objetos, e tem como substrato teórico a hipótese freudiana das pulsões de vida e de morte — para Klein, determinantes dos fatos psíquicos.

Klein postula um sistema de relações emocionais em rede, concebido em termos de posições ou constelações relacionais, que engendram o desenvolvimento psíquico. Se, preliminarmente, as pulsões estão misturadas, gradualmente se organizam por meio das relações de objeto, com suas fantasias e angústias. Esse ordenamento dinâmico e

⁸⁰ No trabalho, *As origens da transferência*, 1952b, p. 70.

⁸¹ Vale salientar que, para Klein, a angústia é registro chave para a compreensão do conflito psíquico.

complexo da experiência em termos de posição – envolvendo modos de relação objetais, afetos (principalmente angústias) e defesas – amplia a perspectiva cronológica e estrutural que Freud imprime ao desenvolvimento, com sua teoria das fases evolutivas da libido. Para Klein, desde o início, os impulsos orais, anais e genitais, bem como os sádicos, se manifestam concomitantemente, ou seja, os diversos impulsos libidinais coincidem e se sobrepõem de modo parcial, mesmo que algum deles seja dominante em determinado momento. Para Freud, os impulsos libidinais constituem complexa mistura de pulsões componentes diversas, com enfoques e estágios distintos. Klein, entretanto, defende a compressão de todos esses componentes sobre a criança já em seu primeiro ano de vida, período que, para ela, é marcado por intenso sadismo⁸².

Ao se defrontar com a forte incidência de manifestações hostis no psiquismo infantil e movida por sua experiência clínica, Klein se impressiona com a força dos impulsos sádicos. Para ela, os impulsos pré-genitais sádicos são mais determinantes e podem ser superados com a emergência da etapa genital e amorosa. Como entende Hinshelwood, estes poderosos impulsos agressivos podem inibir ou até interromper o desenvolvimento. Isto pode acontecer, por exemplo, no desenvolvimento cognitivo, como se dá no clássico caso de psicose infantil de Dick: a intensa expulsão de impulsos sádicos, por parte do garoto, é identificada como defesa extrema, que impossibilita sua utilização para exploração do mundo e sua sublimação sob a forma de curiosidade e desejo de aprender.⁸³

Klein considera que tais impulsos sádicos podem fortalecer o desenvolvimento, à medida que progressivamente se movimentam em direção aos impulsos genitais amorosos.⁸⁴ Parte importante da pressão para progredir é efeito do sadismo, do medo de retaliação, do desejo angustiado de reparar danos. Ela entende a agressão ou sua inibição como fator definidor do desenvolvimento.

⁸² Em sua opinião, o termo *sadismo* é usado como “(...) sinônimo de qualquer forma extremada de agressão”. (Hinshelwood, *Dicionário do pensamento kleiniano*, verbete *Agressão, sadismo e pulsões componentes*, p. 62)

⁸³ Como destacam Cintra e Figueiredo, se o sadismo ligado à pulsão de domínio não é tolerado por tempo suficiente e se o recalque se abate prematuramente sobre essas *preciosas energias sexuais*, elas não podem ser aproveitadas, transformadas e sublimadas em curiosidade e desejo de saber. (Melanie Klein, *estilo e pensamento*, 2010, p. 61)

⁸⁴ Nas palavras de Klein: “No desenvolvimento ontogênico, o sadismo é superado quando o indivíduo atinge o nível genital. Quanto maior a força com que essa fase se instala, maior é a capacidade da criança de criar um amor objetal e de vencer seu sadismo através da pena e da compaixão.” (*Situações de ansiedade infantil refletidas em uma obra de arte e no impulso criativo*, 1929, p. 245)

A teoria kleiniana das *posições* muda o foco do desenvolvimento infantil, pois, privilegia muito mais a qualidade das relações objetais, assim imprimindo caráter dinâmico e inovador à história evolutiva do bebê. No cerne desta teoria estão os objetos internos parciais ou totais, a trama da relação, parcial ou total, dos objetos com o Eu, e as fantasias inconscientes subjacentes.⁸⁵

Para ela, a vida psíquica é movida, portanto, pelo dinamismo das posições *esquizo-paranóide* e *depressiva*. A dinâmica da posição esquizo-paranóide é marcada pela clivagem da experiência e das relações amorosas e odiosas. Esta posição requer que o Eu primitivo desenvolva a capacidade de integração, que encontre meios para amainar a severidade sádica do superego arcaico e abrir caminho para sua assimilação pelo Eu e sua ascensão como consciência moral. A posição esquizo-paranóide exige também abertura para a dinâmica edípica, de modo que o ego possa fazer frente à ameaça de intensa carga pulsional e consiga ultrapassar a relação diádica, para então alcançar a dinâmica triangular (mais complexa) da posição depressiva.

Quando a grande fase do sadismo começa a ser solucionada na infância, acredita Klein, inicia-se uma relação de objeto total, com a reunião de objetos parciais e a confluência de amor e ódio em direção à mesma pessoa. A ambivalência é conceito central na posição depressiva e cerne deste novo desenvolvimento. Considerada essencial, esta posição demanda união de impulsos destrutivos e libidinais, integração de amor e ódio bem como gratidão, tendo em vista firmar as bases para regulação das forças pulsionais em luta e para o equilíbrio psíquico. Tudo depende da forma como o indivíduo faz a travessia dessa dinâmica, ultrapassa a ambivalência e elabora seu ódio.

A capacidade de se relacionar com um objeto total demanda abandono da onipotência e da identificação projetiva onipotente – marcante na posição esquizo-paranoide –, e a capacidade de tolerar a ambivalência é indispensável para o desenvolvimento do *princípio de realidade*.

O dinamismo das posições esquizo-paranoide e depressiva — permeadas por desejos, medos, necessidades e angústias, sob a forma de fantasias inconscientes —

⁸⁵ Susan Isaacs, uma das mais importantes integrantes do grupo kleiniano, esclarece a perspectiva kleiniana das fantasias inconscientes, ao defini-las como conteúdo primário dos processos mentais inconscientes em seu clássico trabalho *A natureza e a função da fantasia* (1952[1948]). As fantasias inconscientes dão expressão psíquica e convertem processos e necessidades pulsionais em fatos psíquicos.

acompanha o indivíduo vida afora, mobilizando e determinando os mais diversos desenvolvimentos.

Klein convictamente incorpora o dualismo pulsional freudiano: as pulsões de vida e, principalmente, a pulsão de morte, cujo papel acredita ser determinante no funcionamento psíquico. Ela endossa literalmente a pulsão de morte como conceito clínico, identificando-a extensivamente em fantasias inconscientes e fenômenos transferenciais de seus pacientes, principalmente crianças. Na verdade, Klein não só assimila, mas também amplia o referido conceito, a que se opõe quando sugere que a pulsão de morte não é silenciosa nem oculta: revela-se ruidosamente por meio do superego primitivo, concebido como manifestação oriunda da pulsão de morte. O superego primitivo, rigoroso e cruel, é, para a autora, resultado de pulsões destrutivas muito intensas — prova clínica contundente da pulsão de morte.

Preliminarmente, o foco das teorizações kleinianas recai exclusivamente sobre as questões libidinais. Posteriormente, Klein passa a atribuir muita importância ao efeito da agressão sobre o psiquismo, expressa por meio de fantasias densamente sádicas. Em sua visão, os elementos agressivos têm importante atuação na estruturação do mundo interno: as pulsões hostis — sádicas e destrutivas —, associadas à pulsão de morte, atuam desde o começo do desenvolvimento.

No sistema teórico kleiniano, libido e agressão são emoções pessoais. A agressão, por exemplo, é vista como ódio pessoal, direcionado a relações específicas. Klein acompanha Freud quando compreende que a agressividade é inerente à constituição do sujeito e não se reduz a uma dimensão ambiental, ligada à frustração libidinal, que, só secundariamente, se faz presente. O ódio é associado à pulsão de morte e, conseqüentemente, a uma perspectiva constitucional, que toma a forma, por exemplo, de inveja primária, considerada poderosa força mental. Por invejar a mãe, em sua bondade inalcançável, a criança quer destruí-la; sente raiva e deseja vingança, por se ver excluída da gratificação mútua dos pais.

Para se preservar do ódio e da perseguição, o Eu primitivo desenvolve uma fantasia em que, parcial ou totalmente, se insere no interior do objeto, para danificá-lo, controlá-lo e dele tomar posse, assim projetando a maldade que o pressiona. Este mecanismo é uma modalidade de projeção e uma forma especial de identificação — *identificação projetiva* —,

que ocorre na posição esquizo-paranóide, advém de motivações agressivas e é considerado protótipo da relação de objeto agressiva.

Como bem definem Greenberg & Mitchell, estudiosos das relações objetais, o bebê kleiniano “(...) sente amor profundo, ódio devastador e horror e terror desolados com relação àqueles que o cercam” (*Relações objetais na teoria psicanalítica*, 1994, p. 102). Sem recursos verbais para se expressar, ele usa corpo e funções corporais não apenas para desferir destruição e ódio contra os objetos em volta, mas também para amor.

Em sua natureza psicológica, as pulsões são experiências emocionais, paixões relacionadas a pessoas. As pulsões de vida e de morte estão encerradas na experiência, e amor e ódio são forças motivacionais fundamentais, polos do conflito na experiência humana. Nesta conjuntura, o Eu, responsável pela preservação da vida, é identificado a amor, pulsão de vida, reparação; em contrapartida, o id, associado a destruição maligna, é personificação do ódio; do id deriva a agressão por parte da criança bem como os objetos maus, e é da própria agressão que advém a psicopatologia.

Klein confere destaque especial aos constituintes agressivos no desenvolvimento psíquico e na organização do mundo interno. Ela salienta a importância de alcançar equilíbrio entre impulsos destrutivos e libidinais, para possibilitar o surgimento de amor, gratidão e reparação no desenvolvimento psíquico. Percebe os afetos em sua ambivalência e paradoxo; compreende que podemos concomitantemente amar e odiar o mesmo objeto, sem temor de destruí-lo ou de que acabe destruído.

3.2 O psiquismo a partir do desenvolvimento infantil

O ponto de partida – a análise de crianças

Além de um dos grandes expoentes da psicanálise, Melanie Klein é, incontestavelmente, uma das principais referências na questão do ódio. Seus estudos sobre a criança, mais particularmente sobre sadismo infantil, marcam importantíssimo passo para ampliação do conhecimento sobre a temática do ódio.

Sempre seguindo os passos freudianos e refletindo sobre questões clínicas específicas, para as quais buscava compreensão e respostas, termina se afastando do texto de Freud, ao desenvolver novas teorizações, que aprofundam o entendimento sobre o

ódio. Motivada por Sándor Ferenczi, seu primeiro analista, Klein se consagra à análise de crianças.

A parte mais importante de suas teorizações sobre a temática do ódio, elaborada parcialmente com seus discípulos, é formulada mais definitivamente nas décadas de 40 e 50, embora compreendam período mais longo, iniciado ainda na década de 30. Deste período, alguns textos merecem particular destaque, dentre eles: *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos* (1935); *Amor, ódio e reparação* (1937, escrito em conjunto com Joan Riviere); *O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos* (1940); *Notas sobre alguns mecanismos esquizóides* (1946); e *Inveja e Gratidão* (1957).

Klein parte da ideia de que a psicanálise inspira atitudes pedagógicas, que possibilitam a prevenção de neuroses e males causados pela educação. Empreendendo um trabalho analítico junto a seu próprio filho, sobre ele escreve seus primeiros artigos.⁸⁶ Desde então, entrevê que o desenvolvimento infantil é permeado de dificuldades e inibições. Ressalta a autora:

Qualquer um que tenha a oportunidade de observar o desenvolvimento das crianças, (...) sabe que muitas vezes as crianças mais bem-dotadas fracassam de repente, sem nenhuma causa aparente e das maneiras mais variadas. Algumas que sempre foram bem comportadas e responsáveis tornam-se tímidas, intratáveis, ou até mesmo revoltadas e agressivas. (...) Os danos e as inibições que afetam o desenvolvimento são inumeráveis, sem falar nos indivíduos que mais tarde tornam-se vítimas da neurose. (Klein, *O desenvolvimento de uma criança.*, 1921, pp. 67-8)

Seu trabalho inicial contém os fundamentos de sua obra futura, como, por exemplo, a equivalência entre brincadeira, sonho e fantasia como manifestações do inconsciente. Nesta ideia Klein centra sua técnica e sua teoria, ao aprofundar o estudo sobre as origens da culpa e da angústia⁸⁷ e concluir sobre a necessidade de interpretar a angústia

⁸⁶ A pioneira da psicanálise de crianças ingressa, assim, na prática psicanalítica, perfazendo, como mãe analista, os mesmos caminhos percorridos por tantos outros: o próprio Freud foi pai analista quando analisou sua filha, Anna, tendo também analisado amigos, dentre eles, Ferenczi, que, por sua vez, analisara seu colega de profissão, Ernest Jones. De fato, nos primeiros anos da psicanálise, o ideal de distância analítica ainda era vago e incipiente.

⁸⁷ Klein empregava, originalmente, o termo alemão *Angst*, que pode ser traduzido como *angústia* ou *ansiedade*. Preferimos utilizar a palavra *angústia* (cf. *Vocabulário de psicanálise*, de Laplanche e Pontalis), apesar da tradução, *ansiedade*, usada na versão da editora Imago das *Obras completas de Melanie Klein*.

inconsciente a partir das fantasias inconscientes — marca característica da técnica kleiniana. Importante ressaltar que sua aguçada sensibilidade quanto à dimensão da angústia⁸⁸, amplamente reconhecida no meio psicanalítico de seu tempo, leva Klein a concebê-la como signo da atividade da pulsão de morte e como eixo da compreensão de fantasias e conflitos.

Neste ponto, reportamo-nos aos fundamentos das teorizações kleinianas para compreender o surgimento da problemática da agressividade e do ódio, posteriormente considerada determinante. No início de sua obra, sadismo e sexualidade são, para Klein, forças conjuntas. Mais tarde, contudo, ao se deparar com a intensidade das forças agressivas e destrutivas — observadas nas fantasias e brincadeiras de seus pequenos pacientes —, ela passa a considerar as pulsões sádicas autônomas em relação à libido.

Concordando com Freud, Klein dá destaque especial à dimensão do conflito entre dinâmicas pulsionais diferentes, daí a importância que atribui ao embate entre moções hostis, mais precisamente, pulsão de morte — postulada por Freud, vale lembrar, em *Além do princípio de prazer* (1920) — e sexualidade.

Teorizações iniciais

Já em seu primeiro trabalho de cunho analítico — “um caso de educação com feições analíticas”, que empreendera com Fritz (seu próprio filho, Erick, então com cinco anos de idade) —, Klein faz menção inicial aos impulsos agressivos. No primeiro de seus artigos, *O desenvolvimento de uma criança* (1921), que dá início à sua obra, ela chama a atenção para os desejos hostis daquele garoto dócil e pouco agressivo, desejos estes associados à intensa *desilusão* por ele experimentada diante da indiferença, das mentiras, grosserias e provocações de amiguinhos próximos. Fritz “falava de matá-los de verdade com seu revólver de brinquedo, de lhes dar um tiro no olho”. (Klein, 1921, p. 39)

O sadismo se manifestava tanto em seus jogos — cheios de descrições de como arrancaria os olhos ou cortaria a língua do diabo, do oficial inimigo, do rei — como em fantasias povoadas por ladrões, animais selvagens, figuras maltratadas e medos provenientes de projeções de desejos agressivos. Ele admitia que, quando zangado, desejava que a mãe e o pai morressem.

⁸⁸ Embora Freud não faça distinção explícita entre ansiedade e angústia, ele diferencia uma coisa da outra, reservando o termo ansiedade para denominar angústia indeterminada.

Em seus sonhos de angústia, surgia o temor de bruxas e de rainhas-bruxas envenenadoras, que Klein relacionava à hostilidade do garoto diante da proibição que lhe fizera de “*brincar com seu pipi*”. Na bruxa, Klein entrevia uma figura que Fritz criara a partir de uma divisão da imago da mãe. Essa clivagem provinha de sua ambivalência em relação à figura feminina, chegando ele a expressar antipatia gratuita em relação a meninas e mulheres adultas (1921, p. 64).⁸⁹

Em outro sonho, um oficial o 1932 e o mantinha preso ao chão. Klein interpretou que, frustrado em seu desejo incestuoso, o menino tornou-se hostil ao pai, desejando atacá-lo. Esta hostilidade fora projetada no pai, representado pelo oficial, que se tornou então figura persecutória, por quem o garoto temia ser punido e destruído (idem, p. 65). Entretanto, Klein observava que, apesar dos desejos incestuosos e de seus desejos agressivos trazidos à consciência, Fritz mantinha ótima relação com o pai. Afinal, segundo entendimento da autora, “(...) a força dos desejos e impulsos pulsionais só pode diminuir ao se tornar consciente” (idem, p. 70). Ela concebia então que

é mais fácil controlar uma emoção que está se tornando consciente, ao contrário de uma que permanece inconsciente. No entanto, ao mesmo tempo em que reconhece seus desejos incestuosos, ele já está fazendo tentativas de se libertar dessa paixão e de realizar sua transferência para objetos mais adequados. (1921, p. 71)

Cabe salientar, neste contexto, que, no início de seu percurso no campo psicanalítico, a experiência lhe revela o efeito inibidor das fantasias agressivas e a importância do sadismo. Em seu trabalho deste mesmo período, *Inibições e dificuldades na puberdade*, ao observar as inibições e tensões psicológicas emergentes no início da puberdade — que, conforme entendia, sobrecarregam o Eu —, ela realça a culpa proveniente de sentimentos que se atualizam quando os professores se tornam alvo de transferências, movidas por rivalidades edipianas, tornando-se também objeto de ódio e agressividade.

Para Klein, “o caráter confuso e obscuro das emoções da criança pode causar aversão à escola, ou até mesmo a todo tipo de conhecimento e aprendizado, chegando às vezes às raias do martírio” (1922, p. 80). Klein acredita que a psicanálise pode trazer esses

⁸⁹ Jean-Michel Petot, estudioso francês da obra de Klein, identifica, aqui, a primeira descrição kleiniana do mecanismo da cisão, que posteriormente constituiria uma das principais contribuições da autora. (Petot, *Melanie Klein I. Primeiras descobertas e primeiro sistema. 1919-1932*, 2001, p. 26)

conflitos à consciência e “(...) ajudar a equilibrar as exigências do consciente e do inconsciente”, libertando a criança das inibições, tendo em vista “(...) utilizar ao máximo seus recursos emocionais e intelectuais com fins culturais e sociais, a serviço de seu desenvolvimento” (ibidem).

Desde seu ingresso na psicanálise, quando as questões da inibição intelectual são foco principal de suas pesquisas, Klein identifica — dentre as raízes de inibições e traços neuróticos, por meio das imagens bizarras e fantasias grotescas que seus primeiros pacientes descreviam — tendências agressivas e sádicas, como determinantes do processo de simbolização e aprendizagem tanto da escrita como da leitura.

Se Klein entende que as atividades escolares têm significação simbólica — razão de ser do prazer ou da inibição de certas atividades —, é possível compreender que, na escola, a criança se veja desafiada em sua mobilidade libidinal; e se considera, de um lado, que “(...) a escola e o aprendizado estão desde o início *libidinalmente* determinados para todos” (Klein, *O papel da escola no desenvolvimento libidinal da criança*, 1923b, p. 82), de outro, ela ressalta o sadismo, ao lado do medo da castração, que podem resultar na inibição para aprender e na falta de curiosidade.

Embora não sendo, de início, consideradas forças autônomas, as moções agressivas já são vistas como determinantes para o desenvolvimento e influentes no processo de aprendizagem, por não terem alcançado a sublimação. As tendências agressivas e sádicas — encontradas na escrita como componentes anais, sádicos e canibalescos — mostram sua força em fantasias em torno de combates, massacres, mutilações, possessividade, desmembramentos e são decisivas, por exemplo, no estudo de aritmética (de modo particular a divisão), gramática, geografia e história. (Klein, *Amor, culpa e reparação*, 1923, pp. 88-94)

Um aspecto desta formulação merece destaque: ao tentar estabelecer o enquadre terapêutico para o trabalho com Fritz, Klein já atenta para o manejo dos impulsos hostis e agressivos, ao determinar que o menino não extravasasse sua agressividade em relação aos pais ou a ela própria, e se ativesse às regras determinadas (Klein, *O desenvolvimento de uma criança*, 1921, p. 72).

Já em Berlim, Klein dá início ao tratamento de Felix, que tinha aversão à escola. Contemporâneo de Fritz no segundo período da análise deste, o caso Felix (1921-1924) foi tratamento analítico longo e profundo empreendido por Klein. Este caso lhe evidencia a

ligação dos tiques com a sexualidade e a neurose, revelando ainda que componentes sádicos não apenas participam da construção do tique, mas são também um de seus elementos mais importantes. Para além dos tiques, ela descobre a presença de impulsos sádico-anais e sádico-orais voltados para o objeto, caracterizando, desse modo, relações de objeto sádico-anais⁹⁰ e genitais (Klein, *Uma contribuição à psicogênese dos tiques*, 1925, pp. 145-7).

Walter, paciente de cinco anos e meio, apresentava como sintoma principal a repetição compulsiva de um movimento estereotipado após certas representações, movimento este que também se manifestava nas sessões, seguido “(...) de um acesso de raiva, acompanhado de descargas motoras agressivas e uma representação do ato de se sujar com fezes e urina” (Klein, *Uma contribuição à psicogênese dos tiques*, 1925, p. 150). Walter revelava impulsos agressivos condensados em seus sintomas motores e ilustrava o fundamento sádico-anal por trás da mobilidade difusa e exagerada, que se transformava em tique.

3.3 O avanço da construção psíquica

De anjos a demônios – a permanência do sadismo infantil

Uma virada importante se dá entre 1926 e 1928 quando Klein já tem experiência analítica com crianças bem pequenas. Estes casos lhe abrem vasto campo de observação e ensejam importantes reflexões de ordem técnica e teórica. Partindo dessas análises pioneiras, delineia os primeiros contornos do superego precoce e antecipa o surgimento do complexo de Édipo para o segundo ano de vida e, posteriormente, para o período do desmame. Tais hipóteses, preliminarmente formuladas no período acima, mais tarde se tornam pilares de sua teoria.⁹¹

⁹⁰ Klein concorda com a visão de Karl Abraham, ao considerar que o tique é “(...) sintoma de conversão no nível sádico-anal” (Klein, *Uma contribuição à psicogênese dos tiques*, 1925, p. 146)

⁹¹ Já em 1923 (*A análise de crianças pequenas*), Klein sugere que o complexo de Édipo tem início aos dois, três anos. Em 1926, *Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas*, desloca-o para o início do segundo ano de idade, embora, numa nota de rodapé no mesmo texto, proponha que seu surgimento se dá durante o desmame (1926, p. 154). No mesmo artigo, descreve um primeiro esboço do superego primitivo, formado por inúmeras identificações, mais cruel do que em etapas posteriores e um peso para o ego vulnerável da criança. Depois, em seu ensaio *Simpósio sobre análise de crianças* (1927), afirma claramente que o complexo de Édipo e, por conseguinte, a organização do superego, se iniciam no desmame. No texto *Estágios iniciais do conflito edípico* (1928), apresenta sua concepção definitiva sobre o complexo de Édipo,

A pequena Rita (1923), com menos de três anos, “(...) alternava entre ser ‘um amorzinho’ mesclado com sentimentos de remorso e ‘uma ruindade’ incontrolável”⁹². (Klein, *Fundamentos psicológicos da análise de crianças*, 1932e, p. 23) Em suas próprias palavras,

o caso Rita mostrou claramente que o *pavor nocturnus* que surgiu com a idade de dezoito meses era uma expressão neurótica de seu conflito edipiano. Seus ataques de ansiedade e raiva, que acabaram por se revelar como sendo uma repetição de seus terrores noturnos, e também suas outras dificuldades estavam intimamente relacionadas com fortes sentimentos de culpa oriundos daquele conflito edipiano arcaico. (Klein, *Fundamentos psicológicos da análise de crianças*, 1932e, p. 24)

Klein assim constata, na dinâmica psíquica de crianças tão pequenas, desejos incestuosos precoces a exercerem poderosa influência no psiquismo; observa também a presença marcante de forte ambivalência, de tendências hostis e agressão, que geram intensa angústia e culpa. Diante destes achados clínicos, formula a ideia de um superego primitivo cruel e severo⁹³ —estratégia da criança para fazer face ao conflito edípico. (Klein, *Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas*, 1926, pp. 156-8).

Nos jogos e reações de raiva de Rita, a angústia revelava-se mediante forte transferência negativa, ligada às pulsões hostis provenientes do conflito edipiano. Klein constrói, então, novas formulações, ao mesmo tempo em que consolida a originalidade de sua técnica. Inova, também, ao descobrir que Rita transferia para a analista sentimentos e atitudes dirigidos aos pais introjetados – uma severa mãe, que a tratava com crueldade, e um pai rigoroso – objetos ansiógenos internalizados que eram, na verdade, representação de seus pais reais, deformada pela fantasia.

iniciado no desmame em meio a impulsos sádico-orais e sádico-anais e ao surgimento de impulsos genitais. Neste último trabalho, apresenta explanação mais consistente sobre a crueldade do superego arcaico, que se forma no início do complexo de Édipo. Posteriormente, no entanto, em *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos* (1935), definitivamente desvincula o complexo de Édipo da formação inicial do superego. Retomaremos, mais adiante, a temática do superego e do complexo de Édipo.

⁹² O citado artigo é uma versão ampliada do trabalho *Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas*, de 1926.

⁹³ Este superego arcaico, esboçado inicialmente no artigo *Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas* (1926), antecede o superego “herdeiro do complexo de Édipo”, postulado por Freud na segunda tópica, no ensaio *O Eu e o Id*, de 1923.

O desmame foi um momento crítico para Rita, e sua análise evidenciou o papel da frustração oral naquele período, levando Klein a considerar sua incidência e importância no surgimento do complexo edipiano. Rita manifestava forte hostilidade, decorrente do desmame, desejos de morte e ódio intenso em relação à mãe, frente à chegada de um bebê, e ódio pelo pai, que interditava seus desejos incestuosos.

Esta análise abre caminho para as primeiras descrições kleinianas da agressividade da criança; revela a relação entre agressividade e angústia, já anunciada no trabalho analítico com Fritz; e aponta que não é a libido, mas a pulsão agressiva que suscita a angústia. Ódio e culpa se misturavam nas brincadeiras e fantasias da pequena Rita, o que leva Klein a considerar a angústia infantil como culpa ligada aos impulsos hostis que habitam o psiquismo infantil.

A partir de Rita, a angústia infantil passa a ser vista, por Klein, como tensão do ego frente às ameaças e severidade de objetos introjetados. Aparece assim o primeiro núcleo do superego arcaico, a ser formulado em 1926 (*Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas*). O tratamento desvela, portanto, para Klein, a relação entre ego e superego, entre superego e a hostilidade da criança.

Trude (1924), com pouco mais de três anos, nutria intenso ódio e desejos de morte em relação à mãe (Klein, *Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas*, 1926, p. 156). Ao deparar com tais impulsos, que despertavam em Trude intensos sentimentos de culpa, Klein afirma anos depois: “Concluo a partir disso que a angústia e os sentimentos de culpa que a criança pequena experimenta muito cedo na vida têm sua origem nas tendências agressivas relacionadas com o conflito edipiano.” (Klein, *Fundamentos psicológicos da análise de crianças*, 1932e, p. 25) No mesmo sentido, Klein afirma que tanto o ódio como as tendências agressivas são “(...) a causa mais profunda e os alicerces dos sentimentos de culpa (...)” (ibidem). A paciente, Trude, fazia ameaças veladas a sua analista, dizendo: “me esfaquearia na garganta, me atiraria para fora da janela, me queimaria, me entregaria para a polícia, etc.”; acrescentava também que iria procurar fezes no bumbum da analista (idem, p. 24). Na ocorrência de tais ataques, a menina exteriorizava intenso medo, chupava os dedos e molhava-se: “Trude havia desejado roubar os bebês à sua mãe grávida, matá-la e tomar o seu lugar no coito com o pai.” (idem, p. 25). A incontinência urinária, as fezes e as fantasias de Trude ilustravam, para sua analista, sadismo anal e uretral.

Quando bebê, outra pequena paciente, Ruth, com pouco mais de quatro anos de idade, passara fome algumas vezes devido à insuficiência de leite materno. Em várias brincadeiras, dramatizações e na atitude, em geral, a pequena Ruth expressava seu desejo oral insaciado, provocado pela frustração oral que experimentara nos primeiros tempos de sua vida. (Klein, *Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas*, 1926, pp. 160-1)

Ruth manifestava sua ambivalência na intensa fixação na mãe, e Klein, ao interpretar os conteúdos levados pela menina, mostra como “(...) ela invejava e odiava a mãe por esta haver incorporado o pênis do pai durante o coito e como queria roubar o pênis dele e as crianças que estavam dentro da mãe e matar a mãe (Klein, *A técnica da análise de crianças pequenas*, 1932c, p. 48). Esta análise revelou a Klein que as crises de angústia da criança em questão provinham do *pavor nocturnus* severo, que a acometera quando tinha dois anos, ao saber que sua mãe engravidara. Ruth queria roubar o bebê do corpo da mãe, “(...) machuca-lá e matá-la das maneiras mais variadas (...)” (Klein, *Fundamentos psicológicos da análise de crianças*, 1932e, p. 49). A garota mostrara a Klein, mediante desejos, ataques e angústia, a atuação do sadismo oral em seu desenvolvimento.

No contexto das análises acima referidas, Klein observa que as teorias sexuais compõem a base da maior parte das fixações sádicas e primitivas (ibidem). Nos jogos infantis daquelas crianças, constata impulsos sádicos, ligados não somente à relação sexual, mas também a desejos de apropriação do corpo da mãe ou de destruição de bebês prestes a nascer. Nos estágios sádico-oral e sádico anal, “(...) a criança entende a relação sexual como uma ação onde comer, cozinhar, trocar as fezes e atos sádicos de todos os tipos (bater, cortar, e assim por diante) desempenham o papel mais importante” (ibidem). A partir da descoberta, em crianças, das pulsões sádicas orais, anais e uretrais⁹⁴ e da agressividade e destrutividade intensas, Klein elege o sadismo como objeto de estudo.

Tal como refere em uma comunicação apresentada à Sociedade Psicanalítica de Berlim, ela própria faz analogia entre crimes da época⁹⁵ e fantasias infantis com características semelhantes, percebidas nas crianças que atendia e cujo desenvolvimento

⁹⁴ Cabe lembrar que tais achados têm não apenas fonte freudiana, mas também influência próxima e marcante das ideias de Abraham, em decorrência da análise pessoal que fizera com ele, conforme a própria Klein assumia.

⁹⁵ Klein se aí refere ao criminoso que abusava de jovens em relações homossexuais e depois os matava, decapitava suas cabeças e queimava ou jogava fora o resto do corpo, e também ao caso em que várias pessoas foram mortas e seus corpos utilizados para fazer salsichas. (Klein, *Tendências criminosas em crianças normais*, 1927b, p. 205)

era dominado por uma consciência intensamente cruel e por densas fixações sádico-orais e sádico-anais (Klein, *Tendências criminosas em crianças normais*, 1927b, p. 205) No mesmo texto e também baseada no tratamento psicanalítico de seus pacientes, Klein defende que

(...) a tendência criminosa não se devia a um superego menos rigoroso, mas a um superego que trabalhava em outra direção. É justamente a ansiedade e o sentimento de culpa que empurram o criminoso para a delinquência. Ao cometer seus crimes, ele também tenta fugir da situação edipiana. (Klein, *Tendências criminosas em crianças normais*, 1927b, p. 212-3)

Postula ela que o superego cruel arcaico — regido pelo sadismo dos estágios pré-genitais e por fixações orais (sugar, engolir, morder, comer) e anais (posse, domínio, crueldade) —, por não ter sido modificado, governa a vida psíquica do criminoso, impelindo-o ao crime sob pressão de medo e culpa (idem, p. 197).

Esta visão é consolidada em 1932, quando compreende a pulsão de morte como fenômeno clínico. No começo da vida, quando é sentida como ameaça no psiquismo, esta pulsão é projetada — uma das maneiras com que Klein descreve a primeira constituição dos objetos. Posteriormente, propõe um equilíbrio entre forças amorosas e hostis, tendo como fundamento a dualidade pulsional de Eros e Thanatos, postulada por Freud (1920). Daí ela parte para o desenvolvimento de uma teoria das emoções, na qual os sentimentos agressivos e amorosos são concebidos como forças psíquicas e elementos fundadores do funcionamento psíquico.

É em 1927 que Klein atribui à agressividade importância fundamental e aos impulsos agressivos, a origem da crueldade característica do superego arcaico, no ensaio *Simpósio sobre análise de crianças* (1927). Em artigo previamente citado, *Tendências criminosas em crianças normais*, ela mostra “(...) como podemos detectar a ação de tendências criminosas em toda criança...” (1927b, p. 200) e o fato de certas fantasias, em que “(...) o pai, ou o próprio menino, esfaqueia a mãe, espancando-a, arranhando-a, cortando-a em pedaços, (...) [serem] postas em prática por criminosos”⁹⁶ (idem, p. 204).

⁹⁶ Destacamos, neste contexto, o recente e primoroso trabalho de tese, *Assassinos seriais: uma abordagem psicanalítica sobre o superego arcaico e os efeitos da sideração*, em que sua autora, Klaylian Marcela Santos L. Monteiro, pesquisa os processos envolvidos na constituição subjetiva dos assassinos seriais, associando-os ao papel do superego arcaico. A pesquisadora observa que “a configuração psíquica dos homicidas em série, embasada sob os moldes do superego arcaico, leva-os aos comportamentos destrutivos apresentados diante das vítimas, em especial, à capacidade de sideração”. (Monteiro, 2012, p. 7)

Klein observa: que, devido às tendências primitivas, os pequenos pacientes associam agressividade a suas próprias teorias sexuais infantis (ibidem); que, no âmbito destas teorias, o complexo de Édipo arcaico e o sadismo anal estão ligados; e, por fim, que as teorias infantis — as sádicas e anais, do nascimento, e a da concepção dos bebês — se originam na imbricação das pulsões genitais nascentes com as pulsões sádico-anais.

Freud já postulara a ligação entre o estágio anal e a agressividade⁹⁷ no período em que Klein empreende essas análises e Karl Abraham formula suas teorizações sobre as fases do estágio sádico-anal. Incorporando as idéias deste, ela passa a defender que a pulsão sádico-anal não visa apenas o controle do objeto, mas também, em etapa mais arcaica, sua destruição — como demonstram as fantasias de crianças por ela relatadas. No curso daquelas análises, Klein depara igualmente com as pulsões sádico-orais e integra à descoberta dessas fantasias as formulações de Abraham relativas ao estágio oral pré-ambivalente, em que libido e pulsões agressivas se interligam.

Em síntese, todos estes achados lhe suscitam reflexões teóricas, que redundam em concepções estruturais. A experiência analítica de Klein com crianças, na década de 1920, propicia-lhe descobertas fundamentais: a análise de Rita, por exemplo, sinaliza o aparecimento precoce do conflito edipiano, marcado por instabilidade e impulsos mesclados, e desencadeado pela frustração oral, vivenciada no desmame — como posteriormente postula. A intensa hostilidade desta criança, então bastante pequena, enseja a descoberta kleiniana do sadismo pré-genital, infiltrado no surgimento do Édipo arcaico e na formação do superego, por meio da introjeção de objetos parentais ligados aos impulsos hostis da criança.

Em seguida, a pequena Trude (*Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas*, 1926, p. 156) revela que o conteúdo das fantasias — mediante as quais expressava rivalidade e desejos de morte contra a mãe — tem relação com as pulsões sádico-anais e uretrais, em que fezes e urina se tornam armas explosivas a espalhar sujeira e destrutividade.⁹⁸

⁹⁷ *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905).

⁹⁸ Segundo J. M. Petot, a ideia das pulsões sádicas uretrais em união com as pulsões anais, identificadas na análise de Trude (iniciada em 1924), têm base freudiana e influência, principalmente, de Abraham, que chama a atenção para a “(...) onipotência benfazeja ou destrutiva atribuída à urina e às fezes”, em seu artigo *A Valorização Narcísica dos Excrementos no Sonho e na Neurose*. (Petot, *Melanie Klein I. Primeiras descobertas e primeiro sistema. 1919-1932*, 2001, p. 113)

No mesmo período, o temor dos pequenos pacientes, Ruth (idem, p. 160) e Peter (*Tendências criminosas em crianças normais*, 1927b, p. 206-7), de serem cortados em pedaços e devorados pelos pais, oculta desejos canibalescos. Cabe salientar que, igualmente neste período, Klein começa a dirigir suas pesquisas para a relação entre angústia e agressividade.

Superego arcaico

No pensamento kleiniano, o sadismo desempenha papel central tanto no desenvolvimento psíquico, como durante a vida do sujeito. As pulsões hostis são consideradas fundamentais nos primeiros anos da vida psicológica, principalmente no que tange ao vínculo com a mãe. De início, Klein adota o conceito de *fase de sadismo máximo*, de Abraham, supondo, a princípio, que tal fase tem lugar aos seis meses de idade, vinculada à dentição e ao desmame. Posteriormente, identifica o sadismo em períodos ainda mais precoces da vida, tornando-o independente dos processos biológicos e restringindo-o ao âmbito da fantasia inconsciente⁹⁹. Nesta perspectiva, o sadismo é primário e advém de respostas do ego a ameaças de objetos introjetados, considerados núcleo do superego. Para se defender, a criança reage, contra-atacando os objetos reais.

Nesse contexto, a angústia passa a ser cada vez mais vista como resultante do sadismo infantil primário, e o inconsciente, como dominado pelo preceito bíblico do “*olho por olho, dente por dente*” (*Tendências criminosas em crianças normais*, 1927b, p. 208). Klein descobre que, aos impulsos sádicos e de ódio, se associam fantasias de angústia idênticas: os desejos hostis da criança contra os pais despertam, em seu psiquismo, o temor de ser por eles destruída. Ou seja, o sadismo sofre uma inflexão ao retornar para a própria criança, produzindo o preceito moral do *Talião*¹⁰⁰, mais precisamente, o superego arcaico, como Klein o denomina. Esta formulação confirma a vicissitude que a pulsão pode

⁹⁹ Para Klein, as *fantasias inconscientes* provêm de impulsos físicos; correspondem a conteúdos primários inerentes a todo processo mental; são representações mentais de experiências corporais, envolvendo as pulsões; são também interpretação de sensações físicas, como relacionamento com objetos que produzem tais sensações, e, ainda, expressão de mecanismos de defesa. (Hinshelwood, 1992, p. 46)

¹⁰⁰ Cintra e Figueiredo se referem a certa *moralidade do Talião*, ao falar sobre esse “superego *pulsional*, (...) concepção que envolve a noção de que as primeiras formas de contrapor-se a certas moções pulsionais são de natureza também pulsional: são as próprias forças do id que, dispostas umas contra as outras, criam essa primeira forma de ‘interdição’ (...)”. (Cintra & Figueiredo, 2010, p. 60)

experimental, ao retornar para a própria pessoa, tal como Freud postulara em seu ensaio metapsicológico, *Os instintos e seus destinos*, de 1915.

O temor da lei do Talião desvela, simultaneamente, a existência de objetos introjetados, posto que o medo de retaliação se liga a objetos perseguidores — em verdade, objetos deformados pela fantasia, como sendo sádicos e vingadores, incongruentes e excessivos, frente às exigências dos pais reais, conforme destacamos anteriormente. Nessa primeira formulação sobre o superego arcaico (*Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas*, 1926), tais objetos ameaçadores, ligados a figuras edípicas arcaicas introjetadas, formam, para Klein, o núcleo do superego.

Sua perspectiva se distancia completamente de Freud, não só pelo fato de Klein entender que a manifestação do superego está estreitamente ligada ao surgimento do complexo de Édipo, mas também por conceber que seus conteúdos ansiógenos estão relacionados ao sadismo oral e anal, que permeia as pulsões sexuais nas etapas edípicas iniciais. A natureza cruel e rigorosa do superego primitivo, cujo desenvolvimento se dá gradativamente, até se estabelecer como consciência moral, tem origem, portanto, nos impulsos sádicos e canibalescos da criança.

Em comunicação intitulada, *Simpósio sobre análise de crianças* (1927a, p. 182), apresentada em evento realizado em Londres em 1927, além de contestar a posição de Anna Freud e enfatizar suas próprias concepções inovadoras sobre o tema, Klein defende a hipótese de que a análise deve ter por objetivo arrefecer a tirania do superego primitivo e, não, fortalecer um superego frágil, como queria Anna Freud. Igualmente importante nesta comunicação é o fato de Klein explicar o rigor desta instância arcaica: as introjeções edípicas que a estruturam são distorcidas por tendências sádicas e canibalescas, transformando-se em figuras aterrorizantes.¹⁰¹ O conflito se dá entre o ego e o superego cruel, já que emanam do ego o ódio e as fantasias sádicas da criança, em resposta aos objetos ameaçadores introjetados, que compõem o superego. Ao comentar o caso de um garoto de quatro anos, que nunca fora punido e sempre recebera muita afeição, ela afirma:

O conflito entre ego e superego neste caso (que tomo apenas como um exemplo dentre vários) mostra que o superego possui uma severidade fantástica. Devido à fórmula bem conhecida que prevalece no lcs, essa criança antevê, por causa de seus próprios

¹⁰¹ Esta colocação foi acatada por Freud em rara referência a Klein, feita em nota de rodapé. (Freud, *O mal-estar na civilização*, 1930, p. 101)

impulsos canibais e sádicos, punições como ser castrado, cortado em pedaços, devorado, etc., vivendo num medo constante de que estas sejam levadas a cabo. (Klein, *Simpósio sobre análise de crianças*, 1927a, p. 182)

Conforme salientamos acima, o sadismo da criança intensifica o sadismo dos objetos introjetados e vice-versa — circuito que passa a ter grande importância no pensamento kleiniano. Para ela, é imperativo trabalhar a transferência negativa, investigando-a à luz da situação edipiana e mobilizando-a a serviço do trabalho analítico. Só dessa forma é viável o estabelecimento da neurose de transferência, e, por conseguinte, da verdadeira situação analítica. Ela observa que

(...) apenas crianças neuróticas bastante ambivalentes demonstram medo ou hostilidade em relação aos estranhos. A minha experiência [confirma] a convicção de que se eu aceitar imediatamente essa rejeição como ansiedade e sentimento negativo de transferência, interpretando-a como tal em conexão com o material que a criança ao mesmo tempo produz e rastreando-a de volta ao seu objeto original (a mãe), posso observar imediatamente que a ansiedade diminui. (...) Meu método pressupõe, é claro, que desde o início eu esteja disposta a atrair a transferência negativa — e não só positiva — além de investigar suas origens na situação edipiana. (Klein, *Simpósio sobre análise de crianças*, 1927a, p. 172)

Sua paciente, Erna, de seis anos, que sofria de neurose obsessiva grave, com fortes inibições e remorso, e oscilava entre ser “anjo e demônio”, “princesa boa e princesa má”, mostra-lhe a necessidade de resolver as resistências e liberar totalmente a transferência negativa. Klein argumenta:

Descobri nesse e todos os outros casos que se quisermos permitir às crianças controlar melhor seus impulsos sem entrar numa luta laboriosa contra eles, é preciso trazer às claras o complexo de Édipo da forma mais completa possível através da análise, assim como investigar os sentimentos de ódio e culpa resultantes dele até suas origens mais remotas. (Klein, *Simpósio sobre análise de crianças*, 1927a, p. 188)

A necessária análise do conflito edipiano contribui para liberar e parcialmente solucionar os sentimentos negativos, viabilizando, pois, o fortalecimento dos sentimentos positivos. No entender de Klein,

é justamente a análise do período mais inicial que traz à tona as tendências hostis e o sentimento de culpa originários da primeira

privação oral, do treinamento em hábitos de higiene e da privação ligada à situação edipiana. (Klein, *Simpósio sobre análise de crianças*, 1927a, p. 192)

Nessa perspectiva, ódio e destrutividade assumem importância cada vez maior, e a transferência negativa bem como a análise dos impulsos hostis ganham dimensão fundamental para Klein.

Na análise de Trude, Rita, Ruth e Peter, os estágios arcaicos do conflito edípico mostram-se fortemente dominados pelo sadismo pré-genital: “O pequeno menino, que odeia o pai como um rival pelo amor da mãe, fará isso com a raiva, a agressividade e fantasias derivadas de suas fixações sádico-orais e sádico-anais” (*Tendências criminosas em crianças normais*, 1927b, p. 200). Ainda nas palavras de Klein,

(...) sempre que seus sentimentos são negativos, a criança reage com toda a força e intensidade do ódio que caracteriza os estágios sádicos iniciais do desenvolvimento. Contudo, uma vez que os objetos que odeia são os mesmos que ama, os conflitos resultantes logo se tornam um fardo insuportável para seu ego fraco; a única saída é a fuga através da repressão.” (Klein, *Tendências criminosas em crianças normais*, 1927b, p. 202)

Klein anteriormente ressaltara a ideia da frustração oral como fator desencadeador das primeiras tendências edipianas. Advinda do período do desmame, tal frustração se apresenta entre o fim do primeiro e início do segundo ano de vida; posteriormente, frustrações anais e uretrais, provenientes do treinamento de hábitos de higiene, são agregadas a não satisfação das tendências orais. As etapas pré-genitais da sexualidade são governadas, portanto, pela “lei da selva”, aquela que ordena ‘pega, mata e come’” (Cintra & Figueiredo, 2010, p. 62).

Em um dos trabalhos mais importantes de sua autoria — *Estágios iniciais do conflito edipiano* —, ela postula que a culpa primordial resulta do medo de punição do objeto amoroso introjetado, devorado, destruído: “A criança passa a temer um castigo que corresponda à ofensa: o superego se torna algo que morde, devora e corta” (1928, p. 217).

Para Klein, o superego se estrutura no decorrer do desenvolvimento libidinal, a partir de identificações múltiplas e contraditórias: “(...) uma bondade excessiva pode conviver lado a lado com uma severidade desmedida” (ibidem). A criança introjeta imagens — objetos internalizados e baseados nos pais, que são objetos edipianos reais —,

envolvendo uma mistura de impulsos pré-genitais diversos. Tais imagos representam atividades orais e/ou anais com ela realizadas – “(...) fantasias de ser alimentada, ser devorada ou mordida, ou de alimentar o objeto” (Hinshelwood, 1992, p. 115).

A primeira identificação construída pelo bebê provém da “posição oral”: estimulada pelo próprio movimento pulsional de retorno contra si e, pelo medo de ser destruída, a criança internamente cria uma imago devoradora; outras identificações derivam das posições sádico-anal, uretral e fálica e se apresentam ao bebê como ameaças de invasão, controle e penetração.

No curso de seu desenvolvimento e movido por sua tendência à integração, o ego tende a organizar as identificações e imagos que formam o superego — instância estruturada como um todo (Klein, *Personificação no brincar das crianças*, 1929b, p. 234). Klein afirma que essa necessidade de síntese deriva das dificuldades do indivíduo para alcançar um acordo entre o ego e um superego constituído por imagos tão contraditórias. Além disso, quanto mais extremas e incongruentes essas imagos, maior a tendência ao fracasso do trabalho de síntese e maior a dificuldade para sustentar tal síntese:

A influência excessiva exercida por esses tipos extremos de imago, a grande necessidade de figuras bondosas em oposição às ameaçadoras, a rapidez com que os aliados se transformam em inimigos (...) — tudo isso indica que o processo de síntese das identificações fracassou. Esse fracasso se manifesta através da ambivalência, da tendência de ansiedade, da falta de estabilidade ou da rapidez com que esta é derrubada e da relação deficiente com a realidade que é típica das crianças neuróticas. Klein, *Personificação no brincar das crianças*, 1929b, p. 234

À medida que as demandas da realidade se tornam maiores, já na etapa da latência, o ego se empenha em viabilizar a síntese das identificações polarizadas que compõem o superego, “a fim de finalmente atingir um equilíbrio entre o Superego, o Id e a realidade” (ibidem). Para a autora, o superego permanece em constante mudança.¹⁰²

¹⁰² Conforme salientado na nota explicativa do artigo *O desenvolvimento inicial da consciência na criança* (1933), as formulações de Klein sobre o desenvolvimento do Superego arcaico — até que este se torne consciência moral desenvolvida — destacam a questão da transformação psíquica. A dinâmica das mudanças psíquicas do Superego — que implica “(...) a sintetização das figuras polarizadas, a assimilação crescente do superego pelo ego e a passagem do medo para a culpa” (p. 285) — só posteriormente é abordada no contexto de suas teorizações sobre a posição depressiva (*Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos*, 1935), de que trataremos mais adiante.

Nos trabalhos iniciais, em que apresenta a hipótese do superego primitivo, Klein compreende a natureza sádica desta instância como resultado do sadismo da própria criança. Contudo, no artigo *O desenvolvimento inicial da consciência da criança*, de 1933, ela formula a ideia de que a criança projeta¹⁰³ sua agressividade sobre as figuras dos pais, e o caráter terrificante do superego arcaico provém dessa projeção.

Ela [a criança] percebe a ansiedade originária de suas pulsões agressivas como medo de um objeto externo, não só porque fez desse objeto seu alvo exterior, mas também porque projetou nele essas pulsões, de tal forma que agora ele parece lhe dirigir os mesmos impulsos. (Klein, *O desenvolvimento inicial da consciência na criança*, 1933, p. 288)

Chamamos atenção, ainda, para o que convencionamos chamar tramas que o ódio enreda nos confins do psiquismo, ilustradas pelas análises kleinianas sobre a subjetividade do criminoso. A pensadora observa que a falta de amor nos criminosos é apenas aparente, pois, nos conflitos mais profundos, de onde emergem ódio e angústia, ela entrevê amor soterrado, que só a análise pode trazer à tona:

(...) já que para o bebê pequeno o objeto odiado e perseguidor era originalmente o objeto de todo seu amor e libido, o criminoso agora se encontra na posição de odiar e perseguir seu próprio objeto amoroso; como essa posição é insuportável, toda memória e consciência de amor por qualquer objeto deve ser suprimida. Se não há nada no mundo além de inimigos, e é assim que o criminoso se sente, então seu ódio e espírito destrutivo, no seu ponto de vista, estão em grande parte justificados – atitude que alivia até certo ponto seu sentimento de culpa inconsciente. (Klein, *Sobre a criminalidade*, 1934, p. 299)

No mesmo texto, Klein acrescenta, ainda, que:

O ódio muitas vezes é usado como disfarce mais eficiente para o amor; no entanto, não podemos nos esquecer de que para a pessoa que se encontra sob pressão contínua da perseguição, a segurança do próprio ego é a primeira e única consideração. (Klein, *Sobre a criminalidade*, 1934, p. 299)

¹⁰³ Como salientam Cintra e Figueiredo, o mecanismo da *projeção* passa a ser largamente destacado a partir de então, “(...) para expressar essa participação dos afetos da criança em todas as formas de interação com o ambiente. A criança distribui ódio e amor sobre o ambiente e sobre as pessoas que encontra a seu redor.” (2010, p. 77)

Salientamos por fim, que, para ela, o surgimento do superego arcaico é então concebido em ligação com o conflito edipiano precoce. Posteriormente, entretanto — embora relutando em romper com a perspectiva freudiana que associa a origem dessa instância psíquica ao complexo de Édipo —, no texto *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos* (1935), Klein definitivamente desvincula a formação original do superego do complexo de Édipo.

Complexo de Édipo precoce

No ensaio *Estágios iniciais do conflito edipiano*, Klein chama a atenção para as frustrações orais, advindas do desmame e associadas à frustração dos prazeres anais, associação esta que possibilita a fusão de tendências anais e sádicas (1928, p. 218). Esta etapa arcaica do desenvolvimento (*estágio sádico-anal arcaico*) é dominada pelas tendências hostis da criança contra o corpo materno e por seu desejo marcante de posse dos conteúdos deste corpo, que anseia cortar em pedaços, devorar e destruir (ibidem). Desse modo, desejos de destruição sádico-orais se intercalam com desejos de destruir o corpo da mãe — originalmente, desejos de devorar o seio. O desmame desencadeia, portanto, a etapa inicial do conflito edípico. Apesar da emergência e incidência das pulsões libidinais, de início prevalecem os impulsos sádico-orais e sádico-anais.

Posteriormente, ao retomar suas formulações sobre os primeiros estágios do conflito edípico, ela afirma:

Se estamos certos em supor que as tendências edípicas da criança se manifestam quando o sadismo acha-se no auge, somos levados à conclusão de que são principalmente os impulsos de ódio que iniciam o conflito edipiano e a formação do superego e que governam os estágios mais arcaicos e mais decisivos de ambos. (Klein, *Estágios iniciais do conflito edipiano e da formação do superego*, 1932d, p. 156)

Preocupada em compatibilizar suas ideias com os pressupostos freudianos, Klein incorpora a concepção de que o desenvolvimento libidinal ocorre entre as etapas pré-genital e genital, e se reporta à defesa, por parte de Freud, da ideia de que o ódio antecede o amor.¹⁰⁴ No mesmo texto e em nota de pé de página, ela se reporta ao ensaio *Mal-estar*

¹⁰⁴ Klein retoma as ideias de Freud de 1915, citando-as textualmente: “O ódio como uma relação com objetos é mais antigo que o amor. Ele deriva do repúdio primordial do ego narcísico pelo mundo externo com sua torrente de estímulos”; e novamente: “O ego odeia, abomina e

na civilização (1930), em que Freud vai mais além, ao afirmar que “[a agressividade] forma a base de toda relação de afeto e de amor entre as pessoas (com a única exceção, talvez, da relação da mãe com o seu filho homem)”¹⁰⁵ (Klein, *A psicanálise de crianças*, 1932b, p. 156) A hipótese de que o conflito edipiano se inicia sob domínio do sadismo é, em seu entender, um complemento à referida colocação freudiana, já que apresenta outro motivo pelo qual o ódio é fundamento de relações objetais:

(...) a criança forma sua relação com os pais – uma relação que é tão fundamental e tão decisiva para todas as suas futuras relações de objeto – durante o tempo quando suas tendências sádicas estão no auge. A ambivalência que ela sente pelo seio da mãe como seu primeiro objeto se fortalece pela crescente frustração oral que sofre e pelo início de seu conflito edipiano, até que ele se desdobre em um sadismo plenamente desenvolvido. (Klein, *A psicanálise de crianças*, 1932b, p. 156)

Segundo Klein, o complexo de Édipo surge na presença de um superego odiento, impregnado por destrutividade e sadismo intensos; a criança é exposta a uma mistura de impulsos sádicos e libidinais, e, por conseguinte, a angústia e culpa extremadas.¹⁰⁶ No desenvolvimento do bebê, só mais tarde os impulsos genitais passam a reger a sexualidade.¹⁰⁷

persegue com a determinação de destruir todos os objetos que são para ele uma fonte de sentimentos desprazerosos, sem levar em consideração se eles representam uma frustração da satisfação sexual ou da satisfação das necessidades de autopreservação.” (Klein, *A psicanálise de crianças*, 1932b, p. 156) (Estas traduções de trechos da obra de Freud correspondem a citações encontradas na edição de *Os instintos e seus destinos*, São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 79 e 78, respectivamente.)

¹⁰⁵ Esta citação de Freud corresponde ao que está dito na edição de 2010 de *O Mal-estar na civilização*, São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 80.

¹⁰⁶ Klein perseguia a hipótese ferencziana de “moralidade esfínteriana” – “precursor fisiológico do superego”, relacionado aos impulsos uretrais e anais — bem como a ideia de Abraham de que a primeira angústia se associa aos impulsos canibalescos, e o aparecimento da culpa, ao período sádico-anal posterior. (*Estágios iniciais do conflito edipiano*, 1928, p. 216)

¹⁰⁷ Nos preciosos estudo e atualização que fazem do pensamento e dos conceitos de Klein, Cintra e Figueiredo sugerem que ela entreviu, na triangulação criança-experiências de satisfação-experiências de frustração, uma primeira configuração edipiana. Os autores apresentam uma compreensão extremamente original da formulação kleiniana sobre o complexo de Édipo precoce, numa perspectiva metafórica e simbólica, como “(...) uma estrutura de lugares cambiantes e uma dinâmica de inclusão-exclusão, presença-ausência, o que torna possível constatar o complexo de Édipo desde a época do desmame, por volta dos seis meses de idade.” (2010, p. 67)

Na visão kleiniana, o ainda pouco desenvolvido ego do bebê, atacado pelas primeiras tendências edípicas, é exposto a “perguntas esmagadoras” quando ainda não pode se expressar nem compreender a fala. Este estado de ignorância é fonte de sofrimento, desperta intenso ódio e exacerba ainda mais o complexo de castração (*Estágios iniciais do conflito edípico*, 1928, pp. 217-8)

Klein enfatiza a importância dessa relação inicial entre pulsão epistemofílica e sadismo: o desejo de saber e o desejo de posse do objeto (corpo da mãe) se fundem ao ódio resultante de frustrações anteriores. O conflito edípico transcorre, pois, em meio a forte ódio, rivalidade e inveja. (1928, pp. 218-9) Ao componente epistemofílico e em estreita ligação, se associam, portanto, impulsos sádicos, e à exigência de saber, voltada principalmente para o corpo da mãe – palco de objetos preciosos, ataques hostis e processos sexuais –, ligam-se desejos de posse dos objetos ali existentes. (idem, p. 218)

Klein defende que o sadismo — ligado à frustração das investigações sobre a sexualidade — e o medo da criança frente a seu ódio resultam em inibição da curiosidade em geral e, por conseguinte, em embotamento intelectual. A crueldade da criança e as fantasias sádicas de ataque ao corpo da mãe — que a deixam extremamente temerosa de retaliação sádica — suscitam angústias intensas; além disso, todo o desenvolvimento libidinal é atravessado pelo sadismo, e ambivalentes são todos os estágios, em que a libido se agrega a pulsões sádicas, ambivalência esta de certo modo ultrapassada na vida adulta. Tal visão acompanha, portanto, a noção de que o desenvolvimento libidinal se dá do ódio para o amor, ou seja, do estágio pré-genital – em que predominam ódio e destrutividade — para a etapa genital – quando preponderam amor, cuidado e consideração com o outro.

A partir deste período, Klein se volta cada vez mais para o estudo do ódio: passa a dar muita importância ao efeito, no psiquismo precoce, do sadismo expresso em fantasias inconscientes de devorar e atacar o seio e o corpo maternos, gerando temores persecutórios de devoramento e destruição. (Idem, p. 217)

Para a autora, desde o nascimento os impulsos destrutivos dirigidos contra o objeto produzem medo de retaliação: a criança vive aterrorizada com a ameaça de que seus objetos possam destruí-la, queimá-la, envenená-la, atividades estas prevalentes em fantasias sobre os referidos objetos. Para a criança, o mundo de sua primeira realidade nada mais é que um seio e um ventre habitados por objetos perigosos, cuja aparente periculosidade é originária de seus próprios impulsos hostis. Daí, o medo de seus primeiros

objetos corresponde, então, à intensidade de sua própria hostilidade. Na economia psíquica da criança, portanto, o temor de retaliação sádica desvela a gradação de seus impulsos, ao mesmo tempo em que a eles ela se ajusta.

Os processos analíticos de crianças pequenas, em suma, levam Klein a afirmar que “(...) para todas as crianças, a realidade externa de início é antes de mais nada um espelho de sua própria vida pulsional.” (*A psicoterapia das psicoses.*, 1930b, p. 266)

Após anteriormente destacar que ódio e impulsos agressivos são a fonte mais profunda e a base dos sentimentos de culpa (*Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas*, 1926), Klein passa a sustentar em outro texto (*A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego*, 1930) que, apenas nos estágios mais desenvolvidos do conflito edipiano, as defesas contra os impulsos sexuais são erguidas; nas fases iniciais do complexo, “(...) a defesa se dirige apenas contra os impulsos *destrutivos* que os acompanham. A primeira defesa levantada pelo ego é dirigida contra o sadismo do próprio sujeito e contra o objeto atacado, ambos encarados como fontes de perigo.” (*A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego*, 1930a, pp. 263-4).

Ao retomar mais tarde a colocação acima¹⁰⁸, Klein enfatiza sua aproximação do pensamento freudiano relativo à derivação do sentimento de culpa, associado às pulsões agressivas, e cita Freud: “(...) quando uma tendência pulsional sofre repressão, seus elementos libidinais são transformados em sintomas e seus componentes agressivos em um sentimento de culpa.”¹⁰⁹ (Klein, *A psicanálise de crianças*, 1932b, p. 25)

¹⁰⁸ Klein reafirma tal ideia em uma nota de pé de página referida à colocação de que “(...) a ansiedade e os sentimentos de culpa que a criança pequena experimenta muito cedo na vida têm sua origem nas tendências agressivas relacionadas com o conflito edipiano.” (Klein, *A psicanálise de crianças*, 1932b, p. 25)

¹⁰⁹ Este trecho de Freud tem correspondência com o que se encontra na edição de *O Mal-estar na civilização* (2010, p. 113).

3.4 Coexistência dinâmica entre amor e ódio: a trama das posições

Ódio, simbolismo e sublimação

Klein desenvolve valiosas teorizações sobre a formação de símbolos quando, pela primeira vez, depara com um caso de psicose infantil — o do garoto Dick. Tendo em vista que, por defesa, a expulsão de seu sadismo se dava de forma muito exacerbada — mediante ataques violentos e destrutivos contra o corpo da mãe e seus conteúdos fantasiados¹¹⁰ —, ele se mostrava indiferente e inadaptado à realidade, não brincava, não se comunicava com o ambiente, não manifestava interesse em falar nem em se fazer compreender. Para Klein, a intensificação deste sadismo, “em todas as fontes de prazer libidinal”¹¹¹, tinha origem nas privações e na precariedade dos cuidados maternos, e provinha tanto do sadismo do próprio sujeito como dos objetos atacados.¹¹² (*A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego*, 1930a, pp. 251-3).

Ainda no caso Dick, o ego, tendo em vista liberar a angústia resultante, teria recorrido a defesas radicais das mais arcaicas, expulsando desmedidamente o sadismo. Este sadismo expulso não pôde ser simbolizado nem sublimado, como desejo de conhecer. Tal defesa gerou paralisação, inibição e embotamento da vida intelectual, relacional e afetiva, dificultando o contato do garoto com a realidade e comprometendo toda a sua vida fantasmática. Totalmente retraído e sem afeto, sadismo e angústia, para instigá-lo a buscar novos relacionamentos e experiências, Dick não pôde dispor nem fazer uso desses impulsos, que não puderam ser criativa e saudavelmente sublimados e empregados, sob a forma de curiosidade, de desejo de aprender e explorar o mundo.

Klein concebe que, nesta etapa inicial do desenvolvimento, a angústia gerada pelo sadismo e o interesse libidinal ensejam o mecanismo de identificação e a formação de

¹¹⁰ Para Klein, “(...) o primeiro tipo de defesa levantada pelo ego diz respeito a duas fontes de perigo: o sadismo do próprio sujeito e o objeto que é atacado. Essa defesa tem caráter violento, proporcional à quantidade de sadismo, e difere fundamentalmente do mecanismo posterior da repressão.” (1921, p. 252)

¹¹¹ Klein se baseia na hipótese — já formulada em 1928, em *Estágios iniciais do conflito edipiano* — de que o sadismo atinge seu auge na etapa do desenvolvimento psíquico que se inicia com o desejo sádico-oral de devorar o seio da mãe (ou a própria mãe) e se encerra com o começo do estágio anal (1921, p. 251). Este desejo quer a posse e a destruição — com todo o sadismo disponível — do que há no corpo da mãe.

¹¹² Na visão kleiniana, as fantasias sádicas desferidas contra o interior do corpo da mãe “(...) constituem a primeira e mais básica relação com o mundo externo e a realidade.” (1921, pp. 252-3). O corpo da mãe é, portanto, o primeiro objeto a que se destinam sadismo, curiosidade e desejo de conhecer.

símbolos. A criança é então levada a igualar, simbolicamente, excrementos, objetos — alvos de ataques e, por retaliação, de ameaça e perigo —, órgãos (seio-pênis etc.), coisas animadas e inanimadas representativas dos objetos, que, por sua vez, também se tornam fonte de angústia.¹¹³

Para dar conta dessas situações primárias de angústia, a criança se vê permanentemente forçada a fazer novas equiparações e a buscar objetos substitutos (símbolos); tais equiparações e substituições adquirem dimensão defensiva e são fundamento da formação simbólica. Na visão kleiniana, por conseguinte, o simbolismo é “(...) a base não só de toda fantasia e sublimação, mas também da relação do indivíduo com o mundo externo e com a realidade em geral” (1930a, p. 252).

A partir de 1932, Klein passa a considerar a angústia como produto das pulsões hostis, renunciando à ideia de que toda angústia resulta do recalque da libido. Em seu livro *A psicanálise de crianças* (1932), adere à hipótese freudiana da pulsão de morte e, desde então, passa a conceber a angústia como reação afetiva do ego diante da atividade interna da pulsão de morte.

Seguindo as teorizações freudianas sobre a origem da angústia (Freud, *Inibições, sintomas e ansiedade*, 1926[1925]), ela interpreta como angústia e fúria a reação do bebê frente às tensões advindas das necessidades físicas — para ela, exemplo mais evidente da transformação da libido não satisfeita em angústia. Essas tensões simplesmente intensificam as pulsões sádicas do bebê, e a pulsão destrutiva, voltada contra o próprio organismo, constitui perigo para o ego, perigo este experimentado como angústia. Nessa perspectiva, a angústia tem origem na agressão. (Klein, *Estágios iniciais do conflito edipiano e da formação do superego*, 1932d, p. 148)

A angústia, advinda das moções destrutivas, implica o aniquilamento do próprio corpo da criança — um perigo pulsional interno. Por outro lado, os medos da criança recaem, ainda, sobre o objeto externo, que também se torna fonte de perigo e alvo de sentimentos sádicos. No começo do desenvolvimento do ego, a mãe é alguém que pode dar ou retirar satisfação; e quando suas necessidades são satisfeitas, a criança se dá conta do poder de seu objeto. Segundo Klein, este conhecimento é

¹¹³ Na concepção kleiniana, “certa quantidade de ansiedade é a base necessária para que a formação de símbolos e a fantasia ocorram em abundância.” (1930a, p. 253)

(...) a base mais arcaica na realidade externa para o medo que tem do objeto. (...) pareceria que ela reage ao seu intolerável medo de perigos pulsionais transferindo o impacto maciço dos perigos pulsionais para o seu objeto, transformando, desse modo, perigos internos em perigos externos. Contra esses perigos externos, seu ego imaturo procura então defender-se por meio da destruição do objeto. (Klein, *Estágios iniciais do conflito edipiano e da formação do superego*, 1932d, p. 149)

Por efeito do sadismo direcionado aos objetos¹¹⁴, o ego é submetido a situações arcaicas de angústia, cuja elaboração é sua tarefa arcaica mais premente, como esclarecem, em nota explicativa, os editores do texto *A psicanálise de crianças* (COMISSÃO EDITORIAL MELANIE KLEIN TRUST, s/d, p. 301). Vale ressaltar que toda esta formulação sobre angústia e sadismo é mantida até o final de sua obra.

A origem do superego é também vinculada à pulsão de morte.¹¹⁵ O superego primitivo é preliminarmente sentido pela criança como ansiedade ligada ao medo, e só no decorrer do desenvolvimento, produz outro tipo de ansiedade, sob a forma de sentimento de culpa.¹¹⁶

Na publicação de 1932 acima referida, Klein destaca os aspectos destrutivos e a questão das ansiedades mais primitivas. Como ressaltam os apresentadores das *Obras completas* de Klein, a partir deste livro (*A psicanálise de crianças*, 1932), seu trabalho tem por fundamento as pulsões de vida e de morte — substrato teórico a partir do qual Klein postula a *posição depressiva* e, depois, a *posição esquizo-paranóide*. Estas posições se assentam conceitualmente na presença e no intercâmbio dinâmico dos impulsos contrários de amor e de ódio. (COMISSÃO EDITORIAL MELANIE KLEIN TRUST, s/d, p. 302)

¹¹⁴ Se nos trabalhos iniciais, em que Klein formula a hipótese do superego primitivo, sua natureza sádica é compreendida como resultante do sadismo da própria criança, em *O desenvolvimento inicial da consciência na criança*, de 1933, Klein formula a ideia de que a criança projeta sua agressividade sobre as figuras dos pais, e o caráter terrificante do superego arcaico provém dessa projeção.

¹¹⁵ Para Klein, o superego resulta de uma divisão no id, utilizada pelo ego como medida de defesa contra a parte da pulsão de morte que se mantém no interior. Tão logo é incorporado, o objeto assume o papel de superego. Apesar desta formulação, a autora continua a acompanhar Freud, ao relacionar a constituição do superego à introjeção de objetos edipianos (COMISSÃO EDITORIAL MELANIE KLEIN TRUST, s/d, p. 302).

¹¹⁶ A distinção entre medo e culpa se torna essencial na nova concepção kleiniana sobre a posição depressiva, elaborada no texto *Uma contribuição à psicogênese dos estados maniaco-depressivos* (1935).

Klein passa então a considerar essencial a interação das pulsões de vida e de morte nos processos dinâmicos psíquicos¹¹⁷. Esta ligação indissolúvel submete a libido ao forte domínio das tendências hostis. As forças libidinais têm que ser fortalecidas e exercer seu domínio, para que possam romper com o círculo vicioso mobilizado pela pulsão de morte — em que a agressividade produz angústia e esta, por sua vez, intensifica a agressividade. (1932b, p 170)

Ainda na obra *A psicanálise de crianças* (1932), além da interação entre pulsão de vida e pulsão de morte, expressas por amor e ódio, Klein também passa a realçar o intercâmbio entre figuras internalizadas e objetos reais — ego/superego e introjeção/projeção —, processo que tem correspondência com a interação entre a constituição do superego e a constituição da relação de objeto (conforme Klein, em *A importância das situações de ansiedade arcaicas no desenvolvimento do ego*, 1932a, p. 198). Para os editores desta obra e conforme visão ampliada de Klein, “(...) o desenvolvimento das relações de objeto, o ego, o superego, a sexualidade e a modificação das imagos não podem ser considerados isoladamente — cada um afeta todos os outros” (COMISSÃO EDITORIAL MELANIE KLEIN TRUST, s/d, p. 301).

O ódio na posição depressiva

Os impulsos hostis inicialmente ocupam primeiro plano no trabalho kleiniano, porém, o conflito entre amor e ódio assume importância cada vez maior. Se antes a ênfase recaía sobre o ódio e se era o objeto mau que prevalecia no mundo da criança, as inovações teóricas kleinianas, a partir de então, passam a levar em conta a dimensão do amor — antes relativamente desconsiderada — e a se fundamentar na interação entre pulsões de vida e de morte, expressas por amor e ódio. Com a descoberta de variações nas relações do ego com objetos internos e externos bem como de oscilações nas angústias primitivas, Klein concebe nova perspectiva para o desenvolvimento inicial, postulando-o em termos de *posições*¹¹⁸, — na verdade, formas de ordenamento de sentimentos, angústias¹¹⁹, vínculos e defesas, em que amor e ódio lutam pelos objetos.

¹¹⁷ Klein aí se baseia na leitura freudiana da interação entre pulsão de vida e pulsão de morte.

¹¹⁸ O termo destaca a dimensão dinâmica dos processos e fenômenos que permeiam o desenvolvimento psíquico precoce bem como a posição do ego frente a seus objetos. No trabalho, *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos* (1935), em que formula a *posição depressiva*, Klein se refere, também, a posições maníaca e obsessiva — termos

A partir de 1935, portanto, Klein constrói teorizações que redundam em mudança fundamental na concepção do psiquismo. Considerando o aparelho psíquico como um universo de objetos que se interrelacionam mediante fantasias inconscientes¹²⁰, ela desenvolve uma metapsicologia original no âmbito dos processos primitivos, em que o vínculo intersubjetivo bebê-seio materno/mãe é constitutivo do psiquismo, e as relações de objeto ordenam a vida dos afetos. Os objetos, por sua vez, ora funcionam como estrutura psíquica ora como personagens do mundo interno. Neste contexto metapsicológico — conforme a compreensão kleiniana, cuja ênfase recai sobre a situação relacional —, sujeito, fantasia e objeto se estabelecem reciprocamente, e os termos sujeito, mundo interno, fantasias, afetos e objetos estão implicados entre si.

O destaque dado por Klein às relações, vicissitudes e vínculos afetivos de amor e ódio do objeto inaugura enfoque metapsicológico, distinto da perspectiva pulsional realçada por Freud. A partir da visão kleiniana, delineia-se nova estrutura psíquica, e os conceitos de mundo interno, objetos internos e fantasias inconscientes passam a constituir o fundamento de seu modelo de aparelho psíquico. Em sua concepção, o mundo interno da criança é definido pela relação intensa entre objetos, mediada por afetos de ódio e amor entre eles circulantes e pelas fantasias que expressam tais afetos.

O bebê atribui a tais objetos fantasiados — ora merecedores de amor ora perseguidores — afetos e motivações relacionados a seus próprios impulsos libidinais e hostis¹²¹. Toda essa rede de vínculos agencia o desenvolvimento psíquico, e estes objetos e

posteriormente descartados — bem como a uma posição paranóide, que depois denomina *posição esquizo-paranóide*.

¹¹⁹ As primeiras angústias infantis — inicialmente de ordem paranóide e, depois, de caráter depressivo — são consideradas, por Klein, angústias psicóticas.

¹²⁰ As *fantasias inconscientes* são conteúdos e expressões psíquicas de eventos somáticos e pulsionais [cf. o verbete *fantasia inconsciente*, (Hinshelwood, 1992, p. 46): verdadeira trama emocional que se desenvolve pela interação de objetos internos (cf. Bleichmar & Bleichmar, 1992, p. 94). Os objetos são, para Klein, estofos da fantasia da criança, e o inconsciente, malha de relacionamentos entre objetos; além disso, muitos aspectos do mundo interno são pensados como relações pessoais. “O inconsciente — e, em verdade, a mente — é construído por sensações interpretadas como relacionamentos com objetos”. [cf. o verbete *inconsciente* (Hinshelwood, 1992, p. 357)].

¹²¹ A esse respeito, reportamo-nos às palavras de Paula Heimann, para quem “os objetos internos, os cidadãos do mundo interior, são sentidos como se estivessem a par e fossem afetados pelos sentimentos, desejos e pensamentos do sujeito, tal como ocorre com as pessoas do mundo exterior, por meio das palavras e ações. Na experiência subjetiva, portanto, é verdade que os

fantasias inconscientes produzem, na realidade psíquica, significações que são projetadas na realidade externa.¹²² A ligação do bebê com a realidade se processa mediante interrelações complexas entre objetos do mundo interno e externo.

Nos primeiros meses de vida, as angústias da criança, caracteristicamente paranoides, dizem respeito aos seios “maus”, que frustram, são simultaneamente por ele percebidos como objetos externos e internos¹²³ e igualados às fezes. Suas relações iniciais, fantasmáticas e irreais, se dão apenas com partes da mãe (seio, face, olhos), ou seja, com objetos separados, parciais: “(...) o mundo de objetos da criança (...) consiste em pedaços do mundo real que são hostis e perseguidores, ou então gratificantes.” (*Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos*, 1935, p. 326) Por fim, as defesas do bebê se voltam para a proteção do ego.

Por outro lado, na *posição depressiva* (aos quatro, cinco meses), a criança percebe a mãe como pessoa total, “um ser completo, real e amado”; passa, pois, a se relacionar com ela como objeto total, objeto amado e odiado, e a experimentar, além de sentimentos ambivalentes mais complexos, angústias depressivas — o que a leva a temer a perda e o abandono de seu objeto. Estados maníacos e depressivos se alternam, profundos conflitos se desenrolam, e uma transformação psíquica se processa: mudam a posição e atitude emocional do ego diante de seus objetos e, por conseguinte, modificam-se as relações de objeto, o tipo de angústia e as formas de defesa.

Agressividade e angústia dominam os processos de introjeção e projeção e se intensificam mutuamente, gerando medo dos objetos “maus” e angústia de perseguição. Além de criar defesas para enfrentar tal angústia, o ego — diante de seu anseio pelo objeto

sentimentos são onipotentes, por exemplo, os impulsos hostis são um ataque ao objeto interno, esperando-se que por isso sejam punidos.” (Heimann, 1982, p. 175)

¹²² Em *Posição e objeto na obra de Melanie Klein*, Willy Baranger afirma: “O objeto é parte de uma constelação sempre em movimento, sempre existe *para* um sujeito em correlação com outros objetos como parte de vínculos internos ou externos, em função dos conflitos que orientam a constelação e das angústias que surgem destes conflitos.” (1981, p. 100)

¹²³ Aqui, Klein chama a atenção, em nota de rodapé, para o que propõe sua seguidora, Susan Isaacs, no trabalho, *Anxiety in the first year of life* (1934): “(...) as primeiras experiências da criança com estímulos dolorosos externos e internos servem como fundamento para as fantasias sobre objetos hostis internos e externos, contribuindo muito para o acúmulo dessas fantasias. No estágio mais inicial do desenvolvimento, todo estímulo desagradável parece estar relacionado aos seios ‘maus’ que rejeitam e perseguem a criança, enquanto todo estímulo agradável é associado aos seios ‘bons’ que lhe trazem satisfação.” (*Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos*, 1935, p. 326)

amado — é obrigado a se defender, para dar conta do pesar e da preocupação pelo objeto “bom”, do medo de perdê-lo e do desejo de restaurá-lo. Esta constelação configura a *posição depressiva*, definida quando Klein aprofunda esta concepção em artigo posterior — *O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos* (1940, p. 391).

Nesta posição subjetiva, uma mudança psicológica da maior importância se opera na percepção do ego, que, ao mesmo tempo em que se integra, se torna ego total. O bebê passa a perceber que a mãe é figura boa e má e a se dar conta de sua própria ambivalência: ama e odeia, incontrolavelmente, a mesma pessoa — sua mãe. Nesta circunstância, se sente culpado pelos impulsos hostis e destrutivos desferidos contra ela, é levado a se identificar com os objetos bons internalizados e a fazer reparações para preservar seu objeto amado.

Para Klein, este período do desenvolvimento infantil se caracteriza pela luta interminável entre sentimentos de amor e ódio. Tal estado de ambivalência marca intensamente a *posição depressiva*, em que impulsos amorosos e odiosos ora se alternam, ora se integram e se mesclam. A ambivalência desperta angústias de natureza depressiva, que desencadeiam defesas maníacas, com a finalidade de: dissipar o mal e o medo diante da independência do objeto; anular os efeitos dos ataques fantasiados de ódio e sadismo, dirigidos contra o objeto de amor; e eliminar a perseguição dos objetos aterrorizadores internalizados. (COMISSÃO EDITORIAL INGLESA, s/d, pp. 301-2)

Paralelamente, surge a necessidade do objeto “bom”, para auxiliar o ego no combate aos referidos perseguidores: “Nesse estágio, mais do que nunca, o ego é impelido pelo amor e pela necessidade de introjetar o objeto”. (Klein, *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos*, 1935, p. 306) Nesta posição subjetiva, portanto, os processos introjetivos se intensificam.

Quando, entretanto, a introjeção dos bons objetos é precária — ou seja, se tais objetos internos não são consolidados na infância e a identificação com os objetos amados internos e reais não se mantém —, a psicose pode se estabelecer.¹²⁴(idem, p. 329).

¹²⁴ O paranóico, por exemplo, não alcança identificação completa ou, se o consegue, tem dificuldades para sustentá-la, em decorrência das dúvidas e suspeitas inúmeras e contínuas que o fazem transformar o objeto amoroso em perseguidor. Além disso, ele não conquista inteiramente a capacidade de amar nem suporta as angústias adicionais, a culpa e o remorso relativos ao objeto e inerentes à posição depressiva. Ele igualmente não pode fazer uso da projeção, por medo de expulsar e perder seus objetos bons bem como de causar danos aos objetos bons externos, com a expulsão das coisas más que mantém em si. (Idem, p. 313)

Ademais, as dificuldades provenientes da elaboração da posição depressiva tornam-se pontos de fixação para futuros quadros psicóticos ou de neurose grave. No caso da melancolia, predomina o ódio, e as primeiras manifestações da consciência são vinculadas a: perseguição dos objetos maus; ódio ao id, diante da necessidade, por parte do ego, de cumprir as exigências rigorosas dos objetos bons; e rápida transformação do objeto bom em mau objeto, devido à permanente incerteza quanto à bondade do objeto bom. (Idem, p. 309).

Ao lado dos objetos internos “bons”, os objetos “maus” e perseguidores – imagos distorcidas dos objetos reais – povoam a rede de fantasias mais primitivas e constituem a realidade psíquica dos tempos primevos da vida. Eis como Klein os define:

Desde o início, o ego introjeta objetos “bons” e “maus”, sendo que o seio da mãe serve de protótipo para ambos – ele é um objeto bom quando a criança consegue obtê-lo e é mau quando ela o perde. Mas o bebê considera estes objetos “maus” por causa da agressão que projeta sobre eles, e não apenas porque frustram seus desejos: a criança os considera realmente perigosos – perseguidores que irão devorá-la, esvaziar o interior de seu corpo, cortá-la em pedaços, envenená-la – em suma, promover sua destruição de todas as maneiras que o sadismo pode inventar. (Klein, *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos*, 1935, p. 304)

Conforme se estabelece separação mais nítida entre objetos bons e maus, “(...) o ódio do sujeito se dirige basicamente contra estes, enquanto seu amor e suas tentativas de reparação tendem a se concentrar sobre os primeiros.” (idem, p. 307) Entretanto, o ódio incontrolável, ou a angústia, pode dissolver transitoriamente tal distinção – o que o sujeito sente como “perda do objeto de amor” (cf. Klein, 1935, p. 308) –, e o amor pelo objeto assim como o desejo de consumi-lo, ainda muito associados nesta etapa, põem em risco o objeto de amor. Assim é que a criança ora odeia ora ama, e o ego pode destruir o objeto tanto por ódio como por amor; por outro lado, o objeto bom ora satisfaz ora escraviza, com seu rigor e exigências, tal como Klein entrevê no superego do melancólico. Tudo depende de a criança ser capaz de criar saídas e soluções para o conflito amor/ódio e para o sadismo inexorável. Como postula Klein,

(...) na primeira fase do desenvolvimento os objetos perseguidores e os objetos bons (os seios) estão muito afastados na mente da criança. Quando – com a introjeção do objeto total e real – eles se aproximam, o ego recorre constantemente ao mecanismo (...) que

é tão importante para o desenvolvimento da relação com os objetos: a cisão das imagos entre as amadas e as odiadas, ou seja, entre boas e perigosas. (Klein, *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos*, 1935, p. 328)

Klein concebe que a ambivalência – originária da divisão entre imagos odiadas e amadas, ocorrida com a emergência do objeto total – propicia à criança mais confiança nos objetos reais e internos, e ela se capacita a amar e produzir cada vez mais fantasias restauradoras do objeto amado. (idem, p. 328)

À proporção que o ego se fortalece, mais aumentam a discriminação e integração entre objetos bons e maus; tais imagos se aproximam da realidade, e o ego se identifica mais amplamente com o objeto “bom”, assim intensificando os desejos libidinais e o mecanismo de introjeção. (cf. Klein, *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos*, 1935, p. 305). Com este avanço, a projeção dos impulsos maus e o poder conferido ao objeto mau são reduzidos; e a integração do ego assim como do objeto gradualmente se estabelece. Mais integrado, o bebê adquire capacidade de conservar o amor pelo bom objeto, mesmo odiando-o.

Com o desenvolvimento do bebê, os impulsos destrutivos e libidinais se unem, o ódio se integra ao amor, fazendo prevalecer uma consciência moral e ética: enquanto, em etapas mais precoces, predomina o desejo de destruir o outro, e o objeto de amor é devorado e possuído, na *posição depressiva*, o sadismo é contrabalançado pelos impulsos amorosos, a preservação do objeto passa a ser motivo de preocupação e cuidado, e o objeto é reconhecido como outro, com desejos e direitos. Com o desenvolvimento e elaboração da posição depressiva, prevalece a introjeção de objetos amados totais, por parte do ego e do superego; o superego coopera na luta contra os impulsos destrutivos; os objetos externos e internos, amados e odiados, reais e imaginários se unificam; a adaptação ao mundo externo e à realidade aumenta; e, por fim, se estabelecem o amor pelos objetos reais e imaginários bem como a confiança nesses objetos, por parte da criança. Por conseguinte,

(...) a ambivalência, que é em parte uma garantia contra o ódio da própria criança e contra os objetos odiados e aterrorizantes, também diminuirá em graus diferentes ao longo do desenvolvimento normal. (Klein, *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos*, 1935, p. 328)

A posição depressiva tem importância central no desenvolvimento emocional, na saúde psíquica e na conquista da capacidade de amar e fazer reparações, pois estabelece a predominância do amor sobre o ódio. Tudo depende de como o ego atravessa esta posição crucial, elabora o ódio, lida com a ambivalência e a soluciona. Ao concluir a teorização sobre esta posição infantil, Klein sentencia:

A posição depressiva arcaica é expressa, trabalhada e gradualmente superada através da neurose infantil; isso é um elemento importante do processo de organização e integração que, juntamente com o desenvolvimento sexual, caracteriza os primeiros anos de vida. Normalmente, a criança passa pela neurose infantil e, entre outras realizações, estabelece gradualmente uma boa relação com as pessoas e a realidade. Afirmo que essa relação satisfatória com os outros depende da vitória do caos interior (a posição depressiva) e do firme estabelecimento dos objetos internos “bons”. (Klein, *O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos*, 1940, p. 390)

Se o amor pelos objetos bons e reais se estabelece, a capacidade de amar é vivenciada com confiança. Ao mesmo tempo, as angústias paranóides relativas aos objetos maus cedem, o sadismo diminui e se desenvolvem formas mais eficazes de lidar com a agressividade (1935, p. 328). Se o amor e a confiança aumentam, o bebê acredita que os objetos “bons” e o próprio ego podem ser preservados, e a ambivalência bem como os medos agudos de destruição interna se reduzem. (cf. Klein, *O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos*, 1940, p. 392). Nas palavras de Klein,

só quando as ansiedades arcaicas são aliviadas através de experiências que aumentam o amor e a confiança é que se torna possível estabelecer o processo essencial de juntar os vários aspectos dos objetos (externos e internos, “bons” e “maus”, amados e odiados). Só então o ódio é realmente mitigado pelo amor – o que significa uma redução da ambivalência. Enquanto a separação entre esses aspectos contrastantes – percebidos no inconsciente como *objetos* contrastantes – mantém-se com toda sua força, os sentimentos de amor e ódio permanecem de tal forma separados, que o amor não consegue mitigar o ódio. (Klein, *O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos*, 1940, p. 392)

Em 1937, Klein e uma de suas importantes seguidoras, Joan Riviere, publicam uma série de palestras sob o título Amor, ódio e reparação. Em linguagem coloquial, aí abordam a vida emocional cotidiana, os embates e a forma com que homens e mulheres lidam

cotidianamente com as forças poderosas, amor e ódio. Na primeira parte do livro — intitulada Ódio, voracidade e agressividade —, Riviere se concentra sobre os impulsos de ódio e suas manifestações no dia-a-dia. (1937, pp. 13-78) Na segunda parte da coletânea (Amor, culpa e reparação, 1937, pp. 79-162) e em complemento às contribuições de Riviere, Klein estende suas formulações sobre a posição depressiva para a vida emocional em geral e aborda, principalmente, amor e reparação, enquanto ódio e amor são examinados em suas interrelações.

Ao tratar da vida emocional do bebê, Klein destaca as interações entre amor e ódio, que se desenrolam na primeiríssima relação do bebê com a mãe, seu objeto primário de amor e ódio. Se o seio-mãe satisfaz sua fome, alivia seus desconfortos e lhe oferece sensações prazerosas, é amado e desejado; se, no entanto, se ausenta e não atende suas necessidades e anseios, é odiado, atacado e destruído. O bebê vê a mãe como o objeto bom que satisfaz todos os seus anseios, mas

(...) esse primeiro amor já é perturbado em suas raízes por impulsos agressivos. O amor e o ódio lutam entre si na mente da criança; essa luta continua presente de certa forma pelo resto da vida e pode se tornar fonte de perigo nas relações humanas. (Klein, *Amor, culpa e reparação*, 1937, p. 348-9)

Fantasias expressam ‘frustrações e o ódio que suscitam. Quando frustrado, o bebê ataca, deseja morder, despedaçar e destruir o seio-mãe. Tais fantasias equivalem a verdadeiros desejos de morte, à medida que o bebê pensa ter realmente destruído o objeto de seus impulsos de ódio — objeto este que igualmente mais ama. Esses conflitos primários afetam profundamente o desenvolvimento e a vida emocional, permanecendo ativos vida afora.

À teoria kleiniana do desenvolvimento também se associa uma teoria psicopatológica. Conforme anteriormente afirmamos, Klein persegue a ideia de que cada psicopatologia corresponde a uma fixação em um dado momento do desenvolvimento libidinal. No artigo Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos (1935), ela analisa os estados depressivos e sua relação com a paranoia e a mania. Para ela, o conteúdo das angústias de crianças bem pequenas e suas defesas contra essas angústias correspondem ao conteúdo das psicoses nos adultos.

A base das psicoses mais graves envolve defesas as mais arcaicas — contra ódio, objetos “maus”, inimigos e perseguidores —, como escotomização, ou negação da

realidade psíquica, e processos de expulsão e projeção na base da paranoia (1935, p. 304). Mediante mecanismos de fuga, o ego pode tentar se livrar dos sofrimentos da posição depressiva. Incapaz, no entanto, de vencer o medo intenso dos perseguidores internalizados, foge para o objeto “bom” internalizado, refugiando-se em sua crença desmedida na benevolência desse objeto interno. Tudo isto gera no ego negação da realidade externa e interna e desencadeia psicose grave. O ego também pode recorrer à fuga para objetos “bons” externos, como forma de combater angústias de origem interna ou externa — mecanismo característico na neurose, que pode gerar intensa dependência dos objetos e empobrecimento do ego. (Idem, p. 329)

Para Klein, nos estados de depressão em indivíduos normais, neuróticos ou maníaco-depressivos, estão presentes, embora em graus distintos: sentimentos de culpa, remorso, angústia pela perda iminente de objetos amados, tristeza, dores provenientes do conflito entre amor e ódio descomedido, e defesas inerentes à posição depressiva.

O luto normal, no adulto, envolve estados maníacos e depressivos, que ocorrem na posição depressiva. No artigo posterior, *O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos* (1940), Klein analisa o luto, aponta-o como fenômeno inerente à posição depressiva e o associa a estados maníaco-depressivos: sempre que há perda de um objeto amado – nos lutos normal, patológico e em estados maníaco-depressivos – a posição depressiva é reativada. Nesse caso, a capacidade de entrar em luto assim como sua superação dependem do modo como as angústias psicóticas são elaboradas e como a posição depressiva é ultrapassada. Klein sugere, no mesmo texto, que o estado psíquico correspondente ao auge dos sentimentos depressivos inerentes ao desmame – denominado posição depressiva — se constitui em “melancolia em statu nascendi” (1940, p. 388).

Conforme Klein, a posição depressiva, reativadora do luto precoce pela perda do seio, não se define apenas como momento do desenvolvimento precoce, mas também como constelação psíquica, recorrente em momentos de perdas e sempre a exigir resolução. Essa resolução pode ser saudável, ou seja: o ego conquista a capacidade de mitigar ódio e impulsos agressivos, mediante a renúncia e o controle exigidos pelos impulsos amorosos e pela necessidade de preservar o amor pelos “bons” objetos; ou patológica, isto é: o ego permanece enredado em interesses narcisistas e defesas

maníacas, sem alcançar reparação dos objetos amorosos, o que pode se constituir em ponto de fixação para um quadro de mania.

O ódio na posição esquizo-paranoíde

Em *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides* (1946), um de seus textos mais importantes, a autora aprofunda a reflexão sobre os processos mais precoces do psiquismo, já delineados em 1935¹²⁵. Tais processos — pertinentes ao nascimento e à adaptação à vivência pós-natal, dos três primeiros meses de vida — envolvem estados esquizoides, temores persecutórios, medo de aniquilamento, além dos subsequentes processos defensivos paranóides e esquizoides, inerentes ao ego mais arcaico e a suas relações de objeto parcial: de um lado, um seio bom e idealizado; dissociado deste, um seio mau e perseguidor.

Nesta posição mais arcaica, marcada por angústias intensas e defesas onipotentes¹²⁶, predominam impulsos destrutivos oriundos de fonte interna primária e, como defesa, ataques sádicos contra o corpo da mãe. A agressividade, geradora da angústia mais primitiva, é por Klein considerada inata, tendo, pois, fundamento constitucional, na medida em que é expressão da pulsão de morte, que atua no organismo como força destrutiva desde os primeiros momentos da vida.

Klein considera que o bebê vivencia o medo desses impulsos hostis como medo de um “incontrolável objeto dominador”. Sua primeira angústia, de caráter persecutório, é sentida, portanto, como ameaça e ataque de forças hostis internas; e aos objetos é atribuída a causa dessa angústia primitiva, também advinda do trauma do nascimento e de experiências de frustração e desconforto corporais. Para a autora, “(...) mesmo se esses objetos são sentidos como externos, através de introjeção eles se tornam perseguidores internos e assim reforçam o medo do impulso destrutivo interno.” (*Notas sobre alguns mecanismos esquizoides*, 1946, p. 23-4)

Durante a experiência de amamentação, o ego rudimentar e arcaico, por medo de aniquilamento, fantasia um objeto externo em dois registros contrastantes. O primeiro

¹²⁵ No artigo *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos*, de 1935.

¹²⁶ Concebidas por Klein como de natureza psicótica, como mencionamos anteriormente.

objeto, o seio materno¹²⁷, é radicalmente cindido em seio bom — associado a experiências de prazer e bem-estar — e seio mau — representante de dor e frustração. Quando a angústia é intensa, o objeto bom é idealizado e o objeto mau encarna o perseguidor. Nas palavras de Klein,

(...) o ego arcaico cinde, ativamente, o objeto e a relação com este, e isso pode implicar certa cisão ativa do próprio ego. De qualquer modo, o resultado da cisão é uma dispersão do impulso destrutivo sentido como fonte de perigo. (Klein, *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides*, 1946, p. 24)

É, portanto, na mãe-seio — primeiro objeto externo com que o bebê se relaciona — que os aspectos bons e maus vivenciados são cindidos e projetados, assim como posteriormente o são amor e ódio na relação com a mãe e com os objetos circunvizinhos. O recurso à cisão¹²⁸ resulta, principalmente, da vulnerabilidade e incapacidade de coesão do ego arcaico, diante de impulsos destrutivos onipotentes. Klein retoma esta questão mais tarde, no artigo *Nosso mundo adulto e suas raízes na infância* (1959), destinado ao público leigo. Aí ela apresenta, clara e sucintamente, suas descobertas e teorizações, e ao mesmo tempo destaca o papel que o desenvolvimento inicial da vida emocional desempenha no psiquismo do adulto. (1959, p. 287)

O bebê percebe os objetos adjacentes como maus — se seus desejos não são satisfeitos e prevalece a frustração; ou como bons — se há gratificação de tais desejos. Com a cisão do objeto, portanto, nas situações de ódio e frustração, os sentimentos persecutórios se associam ao seio mau e os impulsos destrutivos são direcionados ao objeto frustrante, enquanto os sentimentos amorosos se ligam ao seio “bom”, gratificador. (cf. Klein, *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides*, 1946, p. 26)

Para o bebê, como fantasia e realidade não se diferenciam nesta etapa, as vivências de amor e ódio, frente aos objetos bons e maus, têm efeito real sobre suas relações com as pessoas que o cercam:

(...) O amor e o ódio dirigidos à mãe estão intimamente ligados à capacidade do bebê muito pequeno de projetar todas as suas emoções sobre ela, convertendo-a desse modo em um objeto bom,

¹²⁷ A hipótese de Klein é que “o bebê tem um conhecimento inconsciente inato da existência da mãe (...) e esse conhecimento instintivo é a base da relação primordial do bebê com a mãe.” (Klein, *Nosso mundo adulto e suas raízes na infância*, 1959, p. 282)

¹²⁸ Inerente ao ego, a cisão é um processo primário relativo tanto ao desenvolvimento normal como à psicopatologia, particularmente, a esquizofrenia.

assim como em um objeto perigoso. (Klein, *Nosso mundo adulto e suas raízes na infância*, 1959, p. 284)

É na dinâmica e alternância dessas flutuações inerentes às fantasias dos primeiros meses de vida, que uma rede de relacionamentos se estabelece. Klein afirma mais tarde, em 1952: “(...) um mundo de objetos bons e maus se constrói internamente, e aqui está a fonte da perseguição assim como das riquezas e da estabilidade internas. (Klein, *Influências mútuas no desenvolvimento de ego e id*, 1952c, p. 82)

Klein entende que a angústia persecutória que aflige o bebê faz surgir a necessidade de manter o bom objeto protegido do objeto destrutivo, e o amor, separado do ódio. Neste tempo primevo da vida, a sobrevivência só é possível se o ego arcaico e frágil processar cisões de objetos e impulsos, de modo a manter afastados a voracidade e o furor da cólera primária bem como as partes do *self*¹²⁹ associadas ao ódio incontinente, que o ego arcaico não suporta nem pode afugentar. Os impulsos hostis despertam a necessidade e o investimento em prol do desenvolvimento dos impulsos amorosos, de modo a fazer o amor prevalecer sobre o ódio.

A ideia, pois, é que o bebê precisa manter cindidos amor e ódio, em vista do medo paranóico de que a maldade do objeto mau eventualmente destrua o bom objeto – seu objeto de amor –, no âmbito do qual pode se refugiar contra a hostilidade do objeto mau. Quando pode contar com o bom objeto, o bebê se autopreserva e também resguarda sua capacidade de amar. Se assim não ocorre, no entanto, fica à mercê de um mundo extremamente hostil, que pode aniquilá-lo: “Esse mundo hostil também seria construído dentro dele” (*Nosso mundo adulto e suas raízes na infância*, 1959, p. 287). Este processo defensivo de cisão é vivenciado pelo bebê como fantasia inconsciente, ou seja:

É na fantasia que a criança cliva o objeto e cliva a si própria, mas o efeito desta fantasia é muito real, porque conduz a sentimentos e relações (e depois a processos de pensamento) que, em realidade, estão separados entre si.¹³⁰ (*Notas sobre alguns mecanismos esquizoides*, 1946, p. 25)

¹²⁹ Klein emprega o termo *self* para abranger toda a personalidade, o que inclui não apenas o ego, mas também a vida pulsional. Segundo Cintra e Figueiredo, o *self* é “(...) um conglomerado primitivo ego-id” (*Melanie Klein, estilo e pensamento*, 2010, p. 103).

¹³⁰ Considerados traços do ego, os processos de cisão – de objetos, de emoções e do próprio ego – são pertinentes tanto ao desenvolvimento normal, como a quadros de esquizofrenia.

Parte das forças hostis é então desviada para fora e projetada sobre o seio internalizado e fantasiado da mãe, dando início à relação ego e objeto, ego e seio mau externo. Seguindo Freud, Klein afirma que “(...) a porção restante do impulso destrutivo é em alguma medida ligada pela libido no interior do organismo” (Klein, *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides*, 1946, p. 24).

Fundamental é aqui ressaltar a compreensão de Klein sobre a concepção freudiana da pulsão de morte, por ela considerada parceira da libido de um lado, e, de outro, ampliada para além da dimensão biológica. O corpo, para Klein, não é fonte, mas meio de expressão das pulsões, que, de fundo essencialmente psicológico, são experiências emocionais, forças motrizes do amor e do ódio.

A pulsão de morte — tal como esclarecem Cintra e Figueiredo em Melanie Klein, estilo e pensamento — é, para Klein e seus seguidores, “(...) matriz do ódio, algo que é de natureza psíquica e, portanto, no máximo, algo que está em situação limítrofe entre o somático e o mental”. (2010, p.110) Para corroborar esta perspectiva, os autores salientam a ideia kleiniana de que a pulsão de morte “(...) pressupõe um psiquismo rudimentar desde o mais remoto princípio da vida” (ibidem).

A experiência dos primeiros impulsos — de natureza destrutiva — é percebida como ameaça e ataque de algo estranho, proveniente do exterior: a pulsão de morte é, pois, vivenciada como medo de aniquilação e perseguição, por parte do já mencionado “incontrolável objeto dominador”. Klein considera que

(...) a ansiedade surge da operação da pulsão de morte dentro do organismo, é sentida como medo de aniquilamento (morte) e toma a forma de medo de perseguição. O medo do impulso destrutivo parece ligar-se imediatamente a um objeto, ou melhor, é vivenciado como medo de um incontrolável objeto dominador. (Klein, *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides*, 1946, p. 23-24).

Tratadas como grandes tendências que dominam a vida psíquica, as pulsões implicam a existência de objetos e são inerentemente a eles relacionadas. Não há na concepção kleiniana, portanto, pulsão sem objeto.¹³¹ Diante da ameaça interna de destruição, proveniente da pulsão de morte, e movido pela pulsão libidinal, o bebê projeta

¹³¹ Klein diverge da concepção freudiana de narcisismo primário, estágio em que não se reconhece a existência do objeto externo. Ressaltamos aqui também — dentre suas postulações sobre a constituição dos objetos —, a concepção que mais prepondera: os objetos são intrínsecos às pulsões, sendo por elas mesmas criadas.

parte de sua agressão sobre um objeto externo, originando, desse modo, o primeiro objeto mau externo. Assim se dá a primeira constituição do objeto e, simultaneamente — na tentativa de fugir de um mundo inteiramente hostil —, Eros providencia a projeção de impulsos libidinais e a concomitante criação de um bom objeto externo. Como colocam Greenberg e Mitchel,

(...) uma parte adicional do instinto de morte é devida e projetada (...) sobre o mundo externo. Assim, Eros realmente fantasia um objeto externo, projeta parte do instinto de morte sobre ele e redireciona o resto da destrutividade para fora, para este recém-criado objeto. (...) Assim, nesta visão, os primeiros objetos das pulsões são extensões das próprias pulsões. (*Relações objetais na teoria psicanalítica*, 1994, p. 96-7)

Nesta perspectiva, a pulsão de morte se conecta a objetos primários desde seu surgimento. A priori, as pulsões carregam informações de imagens objetais, de conhecimentos e de imagens constitucionais universais. O bebê tem internalizada uma imago inconsciente da mãe, ou seja, “(...) tem um conhecimento inconsciente inato da existência da mãe (...) e esse conhecimento instintivo é a base da relação primordial do bebê com a mãe.” (Klein, *Nosso mundo adulto e suas raízes na infância*, 1959, p. 282). Como defende logo adiante no mesmo texto, os inconscientes de mãe e bebê estão em íntima relação. (Ibidem)

Assim é que, em momentos de frustração e angústia, a hostilidade se volta para o objeto e, inicialmente, se manifesta em fantasias sádicas orais. Primordialmente, esses impulsos hostis são vividos como agressão oral e desejos canibalescos, projetados contra o seio materno e, por extensão, contra o corpo da mãe. Esses ataques fantasiosos se expressam, de um lado, pela introjeção, por meio “(...) do impulso oral de sugar até exaurir, morder, escavar e assaltar o corpo da mãe, despojando-o de seus conteúdos bons”; de outro, pela projeção de impulsos anais e uretrais, por meio da expulsão de substâncias nocivas (excrementos), expelidas com ódio, para fora do self e para dentro da mãe, com vistas a ferir, controlar e ter a posse do objeto. (Klein, *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides*, 1946, p. 27). As angústias persecutórias — decorrentes dos impulsos sádicos de extrair os bons conteúdos do corpo da mãe e nele lançar seus excrementos — exercem grande influência no desenvolvimento da paranóia e da esquizofrenia. (Idem, p. 21)

Klein observa que, apesar dos mecanismos desenvolvidos pelo bebê, a angústia de aniquilamento se mantém e, apesar do amor da criança pelos pais, agressividade e ódio permanecem ativos, tal como revelam o ódio e a rivalidade presentes entre as emoções conflitantes do complexo de Édipo. (Klein, *Nosso mundo adulto e suas raízes na infância*, 1959, p. 286). Primordialmente concentradas na mãe, as diversas emoções associadas aos impulsos destrutivos – ressentimento, ódio, inveja – têm raízes, pois, na vida psíquica mais arcaica. Para Klein,

Mutatis mutandis, essas emoções ainda operam mais tarde na vida: impulsos destrutivos dirigidos a qualquer pessoa estão sempre fadados a dar origem ao sentimento de que essa pessoa também se tornará hostil e retaliadora. (Klein, *Nosso mundo adulto e suas raízes na infância*, 1959, p. 283)

As circunstâncias externas de frustração incrementam os impulsos destrutivos e natos ao longo de todo o desenvolvimento psíquico. Em contrapartida, a agressividade é atenuada pelos impulsos amorosos de gratificação e compreensão, recebidos pelo bebê. Klein chama a atenção para o fato de que, mesmo sob condições mais favoráveis, os impulsos destrutivos lá permanecem, integrando o psiquismo, embora se manifestem distintamente entre os indivíduos. À medida que amplia sua compreensão da vida emocional dos bebês, Klein observa:

A luta entre amor e ódio (...) pode ser em alguma medida reconhecida através da observação cuidadosa. Alguns bebês vivenciam um intenso ressentimento frente a qualquer frustração e o demonstram sendo incapazes de aceitar gratificação quando esta se segue à privação. Eu sugeriria que tais crianças têm uma agressividade inata e uma voracidade mais fortes do que aqueles bebês cujas explosões ocasionais de raiva logo cessam. Se um bebê mostra que é capaz de aceitar alimento e amor, isto significa que ele pode, relativamente rápido, superar o ressentimento em relação à frustração e, quando a gratificação é novamente proporcionada, recuperar seus sentimentos de amor. (Klein, *Nosso mundo adulto e suas raízes na infância*, 1959, p. 283).

Desde que nasce, a criança vivencia o mundo, suas influências e experiências bem como os objetos circundantes externos ou internalizados em seu self. Continuamente processando introjeções, ela paralelamente atribui seus sentimentos aos objetos próximos: o amor e o ódio, direcionados à mãe, estão relacionados a sua capacidade de sobre ela

projetar emoções. Ao lado da cisão, introjeção e projeção são recursos igualmente empregados como defesa do ego arcaico contra a angústia (1959, p. 284). Afirma Klein que

somos inclinados a atribuir a outras pessoas – em certo sentido colocar dentro delas – algumas de nossas próprias emoções e pensamentos e até partes de nós a outros e é obvio que a natureza amistosa ou hostil dessa projeção dependerá de quão equilibrados ou perseguidos estejamos. (Klein, *Nosso mundo adulto e suas raízes na infância*, 1959, p. 286)

A autora postula, ainda, que:

(...) Se a projeção é predominantemente hostil, ficam prejudicadas a empatia verdadeira e a capacidade de compreender os outros. (...) Se o interjogo não for dominado por hostilidade ou dependência excessiva e for bem equilibrado, o mundo interno se torna enriquecido e melhoram as relações com o mundo externo. (Klein, *Nosso mundo adulto e suas raízes na infância*, 1959, p. 287)

Tendo antes observado impulsos cindidos, atribuídos a objetos por meio da projeção, Klein passa a investigar a cisão, em que partes más e rejeitadas são separadas do self e lançadas ao interior dos objetos. Seu interesse então se volta para a expulsão violenta do sadismo em direção aos objetos — recurso do ego para se livrar da maldade que o persegue. Ao conter as partes más do self, a mãe passa a encarnar um self mau, não sendo percebida como indivíduo separado.

Imaturo e vulnerável, o ego lança partes de si — eivadas de hostilidade e desejosas de destruição— a seus objetos, como forma de se proteger da angústia persecutória. Deste processo — por Klein denominado identificação projetiva — fazem parte identificações relacionadas ao ego violento, cuja hostilidade é projetada e eliminada: muito do ódio contra partes do self é lançado contra a mãe, o que resulta em um modelo de identificação prototípico de uma relação de objeto agressiva.¹³² A liberação violenta de hostilidade e sadismo, paralelamente, enseja a expulsão de partes do self (Klein, *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides*, 1946, p. 27).

Klein realça a importância do referido mecanismo de identificação projetiva para o estabelecimento de boas relações objetais e a organização do ego frágil primitivo.

¹³² Não apenas as partes más, mas também as partes amorosas do *self* são expelidas e projetadas para dentro de outro objeto; essa forma de identificação tem papel fundamental, posto que, tanto possibilita o desenvolvimento de boas relações objetais, como favorece a integração do ego.

Entretanto, este protótipo de relação agressiva é contraditório: se a criança usa o recurso projetivo em excesso, pode perder significativas partes saudáveis de sua personalidade, empobrecendo o ego, interferindo nos processos de introjeção e projeção bem como prejudicando a relação com os mundos interno e externo. Por outro lado, os excrementos, antes arma malévola, tornam-se um presente. Hinshelwood sugere que “este é o dilema particular da personalidade esquizóide, para quem o amor esvazia, por causa do emprego invariável da identificação projetiva.” (Hinshelwood, 1992, p. 177)

Klein chama a atenção para o risco de expulsão excessiva de forças hostis, o que pode igualmente enfraquecer o ego, então passível de esvaziamento de potência, domínio sobre o conhecimento e sobre si próprio, dentre outras capacidades:

(...) a excessiva excisão e a excessiva expulsão de partes suas para o mundo externo debilitam consideravelmente o ego. Isso porque o componente agressivo dos sentimentos e da personalidade está intimamente ligado na mente com poder, potência, força, conhecimento e muitas outras qualidades desejadas. (Klein, *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides*, 1946, p. 27)

A autora chama a atenção também para o fato de que

quando a projeção é derivada principalmente do impulso do bebê de danificar ou controlar a mãe, ele a sente como um perseguidor. Nos distúrbios psicóticos essa identificação de um objeto com partes odiadas do *self* intensifica o ódio contra outras pessoas. (Klein, *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides*, 1946, p. 27)

A identificação projetiva tem desdobramentos posteriores, à medida que o ódio e a violência cedem e se integram ao amor, com a chegada e o atravessamento da posição depressiva. Seguidores de Klein atribuem outras funções, além das defensivas, à identificação projetiva, a exemplo da comunicação com o objeto ou da empatia. (Cf. Hinshelwood, p. 201)

Em resumo, os impulsos destrutivos e a cisão predominam nos primeiros três, quatro meses de vida do bebê. No entanto, à medida que o ego se fortalece com a introjeção do objeto bom, o que está cindido começa a se integrar, ocasionando, por conseguinte, nova percepção dos objetos e redução da angústia persecutória. Paralelamente, contudo, esta dinâmica gera novos conflitos com o estabelecimento inexorável da ambivalência.

Neste compasso, o ego não mais se ocupa de sua sobrevivência, mas da permanência do objeto de amor. A natureza da angústia anterior — face à possibilidade de aniquilamento do ego pelo objeto mau — muda de foco, passando a se caracterizar por intenso medo de que a hostilidade possa destruir o objeto de amor. O medo da perda deprime e apavora, produzindo forte angústia depressiva e a necessidade de contemporizar a ambivalência dos sentimentos. O próprio ódio precisa ser então assimilado e integrado, de modo a preservar o objeto imprescindível à sobrevivência.

Se o ego se consolida, *pari passu* favorece a passagem para outra forma de organização psíquica: nova constelação subjetiva se instaura com o estabelecimento da posição depressiva, trazendo outras exigências ao psiquismo e o inevitável atravessamento da coexistência de afetos contraditórios pelo mesmo objeto.

Conforme sintetiza aspectos bons e maus do objeto, o bebê gradualmente elabora seus medos arcaicos e concilia seus impulsos contraditórios de amor e ódio, assimilando, dessa maneira, sentimentos conflitantes. Se, todavia, as dificuldades não viabilizam a conquista da ambivalência, o amor e o ódio permanecem cindidos, até que a ambivalência possa ser assimilada. Quando os temores persecutórios são demasiadamente intensos, o bebê não consegue ultrapassar a posição esquizo-paranóide, conseqüentemente, um ponto de fixação para psicoses graves se estabelece.

Ódio e inveja

Desde o início de sua obra e ao longo de seu trabalho clínico, Klein observa o efeito intenso e a relevância da inveja no psiquismo de crianças, ao deparar com fantasias de roubar, esvaziar, destruir o corpo da mãe, expressas por seus pequenos pacientes. No entanto, só no último de seus mais importantes trabalhos teóricos — o clássico ensaio *Inveja e gratidão*, de 1957 —, confere importância fundamental à inveja tanto em sua dimensão clínica quanto psicopatológica.

Vale lembrar a repetida afirmação de Klein sobre a luta interna entre sentimentos de amor e ódio, inerente à natureza humana desde os primórdios da vida. Em suas palavras,

ao falar de um conflito inato entre amor e ódio, deixo implícito que a capacidade tanto para o amor quanto para os impulsos destrutivos é, ate certo ponto, constitucional, embora varie

individualmente em intensidade e interaja desde o início, com as condições externas. (Klein, *Inveja e gratidão*, 1957, p. 211)

Baranger aponta a direção do novo enfoque kleiniano, que substitui o conflito freudiano entre pulsões e defesa pelo conflito entre desejos de amor e de ódio:

Não [é] que o ser humano não saiba o que fazer com seu amor, porém não sabe o que fazer com seu ódio congênito. As pessoas não adoecem por amor (ou frustração, ou condições adversas), mas por sua própria destrutividade dirigida para o próprio sujeito ou para os objetos. (Baranger, *Posição e objeto na obra de Melanie Klein*, 1981, p. 44)

É neste contexto de conflito entre maldade e gratidão, que a inveja é teorizada. Klein postula a ideia de uma inveja primária, pertinente, portanto, a um período marcado por “desconcertante complexidade”, em que operam os processos mais arcaicos do psiquismo e as emoções infantis são radicais e extremas. Em texto de 1952, em que apresenta suas últimas formulações do desenvolvimento inicial, ela destaca:

O objeto frustrador (mau) é sentido como um perseguidor aterrorizante; o seio bom tende a transformar-se no seio 'ideal' que deveria saciar o desejo voraz por gratificação ilimitada, imediata e permanente. Surgem assim sentimentos ligados a um seio inexaurível e perfeito, sempre disponível, sempre gratificador. (Klein, *Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê*, 1952a, p. 89)

Klein pressupõe contínua interação entre pulsões de vida e de morte, mas se prevalecem os impulsos hostis, devido a privações originárias de fontes internas e externas, rompe-se o equilíbrio entre libido e agressão e surge a voracidade, emoção essencialmente oral. Ademais,

qualquer intensificação de voracidade reforça sentimentos de frustração, os quais por sua vez reforçam os impulsos agressivos. Naquelas crianças em que o componente agressivo inato é forte, a ansiedade persecutória, a frustração e a voracidade são facilmente despertadas, o que contribui para a dificuldade do bebê em tolerar privação e lidar com a ansiedade. (Klein, *Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê*, 1952a, p. 87)

Klein retoma as ramificações da hostilidade infantil. O seio odiado assume caráter destrutivo-oral, inerente aos impulsos do bebê quando frustrado e com ódio. Movido por fantasias destrutivas,

(...) ele morde e dilacera o seio, devora-o, aniquila-o. E sente que o seio atacará da mesma maneira. À medida que os impulsos sádico-uretrais e sádico-anais se fortalecem, o bebê ataca o seio em sua mente com urina venenosa e fezes explosivas e espera, portanto, que o seio seja venenoso e explosivo para com ele. (...) O seio mau o devorará da mesma forma voraz com que ele deseja devorá-lo. (Klein, *Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê*, 1952a, p. 88)

Os processos inerentes à identificação projetiva operam nesse contexto: o sugar voraz e vampiresco e o esvaziamento do seio se processam na fantasia, abrindo caminho para o interior do seio e do corpo da mãe; e o objeto, em cujo interior a maldade é projetada – o *self* mau – se torna perseguidor nato, posto que carrega toda a hostilidade do bebê. Klein enuncia, ainda, neste trabalho de 1952:

A inveja parece ser inerente à voracidade oral. Meu trabalho analítico mostrou-me que a inveja (em alternância com sentimentos de amor e gratificação) é primeiramente dirigida ao seio nutridor. A essa inveja primária agrega-se o ciúme quando surge a situação edípica. (...) Os sentimentos do bebê em relação a ambos os pais parecem se dar da seguinte forma: quando ele é frustrado, o pai ou a mãe usufruem o objeto desejado do qual ele é privado (...) e usufruem incessantemente. É característico das intensas emoções e da voracidade do bebezinho que ele atribua aos pais um estado contínuo de gratificações mútuas de natureza oral, anal e genital (Klein, *Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê*, 1952a, p. 103)

No texto *Inveja e gratidão*, ela inicia suas reflexões, realçando a extrema importância da primeiríssima relação de objeto do bebê com o seio materno e com a mãe, a partir da qual a vida afetiva se organiza.¹³³ À medida que, com certa segurança, o objeto primário fixa raízes no ego, com a cooperação de fatores constitucionais, ele decisivamente

¹³³ A noção kleiniana de “relações de objeto” tem por fundamento a hipótese de que “(...) o bebê, desde o início da vida pós-natal, tem com a mãe uma relação (...) imbuída dos elementos fundamentais de uma relação de objeto, isto é, amor e ódio, fantasias, ansiedades e defesas”. (As origens da transferência, 1952b, p. 72)

propicia o desenvolvimento.¹³⁴ Este seio introjetado – núcleo do ego, matriz do amor e da saúde – é inconscientemente percebido, com base em desejos e fantasias, como fonte de nutrição, de criatividade e de muitas outras qualidades – o que impulsiona a inveja, “(...) num sentido mais profundo, da própria vida,” como diz Klein (*Inveja e gratidão*, 1957, p. 210). Esse objeto originário se torna, pois, “protótipo da “bondade” materna, de paciência e generosidade inexauríveis, bem como de criatividade” (idem, p. 211), de onde jorra “(...) fluxo ilimitado de leite e amor que guarda para sua própria gratificação. (...) Esse sentimento soma-se ao ressentimento e ódio, e o resultado é uma relação perturbada com a mãe.” (Idem, p. 214) Segundo Klein,

pode bem ser que o ter sido parte da mãe no estado pré-natal contribua para o sentimento inato do bebê de que existe fora dele algo que lhe dará tudo o que necessita e deseja. O seio bom é tomado para dentro e torna-se parte do ego, e o bebê, que antes estava dentro da mãe, tem agora a mãe dentro de si. (Klein, *Inveja e gratidão*, 1957, p. 210)

A inveja tem sua origem na oralidade, cria dificuldades para o bebê internalizar e construir seu bom objeto, detonando, portanto, a fruição desse objeto e impossibilitando o alcance da gratidão, à medida que ele fantasia que o prazer que lhe foi retirado está retido no seio frustrador, para uso próprio. (Idem, p. 212). O seio e o leite que alimentam, a presença que propicia confiança e bem-estar, a potência de vida e a criatividade convertem-se em objetos de desejos orais insaciáveis e intensa cobiça, núcleo da inveja. A inveja provém da descontinuidade dessa oferta materna, das separações dependentes e das oscilações deste momento emocional mais arcaico, que desvelam a impossibilidade de satisfação plena do desejo, que jamais se farta completamente. Toda essa configuração dá origem a ódio e ressentimento, e a inveja é então definida como

(...) o sentimento raivoso de que outra pessoa possui e desfruta algo desejável – sendo o impulso invejoso o de tirar este algo ou de estragá-lo. Além disso, a inveja pressupõe a relação do indivíduo com uma só pessoa e remonta à mais arcaica e exclusiva relação com a mãe. (...) a inveja procura não apenas despojar dessa maneira, mas também depositar maldade, primordialmente excrementos maus e partes más do *self* dentro da mãe, acima de

¹³⁴ Para Klein, bebês que se gratificam com mais facilidade e, por conseguinte, têm maior capacidade para tolerar frustrações, são pouco propensos a sentimentos de inveja; por outro lado, os que são vorazes e insaciáveis, que têm dificuldade em ser gratificados, são predispostos a ressentimento, ódio e desejo de atacar o objeto frustrador.

tudo dentro do seio, a fim de estragá-la e destruí-la. No sentido mais profundo, isso significa destruir a criatividade da mãe. (Klein, *Inveja e gratidão*, 1957, p. 212)

Klein distingue inveja de voracidade, que concebe como

(...) uma ânsia impetuosa e insaciável, que excede aquilo que o sujeito necessita e o que o objeto é capaz e está disposto a dar. (...) seu objetivo é a introjeção destrutiva. (...) a voracidade está ligada principalmente à introjeção e a inveja, à projeção. (Klein, *Inveja e gratidão*, 1957, p. 212-13)

Apesar de estabelecer essa distinção, ela enfatiza, no entanto, que a inveja e a voracidade estão intimamente vinculadas. A inveja por vezes também tem caráter voraz e vampiresco, e certos sintomas evidenciam a mistura de impulsos invejosos e vorazes. A autora afirma que “(...) a pessoa muito invejosa é [tão] insaciável, que nunca pode ser satisfeita porque sua inveja brota de dentro e, portanto, sempre encontra um objeto sobre o qual focalizar-se. Isso mostra também a conexão íntima entre ciúme, voracidade e inveja” (Klein, *Inveja e gratidão*, 1957, p. 213).

A inveja intensifica os ataques sádicos contra o seio materno, mediante atuação das pulsões destrutivas. A escavação voraz do seio e do corpo da mãe, a destruição dos bebês dentro do corpo da mãe e a projeção de excrementos dentro da mãe prenunciam — em diversos ensaios que integram *A Psicanálise de crianças* (1932) —, o que passa a ser considerado estrago contra o objeto, provocado pela inveja (cf. Klein, *Inveja e gratidão*, 1957, p. 214). A autora retoma a ênfase na problemática da agressão à medida que desenvolve a noção de inveja primária, como expressão maior da destrutividade, que, desde o nascimento, é projetada contra o seio materno.

As manifestações de ódio geralmente se destinam aos maus objetos, percebidos como perigosos e perseguidores, principalmente porque são depositários do próprio ódio. O ódio normalmente surge em contraposição aos objetos que frustram, causam dor e desprazer, porém os bons objetos são preservados e o bebê se sente seguro. Todavia, o ódio invejoso — poderosa força psíquica advinda do próprio bebê e expressão da face cruel da agressão inata, dirigida ao seio materno e depois à mãe — tem por objetivo estragar e destruir este bom objeto — exatamente porque é valioso, nutridor e fonte de vida —, assim desdenhando seu valor, sua importância e neutralizando o desejo sem limites e a dependência inexorável do bebê:

(...) quando o seio priva, este se torna mau porque retém só para si o leite, o amor e os cuidados associados ao seio bom. Ele odeia e inveja aquilo que sente ser o seio mesquinho e malevolente. (...) embora o bebê se sinta gratificado, essa facilidade fica parecendo um dom inatingível. (Klein, *Inveja e gratidão*, 1957, p. 214)

Não se trata de ódio direcionado a um objeto causador de frustração e hostilidade a um rival. O bebê inveja e odeia, não por frustração, mas pela diferença que percebe existir entre o prazer obtido na amamentação e o prazer decorrente de sua vivência, no período pré-natal, de unidade e segurança imperturbada, cuja perda suscita um “anseio universal” para recuperar tal estado de satisfação plena fantasiada. O bebê odeia, ainda, pela diferença evidenciada na comparação que faz entre si mesmo — lesado pela plenitude perdida e dependente — e o objeto, possuidor de capacidades e poder. Eis o paradoxo do projeto invejoso:

(...) a inveja é a tendência a estabelecer relações hostis com o objeto bom, não com o perseguidor mau e temido. Aquele que satisfaz os impulsos libidinais vem a ser atacado, como se por engano, mas, na realidade, por ser bom. (Hinshelwood, *Dicionário do pensamento kleiniano*, p. 184)

Apesar de ser um ataque destrutivo às pulsões de vida e aos objetos, uma vez que busca minar forças de vida e de bondade e atacar objetos que são fonte desse amor — manifestação incontestável da pulsão de morte —, a inveja também implica componentes libidinais: carrega a falta de um seio pleno de satisfação, o reconhecimento da necessidade dessa satisfação e o desejo insaciável de recuperar esse objeto. Na inveja, portanto, as pulsões de vida e de morte se encontram fundidas. O objeto bom, que suscita satisfação e necessidade, é odiado e atacado exatamente por sua capacidade de despertar generosidade e também pela irresistível necessidade de satisfação que suscita. Para o bebê, perceber a perda desse objeto precioso, que enseja a inveja, é insuportável.

Os efeitos inconscientes da inveja desvelam a trama que nela se oculta e se manifesta na transferência negativa, observada em muitas situações clínicas, com certos pacientes: encerrados na encruzilhada da inveja e mediante qualquer indício de avanço e de introjeções renovadoras, eles se vingam, denegrindo ruidosamente as interpretações e os cuidados oferecidos pelo analista, atacando seu poder e destruindo toda a esperança de mudança. Se estas angústias atingem seu ápice, o paciente se vê perseguido pelo analista como um objeto malevolente.

Klein ilustra a revivência da inveja primitiva com alguns exemplos clínicos (Klein, *Inveja e gratidão*, 1957, p. 215), em que, aferrados a um ódio invejoso irrevogável, alguns pacientes — ou até o mesmo paciente em situações diferentes — não suportam ser gratificados, são incapazes de expressar gratidão e odeiam o que há de bom em si. Cabe aqui transcrever a definição — constante do *Crabb's English Synonyms* (1917) —, que Klein incorpora a seu texto: “O invejoso passa mal à vista da fruição. Sente-se à vontade apenas com o infortúnio dos outros. Assim, todos os esforços para satisfazer um invejoso são infrutíferos. (...) A inveja é sempre uma paixão vil, arrastando consigo as piores paixões” (idem, p. 213).

Conforme certo dito popular, a inveja é fruto de amor próprio desordenado. O paciente invejoso vive submerso em armadilhas narcísicas, negatividade e defesas maciças.¹³⁵ Sua satisfação narcísica é, portanto, sentenciada à destruição: por sua intolerância com a continência, com a presença viva e implicada do analista e sua permanente escuta; e por seus ataques contra qualquer possibilidade de mudança psíquica, a exemplo do que ocorre em casos de reação terapêutica negativa¹³⁶. Em suma, a inveja é um verme que rói e consome as entranhas, como sabiamente revela outro ditado popular sobre a verdade da inveja humana de cada dia.

Klein dá a conhecer, em seu trabalho, o ódio intenso e sua face e destrutiva, oculta no sentimento de inveja que corrói as relações de objeto. Ela se reporta a uma passagem da obra shakespeareana, *Otelo, o mouro de Veneza* (1603), trágica história de traição e inveja, embora Shakespeare aí pareça confundir ciúme com inveja:

Acautelai-vos, Senhor, do ciúme,
É um monstro de olhos verdes,
que zomba do alimento de que vive.
(*Otelo*, W. Shakespeare, citado por Klein em *Inveja e gratidão*,
1957, p. 214)

Ao distinguir várias defesas específicas da inveja, a autora dá ênfase especial à confusão a que recorrem alguns pacientes para se contrapor à crítica e à perseguição:

¹³⁵ O livro *Asas presas no sótão: psicanálise dos casos intratáveis*, de Fátima Florido Cesar, é uma reflexão primorosa em torno da problemática de pacientes intratáveis, movidos pela negatividade. Nas elaborações teórico-clínicas que desenvolve, a autora aponta novas possibilidades de tratamento.

¹³⁶ A *reação terapêutica negativa* é poderosa forma de resistência à cura, associada a um sentimento de culpa de difícil acesso. Freud assim nomeia este fenômeno na segunda tópica, no artigo *O Eu e o Id*, de 1923.

O bebê que, devido à intensidade de mecanismos paranóides e esquizoides e ao ímpeto da inveja, não consegue bem-sucedidamente dividir e manter separados o amor e o ódio, e, portanto, o objeto bom do objeto mau, está sujeito a sentir-se confuso entre o que é bom e o que é mau em outros contextos. (Klein, *Inveja e gratidão*, 1957, p. 216)

A onipotência, a negação e a cisão, algumas das defesas mais precoces, são intensificadas pela inveja, e a idealização se ergue como defesa tanto contra a perseguição, quanto contra a inveja. A exaltação excessiva do objeto bom como de suas qualidades se constitui em meio para redução da inveja. Como observamos acima, se a cisão amor e ódio, objeto bom e objeto mau, não for bem processada, pode se estabelecer *confusão* entre o bom e o mau objeto, para Klein fundamento de processos confusionais graves ou mesmo de suas formas mais brandas, expressas, por exemplo, pela indecisão (dificuldade para chegar a conclusões ou decidir) e pela dificuldade de pensar com clareza.¹³⁷ (cf. Klein, *Inveja e gratidão*, 1957, p. 248)

A fuga da mãe para outros objetos idealizados é também forma de defesa do bebê para desviar a hostilidade contra o seio — o mais significativo objeto invejado e, portanto, odiado —, com vistas a protegê-lo das pulsões invejosas. A depender da intensidade de inveja e ódio, as relações objetais subsequentes são afetadas. Klein sugere que,

(...) se a dispersão de emoções é usada predominantemente como uma defesa contra a inveja e o ódio, tais defesas não constituem uma base para relações de objeto estáveis, porque são influenciadas pela persistente hostilidade para com o primeiro objeto. (Klein, *Inveja e gratidão*, 1957, p. 249)

Inveja e gratidão se acompanham. Desde o nascimento, ambos os sentimentos se opõem e interagem no psiquismo, fortemente influenciando as relações de objeto. A importância do seio retaliativo, devorador e venenoso, como objeto mais arcaico, fora anteriormente destacada por Klein. No entanto, a projeção da inveja imprime matiz particular à angústia persecutória, à qual passa a se associar o sentimento de culpa pelo fato de a própria inveja originar os objetos persecutórios:

¹³⁷ Klein aponta outras defesas contra a inveja: o movimento do bebê de fugir da mãe em direção a outras pessoas, a desvalorização de *self* e objeto, a internalização voraz do seio, em que a inveja pode ser projetada, a sufocação dos sentimentos de amor e a correspondente intensificação do ódio. (Hinshelwood, 1992, p. 187)

O 'superego invejoso' é sentido como perturbando e aniquilando todas as tentativas de reparar e de criar. É também sentido como fazendo exigências constantes e exorbitantes à gratidão do indivíduo. (Klein, *Inveja e gratidão*, 1957, p. 263)

Na verdade, por impedir o sujeito de desfrutar o bom objeto e tudo aquilo que ele lhe oferece, a inveja obstrui, pois, o acesso à gratidão. Segundo outro pertinente ditado popular, *a inveja está sempre de jejum*: não que ela surja com a decepção e frustração do sujeito; ao contrário, intensifica-se exatamente com sua gratidão.

Na inveja, habita um paradoxo, portanto. A predominância de objetos internos persecutórios intensifica os impulsos destrutivos; por outro lado, à medida que o bom objeto se firma, a identificação do bebê com ele favorece o desenvolvimento da capacidade de amar e propicia o estabelecimento de impulsos construtivos e de gratidão. (cf. Klein, *Inveja e gratidão*, 1957, p. 263) À medida que se estabelece a experiência de gratidão – quando, então, o paciente está menos invejoso –, ele pode se beneficiar mais da análise e fortalecer os avanços já obtidos.

Para Klein, as experiências internas e externas se dão em uma relação dinâmica e contínua, embora ela tenha enfatizado a dimensão interna, os fatores intrapsíquicos e intrínsecos do indivíduo, determinados pelo embate entre impulsos agressivos e amorosos, no vínculo com os objetos primários. Para ela, os impulsos em si carregam dimensão pessoal e, ao se valer de modelos pulsionais expressos sob a forma de emoções complexas, ela enfatiza, simultaneamente, o papel determinante dos fatores internos no psiquismo e a relevância da questão relacional e intersubjetiva. Ao longo de sua obra, ela também destaca a importância não só dos componentes agressivos, para constituição do mundo interno, mas também da conquista de equilíbrio entre impulsos tanáticos e libidinais, que propicia ao sujeito amor, gratidão e reparação.

Concluimos esta apresentação das ideias kleinianas sobre o ódio, resgatando de nossa dissertação uma síntese do pensamento kleiniano, aplicável às presentes reflexões:

A luta entre sentimentos agressivos e amorosos define as características que os objetos internos adquirem. As características dos primeiros vínculos afetivos objetais proporcionarão experiências gratificantes ou angustiantes, segundo a motivação predominante do sujeito e as experiências boas ou más proporcionadas pelos objetos externos: o estado psíquico do sujeito bem como seus intercâmbios com a realidade serão matizados pelo embate entre amor e ódio. (Barros, M. N., 2004, p. 71)

IV. D. W. WINNICOTT¹³⁸ – O ÓDIO NA RELAÇÃO MÃE-BEBÊ

*I suggest that the mother hates the baby before the baby hates the mother,
and before the baby can know his mother hates him.*
(Winnicott D. W., 1949, p. 73)

4.1 Abordagem relacional do psiquismo

Para Winnicott, todo indivíduo tem tendência inata ao amadurecimento, e o sentido de todos os aspectos da existência humana está ligado ao momento específico do processo em que o indivíduo se encontra ou no qual tem sua origem. O autor assim postula sua teoria do *amadurecimento pessoal normal*, a partir da qual abre diversas perspectivas de estudo da natureza humana. Tal processo maturacional se desenrola na continuidade temporal, mediante inúmeras tarefas e conquistas. Para ele, a saúde é questão de maturidade.

Winnicott pensa o desenvolvimento em termos de fases de dependência e independência. Concebe o psiquismo a partir de uma abordagem relacional e de uma perspectiva ampla e não dualista da experiência humana. Conforme sugere o ensaísta Rogerio Luz, ao engendrar a transmissão de conteúdos psíquicos, emocionais e experienciais, por meio de um *pensamento em espiral* e de um modo estético de pensar, Winnicott entrelaça linguagem e realidade (Luz, *Comunicação escrita e pensamento*, 2007, p. 29).¹³⁹

Observador arguto da díade mãe-bebê, Winnicott se utiliza de sua rica experiência clínica — não apenas com bebês, mas também com crianças, adultos e pacientes psicóticos — como fonte de pesquisa. Torna-se exímio teórico da constituição psíquica em uma dimensão intersubjetiva, dos fenômenos pertinentes ao funcionamento do psiquismo e dos processos primitivos da vida emocional, cuja complexidade tenta traduzir em linguagem simples, de uso comum, e com base em uma lógica paradoxal, marcadamente presente em suas elaborações.¹⁴⁰ Winnicott identifica diversos paradoxos nos processos de

¹³⁸ Donald Woods Winnicott (1896–1971), renomado psicanalista e pediatra inglês, teve influências divergentes de autores, como Freud, Klein e Anna Freud.

¹³⁹ Antes de ser campo de representações objetivas, seu texto “(...) se abre ao leitor como um lugar de experiência, um vazio que pode ser preenchido por uma experiência de pensamento” (Luz, *Comunicação escrita e pensamento*, em *Winnicott e seus interlocutores*, 2007, p. 20). Winnicott vê “(...) o funcionamento teórico da mente como jogo, que age em sua escrita” (idem, p. 32).

¹⁴⁰ Principalmente a partir da década de 1950, conforme afirma Anna-Maria Bittencourt em seu trabalho *O paradoxo em Winnicott* (1994), citado por José Outeiral em texto de apresentação da

maturação e na constituição do *self*¹⁴¹ e insistentemente sublinha a questão da paradoxalidade ao longo de sua obra. Ademais, como apontam estudiosos, apesar de seguir a obra de Freud, aprofundando inúmeros de seus postulados, e de assimilar diversas formulações de Klein, Winnicott interpreta esses teóricos à sua maneira: descarta a metapsicologia e dela se distancia ao construir teorizações originais sobre os tempos primevos do desenvolvimento emocional e as relações do *self* com o mundo e com os outros.

O autor concebe que o homem — dado seu potencial inato para amadurecer e se integrar em uma unidade — é um ser temporal, assim constituído: de um lado, por soma e psique, que, na etapa inicial do desenvolvimento, gradativamente se integram em um processo de mútua interrelação, formando complexa trama — eixo central a partir do qual o sentimento de *self* se desenvolve; de outro lado, é constituído pela mente — ponto culminante do amadurecimento —, que se remete ao funcionamento do psicossoma. Para ele,

O ser humano é uma amostra-no-tempo da natureza humana. A pessoa total é física, se vista de um certo ângulo, ou psicológica, se vista de outro. Existe o soma e a psique. Existe também um inter-relacionamento de complexidade crescente entre um e outra, e uma organização deste relacionamento proveniente daquilo que chamamos de mente. (Winnicott, *Natureza humana*, 1990 [1954], p. 29)

O corpo é fundamental para o psiquismo, que nele se ancora e se constitui, tendo por base material advindo da elaboração imaginativa do funcionamento corporal, que se organiza em fantasias. A concepção winnicottiana de inconsciente é indissociável do corpo. Afirma ele:

A psique, portanto, está fundamentalmente unida ao corpo através de sua relação tanto com os tecidos e órgãos quanto com o cérebro, bem como através do entrelaçamento que se estabelece

edição brasileira de *Paradoxos e situações limites na psicanálise*, obra de René Roussillon. (Outeiral, 2006, p. 17)

¹⁴¹ Em *Paradoxos e situações limites na psicanálise*, René Roussillon aborda, dentre outras, a problemática do paradoxo, principalmente na obra de Winnicott. O estudioso e psicanalista Luís Claudio Figueiredo também examina o tema da paradoxalidade no texto winnicottiano em seu ensaio *Três teses sobre o paradoxo em psicanálise. Ressonâncias* (Figueiredo, *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea*, 2009)

entre ela e o corpo graças a novos relacionamentos produzidos pela fantasia e pela mente do indivíduo, consciente ou inconscientemente. (Winnicott D. W., *Natureza humana*, 1990 [1954], p. 70)

As funções corporais dão origem ao inconsciente e alicerçam a constituição de um ego corporal, fazendo brotar os fundamentos para o estabelecimento da saúde mental¹⁴². O termo *psique*, em sua visão, designa

(...) a elaboração imaginativa dos elementos, sentimentos e funções somáticas, ou seja, a atividade física. Sabemos que essa elaboração imaginativa depende da existência e do funcionamento saudável de um cérebro, em especial de determinadas partes. (Winnicott, *A mente e sua relação com o psique-soma*, 1993 [1949], p. 411)

Winnicott se refere ao inconsciente como “(...) fantasia quase-física, aquela que está menos ao alcance da consciência” (*Natureza humana*, 1954, p. 69). A realidade interna é constituída: por experiências instintivas boas e más, complicadas por sentimentos de raiva provenientes da frustração; por objetos incorporados (experiências instintivas) no amor (bons) e no ódio (maus) e por objetos ou experiências interiorizadas magicamente quer para controlar (mau potencial), quer para usar como enriquecimento ou controle (bom potencial). (idem, p. 95)

Segundo o referido autor, no começo do processo de desenvolvimento emocional, há, por um lado, a hereditariedade, e, por outro, o ambiente favorável ou traumatizante, e, entre ambos, o indivíduo, vivendo, se defendendo e se desenvolvendo. O início deste desenvolvimento é regido pela tendência ao crescimento e à integração, tal como este pensador compreende quando afirma que a hereditariedade tem como aspecto principal “(...) a tendência inerente ao indivíduo a crescer, a se integrar, a se relacionar com objetos, a amadurecer” (*Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica?*, 1983 [1959-1964], pp. 125-6).

Relevante também é a tendência natural da criança de se tornar unidade integrada, “(...) capaz de ter um self com um passado, um presente e um futuro.” (*O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*, 1983, p. 82) Todo esse processo é movido por impulsos eróticos e pela motilidade em forma de

¹⁴² O autor aqui acompanha Freud, quando este postula que o ego é, antes de tudo, um ego corporal, uma projeção do organismo no psiquismo. (Freud, *O Eu e o Id*, 1923)

agressividade – considerada parte do equipamento inato que, conforme realçamos mais adiante, se manifesta como movimento impulsivo para a vida e cria a externalidade.

O desenvolvimento emocional é concebido em termos de amadurecimento e integração, e a provisão ambiental é fundamental para a evolução e interação do bebê com a mãe. A mãe, como *ego auxiliar*, propicia experiências, *holding*, e leva ao bebê o mundo, de forma que seu *self*, incipiente e não integrado, emergja de um estado de fusão – processo que requer da mãe “(...) a capacidade tanto de amar como de odiar” (*Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica?*, 1983 [1959-1964], p. 116).

Para Winnicott, saúde significa maturidade em consonância com a idade, e são os cuidados maternos que lançam as bases para o desenvolvimento primitivo do bebê e podem proporcionar ambiente psicológico e emocional, o que é fundamental para seus primeiros tempos de vida¹⁴³. Neste processo, cabe à mãe a tarefa de apresentar o mundo ao bebê em pequenas doses.

O autor chama a atenção para o paradoxo inerente à condição do recém-nascido: ao nascer, o bebê é, ao mesmo tempo, dependente e independente. Se, por um lado, vem ao mundo com todo um potencial para se desenvolver, trazendo de herança, por exemplo, os processos maturacionais, por outro, depende completamente dos cuidados maternos e da provisão ambiental para se desenvolver: “(...) o ambiente favorável torna possível o progresso continuado dos processos de maturação.” Todavia, ressalta ao mesmo tempo Winnicott, “(...) o ambiente não faz a criança. Na melhor das hipóteses possibilita à criança concretizar seu potencial” (*Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo*, 1983b [1963], p. 81). Vale salientar que, para o referido pensador, *processo de maturação* designa “(...) a evolução do ego e do *self*, inclui a história completa do id, dos instintos e suas vicissitudes, e das defesas do ego relativas ao instinto” (ibidem).

Destacando, *a priori*, a importância das teorias que postulam o crescimento em termos de zonas erógenas ou de relações objetais, Winnicott propõe, no trabalho acima mencionado, novo enfoque, ao definir o desenvolvimento emocional como uma *jornada da dependência à independência* (1983b [1963], p. 79). Este processo maturacional parte de um estado de *dependência absoluta*, em que o bebê – cujos processos constituem “um vir-

¹⁴³ Na perspectiva winnicottiana, os cuidados que atendem as necessidades do bebê no momento adequado são expressão do amor materno desses primeiros tempos.

a-ser, uma espécie de plano para a existência” (idem, p. 82) – é dependente ao extremo, não tem consciência de sua dependência em relação aos cuidados da mãe totalmente identificada e devotada ao filho¹⁴⁴ e precisa de condições suficientemente boas para acionar seu potencial inato para o desenvolvimento.

Em seguida, o referido processo passa a um estado de *dependência relativa* — em que o bebê já consegue distinguir *eu* e *não-eu*, tem maior consciência de sua dependência e capacidade de se identificar — e, por fim, passa também a um estado *rumo à independência* — em que a criança já pode se articular sem os cuidados maternos, tornando-se progressivamente capaz de se defrontar com o mundo complexo e a ter existência própria.

Inicialmente, o bebê precisa de uma mãe *suficientemente boa*, que o ame, proteja e com ele possa se identificar, oferecendo-lhe regularmente aquilo de que precisa, na dose e hora certas; que respeite seus processos e sobreviva a seus ímpetos pulsionais e agressivos. Exclusivamente sobre esta sustentação e ao desenvolver competências adicionais e objetividade, pode obter novas conquistas e constituir os alicerces de sua personalidade e de sua saúde mental. O bebê também precisa, simultaneamente, de *negligência atuante*, ou seja, da gradual desadaptação da mãe. Dessa forma, pode progressivamente compensar essas deficiências, à medida que o funcionamento mental se torna uma coisa em si e substitui a mãe boa, então desnecessária.

Todavia, como coloca Winnicott, se o ambiente produz a descontinuidade dos

(...) processos inatos de desenvolvimento antes que o psique-soma tivesse se tornado bem organizado o suficiente para odiar ou amar. Em vez de odiar esses fracassos do meio ambiente, o indivíduo deixa-se desorganizar por eles porque o processo existiu antes do ódio. (Winnicott D. W., *A mente e sua relação com o psique-soma*, 1993 [1949], p. 416)

¹⁴⁴ Para Winnicott, este é um estado de *preocupação materna primária* – condição psicológica da mãe no início da vida do bebê, que funciona como suporte egóico. Trata-se de um estado de extrema sensibilidade e identificação com o filho, em sua dependência absoluta. Ambos, mãe e bebê, se encontram fundidos, não existindo, ainda, relações de objeto. Entrevista por Winnicott também em outros conceitos, a identificação primária e a comunicação de inconsciente para inconsciente, tão enfatizadas, são, na verdade, aprofundamentos de postulados elaborados por Freud, como destaca o pesquisador Carlos Alberto Plastino (*Winnicott: a fidelidade da heterodoxia*, 2007, p. 227)

O fracasso de uma adaptação suficientemente boa, por parte da mãe, nesta visão, desencadeia defesas como forma de rejeição ao ambiente invasor e gera distorção psicótica da relação ambiente-indivíduo. Para este estudioso, vale lembrar, a qualidade dos cuidados maternos é reveladora da saúde mental do bebê e, posteriormente, também de suas eventuais perturbações psiquiátricas.¹⁴⁵

Winnicott parte da psicologia dinâmica da primeira infância e progressivamente se volta para suas etapas mais primitivas, sem deixar de salientar que “(...) a criança está o tempo todo em todos os estágios, apesar de um determinado estágio poder ser considerado dominante. As tarefas primitivas jamais são completadas e, pela infância afora sua não-conclusão confronta os pais e educadores com desafios (...)” (Winnicott D. W., *Natureza humana*, 1990 [1954], p. 52).

Ao apresentar uma descrição dos fenômenos precoces do desenvolvimento emocional, Winnicott ressalta o estabelecimento da relação do bebê com a realidade externa, a questão da integração do *self* com a unidade a partir do estado de não integração e, por fim, o alojamento da psique no corpo. (Idem, p. 119)

No estabelecimento da relação com a realidade externa, o referido autor propõe dois padrões de relacionamento: um, *excitado*, e outro, *tranquilo*. O padrão tranquilo, não-excitado, se estabelece na primeira mamada e ocorre como uma experiência emocional satisfatória de relacionamento entre o bebê e a mãe, à medida que a mãe oferece o seio mais ou menos no momento certo. O padrão excitado se estabelece desde a primeira mamada, considerada protótipo: é o momento em que o bebê, movido por forte tensão instintiva e pela expectativa de encontrar algo, torna-se criador do objeto que precisa ser encontrado, quando, então,

(...) está pronto para criar, e a mãe torna possível para o bebê ter a ilusão de que o seio, e aquilo que o seio significa, foram criados pelo impulso originado na necessidade. (...) Aqui o ser humano se encontra na posição de estar criando o mundo. O motivo é a necessidade pessoal; testemunhamos então a gradual transformação da necessidade em desejo. (Winnicott D. W., *Natureza humana*, 1990 [1954], p. 121 e 122)

¹⁴⁵ Winnicott reconhece a relevância e o vigor do trabalho de M. Klein, mas ressalta que a dimensão do cuidado não foi por ela abordada, embora considerasse sua importância: “Eu diria que Melanie Klein representa a tentativa mais vigorosa de estudar os processos precoces do desenvolvimento da criança *afora o estudo do cuidado da criança.*” (*Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica?*, 1983 [1959-1964], p. 116)

No processo de acumulação de memórias, surge uma etapa em que o bebê acredita poder encontrar o objeto de desejo, o que progressivamente lhe possibilita suportar sua ausência. Depara, então, com a realidade externa, à medida que tem a ilusão de possuir “(...) força criativa mágica, e a onipotência existe como um fato, através da sensível adaptação da mãe” (idem, p. 126). Esta onipotência é base para o desenvolvimento saudável e fortalecimento do *self*. Com a ilusão de onipotência, o bebê desenvolve controle mágico sobre a realidade externa e assim desenvolve atividade, que redundará na criação do seio: a mãe se antecede empaticamente e apresenta o seio real exatamente quando o bebê está preparado para criá-lo.

Ao abordar — no trabalho *Comunicação e falta de comunicação*, o levando ao estudo de certos opostos — a questão da comunicação mãe-bebê e da capacidade de se comunicar, Winnicott se refere à complexidade das relações com os objetos¹⁴⁶. Sob a proteção de um ambiente suadável e movido por sua onipotência, o lactente “(...) cria e recria o objeto, e o processo gradativamente se forma dentro dele e adquire um apoio na memória” (*Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos*, 1983a [1963], p. 164). Ele vive a ilusão onipotente de criar o mundo: “Criei este objeto!” — assim acredita; sente que cria os objetos que lhe são oferecidos e estão ao seu redor, à espera de ser encontrados. O objeto é, portanto, criado, e não descoberto. Segundo Winnicott,

(...) Um objeto bom não é bom para o lactente a menos que seja criado por este. Diria eu, criado a partir de uma necessidade? Ainda assim, o objeto tem de ser encontrado para ser criado. Isto tem de ser aceito como um paradoxo, e não resolvido por um refraseado que por seu brilhantismo pareça eliminar esse paradoxo. (*Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos*, 1983a [1963], p. 165)

O estudioso inglês salienta a dimensão subjetiva, que antecede qualquer atividade exploratória e é sucedida pela objetividade: se, de início, concebe o mundo subjetivamente, o bebê passa pouco a pouco para uma forma transicional de realidade, até por fim perceber, objetivamente, o mundo da realidade compartilhada:

Nas condições mais favoráveis, onde a continuidade é preservada externamente e o ambiente favorável possibilita ao processo maturativo agir, o novo indivíduo realmente começa e

¹⁴⁶ Esta questão é abordada em trabalhos anteriores.

eventualmente vem a se sentir real, e a experimentar vida apropriada à sua idade emocional. (Winnicott D. W., *Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica?*, 1983 [1959-1964], p. 126)

Segundo o teórico, o bebê realiza todo um percurso entre subjetividade e objetividade. Inicialmente, relaciona-se com objetos subjetivos. Do sentimento de onipotência — que se processa neste campo do relacionamento com o objeto, como fenômeno subjetivo —, deriva-se a adaptação ao princípio de realidade. Posteriormente, o referido objeto torna-se objeto objetivamente percebido (idem, p. 164), e na passagem desta percepção subjetiva¹⁴⁷ — ou seja, do objeto subjetivamente percebido — para uma percepção objetiva, ocorre uma mudança, portanto, na natureza do objeto.

Tanto a mudança acima mencionada quanto o estabelecimento das relações de objeto se processam muito mais por meio de frustrações do que de satisfações: “A satisfação derivada de uma mamada tem menos valor, no que concerne ao estabelecimento de relações objetais, do que quando o objeto cruza seu caminho, por assim dizer”, afirma Winnicott (idem, p. 165). Em contrapartida, a agressão associada ao erotismo muscular e ao movimento, e as forças experimentadas pelo bebê ao encontrar objetos imóveis, bem como as ideias ligadas a essa agressão conduzem à separação entre objeto e *self*, que começa a emergir.

Winnicott entretanto salienta que, no período em que a fusão entre eu e não-eu ainda não ocorreu, o comportamento do bebê diante das falhas da mãe-ambiente é *reativo*, é expressão de *sofrimento* e não manifestação de agressão. Posteriormente, quando a referida fusão é alcançada, a dimensão frustrante do objeto passa a desempenhar papel educativo, levando o bebê a assimilar cada vez mais a existência do mundo não-eu. Para o autor, tais falhas são profícuas, à medida que o bebê consegue odiar o objeto — ou seja, quando pode manter a ideia de que o objeto lhe propicia satisfação — e simultaneamente reconhece tal falha na forma de proceder do objeto. (Ibidem)

Winnicott aponta para importante desenvolvimento processado no bebê, para que a fusão seja alcançada e a falha do ambiente cumpra seu papel positivo, assim lhe possibilitando começar a reconhecer o mundo repudiado — que, deliberadamente, o autor não chama de mundo externo. (Ibidem) Para ele, a experiência mais importante,

¹⁴⁷ Quando o bebê acredita que aquilo que vê, ao olhar para o rosto da mãe, é ele mesmo.

relacionada ao bom objeto, em certa etapa do desenvolvimento é sua própria recusa, que faz parte do processo de criação deste mesmo objeto.

Se tal relação é antes vivenciada pelo bebê como fusão, agora passa a ser transicional. Essa terceira área de ilusão, que ele começa a explorar, nem é realidade interna nem externa, mas uma área intermediária, entre o subjetivo e o que é objetivamente percebido. Nessa área intermediária — que funciona e se move não em torno da satisfação pulsional, mas das relações com os objetos, como aponta Plastino (2007, p. 209) — é que surgem criatividade e subjetividade. Os objetos intermediários — “outros-que-não-eu” — dessa área de experimentação são denominados objetos *transicionais*, e as técnicas, *fenômenos transicionais* (entre os quatro, seis, oito, doze meses). (Winnicott D. W., *Objetos transicionais e fenômenos transicionais*, 1993 [1951], p. 390)

4.2 O percurso conceitual

A criatividade teórica encontra ambiente favorável

Um dos principais teóricos da psicanálise inglesa, D. W. Winnicott começa sua vida profissional como pediatra, mas a atividade médica gradativamente evolui para a psiquiatria infantil. Ao longo de seus estudos na medicina, entusiasma-se com a psicanálise e a teoria freudiana do psiquismo.¹⁴⁸ Ainda na década de 1920¹⁴⁹, começa a fazer uso da teoria psicanalítica como auxílio em sua clínica pediátrica, que o leva a se aproximar à rica realidade empírica do desenvolvimento infantil.

Já nesse período, atenta para a dimensão psicológica dos quadros patológicos, com que depara nas inúmeras histórias clínicas que, com sua sensibilidade, cuidadosamente recolhe junto às mães de quem consegue obter a história precoce dos distúrbios de seus filhos. Sua refinada observação clínica e familiaridade com mães e bebês o levam a teorizar sobre a relação mãe-bebê sob perspectiva diferente, não edipiana.

O novo enfoque se torna matriz de suas formulações sobre os estágios iniciais do desenvolvimento emocional e os diversos temas psicanalíticos que desenvolve. Percebe, então, que a psicanálise pode propiciar *insight* mais esclarecedor sobre a vida das crianças,

¹⁴⁸ Ainda estudante de medicina, um texto de Oskar Pfister sobre Freud o coloca em contato com a psicanálise.

¹⁴⁹ Já em análise, com James Strachey, a partir de 1923. (Rodman, 2005, p. XVI)

e o material clínico de seus casos reiteradamente confirma teorias psicanalíticas, que para ele começam a ganhar sentido.

Mesmo sem perder de vista o conflito edípico, para Freud considerado fundamental na origem das neuroses, seu trabalho passa a ter como foco as ansiedades inerentes aos impulsos mais primitivos. Aliás, muitos de seus casos clínicos revelam perturbações e defesas pertinentes a uma etapa precoce do desenvolvimento emocional, como, por exemplo, o fato de que bebês podem adoecer emocionalmente, e muitos lactentes sequer alcançam a etapa edípica.

Voracidade e agressividade do bebê

Em 1936¹⁵⁰, no trabalho *Apetite e perturbação emocional*, Winnicott analisa a relação entre o apetite da criança e seu desenvolvimento emocional, ao identificar perturbações alimentares que, invariavelmente, se associam a defesas e ansiedade. Impressionado com a preponderância da voracidade em inúmeros relatos clínicos, relaciona os distúrbios do apetite dos bebês com o desenvolvimento emocional:

(...) voracidade é uma palavra com um significado bastante preciso, fazendo com que se juntem o psíquico e o físico, amor e ódio, o que é aceitável e o que não é aceitável para o ego. (...) Voracidade significa, para mim, algo tão primitivo, que não poderia aparecer no comportamento humano a não ser disfarçado, e como parte do complexo sintomático. (Winnicott D. W., *Apetite e perturbação emocional*, 1993 [1936], p. 111)

A partir da observação sobre o uso que bebês de cinco a treze meses fazem de uma espátula¹⁵¹ e ao utilizar esse jogo como instrumento diagnóstico, Winnicott analisa a expressão corpórea impulsiva desses bebês, a comunicação de seu mundo interno bem como suas atitudes na situação clínica, em que o bebê, a mãe e o próprio Winnicott estão envolvidos.¹⁵² Na forma como as crianças brincam e usam a espátula, Winnicott entrevê

¹⁵⁰ Um ano depois de se habilitar como psicanalista e já atuando com crianças. (Abram, p. 125)

¹⁵¹ Winnicott observa, no jogo, uma sequência relacionada à normalidade: o bebê vê e busca a espátula, embora haja um *período de hesitação*, quando seu interesse às vezes se dispersa ao olhar e avaliar a atitude dos adultos em sua volta; em seguida, pega a espátula e a leva à boca, desfrutando da posse da espátula e expressando certa atividade corporal; por fim, deixa cair a espátula. (*Apetite e perturbação emocional*, 1993 [1936], p. 128). O jogo da espátula é detalhadamente apresentado mais tarde, no texto *A observação de bebês em uma situação estabelecida* (1993 [1941], pp. 139-164)

¹⁵² Afirma Winnicott: “o que faz com a espátula (ou com qualquer outra coisa) entre o pegar e o deixar cair é como uma sequência filmada do pedacinho de seu mundo interno, que, naquela

seu desenvolvimento e os desvios de sua agressão inata, que posteriormente considera inerente ao apetite e à voracidade.

O interesse de Winnicott começa se voltar para a problemática da agressividade quando, três anos depois, em *Agressão (Agressão e suas raízes - Agressão, 1994 [1939])*, formula a ideia de *agressão primária* e defende que *voracidade* é o melhor termo para exprimir a “fusão original de amor e agressão” (idem, p. 92). No referido artigo¹⁵³, ele concebe “(...) uma voracidade teórica ou amor-apetite primário, que pode ser cruel, doloroso, perigoso, mas só o é por acaso”; refere-se, desse modo, ao objetivo do bebê, que demanda “(...) a satisfação, a paz de corpo e de espírito” (ibidem).

Movido por sua impulsividade agressiva ao mamar, o bebê é levado a morder o seio, não por frustração, mas por excitação. No processo de desenvolvimento, é importante que ele possa se enfurecer mesmo sem ser capaz de sentir remorso. (Ibidem). Ao mesmo tempo em que o bebê experiencia sua própria impulsividade ao sugar, comer, devorar – exercício que lhe é extremamente agradável – ele é capaz de preservar o que ama da *agressividade instintiva*, inerente a seu apetite e expressão de seu *amor instintivo*. Para se sentir gratificado, ele irremediavelmente põe em risco o que ama, e se o objeto não retalia nem sucumbe a essa destruição primária, pode fazer *uso do objeto*¹⁵⁴. Como defende Winnicott em texto de 1968,

(...) por causa da sobrevivência do objeto, o sujeito pode agora começar a viver uma vida no mundo dos objetos e tem assim a ganhar de maneira imensurável, mas o preço tem de ser pago pela aceitação da destruição continuada na fantasia inconsciente relativa ao relacionamento com objetos. (Winnicott, Shepherd, & Davis, 1994, p. 174)

hora, se relaciona comigo e com sua mãe, a partir do qual pode-se adivinhar muita coisa acerca das experiências de seu mundo interno em outras horas, e com relação a outras pessoas e coisas.” (*Apetite e perturbação emocional*, 1993 [1936], p. 130)

¹⁵³ Trata-se de uma conferência proferida para professores no ano de início da Segunda Guerra Mundial. Para os organizadores da obra *Privação e delinquência*, em que os citados artigos estão incluídos, *Agressão* é um texto que deve muito a M. Klein, quando Winnicott postula que “(...) é a elaboração do impulso destrutivo no mundo interior da criança, que se converte (...) no desejo de reparar, de construir, de assumir a responsabilidade” (Winnicott D. W., *A observação de bebês em uma situação estabelecida*, 1993 [1941], p. 85).

¹⁵⁴ *Uso de um objeto* é um conceito winnicottiano, formulado no fim de sua obra, em contraposição ao fenômeno *relacionar-se com objetos*, conceito que mais adiante abordamos no subtópico *Externalidade e uso de um objeto*, deste mesmo capítulo.

O modo como a mãe responde a esse *self*¹⁵⁵ *cruel* é aspecto fundamental e indicador de como a agressão incide sobre o desenvolvimento emocional da criança.

Winnicott assim prenuncia a presença do paradoxo nas origens do psiquismo: há agressividade sem intencionalidade no princípio da vida psíquica e, embora se trate, originalmente, de crueldade implacável, não há intenção, por parte do bebê, de causar dor e destruição. Simultaneamente, há uma forma de amor que implica contrapartida impiedosa: o bebê ama, embora inevitavelmente ponha em risco o que ama. Esse amor precoce é cruel e tem natureza destrutiva.

O autor dessa forma realça a base paradoxal constitutiva, em que se processa a estruturação do eu e do *self* e, simultaneamente, a constituição do objeto. Trata-se, pois, de travessia inevitável no desenvolvimento emocional primitivo, e o papel da mãe nesta etapa é fundamental, pois ela precisa sobreviver à destruição do bebê, que, mesmo sem intenção de ferir, é impulsivamente cruel com a mãe.

Ainda no mesmo artigo, o autor ilustra a dinâmica paradoxal inerente à constituição do psiquismo ao prenunciar a ambivalência que marca o desenvolvimento do bebê:

Normalmente, ele chega a uma conciliação e permite-se suficiente satisfação ao mesmo tempo em que evita ser excessivamente perigoso. Mas em certa medida, frustra-se; assim, deve odiar alguma parte de si mesmo, a menos que possa encontrar alguém fora de si mesmo para frustrá-lo e que suporte ser odiado. (...) Morder, por exemplo, pode ser desfrutado separadamente das pessoas que ama, através de mordidas em objetos que não podem sentir. Desse modo, os elementos agressivos do apetite podem ser isolados e poupados para serem usados quando a criança está furiosa e, finalmente, mobilizados para combater a realidade externa percebida como má. (Winnicott D. W., *Agressão e suas raízes* - *Agressão*, 1994 [1939], p. 93)

¹⁵⁵ O *self*, para Winnicott, “corresponde a um sentimento de existência individual, de autonomia, e mais precisamente, ao sentimento de habitação, no corpo, da *psyché*.” (ENCYCLOPÆDIA UNIVERSALIS, 1997, p. 881). A forma como Winnicott usa esses termos ao longo de sua obra, conforme sugere Abram, é sempre ambígua e se alterna com os termos “ego” e “psiche”. (cf. Abram, p. 220). Em artigo sobre a clínica na perspectiva winnicottiana, Gilberto Safra esclarece que este é um conceito fenomenológico e não estrutural: não se trata de uma instância psíquica, mas de um *fenômeno processual*, “(...) uma ocorrência que se dá em contínuo devir ao longo do processo maturacional”. (*A clínica em Winnicott*, 1999, p. 93)

Winnicott chama atenção para a importância dos impulsos agressivos como expressão de vitalidade e para a função necessária dessa agressividade do bebê — fundamentais para o esclarecimento do processo de constituição do psiquismo:

(...) se admitirmos que o bebê pode machucar, e sente um impulso para isso, teremos de admitir também a existência de uma inibição dos impulsos agressivos, facilitando a proteção do que é amado (...) Pouco depois do nascimento, os bebês já diferem quanto ao grau em que manifestam ou escondem a expressão direta de sentimentos, e as mães de bebês coléricos, gritões, podem consolar-se sabendo que bebês dóceis e sossegados de outras mães, os quais dormem quando não estão mamando e mamam quando não estão dormindo, não estão necessariamente estabelecendo bases melhores e mais sólidas para a sua saúde mental. É evidentemente importante para a criança em desenvolvimento que ela tenha se encolerizado com frequência numa idade em que não precisa sentir remorso. Encolerizar-se pela primeira vez aos 18 meses deve ser verdadeiramente aterrador para a criança. (Winnicott D. W., 1994 [1939], p. 92)

Na opinião do autor, essa agressividade instintiva na origem do psiquismo é parte do apetite ou “(...) de alguma outra forma de amor instintivo” (ibidem) e, posteriormente, pode ser mobilizada a serviço do ódio. É importante ressaltar que Winnicott inicia este trabalho sobre a agressão, reportando-se, *a priori*, a amor e ódio como eixos das relações interpessoais. Afirma ele que “amor e ódio constituem os dois principais elementos a partir dos quais se constroem as relações humanas. Mas amor e ódio envolvem agressividade. Por outro lado, a agressão pode ser um sintoma de medo” (Winnicott D. W., 1994 [1939], p. 89). Ele parte da suposição de que

(...) todo o bem e o mal encontrados no mundo das relações humanas serão encontrados no âmago do ser humano. Levo esse pressuposto mais longe afirmando que no bebê existe amor e ódio com plena intensidade humana. Se pensarmos em termos do que o bebê está organizado para enfrentar, poderemos facilmente chegar à conclusão de que amor e ódio não são experimentados mais violentamente pelo adulto do que pela criança pequena. (Winnicott D. W., 1994 [1939], p. 89)

Dentre as tendências humanas, a agressividade, particularmente, é disfarçada e desviada, e o ódio, dificilmente desnudado. Para alcançar as origens dessas forças, que por vezes geram atitudes antissociais, há que se buscar e compreender as fantasias inconscientes subjacentes. Afinal, não se trata de uma *agressividade pura*, e, como

esclarece Winnicott, “(...) o comportamento agressivo de crianças (...) nunca é uma questão exclusiva de emergência de instintos agressivos primitivos”. (Winnicott D. W., 1994 [1939], p. 90). Em sua compreensão,

(...) a riqueza da personalidade é, predominantemente, um produto do mundo de relações internas que a criança está contruindo o tempo todo através do dar e receber psíquico, algo que ocorre permanentemente e é paralelo ao dar e receber físico que se pode facilmente presenciar. (Winnicott D. W., 1994 [1939], p. 93)

Para o autor, a capacidade de tolerar o que há na realidade interior constitui uma das grandes dificuldades humanas, e harmonizar as realidades interiores e exteriores é um dos importantes objetivos do indivíduo. Se as forças destrutivas tendem a predominar sobre as forças do amor, o indivíduo precisa encontrar meios para se salvar, ora expulsando de si sua destrutividade, ora dramatizando a realidade interior ou provocando o controle externo dessas forças agressivas. Se nele há esperança, o indivíduo pode usufruir de seus impulsos instintivos e agressivos, “(...) convertendo em bem na vida real o que era dano na fantasia” (Winnicott D. W., 1994 [1939], p. 94) – fundamento das atividades de brincar e trabalhar, para Winnicott. Como afirma em texto posterior, “a fantasia não tem freios e tanto o amor quanto o ódio podem ter efeitos alarmantes. (...) só se pode tolerar a fantasia total quando a realidade objetiva é bem apreciada”¹⁵⁶. (*Desenvolvimento emocional primitivo*, 1993 [1945], p. 280)

Winnicott sublinha o desafio permanente de encontrar formas seguras de dar destino à agressão bem como a importância de aceitá-la ao invés de negá-la:

(...) toda a agressão que não é negada, e pela qual pode ser aceita a responsabilidade pessoal, é aproveitável para dar força ao trabalho de reparação e restituição. Por trás de todo jogo, trabalho e arte está o remorso inconsciente pelo dano causado na fantasia inconsciente, e um desejo inconsciente de começar a corrigir as coisas. (Winnicott D. W., 1994 [1939], p. 96)

O autor salienta que há no sentimentalismo *negação inconsciente da destrutividade*, para ele inerente à construção da personalidade, e sugere, antes de tudo, a

¹⁵⁶ É importante esclarecer, no entanto: não é que a fantasia seja algo “(...) que o indivíduo cria para lidar com as frustrações da realidade externa. (...) a fantasia é mais primária que a realidade (...)”. (*Desenvolvimento emocional primitivo*, 1993 [1945], p. 280)

necessidade de apreciação da luta subjacente a qualquer realização. Winnicott conclui seu primeiro trabalho sobre a agressão, afirmando que

(...) nenhuma manifestação de amor é sentida como valiosa se não implicar agressão reconhecida e controlada. (...) Um dos objetivos na construção da personalidade é tornar o indivíduo capaz de drenar cada vez mais o instintual. Isso envolve a capacidade crescente para reconhecer a própria crueldade e avidez, que então, e só então, podem ser dominadas e convertidas em atividade sublimada. (...) Só se soubermos que a criança quer derrubar a torre de cubos, será importante para ela vermos que sabe construí-la. (Winnicott D. W., 1994 [1939], p. 96)

O bebê e o seio materno – destruição e amor pelo mesmo objeto

Em 1942, num trabalho em que analisa as razões pelas quais as crianças brincam, Winnicott postula que o brincar implica a constituição de sentimentos agressivos, vivenciados em relação ao ambiente. O bebê precisa manifestar sua agressividade e se permitir expressar seu *self* cruel, além de necessitar da sobrevivência do ambiente face à sua agressão primária. O desenvolvimento desses impulsos agressivos, que possibilitam a estruturação do *eu* e do *não-eu*, é pertinente ao brincar, e é importante que a agressividade manifesta pela criança em suas brincadeiras seja tolerada. Afirma o teórico que

(...) a criança aprecia concluir que os impulsos coléricos ou agressivos podem exprimir-se num meio conhecido, sem o retorno do ódio e da violência do meio para a criança. Um bom meio ambiente, sentiria a criança, deveria ser capaz de tolerar os sentimentos agressivos, se estes fossem expressos de uma forma mais ou menos aceitável. Deve-se aceitar a presença da agressividade, na brincadeira da criança, e esta sente-se desonesta se o que está presente tiver de ser escondido ou negado. (*Por que as crianças brincam*, 1982 [1942], pp. 161-2)

A agressão gera, irremediavelmente, dano real ou imaginário, e a criança não pode evitar o confronto com essa complicação. Daí, a importância, para ela, de expressar a agressividade quando brinca e não apenas quando fica zangada. Para Winnicott:

Compete-nos não ignorar a contribuição social feita pela criança ao exprimir seus sentimentos agressivos através das brincadeiras, em lugar de o fazer em momentos de raiva. Poderemos não gostar de ser odiados ou feridos, mas não devemos ignorar o que está

subentendido na autodisciplina, relativamente aos impulsos coléricos. (*Por que as crianças brincam*, 1982 [1942], p. 162)

Em 1945, no artigo em que aborda a questão da alimentação por meio da amamentação, Winnicott se refere à aproximação do seio, por parte do bebê, como ato ao mesmo tempo amoroso e impiedoso. Para ele, as funções corporais que o bebê vivencia são psiquicamente elaboradas e, desde o início do psiquismo, ele fantasia¹⁵⁷, “(...) um implacável ataque ao seio materno e, finalmente à mãe, logo que a criança se apercebe de que pertence à mãe o seio que é atacado” (*Amamentação*, 1982 [1945], p. 58).

Se anteriormente ressaltara a impulsividade agressiva do bebê ao mamar, Winnicott volta a salientar que o impulso de mamar envolve intenso componente agressivo.¹⁵⁸ Trata-se de um amor rude e desarvorado, cujos efeitos não são inicialmente considerados pela criança, então implacavelmente arrebatada pela excitação desses impulsos mais remotos. Mesmo que a percepção dessa agressão seja tênue, o bebê não tem como deixar de notá-la.

A satisfação propiciada pela amamentação não apenas faz cessar temporariamente a excitação e o ataque fantasioso do bebê ao corpo da mãe, mas também delimita a fantasia agressiva, movida pela qual a criança não pode deixar de perceber que o seio atacado e esvaziado faz parte da própria mãe. Para o teórico, é esta agressividade, inerente ao amor primitivo, que compõe a base da vida emocional do indivíduo e viabiliza a expulsão do objeto da esfera onipotente da criança, tornando-o exterior a ela e independente.

Como posteriormente afirma em *A moralidade inata do bebê*, texto em que o autor apresenta suas primeiras reflexões sobre a origem dos sentimentos morais na criança, o bebê precisa da relação com a mãe, para fazer frente aos temores primitivos que o acossam e que se ligam à expectativa de fortes retaliações. Conforme salienta Winnicott:

O bebê fica excitado, com impulsos ou idéias agressivas ou destrutivas, que ele revela por gritos ou desejos de morder, e imediatamente o mundo parece ficar cheio de bocas que mordem, dentes e mandíbulas hostis e toda espécie de ameaças. Dessa

¹⁵⁷ Em trabalho de 1949, Winnicott diz que, “na fantasia do bebê, o corpo da mãe foi dilacerado para que as coisas boas nele pudessem ser alcançadas e incorporadas” (*As crianças e as outras pessoas*, 1982b [1949], p. 122).

¹⁵⁸ Como destacamos anteriormente, Winnicott considera que a agressividade inata caracteriza o apetite e a voracidade.

maneira, o mundo do bebê seria um lugar aterrador, se não fosse o papel protetor da mãe que esconde esses enormes medos pertencentes às primeiras experiências da vida do bebê. (Winnicott, *A moralidade inata do bebê*, (1982a [1949], p. 106)

É a mãe, portanto, que propicia alicerce para as relações amorosas, no que se refere às atividades hostis do bebê. Os impulsos para “atacar e destruir” e para “dar e compartilhar” estão relacionados, amenizando uns os efeitos dos outros. Durante o período¹⁵⁹ em que a criança se adapta à destrutividade inerente à sua constituição, a presença materna é fundamental.

É importante igualmente ressaltar, neste processo, a presença do pai, dando suporte à mãe, possibilitando a sobrevivência de um ambiente suficientemente bom e *indestrutível*, frente ao ódio e à agressão do bebê, e viabilizando a segurança necessária para que ele possa passar da *relação de objeto* ao *uso do objeto*. A confiança na mãe e na relação dos pais possibilita à criança explorar seus impulsos destrutivos, relacionados a motilidade e a fantasias associadas ao ódio. Ao amar alguém, ela integra tais impulsos e, para alcançar tal nível de desenvolvimento, necessita de um ambiente indestrutível. Assim é que, ao mesmo tempo em que sustenta e nutre o bebê, a mãe resiste a seus impulsos agressivos, sem revidá-los. Segundo Winnicott:

Ela é uma mãe-ambiente e, ao mesmo tempo, uma mãe-objeto, o objeto do amor excitado. A criança acaba por integrar esses dois aspectos da mãe e por ficar apta a amar e a afeiçoar-se à mãe, simultaneamente. (...) A criança torna-se gradativamente apta a tolerar o sentimento de angústia (culpa), a respeito dos elementos destrutivos nas experiências instintivas, porque sabe que haverá uma oportunidade de recompensar e reconstruir. (Winnicott, *A moralidade inata do bebê*, (1982a [1949], p. 108)

Após esse período, a criança pode satisfatoriamente fundir as ideias de destruir e de amar o mesmo objeto. (Ibidem)

Em outro texto da mesma época, Winnicott reitera o fato de que, desde o início do psiquismo, forças poderosas se fazem presentes na relação do bebê com a mãe, dentre as quais elementos agressivos e “(...) também todo o ódio e cólera que resultam da frustração” (*As crianças e as outras pessoas*, 1982b [1949], p. 122) Muito gradualmente, a

¹⁵⁹ Essa fase do desenvolvimento, que dura de seis meses a dois anos, corresponde à experiência da *posição depressiva* como processo de desenvolvimento, postulada por Klein.

criança “(...) chega à compreensão de que a coisa atacada em uma excitada experiência de alimentação é uma parte vulnerável da mãe, o outro ser humano tão estimado como pessoa nos intervalos tranquilos entre excitações e orgias.” (Ibidem)

No mesmo artigo, Winnicott sugere ainda a existência de uma evolução natural de sentimentos: do amor impiedoso ao ataque agressivo, seguido de sentimento de culpa, senso de preocupação, tristeza e, por fim, desejo de reparar ou consertar, de construir e dar. (Idem, p. 123) Só a convivência ativa com a mãe – ou com alguém que execute as tarefas maternas – possibilita à criança atravessar essas etapas e integrar tais experiências afetivas, que lhe são essenciais. O reconhecimento e a aceitação, por parte da mãe, do vigor e da realidade das ideias agressivas e destrutivas do bebê é que a este possibilita o desenvolvimento da culpa inata. (Ibidem)

Ao propor — no emblemático texto *Desenvolvimento emocional primitivo* (1945) — a tese de que o desenvolvimento primitivo¹⁶⁰ é vital, o autor postula a existência de processos emocionais primitivos, pertinentes à vida mais precoce, a partir das primeiras horas de vida do bebê.¹⁶¹ Neste contexto, ele amplia suas ideias sobre a agressão e sugere que, nos processos *de integração, personalização e realização* bem como de apreciação do tempo, do espaço e de outras propriedades da realidade, o bebê vivencia uma *relação de objeto cruel*, evidenciada em seu modo cruel de brincar com a mãe.

Para Winnicott, tal relação é o mais antigo tipo de relacionamento entre o bebê e a mãe e corresponde a um estado do *self* potencial do bebê, que ainda não conhece a si mesmo nem os outros, por conseguinte. Trata-se de um período anterior às relações de objeto, em que o bebê gradativamente se torna um ser inteiro, começa a habitar seu próprio corpo e a perceber que o mundo é real — fase anterior a seu relacionamento com uma mãe total, que ocorre quando ainda não pode se preocupar com a consequência de seus pensamentos e atitudes em relação a ela. A criança não tem nenhuma consciência de sua crueldade nem das consequências de seus impulsos implacáveis, o que só é possível posteriormente, quando ela pode se dar conta da própria crueldade. (*Desenvolvimento emocional primitivo*, 1993 [1945], p. 282)

¹⁶⁰ Trata-se, no caso, do desenvolvimento que antecede o período em que o bebê conhece a si próprio como uma pessoa total. É nesta etapa que Winnicott encontra a elucidação da psicose.

¹⁶¹ Para que a consciência de *self* possa existir, o bebê vivencia processos emocionais essenciais, relativos ao início da vida, quais sejam: *integração, personalização e realização*; este último envolve a apreciação do tempo, do espaço e de outras características da realidade.

Winnicott concebe, então, que a agressividade está associada à força vital do bebê e não tem nenhum propósito destrutivo nesta fase inicial do desenvolvimento emocional. Como pertinentemente afirma o estudioso e psicanalista Roberto Graña na obra *Origens de Winnicott – ascendentes psicanalíticos e filosóficos de um pensamento original*, para falar de agressividade em Winnicott,

(...) é conveniente ter presente que ele está se referindo, como sublinha amiúde, a algo inato que faz parte do equipamento do bebê desde o início e que se expressa, primariamente, como um impulso para a vida, como “motilidade”, como ação espontânea do bebê em um meio, permitindo-lhe inclusive participar *ativamente* em seu próprio nascimento e logo no estabelecimento da relação de amamentação. (Graña, 2007, p. 126)

O bebê vivencia agressão na relação com o objeto, ou seja, experimenta uma relação cruel com a mãe, num jogo que a machuca e a deixa exaurida. Só gradualmente compreende ter atacado seu estimado objeto, quando então se dá conta da externalidade deste objeto. Se esse brincar cruel não é tolerado pela mãe, o bebê acaba tendo que esconder seu *self* cruel primitivo, cuja expressão só é permitida em um estado de dissociação. Afinal, “(...) não se pode ser cruel depois do estágio de preocupação, exceto em um estado dissociado.” (*Desenvolvimento emocional primitivo*, 1993 [1945], p. 282).

Depois de atingir o *estágio de preocupação* – que corresponde à *posição depressiva* concebida por Klein –, não há como o bebê deixar de perceber o efeito de seus impulsos e da ação “(...) de pedaços de seu *self*, tais como a boca que morde, os olhos que apunhalam, os gritos que perfuram, a garganta que suga, etc” (ibidem). O grande medo da desintegração advém do fato de que esta é sentida como ameaça, posto que envolve “(...) o abandono aos impulsos, incontroláveis porque agem por conta própria; e, além disso, esse fato evoca a ideia de impulsos igualmente incontroláveis (porque dissociados), dirigidos contra a própria pessoa” (ibidem).

A crueldade do bebê se manifesta ao longo do tempo em que mãe e bebê estão fundidos.¹⁶² Nesta etapa, o bebê não tem nenhuma consciência de *self* nem de seu amor cruel. Segundo postula o autor,

¹⁶² Proposição formulada por Winnicott no trabalho *Ansiedade associada à insegurança*: “Bebê é uma coisa que não existe. (...) O que se vê é um par lactante-lactente. (...) a unidade não é o indivíduo, a unidade é uma organização meio-ambiente-indivíduo” (1993 [1952], p. 208). Mais

A criança normal experimenta uma relação cruel com a mãe, que fica mais evidente no jogo e necessita da mãe porque só dela se pode esperar uma tolerância para com esta relação cruel estabelecida no jogo, porque isto realmente a fere e a esgota. Sem esta possibilidade de brincar cruelmente com ela, não resta à criança outra saída senão ocultar este *self* cruel, deixando-o vir à tona apenas em um estado de dissociação. (*Desenvolvimento emocional primitivo*, 1993 [1945], p. 282)

Winnicott se debruça sobre a relação objetal mais precoce ainda, em que o objeto retalia; nesta etapa, que antecede a verdadeira relação com a realidade exterior, “(...) o objeto ou o ambiente é parte do *self*, como a pulsão que o evoca” (idem, p. 283)¹⁶³. Tais colocações podem ser ilustradas pelo gesto universal de sugar o dedo¹⁶⁴, por exemplo:

O ódio também se expressa quando a criança faz mal aos dedos por sugá-los vigorosamente demais ou de forma contínua (...). Mas não é certo que todo o estrago que possa ser causado a um dedo ou a uma boca dessa maneira seja parte do ódio. Parece existir um elemento segundo o qual algo deve sofrer prejuízo para que o bebê tenha prazer: o objeto do amor primitivo sofre por ser amado, além de ser odiado. (*Desenvolvimento emocional primitivo*, 1993 [1945], p. 283)

Antes de introduzir sua tese sobre o desenvolvimento emocional primitivo no artigo acima, Winnicott chama a atenção, dentre outras observações, para o fato de que a técnica psicanalítica pode viabilizar o alcance de elementos primitivos, relativos a primitivas relações de objeto. É importante considerar as diferenças que, necessariamente, se mostram na situação transferencial, já que cada tipo de paciente fantasia o analista e o trabalho do analista de acordo com o que ele próprio é.

Como ressalta Winnicott, o paciente neurótico percebe que o analista é ambivalente em relação a ele, que o trabalho do analista é fruto do amor deste por ele,

tarde, em seu trabalho *Teoria do relacionamento paterno-infantil*, denomina tal estado *dependência absoluta* (1983 [1960], p. 45).

¹⁶³ Em nota acrescentada ao texto, o autor supõe que “(...) no estado primitivo teórico mais antigo, o *self* tem seu próprio meio ambiente, autocriado, que faz parte do *self* tanto quanto as pulsões que o produzem.” (*Desenvolvimento emocional primitivo*, 1993 [1945], p. 285)

¹⁶⁴ A sucção compulsiva ou mesmo normal do dedo pode ser “(...) uma tentativa de localizar o objeto (...), de mantê-lo a meio caminho entre o dentro e o fora. Trata-se ou de uma defesa contra a perda do objeto no mundo externo, ou no interior do corpo, isto é, contra a perda do controle sobre o objeto.” (*Desenvolvimento emocional primitivo*, 1993 [1945], p. 284)

paciente, e o ódio é desviado para coisas odiosas. Já o paciente deprimido fantasia tal trabalho como esforço do analista para suportar sua própria depressão, culpa e dor, advindos da destrutividade de seu próprio amor. Por fim, o paciente psicótico vê o analista em estado de amor-ódio indiferenciado, não deslocado, coincidente, não separado e vivencia o final da sessão e da análise, as férias e demais regulações do enquadre como expressões de ódio, além de perceber as boas interpretações como manifestação de amor e símbolo de alimento e de cuidado. (*Desenvolvimento emocional primitivo*, 1993 [1945], p. 271).

As fantasias revelam, pois, na situação transferencial, o que o paciente é, o que pôde conquistar em termos de seu desenvolvimento emocional, se pôde ou não alcançar a distinção entre amor e ódio. Elas desvelam, por assim dizer, como o amor e o ódio se fazem presentes na dinâmica das distintas relações de objeto em cada tipo de paciente.

A (des)continuidade com Freud

Antes de enveredarmos, especificamente, pela temática do ódio, é fundamental salientar que o pensamento de Winnicott dá continuidade à tradição psicanalítica, no que se refere à sua filiação tanto freudiana como kleiniana, por ele próprio frequentemente reconhecida ao longo de sua obra. No entanto, sua experiência clínica com bebês, crianças, adultos e psicóticos e seu pensamento criativo lhe possibilitam desenvolver teorizações extremamente originais.

Ao se debruçar sobre histórias clínicas, marcadas por processos emocionais primitivos, e ao concentrar suas elaborações na dimensão intersubjetiva – campo das relações interpessoais e da experiência cultural – Winnicott desenvolve teorizações singulares em torno do processo de maturação do bebê, baseado nas quais também postula novas proposições sobre as raízes primitivas da agressão e a presença do ódio na constituição da subjetividade.

A experiência como pediatra viabiliza seu contato com a realidade empírica do desenvolvimento infantil, e a importância e o papel da realidade externa ganham dimensão crucial em suas teorizações, diferentemente do que ocorre com Klein, que desenvolve seu arcabouço teórico tendo como eixo o mundo intrapsíquico da criança.

É conhecida a relutância de Winnicott quanto ao emprego de termos metapsicológicos, tal como revelam diversas cartas por ele escritas, relacionadas às suas

teorias.¹⁶⁵ Ele também resiste a traduzir suas formulações para a “teoria psicanalítica comum” e pontua que sempre fora compelido a trabalhar, de modo a manter um estilo muito próprio e distinto, a não abrir mão de desenvolver suas próprias ideias, e a pôr em curso seu próprio *gesto espontâneo*.

São inúmeras as formulações winnicottianas que seguem percurso muito singular e que se contrapõem à visão freudiana. Winnicott concebe, por exemplo, uma dimensão da experiência do ser completamente distinta da perspectiva pulsional concebida por Freud. Ele pensa o surgimento da subjetividade no que denomina *espaço potencial* (intermediário entre o indivíduo e o ambiente). Trata-se de espaço da experiência do encontro, fonte de sublimação, da experiência cultural, do brincar, em que operam processos intrinsecamente vivenciados no contexto da relação entre o bebê e a mãe, provedora dos cuidados que possibilitam a emergência do self incipiente do bebê.

Aliás, na visão winnicottiana, a relação mãe-filho abriga um paradoxo, posto que o bebê só pode vir a se diferenciar, a se personalizar e a se conhecer, como “*self* pessoal e separado”, por intermédio de um outro, mais especificamente, mediante cuidados maternos: “(...) o potencial herdado de um lactente não pode se tornar um lactente a menos que ligado ao cuidado materno”, afirma Winnicott em *Teoria do relacionamento paterno-infantil* (1983 [1960], p. 43). É o ambiente, portanto, que viabiliza a existência independente de uma criança.

Como já observamos anteriormente, Winnicott concebe que a unidade não é o indivíduo, mas o indivíduo em relação ao mundo exterior, a estrutura ambiente-indivíduo (1993 [1952], p. 208). Nesta dimensão, a constituição e integração do ego se encontram intimamente associadas à relação que o bebê estabelece com a realidade e é mediada pela fantasia. Desse modo, a mãe não é objeto de satisfação pulsional, mas o primeiro ambiente para o bebê, cujos impulsos buscam um objeto e não satisfação pulsional. Winnicott diverge, pois, da perspectiva freudiana, segundo a qual a pulsão, no bebê, está voltada para a satisfação.

¹⁶⁵ Em carta a Anna Freud, de 18 de março de 1954, Winnicott escreve: “Estou tentando descobrir por que é que tenho uma suspeita tão profunda para com esses termos [da metapsicologia]. Será que é porque eles podem fornecer uma aparência de compreensão onde tal compreensão não existe? (*O gesto espontâneo*, 2005, pp. 71-2). Em carta escrita a Michael Balint, datada de 5 de fevereiro de 1960, comenta: “(...) embora até agora eu fosse incapaz de participar de uma discussão metapsicológica, começo a perceber um raio de luz de maneira que, se eu viver o suficiente, sinto que poderei participar de vez em quando” (idem, p. 155).

Valendo-se da posição de Freud, quando este sustenta que as manifestações de amor e ódio não podem ser dirigidas à relação pulsões-objetos, mas às relações entre o ego total e os objetos, Winnicott sugere que as concepções de ódio inato, de sadismo e de inveja, formuladas por Klein, não se sustentam.

Em sua compreensão, estas emoções envolvem intenção e responsabilização, algo que o bebê imaturo ainda não alcança. Só quando ele se torna pessoa total, quando já conquistou *status* unificado e assimilou a distinção *eu* e *não-eu*, é possível falar em sentimentos de ódio, sadismo e inveja por parte do bebê.

Apesar de se referir à *pulsão agressiva*¹⁶⁶, o uso do termo, por Winnicott, não tem a ver com a marca que Freud imprimira a essa terminologia e que Klein não só manteve, mas também ampliou. Winnicott salienta a confusão que às vezes fazemos ao utilizar a palavra agressão quando queremos apenas nos referir a espontaneidade impulsiva. (*A agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional*, 1993 [1950], pp. 373) Defende ele que o gesto impulsivo se torna agressivo com o surgimento de oposição¹⁶⁷, que, na verdade, é buscada pelo bebê.

Na perspectiva de Winnicott, portanto, a pulsão busca um objeto, em vez de satisfação. Na saúde, os impulsos conduzem à descoberta e à busca do ambiente, que se constitui em oposição ao movimento. Daí advém o reconhecimento inicial de um mundo *não-eu* e o estabelecimento inicial do *eu*:

(...) os impulsos agressivos não produzem qualquer experiência satisfatória, a não ser que haja oposição. A oposição deve vir do meio ambiente, do *não-eu* que gradualmente começa a ser diferenciado do *eu*. (...) não é certo dizer que, no desenvolvimento normal, a oposição vinda de fora traz consigo o desenvolvimento do impulso agressivo? (*A agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional*, 1993 [1950], pp. 369-70)

¹⁶⁶ Cabe salientar: Winnicott não considera as pulsões como pré-requisito teórico, tal como classicamente concebem Freud e também Klein, que faz a vida pulsional retroceder para fantasias e ansiedades mais arcaicas. Para ele, a vida pulsional só é possível quando a criança consegue diferenciar e integrar *eu* e *não-eu*. Acredita ele que “Não há id antes do ego” (*A integração do ego no desenvolvimento da criança*, 1983 [1962], p. 55).

¹⁶⁷ Winnicott concebe que “(...) a quantidade do potencial agressivo que um bebê carrega depende da quantidade de oposição até então encontrada. (...) a oposição afeta a conversão da força vital em potencial de agressão” (*Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional*, 1993 [1950], p. 371).

Vale lembrar, neste contexto, que, ao conceber a relação do bebê com a mãe como primária e básica, Winnicott diverge novamente de Freud, que postula a ideia da vida pulsional primordial sem objeto.

As distinções entre impulsos e sentimentos hostis em Freud e Klein, por vezes, não são explícitas e podemos observar o uso indiscriminado que ambos fazem dos termos ódio, agressividade, pulsão agressiva, agressão, sadismo, impulsos destrutivos. Tais diferenciações recebem, todavia, tratamento específico e ampliado por parte de Winnicott, que as analisa cuidadosamente, cotejando hipóteses distintas para agressividade, destrutividade e ódio, e abrindo novas perspectivas para a compreensão dos impulsos e sentimentos que permeiam a subjetividade.

Winnicott entende que a agressividade é parte do equipamento inato do bebê, manifesta-se como movimento impulsivo para a vida, é uma das fontes de energia do indivíduo e, por outro lado, se constitui em manifestação de raiva ou ódio, em reação à frustração. Segundo o autor, existe, *a priori*, no impulso amoroso primitivo, uma premência agressiva inicial não intencional, que se faz presente na busca de satisfação pulsional. Sugere ele a necessidade de examiná-la separadamente da reação hostil, resultante da frustração pela não satisfação pulsional ou gerada pelo princípio de realidade.

Assim é que examinar as contribuições winnicottianas sobre a problemática do ódio demanda situar as formulações do autor sobre a questão mais ampla da agressão, que implica progressão da simples motilidade primária do bebê a ações que expressam raiva ou estados que revelam ódio. A depender do estágio do desenvolvimento emocional, fases distintas de agressão são formuladas e delimitadas como *impulsos agressivos* inatos, associados à motilidade, ao erotismo muscular; como *destrutividade* intencional, que envolve o uso do movimento e da fantasia; ou como *ódio*, afeto que Winnicott considera sofisticado, já que envolve, de antemão, o estatuto de individuação e integração da personalidade.¹⁶⁸

¹⁶⁸ É importante frisar, como ele próprio assume, que ambos os termos são por ele usados indiscriminadamente. Para ele: “Nenhum ato de agressão pode ser totalmente entendido como um fenômeno isolado” (*Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional*, 1993 [1950], p. 356). Em se tratando do pensamento winnicottiano, o termo *destrutividade* deve ser utilizado quando implicar intencionalidade, como sugere Graña (Graña, 2007, p. 127).

4.3 Para introduzir o ódio

Amor e ódio constituem os dois principais elementos a partir dos quais se constroem as relações humanas. Mas amor e ódio envolvem agressividade.
(Winnicott D. W., *Agressão e suas raízes - Agressão*, 1994 [1939], p. 89)

O papel da agressividade no desenvolvimento emocional

Contratransferencialmente submetido à intensidade das projeções de pacientes psicóticos na clínica, Winnicott aprofunda sua compreensão sobre a questão do ódio. No clássico artigo *O ódio na contratransferência*, de 1947 — marco da teorização psicanalítica sobre o ódio —, delineia paralelo entre a aversão do analista frente ao paciente psicótico e a aversão da mãe frente ao bebê.

No entanto, antes de discutir as reflexões sobre o ódio aí apresentadas, abordaremos três textos — originalmente produzidos em momentos distintos, entre 1950-55, e enfeixados em um único artigo, intitulado *Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional*. No primeiro dos textos — apresentado na *Sociedade Real de Medicina* em 1950, em simpósio de que participa Anna Freud — Winnicott discute os estádios da agressão; no segundo, apresenta o que considera as raízes da agressão nos estágios iniciais do desenvolvimento do ego; e no terceiro, aborda a questão da agressão frente ao objeto externo como oposição.

No referido artigo, de antemão enuncia a ideia fundamental de seu estudo sobre a agressão: “(...) se a sociedade está em perigo, a razão disso não se encontra na agressividade do homem, mas na repressão da agressividade pessoal nos indivíduos.” (*A agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional*, 1993 [1950], pp. 355). Sua colocação realça a força e incidência de impulsos agressivos na subjetividade e a necessidade de expressá-los, em vez de submetê-los a controle e repressão. Winnicott também chama a atenção para o imenso esforço que demanda o estudo da psicologia da agressão: “(...) a base para um estudo da agressão real deve ser um estudo das raízes da intenção agressiva” (ibidem).

No princípio, os impulsos agressivos se associam à força vital de um indivíduo e estão ligados à motilidade do bebê: “(...) Na sua origem, a agressividade é quase sinônimo de atividade; é uma questão de função parcial” (idem, p. 356). O autor assim postula uma agressividade originalmente sem raiva nem ódio, não associada, portanto, a um impulso pulsional. Quando tal agressividade passa a se tornar proposital, a criança já se tornou uma

pessoa — período em que a integração do ego viabiliza a experiência da raiva, mediante a frustração pulsional. Para o autor, a experiência pulsional, considerada a mais importante fonte de agressão, é parte da expressão dos impulsos amorosos primitivos que se mesclam, como sugere Winnicott:

O erotismo oral acumula junto a si componentes agressivos e, na saúde, é o amor oral que traz dentro de si a base da maior parte da agressividade real – isto é, a agressão pretendida pelo indivíduo e sentida como tal pelas pessoas à sua volta. (*A agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional*, 1993 [1950], pp. 356)

Ao perceber que às vezes mistura diferentes tipos de agressão, Winnicott ressalta que não há como analisar e compreender isoladamente o impulso agressivo, a destrutividade intencional ou o ódio. Ademais, como diz em outro texto, não é possível abordar apenas a questão da agressividade, tema amplo que envolve o processo evolutivo além dos diversos e concomitantes tipos de desenvolvimento da criança.

O autor demarca a agressão nos vários estádios do desenvolvimento do ego: inicialmente, a fase de *pré-preocupação* ou crueldade, quando a criança ainda não se preocupa com o efeito de suas ações. Nesta etapa, a agressão é parte do amor primitivo, e quando suprimida, gera certa perda da capacidade de amar. No *estádio da preocupação* o bebê alcança tal nível de integração, que, por ser *personalidade total*, já consegue se preocupar com as consequências de sua experiência pulsional, tem capacidade de sentir culpa e pode perceber que é capaz de dar, construir e reparar.

Vale lembrar que grande parte da agressão “(...) se transforma em funções sociais” (idem, p. 358), mas tal transformação não se sustenta, e a agressão ressurgue quando, em situações de desespero, não há quem reconheça as ações reparatórias da criança. Na última etapa, a raiva irrompe suscitada pela frustração, que afasta a culpa e propicia o surgimento de uma defesa, assim dissociando amor e ódio. Se há clivagem dos objetos em bons e maus, a culpa é arrefecida, mas “(...) em troca, o amor perde uma parte de seu valioso componente agressivo e o ódio se torna disruptivo” (idem, p. 359).

A partir daí, a experiência afetiva da criança se torna mais complexa, pois ela tem que lidar com o resultado de seus impulsos frente à mãe e com os desdobramentos das vivências sobre si mesma, quando então necessita administrar seu mundo interior, seus ataques de fúria, sua malignidade ameaçadora, suas relações interpessoais e triangulares. Winnicott finaliza estas elaborações, destacando o valor social da agressão: “na saúde, o

indivíduo consegue armazenar a maldade dentro de si para utilizar em um ataque a forças externas que pareçam ameaçar o que considera que vale a pena preservar” (idem, p. 362).

O estudioso inglês gradualmente avança no esclarecimento de suas ideias e reafirma:

A destruição só se torna uma responsabilidade do ego quando existe integração e organização do ego suficientes para que exista a raiva e, conseqüentemente, o medo da retaliação. (...) O ódio é relativamente sofisticado e não se pode dizer que exista nestes estádios iniciais. (*A agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional*, 1993 [1950], pp. 363-4)

Winnicott sugere examinar, separadamente, a agressividade bem como a reação agressiva, advinda da frustração e do fracasso da experiência do id e impostos pelo princípio de realidade. Concebe claramente e de modo singular formas diversas de agressão, contrapondo-se, portanto, à ideia freudiana de que a agressividade se refere unicamente à frustração acima referida. Aliás, sempre que pode, Winnicot realça as diferenças entre tais impulsos.

Diferentemente de Klein, que literalmente incorpora a suas formulações a teoria das pulsões de vida e de morte, postulada por Freud, Winnicott descobre o que considera as raízes da vida pulsional: a raiz agressiva e a raiz erótica, como sugere a estudiosa do pensamento winnicottiano Jan Abram, em seu dicionário de palavras e expressões empregadas por Winnicott (2000, p. 13). Em sua experiência clínica, Winnicot se impressiona ao perceber que — contrariamente ao que ocorre na descoberta das origens eróticas da vida pulsional — a busca do paciente pelas raízes de seus impulsos agressivos exaure o analista.

Abram sugere que, na perspectiva de Winnicott, existem *áreas-chave* pertinentes à agressão: “a função da fusão, a necessidade [por parte do indivíduo] de oposição, a necessidade da realidade de um objeto externo que possibilite ao bebê sentir-se [sic] real, e a necessidade de um objeto antes da necessidade de um prazer” (ibidem).

A *fusão*¹⁶⁹ é concebida por Winnicott como função importante. No decorrer do desenvolvimento psíquico, a realização da fusão de componentes eróticos e agressivos é considerada objetivo e tarefa importante. Mesmo na saúde, ressalta, essa fusão é

¹⁶⁹ *Fusão* é um termo que Winnicott toma de empréstimo a Freud, que o emprega na teoria das pulsões, como mencionado no capítulo 2 desta tese.

incompleta, sendo muito comum a existência de grandes quantidades de agressão não fundida, que intensificam o quadro psicopatológico de pacientes em análise.

O autor propõe que as manifestações dos impulsos agressivo e erótico sejam analisadas em separado, quando o paciente não consegue efetivar a fusão de ambos os elementos na transferência. Em casos graves, a relação transferencial é alternadamente agressiva e erótica. (*Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional*, 1993 [1950], pp. 355)

Abram destaca que o abafamento da mãe pelo bebê realiza a *função de fusão*. Para ela, também, a irritação do analista frente ao paciente regredido, que se agita para fundir as vertentes agressiva e erótica, tem parentesco com o ódio suscitado na mãe pelo bebê, tal como o ódio que é despertado no analista pelo paciente incapaz de integrar os componentes da contratransferência. (Abram, 2000, p. 14)

Na terceira e última parte do ensaio *A natureza externa dos objetos*¹⁷⁰, Winnicott aborda os diversos desenvolvimentos da motilidade e salienta a necessidade de oposição e de realidade externa do objeto, aspectos destacados por Abram, como acima mencionado. Quando existe um padrão de saúde mais equilibrado, a atividade física do próprio bebê lhe propicia constante redescoberta do ambiente, contato este que se constitui em *experiência do indivíduo*. A oposição proveniente do ambiente, portanto, dá realidade aos movimentos do bebê.¹⁷¹

Para o teórico, o sentido de realidade advém principalmente de raízes motoras e sensoriais, mas se é baixo o nível de motilidade nas experiências eróticas, os sentidos do existir e do real não são reforçados. Winnicott acredita que o “total das experiências de

¹⁷⁰ Texto apresentado em novembro de 1954, e contido na publicação *Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional*.

¹⁷¹ Quando vem do ambiente e se antecede à motilidade do bebê, o movimento é experimentado como invasão, e a motilidade, como reação à invasão, caso em que a doença se estabelece. E quando o impulso é experienciado exclusivamente como reação à invasão e o indivíduo não pode experimentar sua impulsividade, as vivências de integração do ego não se realizam: “O indivíduo, neste caso, *existe por não ser encontrado*. O verdadeiro *self* fica oculto e temos que lidar clinicamente com o complexo *falso self*, cuja função é manter o verdadeiro *self* oculto.” (*Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional*, 1993 [1950], p. 365) Nestas circunstâncias, a vida do bebê é estritamente “reativa e agressiva, dependente da experiência de oposição”. Esta condição patológica está na origem de uma das formas de disposição paranoide, em que o indivíduo recorre continuamente à perseguição para acionar o movimento e só se sente real, reagindo a essa perseguição.

motilidade contribui para a habilidade individual de começar a existir”. (*Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional*, 1993 [1950], pp. 368)

Com base nessas ideias, o autor faz importante colocação: “Nos estados iniciais, quando o *eu* e o *não-eu* estão sendo estabelecidos, é o componente agressivo que mais certamente leva o indivíduo a necessitar de um *não-eu* ou de um objeto que se sente ser externo” (idem, p. 369). Só quando há oposição, os impulsos agressivos propiciam experiência satisfatória. Winnicott sugere que, na saúde, o indivíduo “(...) desfruta da busca de oposição apropriada” (idem, p. 366).

Em seu entendimento, o potencial agressivo precisa de oposição para se desenvolver, e é a pulsão agressiva, portanto, que desperta o bebê para a externalidade e a sobrevivência do objeto. Tais formulações enfatizam o papel da agressão e da destrutividade no processo de separação entre *eu e não-eu*, e a emergência do bebê como pessoa é concebida a partir de sua capacidade de usar objetos.¹⁷² Nesse processo, é crucial a sobrevivência do objeto, cuja presença confiável libera o bebê para vivenciar sua impulsividade. O autor assim sugere a importância dos impulsos agressivos na constituição da externalidade e, por conseguinte, do objeto.

Os pacientes revelam que, em comparação com experiências eróticas, experiências agressivas são bem mais reais, e “a fusão da agressão ao componente erótico de uma experiência aumenta a sensação de realidade da experiência.” (idem, p. 370). Assim é que, movido pelos impulsos e pela agressividade, o bebê precisa do objeto, em sua externalidade, antes mesmo de necessitar de um objeto para obtenção de prazer.

Com esta proposição, Winnicott contradiz a visão freudiana — segundo a qual é o *princípio do prazer* que desperta no bebê a necessidade de um objeto — e conclui que não apenas a satisfação dos impulsos eróticos precisa de um objeto específico na relação sexual madura: “É o elemento agressivo ou destrutivo do impulso fundido que fixa o objeto e determina a necessidade que se sente da presença, da satisfação e da sobrevivência reais do parceiro” (idem, p. 373). Estas ideias prenunciam o que, em seus últimos escritos, Winnicott concebe como criação da externalidade e *uso de um objeto*.

¹⁷² Concepção construída a partir da clínica, no artigo *O uso de um objeto* (1968), trata-se de capacidade a ser conquistada no desenvolvimento quando os objetos podem ser percebidos objetivamente e usados em sua externalidade.

Ambivalência do amor cruel – amor com destruição

O tema da agressão perpassa outros textos de Winnicott, em que está relacionado a questões como: depressão e posição depressiva, culpa e reparação, criatividade e capacidade de preocupação. No ensaio *A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal*, ele enfatiza o *estádio de preocupação*¹⁷³ — considerado uma conquista no desenvolvimento emocional — e o amor cruel do bebê pela mãe:

No início, o bebê (...) é cruel; ainda não há qualquer preocupação quanto aos resultados do amor pulsional. Este amor é originalmente uma forma de impulso, gesto, contato, relação, e dá ao bebê a satisfação da autoexpressão e o alívio da tensão pulsional, além disso, coloca o objeto fora do *self*. (...) o bebê não se sente cruel, mas ao olhar para o passado (e isto ocorre em regressões), o indivíduo pode dizer: eu era cruel então! Este estágio é anterior ao remorso. (Winnicott D. W., *A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal*, 1993 [1954], p. 441)

A mudança do estágio de pré-remorso ou crueldade para o do remorso ou preocupação é fenômeno de passagem dos mais importantes no desenvolvimento emocional. Afirma Winnicott que

(...) a mudança da crueldade para o remorso ocorre gradualmente, sob certas condições definidas de maternagem, durante o período entre cinco e doze meses, e seu estabelecimento não será necessariamente completo durante muito tempo; pode-se mesmo, na análise, descobrir que a mesma nunca ocorreu. (*A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal*, 1993 [1954], pp. 441-2)

Ao longo de tal percurso, o bebê tem muito a realizar diante das forças em conflito no interior do *self*, “(...) uma luta entre o que sente ser bom, isto é, mantenedor do *self*, e o que sente ser mau, isto é, persecutório para o *self*” (Winnicott D. W., *A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal*, 1993 [1954], p. 446). Essa passagem demanda do bebê muito esforço, desde que ele começa a conquistar *status de unidade*, tornando-se

¹⁷³ Por Klein denominado *posição depressiva*, expressão que Winnicott considera inadequada para nomear um processo normal do desenvolvimento: “O termo posição depressiva parece subentender que bebês saudáveis passam por um estágio de depressão, ou de humor doentio. Na verdade, não é este seu significado” (Winnicott D. W., *A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal*, 1993 [1954], p. 441).

“(...) uma pessoa com uma membrana limitadora, com um interior e um exterior” (idem, p. 446).

Neste exigente processo, que implica o estabelecimento de um *círculo benigno*¹⁷⁴, a criança desenvolve crescente consciência de que as duas mães que tem na fantasia¹⁷⁵ são uma só; simultaneamente, começa a diferenciar o bom e o mau, intenção, fato e fantasia, realidade externa e interna, *eu* e *não-eu*. (Winnicott D. W., *A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal*, 1993 [1954], p. 443). A sustentação da situação no tempo, por parte da mãe, bem como sua sobrevivência são vitais para a elaboração dos efeitos das experiências pulsionais pela criança:

A técnica da mãe permite que o amor e ódio coexistentes no bebê sejam separados, interrelacionados e gradualmente controlados de dentro, de uma forma saudável. (Winnicott D. W., *A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal*, 1993 [1954], p. 438)

Relevante neste contexto é a observação de Winnicott em nota de rodapé: na sustentação materna da experiência pulsional do bebê reside a origem da *capacidade para a ambivalência* — uma conquista no desenvolvimento emocional (1993 [1954], p. 457). Em destaque, a perspectiva positiva e necessária da ambivalência, que igualmente remete à trama paradoxal característica da relação amor e ódio — afetos preliminarmente intrincados, que precisam ser saudavelmente separados, integrados e internamente dominados.

Para o autor, a elaboração, por parte do bebê, dos efeitos de suas experiências pulsionais leva tempo, até que se estabeleça um *círculo benigno*, cujo reforço permanente o torna capaz de tolerar o vazio, deixado pelo amor pulsional. Em decorrência disto e com “(...) a junção das duas mães, do amor tranquilo e excitado, e do amor e do ódio (...)”,

¹⁷⁴ Denominado por Abram *sequência dinâmica* (2000, p. 176). Winnicott ressalta a sequência de repetições realizadas pelo bebê no primeiro ano de vida: 1) vivência da experiência pulsional que afeta o relacionamento bebê/mãe; 2) aceitação da responsabilidade pela *culpa* diante da percepção do vazio, resultante do amor pulsional; 3) elaboração da experiência de separação entre bom e mau; e 4) restituição e reparação. (*Psicanálise do sentimento de culpa*, 1983 [1958], p. 27)

¹⁷⁵ A mãe da fase tranquila e aquela usada e atacada quando o bebê excitado — vivenciando tensão pulsional em uma experiência de alimentação, por exemplo — se deixa-levar pela pulsão, em sua forma mais crua, e necessita que a mãe sustente a situação e sobreviva por certo período. Trata-se da “(...) integração da clivagem entre o meio ambiente que cuida e o meio ambiente excitante” (Winnicott D. W., *A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal*, 1993 [1954], p. 444).

surge o sentimento da verdadeira *culpa*, pois, a culpa implantada, conforme Winnicott, “(...) é falsa para o *self*”. Este sentimento progressivamente se torna “(...) fonte saudável e normal de atividade nos relacionamentos, (...) de potência e de contribuição social, e de desempenho artístico”. (*A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal*, 1993 [1954], pp. 447-8)

Estas dimensões da vida instintual estão relacionadas ao estágio de *preocupação* ou *envolvimento*, teorizado no artigo *O desenvolvimento da capacidade de envolvimento*, de 1963, em que o termo *preocupação* se remete à ligação que existe entre os aspectos destrutivos e positivos próprios do relacionamento objetal. Winnicott então se reporta ao estágio, concebido por Freud e seguidores, que pressupõe o emprego da palavra *fusão* em relação ao período do desenvolvimento emocional, em que o bebê vivencia impulsos agressivos e eróticos, simultaneamente voltados para um mesmo objeto:

Quanto ao aspecto erótico, há busca de satisfação e busca de objeto; e quanto ao aspecto agressivo, há um complexo de raiva empregando erotismo muscular, e ódio, envolvendo a retenção de uma imago do objeto bom para comparação. No impulso agressivo-destrutivo como um todo, também está contido um tipo primitivo de relação com o objeto, em que o amor envolve destruição. (Winnicott D. W., *O desenvolvimento da capacidade de envolvimento*, 1995 [1963], pp. 106-7)

Winnicott retoma, desse modo, a questão da ambivalência, ao se reportar à etapa em que o bebê se torna capaz de experimentá-la na fantasia, inicia relações com objetos cada vez mais percebidos como elementos *não-eu*, ao mesmo tempo em que estabelece um *self* integrado, e a mãe se torna *objeto total*. Trata-se de um tempo, em que o bebê integra as experiências erótica e agressiva frente a um mesmo objeto e alcança, então, a ambivalência. Como ressalta,

a realidade psíquica interna (...) converte-se uma coisa real para o bebê, que agora sente que a riqueza pessoal reside dentro do eu. Esta riqueza pessoal desenvolve-se a partir da experiência simultânea amor-ódio, a qual implica a realização de ambivalência, cujo enriquecimento e aprimoramento leva à emergência do envolvimento. (Winnicott D. W., *O desenvolvimento da capacidade de envolvimento*, 1995 [1963], p. 107)

No mesmo artigo, o autor supõe a existência, na experiência imaginária do bebê, de uma *mãe-objeto*, “(...) detentora do objeto parcial que pode satisfazer as necessidades

urgentes do bebê (...) [e] tem que sobreviver aos episódios guiados pelo instinto” (Winnicott D. W., *O desenvolvimento da capacidade de envolvimento*, 1995 [1963], pp. 107 e 108); e, por outro lado, a existência de uma *mãe-ambiente*,¹⁷⁶ “(...) a mãe como pessoa que afasta o imprevisível e cuida ativamente da criança. (...) como parte do ambiente total, (...) recebe tudo o que pode ser chamado afeição e coexistência sensual” (idem, pp. 107-8). A tese de Winnicott é que a fusão das duas mães viabiliza o surgimento de um sentimento extremamente sofisticado, a que chama *envolvimento* ou *preocupação*. Tal fusão gera complexa ambivalência e produz fortes efeitos pulsionais, cuja fantasia implica ataque e destruição:

Não é só que o bebê imagina que come o objeto, mas também quer apossar-se do conteúdo do objeto. Se o objeto não é destruído, isso se deve à sua própria capacidade de sobrevivência, não ao fato de o bebê protegê-lo. (*O desenvolvimento da capacidade de envolvimento*, 1995 [1963], p. 108)

Winnicott assim enfatiza a destruição¹⁷⁷ que o bebê põe em marcha e propicia o surgimento da culpa e da preocupação; destruição esta que se processa no âmbito de suas fantasias e o remete à premência pelo desejo de domínio bem como pela necessidade de proteger. É a mãe-ambiente que propicia ocasião para o bebê se doar e experimentar reparação ante os impulsos instintivos que conduzem ao uso impiedoso dos objetos; é essa mãe, enfim, que “(...) liberta a vida instintual do bebê” (idem, p. 109).

Em 1960, no artigo *Agressão, culpa e reparação*¹⁷⁸, Winnicott fala das origens da atividade construtiva e aborda a relação entre construção e destruição. De início, rende homenagens a Klein, que, segundo ele, se dedicou à problemática da destrutividade pertinente à natureza humana, trazendo-a para a psicanálise. Sinaliza também a importância de o indivíduo compreender que o impulso destrutivo faz parte de seu amor primitivo e sugere ser difícil para este indivíduo aceitar a responsabilidade plena pela destrutividade, que é pessoal e se associa a uma relação com um objeto bom, de amor. Assim, se o indivíduo é integrado, responde por seus impulsos e pensamentos destrutivos, mas quando há falha de integração, tende a projetar aquilo que desaprova. Neste caso,

¹⁷⁶ Com esta proposição, Winnicott destaca a significativa diferença entre as duas dimensões na qualidade do cuidado que se oferece ao bebê.

¹⁷⁷ A partir dos anos 60, ao abordar a interrelação mãe-bebê, Winnicott não mais se refere a *ataque cruel*, mas a *destruição*. (cf. Abram, 2000, p. 177-8)

¹⁷⁸ Palestra apresentada por Winnicott na *Progressive League*, em maio de 1960.

porém, conforme aponta Winnicott, ele perde a destrutividade que lhe é inerente. (*Agressão, culpa e reparação*, 1995 [1960], p. 144) Os seres humanos só suportam a ideia da destrutividade em seu amor primitivo quando têm um objetivo construtivo — elemento do sentimento de culpa —, de que possam lembrar. As experiências construtivas e criativas propiciam consciência e tolerância dos impulsos destrutivos, e essa tolerância, por sua vez, gera a capacidade

(...) de desfrutar de idéias, mesmo com destruição nelas, e das excitações corporais que as acompanham. Esse desenvolvimento propicia amplo espaço para a experiência de envolvimento, que é a base para tudo o que é construtivo. (*Agressão, culpa e reparação*, 1995 [1960], p. 149)

Aqui observamos o desenrolar da trama paradoxal no funcionamento do psiquismo. Winnicott destaca pares de palavras que remetem a estágios diversos do desenvolvimento: aniquilar-criar; destruir-recrutar, odiar-amar, ser cruel-ser terno, sujar-limpar, danificar-reparar. (Idem, p. 149) Para nós, esta associação de palavras ou expressões de certa forma antônimas, deixam entrever a dimensão ambivalente e paradoxal inerente aos impulsos constitutivos do desenvolvimento emocional.

Em outro ensaio¹⁷⁹, *As raízes da agressividade* (1964), Winnicott retoma o percurso do desenvolvimento da agressividade, inicialmente expressa, em forma de movimento, pelo bebê, que, antes mesmo do nascimento, depara com obstáculos. Na verdade, toda criança tende a se movimentar e encontrar prazer no movimento. Trata-se de um desenvolvimento gradual, que se concretiza mediante atividades musculares (a exemplo de dar pontapés, empurrar para longe e expulsar obstáculos) que manifestam cólera ou estados que demonstram ódio e controle do ódio:

(...) a atividade de um bebê sadio caracteriza-se por movimentos naturais e uma tendência para bater contra as coisas; o bebê acaba, gradualmente, por empregar essas atividades, a par dos gritos, de cuspir, de defecar e urinar, a serviço da ira, ódio e vingança. (Winnicott D. W., *As raízes da agressividade*, 1982 [1964], p. 268)

Acrescenta Winnicott: “(...) a par disto, poderemos encontrar uma proteção do objeto que é simultaneamente amado e odiado” (*As raízes da agressividade*, 1982 [1964], p. 264); e mais adiante, diz ele: “A criança passa, simultaneamente, a amar e odiar —

¹⁷⁹ Texto organizado para o livro *A criança e o seu mundo* (1965 [1982]).

aceitando a contradição. (...) as crianças tendem a amar a coisa que agredem” (i.dem, p. 268-9)

Os primeiros pontapés do bebê conduzem à exploração e descoberta de um mundo que não faz parte do ego e ao começo de uma relação com objetos exteriores. A agressividade se associa ao estabelecimento de nítida distinção entre o que é e o que não é o *eu*, e essas ideias destrutivas se fazem presentes nos sonhos, nas brincadeiras ou em ações socialmente aceitas, nas quais a destruição tem razão de ser.

O autor vê relação entre agressão e construção. A *construção* é uma alternativa para a destruição, e a criança precisa de ambas as vivências em suas brincadeiras bem como de experiências em que possa mais dar que receber. Além disso, tempo é fator fundamental nesse processo: “(...) é preciso bastante tempo para que um bebê controle as ideias e excitações agressivas, sem perder a capacidade para ser agressivo em momentos apropriados, seja no ódio ou no amor” (*As raízes da agressividade*, 1982 [1964], p. 268).

Se a agressão é inerente à vida da criança, cabe indagar se lhe é possível encontrar meios para dominar essas *forças agressivas*, usando-as “a serviço da tarefa de viver, amar, brincar e, finalmente trabalhar.” Como sucede que um bebê queira destruir o mundo? Winnicott atribui extrema importância a tais questões, por entender que “(...) o resíduo dessa destruição infantil ‘difusa’ (...) poderá realmente destruir o mundo em que vivemos e amamos”. (Idem, p. 269) Os cuidados infantis precisam ser suficientemente bons nos primeiros tempos, quando as relações do bebê com a mãe “transitam [de relações] puramente físicas para aquelas em que se opera um encontro do filho com a atitude materna, e o puramente físico começa a ser enriquecido por fatores emocionais” (ibidem). Assim sendo, ao conseguir alcançar certo nível de integração da personalidade, a criança não fica exposta à irrupção de intensa destrutividade, *vazia de sentido*.

O texto é concluído com a afirmação de que a destruição primitiva ou mágica dos objetos decorre do fato de o objeto deixar de ser parte do eu, para ser *não-eu* — passagem que geralmente se dá sutilmente, exceto quando há falhas no cuidado materno. Neste caso, tais mudanças ocorrem abruptamente e sem que a criança as possa prever. Quando pode fazer a travessia dos processos maturacionais com tempo suficiente,

(...) a criança capacita-se, então, a ser destrutiva, odiar, agredir e gritar, em vez de aniquilar magicamente o mundo. Dessa maneira é possível encarar a *agressão concreta como uma realização positiva*. Comparados com a destruição mágica, as ideias e o

comportamento agressivos adquirem um valor positivo, e o ódio converte-se num sinal de civilização sempre que tivermos presente todo o processo de evolução emocional, especialmente em suas primeiras fases. (...) quando existe uma boa assistência materna e boa orientação dos pais, a maioria das crianças adquire saúde e uma capacidade para deixar de lado o controle e a destruição mágicos, desfrutando prazer com a agressão que neles acompanha as gratificações e, paralelamente, todas as relações ternas e íntimas riquezas pessoais que compõem a vida da infância. (*As raízes da agressividade*, 1982 [1964], p. 270).

Vale observar, nestas palavras, a força com que aflora a dimensão paradoxal no entendimento dos conceitos, particularmente o conceito de ódio.

Externalidade e uso de um objeto

O *uso de um objeto* – conceito com que Winnicott inaugura novo enfoque em relação à teoria das raízes da agressão – corresponde a uma etapa do desenvolvimento humano. Se isto implica, de um lado, destruição reiterada do objeto, de outro envolve, simultânea e paradoxalmente, a sobrevivência desse objeto diante de tal destruição. Tradicionalmente, a psicanálise considera que a agressão resulta do encontro com o objeto externo, ou seja, com o princípio de realidade. Na perspectiva winnicottiana, em contrapartida, é a agressão que cria a exterioridade. (Winnicott D. W., *O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações*, 1994b [1968], p. 176) Alguns aspectos desta concepção são explicitados no relato de um sonho, apresentado por Winnicott em carta a um colega (1963):

(...) a destrutividade pertence ao relacionar-se com objetos que se acham fora do mundo subjetivo ou da área de onipotência. Em outras palavras, primeiro existe a criatividade que pertence ao estar vivo, e o mundo é apenas um mundo subjetivo. Depois vem o mundo objetivamente percebido e a destruição absoluta dele e de todos os seus detalhes. (Winnicott D. W., *Um sonho de D. W. W. relacionado a uma resenha de um livro de Jung*, 1994 [1963], pp. 178-9)

Na mesma carta, Winnicott destaca o que continuamente enfatiza: se o bebê conta com uma mãe devotada — que sobrevive e propicia sustentação de sua área de onipotência pelo tempo necessário —, descobre que “(...) a destruição total não significa

destruição total”. (*Um sonho de D. W. W. relacionado a uma resenha de um livro de Jung*, 1994 [1963], p. 179)

O uso de um objeto, pelo sujeito, implica não apenas a colocação do objeto para além de sua área de onipotência, mas também a percepção de que o objeto não é projetivo, mas real. Por conseguinte, esse uso necessariamente envolve a ideia de que tal objeto é parte da realidade externa, e sua exterioridade resulta justamente dos ataques que lhe são desferidos. Para o autor, este processo envolve o que há de mais difícil no desenvolvimento humano. Trata-se de mais uma capacidade a ser alcançada, que depende de um meio ambiente facilitador. (Winnicott D. W., *O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações*, 1994b [1968], p. 173)

Apesar de enunciado apenas tardiamente (1968)¹⁸⁰, o conceito *uso de um objeto* é elaborado na linha de desenvolvimento das ideias de Winnicott, como ele próprio ressalta. (Idem, p. 171) Antes de formalmente apresentá-lo — ao abordar, em algumas notas¹⁸¹, a qualidade da relação com o objeto de amor primário, como aspecto relevante para o diagnóstico —, Winnicott formula uma sequência no desenvolvimento da relação do bebê com o objeto: de início, com um objeto subjetivo, até a gradual separação entre sujeito e objeto; a partir daí, com um objeto objetivamente percebido; e finalmente, destruição do objeto. Em outras palavras, o sujeito: (1) protege o objeto; (2) usa o objeto; e, por fim (3), destrói o objeto. Entre proteger e usar o objeto, ocorre uma espécie de “(...) rebaixamento da representação do objeto desde a perfeição para algum tipo de ruindade (...). Isto protege o objeto, porque apenas o objeto perfeito é digno de destruição. Isto não é idealização, mas sim denegrecimento.” (*Notas escritas no trem, Parte 2, Desenvolvimento do tema do controle*, 1994 [1965], p. 180)

Esta destruição saudável pode ganhar representação psíquica adequada, ensejando ao sujeito vivenciar a preocupação com a destruição inerente à relação com o objeto e abrir caminho para a experiência da culpa frente aos impulsos destrutivos presentes no amor. Diante disto, o indivíduo é estimulado a fazer esforços construtivos e reparações. A destruição acima referida — presente em sonhos, brincadeiras e manifestações criativas —

¹⁸⁰ O conceito foi formalmente apresentado pela primeira vez em uma palestra na *Sociedade Psicanalítica de Nova York*, em 12 de Novembro de 1968.

¹⁸¹ As citadas notas foram por ele escritas em um percurso de trem, de volta para casa, após discussão sobre a questão da liberdade e do controle nas escolas progressivas. (cf. apresentação do capítulo 34, no qual o autor desenvolve o conceito de *uso de um objeto*. (Winnicott, Shepherd, & Davis, 1994, p. 170)

requer ambiente favorável, não retaliador, ou seja, uma mãe que não revide os ataques destrutivos:

(...) por causa da sobrevivência do objeto, o sujeito pode agora começar a viver uma vida no mundo dos objetos e tem assim a ganhar de maneira imensurável (...) Esta é uma posição à qual o indivíduo pode chegar em estágios iniciais de crescimento emocional somente através da sobrevivência real dos objetos psicoenergeticamente investidos que estão, na ocasião, em processo de tornarem-se destruídos por serem reais e de se tornarem reais por serem destruídos (...) A partir daí, havendo sido atingido este estágio, os mecanismos projetivos ajudam no ato de *notar o que está lá*, mas eles não são *a razão pela qual o objeto está lá*. (Winnicott D. W., *O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações*, 1994b [1968], p. 174)

O aspecto essencial, neste processo, é, portanto, a sobrevivência do objeto, que oportuniza a perda e o reencontro do objeto externo, viabiliza o uso e exercício da agressão em favor do sujeito, propiciando, dessa forma, o desenvolvimento emocional maduro. Segundo Winnicott,

(...) pessoas relativamente maduras lidaram com a destruição, com a preocupação e com o senso de culpa dentro de si e ficaram livres para planejar utilizar o sexo de modo construtivo, sem negar os elementos rudes que existem na fantasia sexual total. (*Notas escritas no trem, Parte 2, Desenvolvimento do tema do controle*, 1994 [1965], p. 181)

Esta destrutividade — que propicia a capacidade de construir e pode se expressar com a consciência da necessidade de usá-la — é destino fundamental da agressão, posto que tem valor positivo e essencial e contribui para o desenvolvimento do indivíduo e da civilização. Em contrapartida, a destrutividade que advém da imaturidade e se torna compulsiva, tal como expressa em um indivíduo antissocial, afeta a sociedade e requer atenção. (*Notas escritas no trem, Parte 2, Desenvolvimento do tema do controle*, 1994 [1965], p. 181)

É, portanto, no contexto das citadas notas (1965), que pela primeira vez a expressão *uso de um objeto* aparece, designando “(...) uma idéia sofisticada, uma conquista do crescimento emocional sadio, não atingida exceto na saúde e com o decorrer do tempo” (idem, p. 180). Ao sobreviver na realidade à destruição continuada na fantasia inconsciente, o objeto passa a ter exterioridade permanente, o que possibilita ao bebê

descobrí-lo e com ele se relacionar. É a partir deste momento, pois, que o objeto é usado como objeto *não-eu*, distinto, em sua alteridade:

A partir deste momento, ou originando-se desta fase, o objeto *na fantasia*, está sempre sendo destruído. Esta qualidade de “sempre sendo destruído” torna a realidade do objeto sobrevivente sentida como tal, fortalece o tom do sentimento e contribui para a constância objetual. O objeto agora pode ser usado. (Winnicott D. W., *O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações*, 1994b [1968], p. 177)

O uso de um objeto pelo sujeito sucede, portanto, sua relação subjetiva com o objeto, que envolve a experiência individual — contexto em que o sujeito se reporta ao objeto apenas como suporte de projeções. O uso do objeto implica, necessariamente, a percepção objetiva do objeto real, em sua existência independente, o que simultaneamente envolve a mudança para o princípio de realidade. (Winnicott D. W., *O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações*, 1994b [1968], p. 173)

A ideia de uma etapa no desenvolvimento emocional, que envolve fundamentalmente a sobrevivência do objeto, afeta a teoria das raízes da agressão, afirma o próprio Winnicott, que postula a seguinte sequência: “1) Sujeito *relaciona-se com* objeto; 2) objeto em vias de ser encontrado, em vez de colocado pelo sujeito no mundo; 3) sujeito *destrói* objeto; 4) objeto sobrevive à destruição; 5) sujeito pode *usar* objeto” (Winnicott D. W., *O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações*, 1994b [1968], p. 177) Como assinala, ainda, “(...) o primeiro impulso na relação do sujeito com o objeto (objetivamente percebido, e não subjetivo) é destrutivo” (idem, p. 174), mas com este objeto real o bebê consegue estabelecer uma relação verdadeira:

(...) enquanto o sujeito não destrói o objeto subjetivo (material de projeção), a destruição aparece e se torna um aspecto central na medida em que o objeto é objetivamente percebido, tem autonomia e pertence à realidade “partilhada”. (...) Entende-se geralmente que o princípio da realidade envolve o indivíduo em raiva e destruição reativa, mas a minha tese é que a destruição desempenha o seu papel na construção da realidade, situando o objeto fora do *self*. Para que isto aconteça, são necessárias condições favoráveis. (Winnicott D. W., *O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações*, 1994b [1968], p. 174-5)

Winnicott esclarece que “(...) o sujeito está criando o objeto no sentido de encontrar a própria externalidade, e tem de se acrescentar que esta experiência depende

da capacidade que o objeto tenha de sobreviver” (idem, p. 175). Se a mãe fracassa, abre caminho para a destruição real, que permanece potencial. Na etapa mais primitiva na hierarquia das relações com o objeto, pode ocorrer o aniquilamento do indivíduo, traduzido em total falta de esperança, ao passo que, é no estágio mais desenvolvido que o ataque de raiva e ódio tem lugar. No aniquilamento, como esclarece o autor,

(...) a catexia se enfraquece porque nenhum resultado completa o reflexo a produzir condicionamento. Por outro lado, o ataque raivoso relativo ao encontro com o princípio de realidade é um conceito mais sofisticado, pós-datado à destruição que aqui postulo. *Não há raiva* na destruição do objeto a que estou me referindo, embora se possa dizer que há alegria com a sobrevivência do objeto. (Winnicott D. W., *O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações*, 1994b [1968], p. 176-7)

Na genealogia que faz da relação com o objeto, Winnicott destaca o papel fundamental e o valor positivo da destrutividade — identificada como “(...) pano de fundo inconsciente para o amor de um objeto real” (idem, p. 177) e como elemento que constrói a realidade, ao lado da sobrevivência do objeto à destruição. Winnicott assim positiva a destruição, a ser usada pelo indivíduo, e destaca a sobrevivência do objeto a essa destruição no processo de criação do mundo da realidade compartilhada. Essa destruição “(...) pode retroalimentar a substância diferente-de-mim no sujeito”(ibidem).

Nos *Comentários* sobre o artigo *O uso de um objeto*, Winnicott ressalta que a pulsão é potencialmente destrutiva, e, no desenvolvimento inicial, a qualidade destrutiva viva é, para o bebê, indicação de que está vivo. Para ilustrar o que com isso pretende dizer, cita indagação de Plínio: “Quem pode dizer se, em essência, o fogo [que sai da boca do dragão] é construtivo ou destrutivo?” (Winnicott D. W., *Comentários sobre meu artigo O uso de um objeto*, 1994a [1968]).

Na visão winnicottiana, a premência destrutiva exerce o papel positivo vital de objetificador do objeto, o que separa a fantasia e a colocação do objeto para além das projeções. Logo em seguida, em trabalho posterior, salienta o ponto chave de seu argumento:

(...) a primeira pulsão é, ela própria, *uma só coisa*, algo que chamo de *destruição*, mas poderia ter chamado de pulsão combinada amor-conflito. Esta unidade é primária. É isto que surge no bebê no processo maturacional natural. (*O Uso de um Objeto no contexto de Moisés e o monoteísmo*, 1994 [1969], p. 190)

O meio-ambiente determina o destino desta unidade de pulsão, ou seja, tudo depende da forma como o objeto se coloca, e a destruição de um objeto que não reage e sobrevive conduz ao uso. Em contrapartida, se o bebê encontra reação no ambiente, fica impossibilitado de vivenciar a experiência de ser mobilizado por seu próprio potencial agressivo e, conseqüentemente, “(...) nunca pode convertê-la na destruição de *fantasia* inconsciente do objeto libidinizado”. (*O Uso de um Objeto no contexto de Moisés e o monoteísmo*, 1994 [1969], p. 190). Winnicott insiste em realçar que tal premência agressiva não tem nenhuma relação com a raiva ligada a frustrações relativas ao princípio de realidade.

Ao enfatizar a dimensão construtiva no uso do impulso destrutivo em um de seus últimos trabalhos, Winnicott destaca que o senso de realidade do indivíduo depende da sobrevivência do objeto a constantes tentativas de destruição. “Ele apresenta a ideia de que se uma pessoa se torna útil a outra, torna-se mais real, sobrevivendo ao aspecto agressivo contínuo de uma relação.” (Rodman, 2005, p. XXVIII)

4.4 Dimensões do ódio

O ódio na contratransferência

Winnicott oferece contribuições extremamente originais ao estudo do desenvolvimento emocional humano, em geral, e à compreensão do ódio, sua natureza e função, em particular — questão explorada principalmente no clássico texto *O ódio na contratransferência* (*Hate in the Counter-Transference*), de 1947¹⁸². Além disso, elabora formulações instigantes sobre agressividade e destruição, que antecedem o surgimento do ódio.

Seus estudos sobre o tema foram reunidos no capítulo *Agressão e suas raízes* (*Aggression and its roots*), que inclui os ensaios: *Agressão* (*Aggression*, 1939) — em que a agressão é considerada inata e coexistente com o amor; e *Raízes da agressão* (*Roots of*

¹⁸² Com frequência, indica-se 1949 como ano de publicação deste artigo, mas o próprio Winnicott afirma, no texto *Counter-Transference* — apresentado na *British Psychological Society* (1959) —, que a data correta é 1947, ano de sua publicação no *British Journal of Medical Psychology*. Esclarece o autor que o referido artigo “trata principalmente sobre o ódio” (Winnicott D. W., *Counter-transference*, 1960, p. 17). Utilizamos aqui a edição de 1949, do *International Journal of Psycho-Analysis*, e também a tradução em português, referida como 1947.

aggression, 1964), em que formula posição singular: em seu nascedouro, a agressividade associa-se a motilidade e elaboração da distinção *eu* e *não-eu*.

Em outro importante trabalho, que reúne três textos — *Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional* (1950-55) —, Winnicott se posiciona sobre o papel da agressão e traça o percurso da agressividade no contexto dos diferentes estágios de desenvolvimento do ego.

É na esteira destes desenvolvimentos que o autor formula a hipótese — apresentada no ensaio acima mencionado — de que a mãe odeia o bebê e o bebê precisa desse ódio para ser capaz de odiar, tese que se mantém no contexto geral de suas contribuições posteriores. O impulso destrutivo primitivo exerce funções positivas fundamentais: plataforma inconsciente para o amor de um objeto real; elemento construtor da realidade; e propiciador da objetificação do objeto e da distinção entre *eu* e *não-eu*. O ódio, neste contexto, é considerado sinal de civilização.

Sua sólida experiência prática com pacientes regredidos, a preocupação com a problemática de bebês e suas mães bem como a percepção do efeito, sobre o filho, dos processos inconscientes e do ódio inconsciente da mãe serviram de base para que Winnicott elaborasse a tese sobre as raízes do ódio no contexto das teorizações sobre as relações de objeto precoces e o desenvolvimento emocional na primeira infância. Ao analisar o ódio materno, o autor oferece expressiva contribuição para o entendimento sobre o ódio, em geral, afeto arraigado nas profundezas do psiquismo humano.

O ensaio *O ódio na contratransferência* – valiosa colaboração para compreensão do desenvolvimento emocional – inaugura nova formulação sobre a complexa questão da ambivalência: o ódio que se insurge na contratransferência, como ingrediente do trabalho terapêutico de analistas e psiquiatras com psicóticos. Neste texto, o autor de antemão destaca a forte tensão inerente à tarefa do psiquiatra com pacientes regredidos e dependentes. Tal tarefa está, *a priori*, predestinada a sérias dificuldades, tendo em vista sua carga emocional característica, cujo manejo clínico só se torna viável se o psiquiatra puder claramente perceber seu próprio ódio. É importante que também compreenda a natureza desses conteúdos emocionais, que o vulnerabilizam, irremediavelmente, ante o impacto dos elementos arcaicos dos pacientes:

Por mais que ame seus pacientes, ele não pode evitar odiá-los e temê-los, e, quanto melhor souber disto, menos o ódio e o medo

determinarão suas ações sobre seus pacientes. (...) Acima de tudo, ele não deve negar o ódio que realmente existe dentro de si. (Winnicott D. W., *Hate in the Counter-Transference*, 1949, pp. 69-70)

Winnicott considera vital que o psicanalista tenha plena consciência da contratransferência e do ódio no trabalho com pacientes psicóticos, antissociais e *borderline*. A tensão que estes pacientes suscitam no analista se assemelha à carga emocional despertada na mãe pelo recém-nascido. Afinal, o terapeuta não tem como evitar a força das projeções de que é objeto nem o fardo de sentimentos espinhosos nele gerados. Como diz o autor em trabalho anterior sobre amamentação, “(...) a intensidade dos sentimentos infantis repete-se nos sofrimentos associados aos sintomas psicóticos” (*Amamentação*, 1982 [1945], pp. 55-6).

O autor considera esse material contratransferencial — que associa a necessidades primitivas do recém-nascido — pertinente ao paciente e reação ao impacto de seu funcionamento regredido sobre o psiquismo do analista. Insiste, no entanto, na necessidade de o analista ter sido devidamente analisado, se quer atender pacientes regredidos, para que então possa identificar suas próprias reações objetivas e fazer frente às exigências de situações clínicas envolvendo ódio¹⁸³. Conforme salienta, “Os fenômenos da contratransferência serão, às vezes, as coisas importantes na análise” (*Hate in the Counter-Transference*, 1949, p. 70). Winnicott chama a atenção para “(...) a contratransferência verdadeiramente objetiva, baseada na observação objetiva, ou se isto for difícil, o amor e ódio do analista em reação à personalidade real e à conduta do paciente” (idem, p. 69-70).

A presença recorrente e simultânea de amor e ódio no processo analítico de psicóticos — que, afirma Winnicott, nada tem a ver com o amor cruel primitivo das primeiras etapas do desenvolvimento emocional — redundando em grandes dificuldades, cujo manejo clínico pode facilmente exaurir o analista. Crê o autor que esse estado de amor-ódio concomitante demonstra que o psicótico não alcança a diferenciação entre amor e ódio e se sente intensamente ameaçado pelo medo de que, ao amá-lo, o analista o esteja

¹⁸³ Apesar de Winnicott entender esta contratransferência como conteúdo advindo da transferência do paciente no psiquismo do analista — concepção que segue a perspectiva formulada, em 1949, por Paula Heimann, que fez da contratransferência “(...) verdadeira ferramenta a serviço da percepção de certos aspectos da comunicação do paciente” (Mijolla, 2005, p. 406).

matando. Winnicott associa essa não diferenciação de sentimentos ao fracasso do ambiente à época “(...) dos primeiros impulsos pulsionais de encontro com o objeto” (idem, p. 70).

Como elucida Abram, “O ambiente não foi facilitador, e o impulso de amor primitivo do bebê não foi apropriado. As consequências desse tipo de falha obrigam o bebê a utilizar-se das defesas psicóticas” (Abram, 2000, p. 166). Winnicott enfatiza, acima de tudo, a importância de o analista não negar o ódio em si existente e reservá-lo para usar quando necessário:

Se ao analista são imputados sentimentos ásperos, é preferível que ele seja alertado e se previna, já que deve suportar ser colocado nessa posição. Acima de tudo, ele não deve negar o ódio que de fato existe em si próprio. (*Hate in the Counter-Transference*, 1949, p. 70)

O ódio que se justifica na situação analítica presente, portanto, deve ser separado e ficar disponível para uma interpretação casualmente necessária.

Discordância do entendimento kleiniano sobre o ódio inato

Já em seus primeiros textos, Winnicott, assim como Klein, atribui grande importância às primeiras etapas do desenvolvimento infantil. Diferentemente dela, no entanto, confere dimensão essencial ao papel do ambiente no desenvolvimento emocional da criança. O autor se beneficia das controvérsias entre Klein e Anna Freud — que entre 1940-46 mobilizam a associação psicanalítica a que pertencia —, mas não toma partido, assim corroborando sua independência de pensamento.

Mesmo inspirando-se inicialmente em Klein — quando, por exemplo, escreve o ensaio *A defesa maníaca* (1935)¹⁸⁴, para pleitear ingresso na *Sociedade Britânica de Psicanálise* — e tendo também desenvolvido diversas formulações com base em contribuições kleinianas, as reflexões inovadoras de Winnicott acabam por afastá-lo definitivamente da perspectiva de Klein e seguidores.

¹⁸⁴ Cf. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise*, 1993, p. 106.

Winnicott discorda de Klein quanto à ideia de que o ódio do bebê é inato, endógeno e associado à pulsão de morte, e como dá especial destaque à dimensão do ambiente na constituição psíquica, incisivamente refuta o posicionamento da autora:

(...) o comportamento agressivo de crianças (...) nunca é uma questão exclusiva de emergência de instintos agressivos primitivos. Nenhuma teoria válida sobre a agressividade infantil poderá ser construída a partir de premissa tão falsa. (*Agressão e suas raízes - Agressão*, 1994 [1939], p. 90)

Para Winnicott, o fato de apresentar a capacidade de odiar, por si só, revela ter o bebê atingido estágio mais avançado de seu desenvolvimento emocional. Além disso, a aquisição da capacidade para distinguir sentimentos de amor e de ódio exige dele muito esforço, e para alcançar o amor objetivo, ele precisa ter sido odiado. O bebê necessita da mãe para sobreviver à sua necessidade primitiva e tolerar o exercício de sua extrema crueldade em uma etapa de dependência absoluta, em que ainda é incapaz de perceber a diferença do outro como *não-eu*. Sua crueldade faz emergir ódio na mãe, sem que ela possa exprimi-lo ou possa fazer alguma coisa a respeito disso. Para o autor, a mãe odeia o filho desde o início e tem inúmeras razões para tal, mas “deve ser capaz de suportar odiar o bebê sem nada fazer a respeito” (1949, p. 73). Em suma, só após ter sido odiado, o bebê se torna capaz de odiar (*ibidem*).

Nunca foi mistério o fato de o bebê poder ferir o seio que o amamenta — e por vezes o faz —, mas amiúde também o protege. Winnicott aponta para a relevância dos impulsos agressivos — que se constituem no jogo da relação do bebê com a mãe — e do papel da destruição saudável, que existe em fantasia, se localiza na relação de objeto e no uso do objeto, e é expressão de integração e de maturidade, sendo, portanto, aspecto fundamental inerente ao desenvolvimento emocional primitivo. Ao longo de toda a sua obra, elabora sua concepção de agressão e destruição, distinguindo-as da raiva ou ódio e enfatizando a dimensão positiva e estruturante dos referidos impulsos — posição que consideramos chave para esclarecimento do processo de constituição do psiquismo.

Analista – o ódio procurado

Conforme assinalamos antes, Winnicott chama a atenção para o ódio que surge na contratransferência e é suscitado pela personalidade e pela conduta do paciente, em consonância com o ódio inconsciente da mãe pelo bebê; sinaliza também o ódio que este,

por sua vez, nutre pela mãe, ao longo do crescimento. O autor faz um paralelo entre estes afetos de ódio, que se atualizam tanto na transferência como na contratransferência.

No trabalho clínico com neuróticos, o analista mantém seu ódio latente sem dificuldades ou sequer o percebe como tal, haja vista o fato de tal afeto ter sido elaborado na própria análise do analista ou de ele obter recompensa pela atividade psicanalítica: o pagamento que recebe, os avanços do paciente etc. Seu ódio também se expressa pelo poder de determinar início e término das sessões.

Em se tratando de pacientes psicóticos, no entanto, o analista deve estar preparado para tolerar demorada pressão, sem esperar que o paciente se responsabilize pelo que faz, o que só é possível, para Winnicott, se o analista estiver consciente do medo e do ódio que sente. Afinal de contas, “ele está na posição da mãe de um bebê que ainda está para nascer ou é apenas recém-nascido” (1949, p. 41). Como lembra o autor, o analista pode ser a primeira pessoa a oferecer suporte emocional essencial a este paciente, lesado por falhas ambientais em um período de desenvolvimento emocional de extrema vulnerabilidade e dependência em relação aos cuidados de um objeto. Acrescenta Winnicott, que o *setting* analítico é extremamente importante na análise de um psicótico.¹⁸⁵

Winnicott destaca que, em certas etapas de determinadas análises, o ódio por parte do analista é buscado pelo paciente. De maneira geral, cabe ao terapeuta sustentar sua objetividade e sua capacidade de odiar objetivamente o paciente. Se este demanda *ódio objetivo ou justificado*, é importante que o obtenha, para que possa alcançar o amor objetivo. Como afirma Abram, ao comentar esta formulação winnicottiana, “A disponibilidade emocional do analista – o ódio, especificamente – constitui-se em uma grande e importantíssima parcela do ambiente que deve ser apresentada ao paciente” (2000, p. 169). Winnicott destaca a relevância do *ódio justificado*, por parte do analista, salientando:

¹⁸⁵ Na concepção de Winnicott, a psicose é um distúrbio que resulta de falhas ambientais na etapa de dependência absoluta do bebê. A tendência antissocial também implica falha ambiental, mas só na fase de dependência relativa, em que a mãe não atende os anseios do bebê e provoca ruptura na continuidade do ser, produzindo falha. Tal tendência não se configura como quadro nosográfico, uma vez que pode ser observada em indivíduos normais, neuróticos ou psicóticos, crianças ou adultos. (*A tendência anti-social*, 1995 [1956], p. 129)
O *setting* analítico pode ser às vezes mais relevante do que interpretações verbais do analista, (1949, p. 71) e — como sugere o autor em trabalhos posteriores — deve propiciar *holding*. Para o psicótico, toda a provisão do *setting* — o divã, o conforto da sala, a presença do analista — é expressão material do colo, do calor e amor do analista.

Quero acrescentar que, em certas etapas de algumas análises, o ódio por parte do analista é realmente buscado pelo paciente, o que torna necessário o *ódio objetivo*. Se o paciente busca *ódio objetivo* ou *justificado* [grifos nossos], deve obtê-lo, caso contrário, não conseguirá se sentir capaz de alcançar *amor objetivo* [grifos nossos]. (*Hate in the Counter-Transference*, 1949, p. 73)

O autor ilustra a demanda do paciente pelo ódio do analista no *setting* terapêutico com o exemplo da criança que não tem pais ou cujo lar foi desfeito. O conhecimento adquirido por Winnicott¹⁸⁶ ao trabalhar, durante a II Guerra Mundial, com crianças e adolescentes em situação de privação e delinquência — marcados, pois, por separações e perdas —, o levam a entrever quão importante e necessário é para o ambiente suportar o ódio por elas provocado. Ao serem adotados e a cada vez que restauram a esperança, tais adolescentes ou crianças testam o novo ambiente, em busca de provas da capacidade de seus cuidadores de odiá-los objetivamente. O ato antissocial, para Winnicott, é sinal da esperança de reencontrar a boa experiência vivida durante a dependência absoluta, posteriormente perdida, e a demanda de ódio que a criança faz ao ambiente é parte da esperança que a mobiliza, pois “ela parece só poder acreditar que é amada depois de ter conseguido ser odiada.” (1949, p. 71)

Mãe – o ódio ao bebê

The mother, however, hates her infant from the word go.
(Winnicott D. W., 1949, p. 73)

Em meio à complexidade da problemática do ódio e suas origens, Winnicott postula tese absolutamente inovadora – utilizada como epígrafe deste capítulo –, ao propor a ideia de que “(...) a mãe odeia o bebê antes mesmo que o bebê a odeie, e antes que o bebê possa saber que sua mãe o odeia” (1949, p. 73).

No trabalho com *casos de pesquisa* – como denomina os casos de psicóticos ou pacientes *borderline* –, Winnicott se reporta ao clássico ensaio freudiano sobre as pulsões, de 1915, ao discorrer sobre a questão do ódio suscitado no analista. No referido texto, Freud afirma que as atitudes de amor e ódio devem se referir, exclusivamente, às relações

¹⁸⁶ Winnicott foi Consultor Psiquiátrico junto ao Plano de Evacuação do governo britânico durante a II Guerra Mundial em uma área de acolhimento nos arredores de Londres.

entre o *ego total* e os objetos, o que implica dizer que o bebê só odeia a partir do momento em que alcança a integração de sua personalidade.

No entender do estudioso inglês, há uma etapa mais precoce — a do amor cruel, quando a personalidade ainda não está integrada —, em que não é por ódio que o bebê faz coisas para ferir. Só quando ele se torna *pessoa total*, integrada e já consegue distinguir *eu* e *não-eu*, é que o emprego do termo ódio passa a designar certa categoria de sentimentos. Em vista disso, a tese kleiniana do ódio constitucional não se sustenta, já que ódio envolve intencionalidade — capacidade ainda não alcançada pelo bebê imaturo. Winnicott tem consciência da importância das referidas formulações, mas destaca sua dívida intelectual para com as ideias de Freud.

Ao observar que, segundo Freud, uma mãe pode, em certas circunstâncias, sentir unicamente amor por seu bebê do sexo masculino, Winnicott questiona tal colocação, por acreditar que, desde o começo, a mãe odeia o bebê, mesmo sendo ele do sexo masculino. No item *O amor e o ódio maternos* — parte de seu ensaio *O ódio na contratransferência* (1949, p. 73-4) —, ele formula e desenvolve, mais diretamente, suas ideias sobre o ódio da mãe por seu bebê.

Para esclarecer esta formulação e evidenciar a necessidade de o analista odiar o paciente, Winnicott elenca nada menos que 18 razões¹⁸⁷ para justificar o ódio da mãe pelo bebê, mesmo que ele seja menino.

O bebê – ódio como fator constituinte da psique

Winnicott entrevê semelhança entre as incapacidades do paciente psicótico e do bebê:

Acho que, na análise de psicóticos e nos estádios finais da análise, mesmo de uma pessoa normal, o analista deve se pôr em uma posição comparável à da mãe de um bebê recém-nascido. Quando está profundamente regredido, o paciente não consegue se

¹⁸⁷ Eis alguns dos motivos que levam a mãe odiar seu bebê: ele não é concepção mental dela nem é o bebê de suas brincadeiras de crianças – filho do pai, do irmão; não é gerado magicamente; durante a gestação e também no parto, é um perigo para seu corpo; atrapalha sua vida privada e é motivo de preocupação; a mãe produz o filho pra apaciar a exigência de sua própria mãe e ele é esse filho que ali está para atender o desejo de outro; ao mamar, ele machuca seus mamilos; ele é rude, tratando-a como empregada, sem remuneração, uma escrava; ela tem de amá-lo, com suas fezes e tudo o mais; ele a morde e machuca por amor; ele se desilude dela; seu amor é interesseiro e ele a dispensa quando consegue o que quer... (*O ódio na contratransferência*, 1993 [1947], pp. 351-2).

identificar com o analista ou avaliar seu ponto de vista, da mesma forma que o feto ou o bebê recém-nascido não consegue compreender a mãe. (Winnicott D. W., *O ódio na contratransferência*, 1993 [1947], pp. 351-2)

Na visão winnicottiana, o analista precisa se colocar, pois, na posição da mãe que necessita tolerar seu bebê, e se tiver medo de expressar o ódio que sente ao ser por ele magoada, ela acaba por se entregar ao masoquismo. Para o autor:

Uma mãe tem que ser capaz de tolerar seu ódio pelo filho sem fazer nada acerca do assunto. Ela não pode exprimi-lo para ele. Se, por medo do que possa fazer, ela não puder odiar apropriadamente quando seu filho a magoa, só lhe resta voltar-se para o masoquismo (...) A coisa mais notável acerca de uma mãe é sua habilidade de se deixar ferir tanto pelo bebê, de odiar tanto sem se vingar na criança, e sua habilidade em esperar por recompensas que podem ou não vir mais tarde. (Winnicott D. W., 1993 [1947], p. 352)

Winnicott realça o ódio presente nas canções de ninar que a mãe canta e nas brincadeiras do pai com o bebê, que não sabe que as palavras que ouve de ambos são manifestação de ódio. Tais canções não expressam sentimentalismo, que, acredita Winnicott, mascara o ódio por parte dos pais, tão necessário para que a criança possa odiar:

O sentimentalismo é inútil para os pais, pois contém uma negação do ódio e o sentimentalismo na mãe é ruim, do ponto de vista da criança. (...) Não me parece provável que uma criança humana, à medida que se desenvolve, seja capaz de tolerar a amplitude total de seu próprio ódio em um ambiente sentimental. *Ela precisa de ódio para odiar*. (Winnicott D. W., 1993 [1947], p. 352)(grifo nosso)

Em outro texto, *Alguns aspectos psicológicos da delinquência juvenil*, ele afirma que, “no sentimentalismo existe ódio recalcado ou inconsciente, e esse recalco não é saudável. Mais cedo ou mais tarde, o ódio vem à tona” (*Privação e delinquência*, 1994, p. 120). Winnicott sugere, portanto, ser inadequado que a mãe tente se esquivar do ódio a seu bebê, pois, assim procedendo, deixa o bebê desamparado, por não poder contar com o ódio de que precisa para alcançar a capacidade de odiar.¹⁸⁸ Acrescenta o autor: “Não se

¹⁸⁸ Esta posição já fora clara e anteriormente defendida por Winnicott: “O sentimentalismo contém uma negação inconsciente da destrutividade subjacente à construção” (*Agressão e suas raízes - Agressão*, 1994 [1939], p. 96).

pode esperar que um paciente psicótico em análise tolere seu próprio ódio pelo analista, a não ser que o analista possa odiá-lo” (1949. p. 73).

Tal como faz a mãe devotada em relação ao bebê, o analista precisa ter paciência, ser tolerante, inspirar confiança ao paciente, acolher-lhe os desejos, necessidades e demonstrar-lhe disponibilidade e objetividade, oferecendo-lhe aquilo de que verdadeiramente necessita, sem esperar ser apreciado, já que o paciente não tem capacidade de se identificar com o analista. Ao concluir o texto, afirma Winnicott:

Acredito, porém, que uma análise não seja completa, se, mesmo quando está chegando no [sic] final, não foi possível ao analista dizer ao paciente o que ele, analista, fez sem o conhecimento do paciente enquanto este estava doente, nos estádios iniciais. Até que esta interpretação seja feita, o paciente é até certo ponto mantido na posição de bebê – que não consegue compreender o que deve à mãe. (Winnicott D. W., 1993 [1947], p. 352-353)

Winnicott defende que as capacidades de odiar e de amar revelam que a ambivalência existe e é realização do desenvolvimento infantil. Se o bebê se torna capaz de fundir suas experiências eróticas e agressivas, face a um único objeto, conquista a ambivalência¹⁸⁹.

O ódio: uma conquista no desenvolvimento emocional

Antes mesmo de ser capaz de odiar, o bebê é objeto de ódio por parte da mãe e, em certo período inicial, as más ações do bebê ainda não são movidas pelo ódio. Winnicott considera que, ao se desenvolver progressivamente nesse estágio precoce, o bebê destrói o mundo mágico de sua relação com a mãe. Se tudo transcorre normalmente, o bebê desenvolve sua agressividade e destrutividade bem como a capacidade para odiar numa etapa mais avançada. A agressividade e a destrutividade desempenham papel necessário e positivo e, ao lado do ódio, representam uma conquista no desenvolvimento emocional. Em texto de 1964, Winnicott resume esta compreensão:

¹⁸⁹ No decorrer do desenvolvimento, a fusão dos componentes eróticos e agressivos é considerada objetivo e tarefa importante. Mesmo na saúde, ela é incompleta, sendo muito comum encontrar grandes quantidades de agressão não fundida, intensificando o quadro psicopatológico de pacientes em análise. Winnicott propõe ao analista lidar separadamente com manifestações dos impulsos agressivo e erótico, mantendo-as isoladas na análise, quando é impossível para o paciente fundir ambos os elementos na transferência. Em casos graves, a relação transferencial é alternadamente agressiva e erótica. (*Agressão e suas raízes - Agressão*, 1994 [1939]) e (*Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional*, 1993 [1950], p. 369)

Ao acompanhar a criança, com sensibilidade, através dessa fase vital do início do desenvolvimento, a mãe estará dando tempo ao filho para adquirir todas as formas de lidar com o choque de reconhecer a existência de um mundo situado fora do seu controle mágico. Dando-se tempo para os processos de maturação, a criança se tornará capaz de ser destrutiva e de odiar, agredir e gritar, em vez de aniquilar magicamente o mundo. Dessa maneira a *agressão concreta é uma realização positiva*. Em comparação com a destruição mágica, as idéias e o comportamento agressivos adquirem valor positivo e o ódio converte-se num sinal de civilização, quando se tem em mente todo o processo do desenvolvimento emocional do indivíduo, e especialmente suas primeiras fases. (*Agressão e suas raízes - Raízes da agressão*, 1994 [1964], p. 102)

Nesta citação, a dimensão paradoxal do ódio também emerge com força e clareza, e, diferentemente da abordagem clássica, a concepção winnicottiana do ódio atribui função positiva e constitutiva a esse afeto. Tal formulação inova na forma de conceber a agressão, em geral, e o ódio, em particular. Nesta perspectiva, a capacidade de odiar representa, para o bebê, uma conquista intrínseca ao seu processo de desenvolvimento, sendo o ódio um elemento necessário e constituinte, paradoxalmente a outras funções que pode desempenhar.

Em síntese, o autor concebe que, se o ambiente oferece condições favoráveis, agressividade, destrutividade e ódio são forças potenciais a serviço da constituição do *eu* e do *não-eu*, do estabelecimento do ego e do objeto, da realidade interna e externa. São, por conseguinte, inerentes ao processo de maturação e passam a integrar a personalidade, como energia que pode ser revertida em atividades construtivas e criativas, em trabalho e bem social. Assim, o ódio é profundamente ambivalente e paradoxal, jamais unívoco ou exclusivamente patológico.

V. O ÓDIO revisitado

5.1 Pontos de partida

I hate you for your success. ...

I hate you for being a successful analyst.

Palavras de paciente a seu analista. (Liegnier, 1980, p. 24)

(Re)pensando o ódio à luz da trama

Abordamos o ódio como afeto recorrente no cotidiano das relações com o outro, ódio que convoca amor, sadismo, indiferença. Ingrediente da trama intersubjetiva, suas descargas energéticas e potência, suas redes indissolúveis e seus objetos de destino se insinuam e se revelam em desejos, discursos, sintomas e fantasias. Expressão do narcisismo, o ódio está presente na vida psíquica em circunstâncias e momentos diversos.

Suas múltiplas faces e marcas edípicas, seus fins e deslocamentos emergem na relação transferencial – campo em que se insurge sua economia, movida por inscrições psíquicas que não são mediadas pela palavra e demandam tradução, simbolização. A presença do ódio na situação analítica habita paciente e analista, e é de tal forma marcante, que requer cuidadosa compreensão das tramas e dos sentidos que encobre: exigência que se impõe tanto pela complexidade de seus diferentes matizes quanto pela força de sua presença na transferência e contratransferência.

A problemática do ódio ressurge incessantemente. Assim prenunciam as palavras quase proféticas do insigne psicanalista e grande promotor da psicanálise, Jean-Bertrand Pontalis, que apresentam — no *Argument* inicial — o relevante número especial *L'amour de la haine* — da *Nouvelle revue de psychanalyse*, de 1986:

Por que empreender uma reflexão sobre o amor do ódio, ao invés de, mais simplesmente, apenas sobre o ódio? Essa expressão paradoxal acentua vários traços que podem esboçar, além de uma disposição afetiva, uma figura do ódio.

De fato, somos muito propensos a pensar o ódio em sua oposição ao amor, a fundamentar este par de opostos no dualismo da pulsão de vida e da pulsão de morte. A noção de ambivalência é, então, apressadamente chamada em auxílio: amor e ódio seriam sempre misturados em proporções variáveis. O amor esconderia o ódio, e o ódio, um amor insano. Nesta concepção, que é mais uma mistura de opostos do que um processo dialético, a ambivalência perde vigor conceitual, e desaparece a face do ódio, bem como também a do amor. (NOUVELLE REVUE DE PSYCHANALYSE, 1986, p. 7)

Por sua própria natureza, a temática do ódio é complexa, desafiante e exige elucidação. As questões lançadas por Pontalis permanecem vivas e atuais após mais de um quarto de século. Para ele, a natureza humana é movida por atitudes e afetos diversos, e odiar chega a ser “uma exigência imperiosa, uma condição vital. Certos indivíduos e certas coletividades, em determinados momentos de sua história, parecem não ser animados senão que por uma necessidade de odiar. Poder-se-ia dizer que eles não amam mais que uma coisa: *seu* ódio” (idem, p. 7).

Nesta tese, buscamos: desconstruir a noção de que a presença do ódio é um mal que nos habita; refletir sobre a ideia de que o ódio é força de vida; e encontrar fundamentos metapsicológicos para sustentação desta colocação, tendo em vista ampliar a análise deste afeto. Este trabalho não é conclusivo nem ponto de ancoragem, mas abertura para novos desdobramentos e novas possibilidades de análise. É muito mais resultado do “(...) esforço que um pesquisador realiza para delinear um campo de investigação que seja suficientemente bem fundado para que possa se desdobrar em pesquisas outras que venha [a] empreender no futuro. (...) é o ponto de partida que é dominante sobre o de chegada” (Birman, *Sublime ação*. (Prefácio), 2007).

Tamanha é a complexidade do ódio, que, com espírito acadêmico e desejo de ultrapassar impasses e exigências da clínica, empreendemos a tarefa de elucidá-lo nesta tese, sem, no entanto, saber até onde esse percurso nos levaria. O pesquisador e psicanalista Mário Eduardo Costa Pereira¹⁹⁰ proferiu sábias palavras, que incitam à descoberta do novo e nos estimularam a avançar, crítica e criativamente, na realização desta pesquisa: “Nunca pergunte sobre o caminho a quem sabe o caminho, pois você corre o risco de nunca mais se perder.” Hoje percebemos que, ao nos expor — com a humildade de não ter a certeza do resultado do percurso, mas sem receio de trilhar o caminho —, podemos fazer a travessia do *ethos psicanalítico* para o *ethos universitário* e expandir a compreensão sobre os meandros do ódio, assim arejando nosso fazer psicanalítico.

Diversas abordagens do psiquismo e o papel do ódio

De que forma as diversas abordagens teóricas do psiquismo contribuem para a compreensão da problemática do ódio? Freud, por exemplo, centra sua teorização sobre o psiquismo na dimensão pulsional; Klein, por sua vez, entende o psiquismo a partir das

¹⁹⁰ Em discussão sobre a atividade de pesquisa, em abril de 2009, realizada no EPSI-Espaço Psicanalítico, em João Pessoa.

relações objetais; e Winnicott pensa o psiquismo numa perspectiva relacional do sujeito com o ambiente.

Esses delineamentos resultam em abordagens distintas sobre a questão da agressão e do ódio, e, independentemente da forma como tal questão é examinada em cada modelo, ao ódio é atribuído papel fundamental na constituição do psiquismo. Tais abordagens não são excludentes, mas se complementam, justamente porque partem de diferentes ângulos e apontam caminhos diversos, assim enriquecendo as leituras sobre o ódio. O encontro e cruzamento dessas perspectivas, portanto, é que suscitam interesse teórico na análise da trama paradoxal do ódio no psiquismo.

Nas reflexões dos referidos autores, é possível extrair subsídios que corroboram nossa interpretação da paradoxalidade do ódio não apenas na dinâmica psíquica, mas também na expressão desse afeto nas relações intersubjetivas. Isto nos propicia maior poder de generalização e de sustentação desta tese, sem que percamos de vista a singularidade com que tal afeto se faz presente na história de cada sujeito.

Nas pegadas dos clássicos

Correntemente, o ódio é entendido como um afeto/sentimento intenso e duradouro direcionado a um objeto, cujo mal se deseja e cuja adversidade é motivo de júbilo. Cabe à psicanálise a tarefa de explicar sua natureza, gênese e dinâmica psíquica.

É importante frisar que, desde os primórdios da psicanálise, sempre tem havido hesitação e resistência em encarar e abordar a questão do ódio, afeto revelador de impressões dolorosas, ameaçadoras e obscuras do psiquismo, que, mesmo percebido como força equivalente à do amor, não tem sido suficientemente estudado.

No novo milênio, a informática e a internet têm contribuído não apenas para melhorar, decisivamente, as condições de pesquisa e publicação, mas também para facilitar o acesso a inúmeros trabalhos em todas as áreas do conhecimento, inclusive a psicanálise. Assim sendo, as produções sobre a questão do ódio têm se tornado mais numerosas e acessíveis, mas quase todas as fontes primárias dessas novas produções se reportam aos escritos psicanalíticos clássicos, legados por Freud, Klein e Winnicott. Em nosso caso, também focalizamos os postulados desses três grandes autores, cujas contribuições oferecem sólida base teórica para a interpretação do ódio e sua trama paradoxal, embora a elas não nos tenhamos circunscrito.

Freud – uma leitura

O lugar de precursor no estudo do ódio, do ponto de vista psicanalítico, indiscutivelmente cabe a Freud, que, desde os primórdios da psicanálise, se depara com a relevância deste afeto em manifestações clínicas presentes em sonhos, sintomas ou na relação transferencial com seus primeiros pacientes, a exemplo dos casos Hanns, Dora, o Homem dos Ratos etc. Apesar de sua relutância inicial em discutir o ódio, Freud é forçado pelas demandas de sua própria clínica a se debruçar sobre a questão, por ele tratada em um artigo metapsicológico, no qual desenvolve as primeiras formulações sobre o referido afeto.

No contexto de suas elaborações sobre o ódio e a agressão, é importante realçar de antemão, que, embora muito mais voltado para a dimensão intrapsíquica, Freud ressalta, simultaneamente, o papel dos objetos exteriores e a influência marcante do meio e da cultura sobre o homem. A constituição subjetiva se dá pela relação do ego com os objetos externos e internos. Para o autor, vale lembrar, a sociedade se funda a partir da renúncia às tendências inatas, dentre as quais a hostilidade.

O ódio advém quando a realidade impõe frustração, e a satisfação pulsional é impossível. Manifesta-se na relação do sujeito com o outro, no âmbito do próprio sujeito e no campo das organizações psíquicas. Faz-se presente nas distintas instâncias psíquicas, é força que move dinâmicas complexas e é propulsor de conflito intrapsíquico. Como afeto, circula, se acumula, se dissipa, se transforma ou se mantém indestrutível, sendo abordado por Freud em uma dimensão econômica, no contexto do princípio *econômico* do funcionamento do psiquismo.

De acordo com este princípio, os processos psíquicos envolvem circulação de investimentos e de cargas energéticas bem como transformação de energias pulsionais. Para Freud, o ódio inicialmente se revela nas intensidades da ambivalência atuada na transferência, como afeto transferencial a mobilizar resistências, e é também visto posteriormente como gerador de sintomas.

Agressividade e ambivalência marcam a psicogênese nas etapas pré-genitais da organização libidinal em que o sujeito se funda e se manifestam nos seguintes contextos: no domínio erótico sobre o objeto, por parte do sujeito, domínio este coincidente com a destruição do objeto; no sadismo e na ambivalência — características do controle do

objeto por meio da *pulsão de domínio* —, que estabelecem polaridades (atividade-passividade, dominação-submissão, retenção-expulsão) indicativas de oposição em relação ao objeto; por fim, no surgimento da problemática da castração e do complexo edípico nuclear — conflito de ambivalência, por natureza —, que implica intrincada rede de desejos incestuosos e vivência de intenso ódio direcionado à figura parental rival.

Primordialmente fechado em si mesmo, o indivíduo não percebe o mundo nem o outro e vivencia uma relação de *indiferença e insensibilidade* em relação ao mundo. Para Freud, este estado narcísico primordial de *indiferença* se contrapõe ao amor-ódio, conjuntamente, o que ocorre quando o eu-sujeito coincide com o que é prazeroso, e o mundo externo, com o que é indiferente e fonte de desprazer. Essa indiferença originária é precursora do ódio, que é despertado pela emergência da pulsão, produzindo desprazer e estranhamento.

Assim surge o psiquismo humano, movido, essencialmente, pelo trabalho que lhe é imposto quando depara com intensidade impulsiva e desprazer a demandar descarga. A implantação da pulsão, por parte do outro, funda o inconsciente, marca o início da constituição do aparelho psíquico e o surgimento da sexualidade. Movido pelo inconsciente, o homem é, desde sempre, inexoravelmente assaltado pela sexualidade e pela realidade do outro.

O ódio tem sua própria gênese, não é o negativo do amor e seus derivados, advêm da luta do ego por sua conservação e afirmação. Originalmente de fonte narcísica — a serviço, portanto, da autopreservação e da integridade psíquica —, perpassa a experiência humana desde sempre, e sua força e seu vigor se fazem presentes no interjogo de forças pulsionais. Polo da ambivalência afetiva e de conversão do amor, o ódio é parceiro regular do amor, precursor nas relações interpessoais, e, em várias circunstâncias, transforma-se em amor, e o amor, em ódio. É, portanto, consubstancial ao ser e impulsor do psiquismo além de estar presente nas origens da complexa trama que funda o sujeito psíquico. Simultaneamente, alicerça a constituição do objeto, estabelece sua existência, sua alteridade e a realidade exterior: o ódio investe, em suma, contra o que é exterior ao ego, que é percebido como estranho, hostil e odiado.

A partir da dualidade pulsão de vida-pulsão de morte, Freud estabelece novo patamar para o ódio, que passa a ser associado às pulsões de morte e de agressão. Nesta revisão pulsional, a agressão ocupa importante papel, e a experiência humana passa a ser

tecida por paradoxos inseparáveis entre as forças de Eros e Thanatos. A oposição amor-ódio coincide com a polaridade pulsão de vida-pulsão de morte: o amor torna-se representante de Eros, e o ódio é relacionado à pulsão de destruição. A ambivalência é considerada essencial e é vista, sobretudo, como uma mistura pulsional ainda não consumada.

Klein – uma leitura

Ao se defrontar com seus pequenos pacientes, Klein detecta forte sadismo e ódio no psiquismo infantil e considera o ódio do bebê constitucional, manifestação da pulsão de morte. Identifica também impulsos agressivos e fantasias destrutivas, que remontam a uma época muito primitiva da vida do bebê, e enfatiza esta destrutividade, aventando a ideia de fusão entre impulsos eróticos e destrutivos, que, paradoxalmente, são indício de saúde.

A autora concebe o ódio no contexto de um psiquismo pensado não como sistema de forças energéticas, mas como organização de objetos internos, constituídos em meio à trama das relações precoces do bebê com a mãe. Habitado por *objetos internos* e operado por fantasias inconscientes, o *mundo interno* se deriva desse vínculo, e a dimensão emocional desse laço determina a vida psíquica. Para ela, a relação com a realidade se estabelece por meio da complexa relação entre objetos do mundo externo e interno.

A concepção kleiniana de ódio é abordada no contexto, por excelência, da experiência emocional, das relações objetais e do que há de mais arcaico e desmedido no psiquismo. Embora fundamentado sobre pressupostos pulsionais, o ódio é considerado muito mais como fenômeno psicológico e emoção complexa, ou seja, força psicológica que se expressa primeiramente por meio de imagens de partes do corpo, para as quais se dirigem as pulsões amorosas e odiosas. Estas imagens constituem o alicerce a partir do qual são acrescidas as demais experiências.

As pulsões, na perspectiva da autora, portam conteúdos de uma relação objetal e contêm informações quanto aos objetos de que buscam gratificação. Assim, logo ao nascer, o bebê tem uma relação primária com a mãe, relação esta já imbuída de amor, ódio, fantasias, ansiedade, defesas. Nesta visão, as pulsões são intrinsecamente voltadas para os objetos, que são personificados, posto que habitam o mundo interno como

peessoas reais. Amor e ódio, além de fantasias, ansiedades e defesas, operam desde o princípio e estão indivisivelmente ligados a relações de objeto.

Para Klein, a dinâmica do conflito psíquico tem como eixo a luta entre emoções e fantasias inconscientes com os objetos internos e externos. Mais especificamente, a base desse conflito reside na luta entre sentimentos de amor e ódio, no vínculo com os objetos e tem como substrato teórico as pulsões de vida e de morte, consideradas determinantes dos fatos psíquicos.

É importante destacar que, em sua concepção, os impulsos sádicos podem fortalecer o desenvolvimento, e boa parte da pressão para progredir é efeito do sadismo, do medo de retaliação, do desejo angustiado de reparar danos. As forças sádicas são empregadas na apreensão e exploração do mundo e, em sua forma sublimatória, como curiosidade e desejo de aprender. Os elementos agressivos têm, portanto, importante atuação na estruturação do mundo interno, são fator determinante do desenvolvimento, e muita importância é atribuída a seu efeito sobre o psiquismo.

Originariamente, as pulsões estão misturadas, mas gradualmente se organizam por meio das relações de objeto. O ordenamento dinâmico e complexo da experiência subjetiva é concebido em termos de *posição*, que envolve modos de relação objetais, afetos (principalmente angústias) e defesas.

A vida psíquica é dinamizada, inicialmente, pela *posição esquizo-paranóide*, marcada por *relações de objeto parcial*, pela clivagem da experiência e das relações amorosas e odiosas. Esse estado de divisão requer, do ego primitivo, capacidade de se integrar e de encontrar meios para amainar a severidade sádica do superego arcaico, abrindo caminho para sua assimilação ao ego e sua ascensão como consciência moral. Esta constelação psíquica exige abertura para a dinâmica edípica, de modo que o ego possa fazer frente à ameaça das intensidades pulsionais, consiga ultrapassar a relação diádica e alcançar a dinâmica triangular, mais complexa, da *posição depressiva*.

Quando a fase do sadismo é superada, afirma Klein, inicia-se uma *relação de objeto total*, com a reunião de *objetos parciais* e a confluência de amor e ódio pela mesma pessoa. Neste contexto, a ambivalência é central e se torna cerne do novo desenvolvimento, isto é, a *posição depressiva*. Considerada essencial, esta posição implica gratidão, união de impulsos destrutivos e libidinais e integração de amor e ódio, de modo a

firmar as bases para regulação das forças pulsionais conflituosas e para o equilíbrio psíquico.

Tudo depende de como o indivíduo atravessa essa dinâmica, ultrapassa a ambivalência e consegue elaborar seu ódio. A capacidade de se relacionar com um *objeto total* requer abandono da onipotência e da identificação projetiva onipotente – marcantes na posição anterior –, além de demandar capacidade de tolerar a ambivalência, condição indispensável para o desenvolvimento do *princípio de realidade*.

O dinamismo de ambas as *posições* atravessa e orienta, vida afora, desejos, necessidades e angústias, e a ambivalência primordial e constituinte bem como o ódio constitucional se fazem presentes, matizando a experiência humana do começo ao fim, mobilizando e determinando as mais diversas estratégias e desenvolvimentos.

A pulsão de morte — concebida por Freud e cujo papel tem absoluta influencia sobre o funcionamento psíquico — é literalmente endossada por Klein, como conceito clínico, e identificada em fantasias inconscientes e fenômenos transferenciais. Nem silenciosa e nem oculta, como quer Freud, para ela esta pulsão se mostra ruidosa e perceptivelmente por meio do superego primitivo, concebido como manifestação que nasce na pulsão de morte e opera a destrutividade voltada para o indivíduo. O superego primitivo, rigoroso e cruel, resulta de pulsões destrutivas muito intensas e é prova clínica contundente da pulsão de morte.

A agressão é concebida por Klein como ódio pessoal, direcionado a relações específicas. Considerada inerente à constituição do sujeito, não se reduz a uma dimensão ambiental, ligada à frustração libidinal, que só secundariamente se faz presente. O ódio é associado à pulsão de morte, a uma perspectiva constitucional, em forma, por exemplo, de inveja primária – poderosa força mental, proveniente da raiva e do desejo de vingança. Para se preservar do ódio e da perseguição que o invade, o ego primitivo projeta a maldade que o pressiona. Esta modalidade de projeção, que advém de motivações agressivas, é uma forma especial de identificação, a que Klein denomina *identificação projetiva*, presente na posição *esquizo-paranóide* e considerada protótipo de uma relação de objeto agressiva.

As pulsões, para Klein, são experiências emocionais, paixões relacionadas a pessoas. As pulsões de vida e de morte estão encerradas na experiência, sendo o amor e o ódio forças motivacionais fundamentais, polos do conflito na experiência humana. O ego, responsável pela preservação da vida, é identificado com amor, pulsão de vida, reparação;

já o id, associado a destruição maligna, é personificação do ódio. Desta instância derivam a agressão infantil e os objetos maus, e da própria agressão advém a psicopatologia.

Klein enfatiza, principalmente, os constituintes agressivos no desenvolvimento psíquico e na organização do mundo interno. Salienta a importância do equilíbrio a ser alcançado entre impulsos destrutivos e libidinais, de maneira a tornar possível o amor, a gratidão e a reparação no desenvolvimento psíquico. A autora concebe os afetos em sua ambivalência e paradoxalidade, e compreende que se pode amar e odiar simultaneamente um mesmo objeto, sem temor de destruí-lo ou de que seja destruído.

Winnicott – uma leitura

Winnicott, por sua vez, percorre novo caminho e constrói formulações originais sobre os tempos primevos do desenvolvimento emocional e as relações do *self* com o mundo e com os outros. Pautando suas teorizações no âmbito intersubjetivo da relação do bebê com o ambiente — portanto, em uma perspectiva não dualista da experiência humana —, pensa o desenvolvimento como processo maturacional, que se desenrola por meio de inúmeras tarefas e conquistas. A partir de sua teoria do *amadurecimento pessoal normal*, produz diversas formulações sobre a natureza humana.

Para Winnicott, o desenvolvimento é formulado em termos de fases de dependência-independência, e os fenômenos pertinentes ao funcionamento psíquico e aos processos primitivos da vida emocional são sublinhados por meio de paradoxos, inerentes aos processos de maturação e constituição do *self*.

O corpo ancora e constitui o psiquismo a partir de material advindo da elaboração imaginativa do funcionamento corporal. A concepção winnicottiana do inconsciente é indissociável do corpo. No começo de tudo, há a hereditariedade, de um lado, e o ambiente, de outro. O potencial para crescimento e integração rege o processo de desenvolvimento emocional, que é movido por impulsos eróticos e pela motilidade em forma de agressividade – considerada parte do equipamento inato, que se manifesta como movimento impulsivo para a vida e cria a externalidade.

Os cuidados maternos lançam as bases para o desenvolvimento primitivo ao proporcionar ambiente psicológico e emocional, fundamental para o bebê, cujas tarefas mais precoces nunca se efetivam totalmente. Winnicott chama a atenção para o paradoxo inerente à condição do bebê, que, ao nascer, é ao mesmo tempo dependente e

independente. Se, por um lado, nasce com potencial para se desenvolver, trazendo, de herança, processos maturacionais, por outro, depende de cuidados e provisão ambiental para crescer. O ambiente, no entanto, apenas possibilita à criança concretizar seu potencial, mas não a constitui.

Segundo Winnicott, conflito e desintegração potenciais sobrecarregam os primeiros estágios do desenvolvimento emocional, e é frágil a relação da criança com a realidade externa. Além disso, a integração de sua personalidade ainda está em processo, ela vivencia um amor destrutivo e se confronta com a vulnerabilidade de seus próprios instintos. Neste contexto, precisa de uma mãe *suficientemente boa*, que a ame, proteja e com ela possa se identificar, suprimindo suas necessidades, respeitando seus processos e sobrevivendo a seus ímpetos pulsionais e agressivos.

Somente sobre esta base de sustentação, o bebê pode desenvolver suas competências, construir objetividade e fazer novas conquistas, simultaneamente se desadaptando da mãe. Com sua atividade psíquica, consegue aos poucos compensar suas deficiências, e seu funcionamento mental se torna uma coisa em si, substituindo a mãe boa, agora desnecessária.

A realidade interna é constituída por experiências instintivas boas e más, que se tornam mais complexas: por raiva oriunda de frustração; por objetos incorporados como experiências instintivas no amor e no ódio; e por experiências ou objetos magicamente interiorizadas, tendo em vista seu uso, por parte do bebê, para enriquecimento ou controle.

Sob a proteção de um ambiente saudável e movido por sua necessidade e onipotência, o bebê cria e recria mundo e objeto ao longo de gradual processo interior, que se acumula na memória; vive a ilusão onipotente de criar o mundo, nisso acreditando; e sente que cria os objetos ao seu redor, à espera de serem encontrados. Tais objetos são, pois, criados e não descobertos. A onipotência do bebê é fundamento para seu desenvolvimento saudável e para fortalecimento do *self*, e a ilusão de onipotência o leva a crer que tem controle mágico sobre a realidade externa. Pouco a pouco, a necessidade do bebê se transforma em desejo.

O bebê realiza, pois, todo um percurso entre subjetividade e objetividade, relacionando-se, de início, com objetos subjetivos. Do sentimento de onipotência, que se processa neste campo do relacionamento com o objeto, como fenômeno subjetivo, deriva-

se a adaptação ao princípio de realidade. Posteriormente, o referido objeto torna-se objeto objetivamente percebido. Nesta passagem da percepção subjetiva para a objetiva, se estabelecem as relações de objeto, que se processam mais por meio de frustrações do que de satisfações.

Se antes a relação é vivenciada como fusão, agora, passa a ser transicional. Uma terceira área, a de ilusão, que o bebê então começa a explorar, nem é realidade interna nem externa, mas um espaço intermediário de experimentação entre o subjetivo e o objetivamente percebido. Criatividade e subjetividade nascem nessa área de ilusão, que funciona e se move não em torno da satisfação pulsional, mas das relações com objetos intermediários. Tais objetos são denominados *transicionais*, e as estratégias de exploração e experimentação, de que o bebê se utiliza nesse campo intermediário, são chamadas de *fenômenos transicionais*. A agressão associada ao erotismo muscular e ao movimento, as forças experimentadas no encontro de objetos e as ideias ligadas a essa agressão conduzem à separação de objeto e *self*, que então começa a emergir.

Para estabelecer relações com o mundo objetivamente percebido — percorrendo, para tanto, a experiência movida pela ilusão primária e pelo mundo da transicionalidade — e poder brincar e habitar o espaço potencial, o bebê precisa contar com uma organização egóica. Para Winnicott, “não há Id antes do ego” (*A integração do ego no desenvolvimento da criança*, 1962, p. 55), o bebê, do ponto de vista pulsional, não consegue pensar, já que o ego não alcançou estruturação e não formou ainda uma organização defensiva, de modo a fazer frente às exigências pulsionais.

Além de conceber o psiquismo como conquista do processo de amadurecimento, derivado do potencial inato do bebê, Winnicott acredita que o desenvolvimento do potencial agressivo da criança, presente no processo de integração do eu e de separação *eu e não-eu*, também faz parte dos estágios primitivos. A agressividade é, portanto, outro eixo de explicação do desenvolvimento emocional.

Ao propiciar suporte egóico e experiências que possibilitem a *continuidade do ser*, o ambiente viabiliza o fortalecimento do ego e a coesão psicossomática. Se tudo corre bem, a motilidade — uma das raízes da agressividade — se funde às excitações pulsionais, e os impulsos agressivos se desenvolvem no contexto da oposição encontrada pelo bebê no contato com os objetos. Tais impulsos, inerentes ao amor primitivo impiedoso, inicialmente se desenvolvem como voracidade primária do bebê e são considerados

expressão de vida e destrutividade — destrutividade esta que faz parte da busca por alívio pulsional. Nesta situação, o bebê, que não distingue o *si-mesmo* nem o ambiente, ainda não é dotado da capacidade de se preocupar com o efeito de seus impulsos agressivos.

A agressividade pode também advir contra invasões ambientais, que geram descontinuidade do ser, exigem reação, suscitam agitação interna, raiva e inibição da vivência espontânea dos impulsos pulsionais por parte do bebê. Como não se trata ainda de reação à frustração, esse “precioso momento de raiva” pode ser perdido ou se manter apenas em potência.

À medida que o ego alcança maior organização e se torna unidade, o bebê adquire a capacidade de se preocupar com o outro e se torna mais potente. Necessita então experimentar sua impulsividade agressiva, de modo a integrá-la ao Eu e assim se tornar capaz de se relacionar como pessoa inteira e de se responsabilizar por suas próprias ações. Essa integração depende da forma como a mãe responde à vigorosa e espontânea impulsividade agressiva do bebê, ou seja, acolhendo-a ou a ela reagindo.

O manejo dos impulsos de agressão propicia capacidade criativa, e um dos destinos fundamentais destes impulsos é a capacidade de construir. Inicialmente, tais impulsos criam a externalidade, e só posteriormente a agressão se torna reação à frustração imposta pela realidade e é vivenciada como ódio — sentimento sofisticado que requer a integração do ego e dos objetos. Só quando adquire a capacidade de perceber que o objeto que destrói é o mesmo que valoriza, a criança alcança a ambivalência, podendo, a partir daí, se preocupar com o objeto e preservá-lo. Estas linhas diversas e cruzadas propiciam, enfim, o processo de amadurecimento pessoal, acionam os fundamentos da personalidade e alicerçam o desenvolvimento emocional como um todo, sendo, por conseguinte, constitutivas do homem e do psiquismo.

5.2 As raízes do ódio e seus desdobramentos

Une haine qui avait ses profondes racines dans le passé de l'enfance.
Louis Aragon, *Les beaux quartiers*, 1936.

Ódio originário e constituição do psiquismo

Inerentes ao humano, os impulsos hostis desde sempre se manifestam sob nuances e circunstâncias diversas. Investigá-los para além do enquadre terapêutico certamente possibilita ampliar os referenciais teóricos de análise, que favorecem novas formas de

apreensão e interpretação de tais impulsos. Nesta tese, buscamos também dar lugar ao que é inaudito, imprevisível e paradoxal, principalmente se considerarmos que, surpreendentemente, o ódio pode se dirigir a outro polo (o amor) e funcionar de forma ambivalente: como afeto que suscita rejeição, resistência e destrutividade, e como protagonista da estruturação e afirmação do sujeito. Isto nos remete ao verso e reverso do próprio ódio, aqui entendido como pathos.

Ao atentar para as adversidades perturbadoras dos primórdios da vida psíquica, Freud observa que o ego é levado a incorporar o que é prazeroso e rejeitar o que é desprazeroso. O autor incorpora a ideia de Stekel de que o ódio é mais antigo que o amor, e concebe que tal afeto nasce “do repúdio primordial do Eu narcísico ao mundo exterior”, assim formulando o princípio do ódio originário.

Considerado manifestação econômica, o ódio é ferida aberta entre o eu e o outro, pela qual se infiltra a exterioridade, que rompe a unidade primordial. Este afeto permanece indestrutível no âmago do eu e, pelo resto da vida, inexoravelmente atualiza o encontro primeiro do eu com o outro-hostil-exterior — daí o sentido primordial do ódio. O ego onipotente é então marcado pela inevitável cisão com o ambiente, que exige representação irreversível do objeto e da exterioridade.

Para Freud, portanto, o ódio é ingrediente do primeiro laço do bebê com o outro, ingrediente este que desde sempre marca as relações entre o sujeito e o outro. O ódio nasce com o sujeito e o objeto, que, para assim se constituírem, necessariamente precisam atravessá-lo. Assim sendo, sobre o afeto de ódio — e certamente sobre o afeto de amor também — se fundamenta toda relação intersubjetiva.

O ódio é, portanto, presença marcante na organização psíquica, ou seja, nos processos de individuação e de separação (ego-objeto). O objeto é conhecido no ódio, que é essencial à sua permanência, pois, só no ódio o outro e a realidade podem ser reconhecidos.

Para Klein, por outro lado, o ódio é congênito, expressão da pulsão de morte. Salienta ela a importância dos impulsos destrutivos, que integram o psiquismo e sem os quais o ego empobrece. Para a autora, as pessoas adoecem não por frustração, mas pela destrutividade dirigida ao sujeito ou aos objetos.

Já para Winnicott, o ódio não é inato. Em sua fase de dependência relativa, o bebê é incapaz de odiar. A mãe supre esta necessidade, odiando o bebê muito antes de ele ser capaz de odiar, em geral, e de odiá-la, em particular. Ao oferecer ao bebê ambiente propício, facilitador, a mãe favorece o bom desenvolvimento psíquico da criança, possibilitando-lhe odiar.

Em suma, os três autores acima (Freud, Klein e Winnicott) ressaltam a positividade e necessária presença do afeto de ódio na constituição do sujeito psíquico, e nosso estudo trata justamente desta dimensão positiva e construtiva do ódio: um “tipo particular de ódio que primariamente se caracteriza pelo desejo de conservação mais do que pelo de destruição do objeto (...), e ao qual tem sido dada atenção insuficiente.” (Bollas C. , 1984, p. 236). A experiência clínica certamente corrobora este aspecto do ódio, como demonstram os relatos clínicos mais adiante aqui incluídos.

A ambivalência integrando a trama

O amor e o ódio são irmãos. Mas o ódio é um irmão bastardo.
Vergílio António Ferreira, escritor português

Desde tempos remotos, a dicotomia amor e ódio permeia a história da humanidade e se reflete na dupla grega, Bem e Mal. Haja vista as ideias, frequentemente evocadas, do filósofo grego Empédocles, que concebe a existência de duas forças fundamentais, responsáveis pela manutenção do equilíbrio do universo: o *amor*, que une seus elementos fundamentais, dando-lhes vida, e o *ódio* — encarnação de extinção, de morte —, que os separa. Esta dicotomia, geralmente vista como antinômica, tem muito a ver com a crença de que o amor é portador do bem, exclusivamente, enquanto o ódio, contrariamente, é considerado portador apenas do mal.

Este entendimento comum tem prevalecido ao longo dos anos, com base em argumentos principalmente descritivos e superficiais. No entanto, basta aprofundar a análise destes sentimentos para perceber suas múltiplas e complexas faces. No caso do ódio, restringir sua compreensão à dimensão exclusivamente negativa é um equívoco a ser desmistificado, assim como o antagonismo que se acredita existir entre amor e ódio, superficialmente considerados mutuamente excludentes.

A citação do autor lusitano Vergílio Ferreira, acima epigrafada, não pode ser interpretada dogmática ou unilateralmente, isto é: considerar o ódio apenas como “irmão

bastardo do amor” não faz jus à complexidade e multiplicidade de suas faces. Cabe ao pesquisador cuidadoso munir-se de sensibilidade e perspicácia para antever, nas entrelinhas da realidade dos afetos, toda a riqueza de significados aí subjacentes, que a sabedoria popular por vezes também alcança, como ilustra, por exemplo, a afirmação de que “não há mal que não traga um bem”. Da mesma forma, entendemos, como pesquisadora, que não há ódio que traga apenas o mal nem amor que traga apenas o bem.¹⁹¹

Vale lembrar que as pesquisas do próprio por Freud apontam para a proximidade mútua de aparentes contrários, caso dos afetos de amor e ódio, apenas superficialmente antagônicos em sua relação dialética e paradoxal. Assim, enquanto uns insistem na antinomia da dualidade afetiva básica, outros, como nós, vêem a relação entre amor e ódio não como luta entre contrários, posto que tanto um afeto como o outro podem ter conotação positiva e negativa simultaneamente.

O paradoxo integrando a trama

Em seu artigo *Raízes da Agressão*, de 1964, Winnicott se reporta à conhecida citação de Oscar Wilde – “Todo homem mata aquilo que ama” –, que expressa o caráter paradoxal dos afetos constitutivos do indivíduo. Da mesma forma, o ódio permeia e é permeado por dimensões paradoxais, como sugerem as expressões *amor ao ódio* e *ódio amoroso*.

O paradoxo, dimensão inerente à psicanálise, desafia interpretações unilaterais, já que justamente implica a existência de sentidos diferentes simultâneos. Ao abordar a paradoxalidade no campo analítico, R. Roussillon sugere que “toda novidade em psicanálise só adquire seu verdadeiro valor ao dialetizar-se com a tradição, da qual permite aprofundar as bases, trazer à luz as implicações latentes.” (2006, p. 285)

É preciso pensar o ódio em seu caráter complexo, ódio que suplementa — que se põe em contiguidade—, ou se justapõe ao amor. Trata-se de abordá-lo, não como oposição, mas como polo dinâmico do psiquismo, como ilustra, por exemplo, o início das relações de objeto com o amor pré-ambivalente. Antes de o bebê se relacionar com a mãe total — quando pode então se preocupar com as consequências de seus pensamentos e

¹⁹¹ J.-P. Sartre certamente percebe a complexidade do ódio quando afirma, por exemplo: “O que odeio é a totalidade-psíquica inteira, na medida em que me remete à transcendência do outro: não me rebaixo a ponto de odiar tal ou qual detalhe objetivo em particular. É o que distingue o odiar do detestar” (Sartre, 1997, pp. 509-10)

atitudes em relação a ela —, ele percorre longo trajeto, em que acontece uma relação de amor cruel. (Winnicott D. W., *Desenvolvimento emocional primitivo*, 1993 [1945], p. 282).

O bebê vivencia uma relação cruel com a mãe, num jogo que a machuca e a deixa exaurida. Se a mãe não tolera essa brincadeira cruel, o bebê tem que esconder seu *self* cruel primitivo, que só pode emergir em estado de dissociação. A referida brincadeira tem lugar quando mãe e bebê ainda estão fundidos, e este não tem consciência da crueldade de seu amor.

A fase da crueldade antecede a de aquisição, por parte da criança, da capacidade de se preocupar. Winnicott se reporta, ainda no mesmo texto, à existência de uma relação de objeto mais primitiva, que antecede a relação efetiva com a realidade externa e em que o objeto reage de modo retaliativo. O objeto-ambiente e a pulsão que o demanda, no caso, fazem parte do *self*. Tal fato é identificado, pelo autor, no fenômeno universal de sugar o dedo, atividade a que o bebê recorre não só para sentir prazer, mas também para expressar ódio, especialmente, quando suga o dedo intensa e continuamente, ferindo-o, embora — como lembra Winnicott — nem sempre o dano causado a um dedo seja manifestação de ódio. Afirmo o autor:

Parece existir um elemento segundo o qual algo deve sofrer prejuízo para que o bebê tenha prazer: o objeto do amor primitivo sofre por ser amado, além de ser odiado. (...) Podemos observar na sucção do dedo e especialmente no roer das unhas, uma volta para dentro do amor e do ódio, por razões tais como a necessidade de preservar o objeto externo de interesse. Também vemos uma volta para o próprio *self*, em face de uma frustração do amor por um objeto externo. (Winnicott, *Desenvolvimento emocional primitivo* (1945), in *Da pediatria à psicanálise*, 1993, p. 283)

Diga-se de passagem, que proliferam exemplos de situações paradoxais na obra winnicottiana. Ao examinar, em um de seus ensaios, a questão do paradoxo na psicanálise, L. C. Figueiredo salienta que “(...) coube a Winnicott, na história do movimento psicanalítico, haver insistido nas questões da lógica paradoxal” (2009, p. 53), embora, como afirma Figueiredo, o paradoxo, desde sempre, tenha estado presente na lógica da psicanálise.

Figueiredo realça a relação de complementaridade ou a simultaneidade paradoxal inerente a vários termos psicanalíticos. Nos primórdios do psiquismo, por exemplo, mundo externo, objetos e aquilo que é odiado são idênticos, e só quando se torna fonte de prazer,

é que o objeto passa a exercer atração, de modo a levar o ego narcísico a aproximá-lo de si. Assim, o amor pelo objeto tem sempre, em sua origem, a marca da ambivalência, e o ódio só faz parte do amor quando expresso em forma de agressividade, de raiva contra o objeto de amor, quando então se liga às pulsões sexuais. (Idem, pp. 53-9)

Ao teorizar sobre a gênese do ódio e sua natureza, Freud associa ódio e narcisismo, assim formulando uma teoria narcísica do ódio. Sua concepção de narcisismo ajuda a demover sua relutância em aceitar a ideia de uma pulsão agressiva independente da libido, cuja existência afirma no postulado que denomina *pulsão de morte*.

Observa o psicanalista francês Henri Rey-Flaud, delineando uma arqueologia do ódio: a mãe (seio) tranquiliza as tensões desagradáveis, causadas, por exemplo, pela fome, mas não pode evitar o desprazer advindo de estímulos internos nem fazer desaparecer a fonte de tais tensões. Nestas circunstâncias, remanesce um foco de desprazer, que é vivido como algo estranho ao ego – um objeto estrangeiro em si mesmo, que reúne as excitações pulsionais *internas*. Esse objeto marca a perda do narcisismo, matriz psíquica do ódio primitivo. (Rey-Flaud, 2002)

Ainda no domínio das pulsões autoconservativas, também se destaca o domínio sobre o objeto — ou *pulsão de dominação* —, um tipo de amor associado à supressão da existência separada do objeto e descrito como ambivalente. Num grau mais desenvolvido da fase sádico-anal, a luta pelo objeto se manifesta sob a forma de ânsia de dominação, sendo indiferente qualquer dano ao objeto ou seu aniquilamento. Nesta fase, amor e ódio pouco se diferenciam no que diz respeito ao objeto, e só em etapa mais organizada é que o amor se torna oposto do ódio.

Nas vicissitudes que o sujeito atravessa ao longo da existência é que os afetos desempenham diversos papéis, e o ódio não é exceção. A vicissitude alude a uma mudança operada no próprio estado do ódio — ou seja, às alterações que se sucedem na evolução intrínseca do próprio afeto — e envolve desdobramentos, destinos diversos, eventualidades, acasos, logros, reveses, conquistas, adversidades, enfim, tudo o que acompanha a mutação do ódio. As vicissitudes não são inexoráveis, mas devido a sua inconstância, volubilidade e instabilidade, podem ser mais ou menos direcionáveis, quando o indivíduo atua conscientemente sobre elas. Freud assinala “que a observação nos ensina a reconhecer como destinos dos instintos: a reversão no contrário, o voltar-se contra a

própria pessoa, a repressão, a sublimação” (Freud, *Os instintos e seus destinos*, 1915b, p. 64).

Em seu artigo *O amor através do ódio*, publicado na edição de 1986 da prestigiosa *Nouvelle revue de psychanalyse*, o psicanalista Roger Dorey enfatiza a importância de claramente explicitar a relação entre amor e ódio, sobre a qual se funda sua teorização. Eis como formula seu ponto de partida:

A dupla formada pelo amor e o ódio não corresponde à representação que comumente nós fazemos dela. Amor e ódio não constituem uma oposição binária de contrários, mas antes a união de contraditórios. O ódio é não-amor, a negação do amor, uma negação que não deve ser entendida nem como anulação nem como destruição, mas como fator de diferenciação. Se o amor pode esconder o ódio, se o ódio pode ser uma forma passional de amor, então a troca não pode se reduzir a um simples jogo de disfarce, a uma aparência enganosa. Na verdade, há entre um e outro uma relação de profunda afinidade: não apenas o ódio precede o amor, mas, sem dúvida, *não há amor senão porque há ódio, nas origens mesmo do sujeito*. Dai se depreende que esses dois sentimentos constitutivos do ser estão em constante tensão de contradição, unidos por uma relação dialética, formando uma dualidade funcional sobre a qual é fundada qualquer relação intersubjetiva. (Dorey, 1986, p. 75) [grifo nosso]

Dorey aponta, portanto, para a indissociabilidade e complementaridade dos afetos de amor e ódio; o ódio originário suscita o amor e, a partir daí, começam a interagir: amor e ódio ao mesmo tempo, “(...) indissolivelmente ligados no interior da formação do inconsciente” (idem, p. 75).

Na evolução da vida psíquica, amor e ódio não aparecem de imediato sob suas formas definitivas; eles contam com precursores que desempenham papel determinante na diferenciação do ego e do objeto. Nestas fases precoces do desenvolvimento não se poderia, a rigor, falar de amor e de ódio, mas — como o faz Freud em *Pulsões e destinos das pulsões* —, de dois movimentos: o odiar, *das Hassen* (e não, *der Hass*) e o amar, *das Lieben* (e não, *die Liebe*). (Dorey, 1986, p. 81)

Seguindo Freud, Dorey aponta que, “originariamente, amar corresponde a incorporar ao ego o objeto na medida em que ele proporciona satisfação, constituindo, portanto, fonte de prazer” (ibidem, p. 81). Na mesma linha de raciocínio, acrescenta que “odiar, este protótipo do ódio, está relacionado ao aumento das tensões internas, à

insatisfação, ao desprazer; odiar é rejeitar, expulsar, colocar a distancia, mas também é constituir o objeto, diferenciando-o do eu” (ibidem, 81, grifo do autor). Ainda acompanhando Freud, Dorey entende que, no sentido originário, o odiar pode ser compreendido em termos de força centrífuga, separadora e diferenciadora, em contraposição ao amar, correspondente a uma força centrípeta do ego em relação aos objetos. Finalmente, odiar se constitui na forma primitiva de reação do ego diante da frustração da satisfação das pulsões de autoconservação. Já o ódio propriamente dito provém essencialmente da frustração de pulsões libidinais e surge em estágio posterior, como reação do ego total diante do objeto total, a mãe, e quando há impedimento da satisfação pulsional.

Dorey situa a primeira experiência de ódio no tempo lógico da *recusa maternal*, quando o bebê descobre que a falta do objeto é tradução concreta da atitude da mãe, que não atende seu apelo. É justamente esta recusa materna que a criança enfrenta e a que reage com ódio, tendo por objetivo suprimir essa dolorosa fonte de tensão. A partir deste raciocínio, Dorey conclui:

Assim o ódio, no que tem de mais específico, pode ser definido como *movimento de aniquilação do outro como sujeito desejante*, isto é, quando tal sujeito é fator fundamental de insatisfação. (Dorey, 1986, p. 82)

Para Dorey, esta força aniquiladora (*anéantisement*) não atinge seu objetivo diretamente, mas está no nascedouro de duplo processo: o de separação e individuação – que culmina na constituição do Outro em sua alteridade –, e o de diferenciação – que redundava na separação do sujeito como tal (com o nascimento do pensamento e da linguagem). (Idem, p. 82)

Para o autor, a dialética do amor e do ódio não se limita à relação amorosa, mas é própria de toda relação intersubjetiva. Dorey evoca a perspectiva hegeliana da negatividade – segundo a qual o homem é negatividade encarnada – para argumentar em favor da constituição psíquica do ser como processo dialético: “a negação (...) sucede a expulsão que, no aparelho psíquico primitivo, como sabemos, resulta do ódio que é poder de *separação*, de distanciamento” (idem, p. 92). Dorey entende, portanto, que a modalidade primeira do jogo entre amor e ódio – isto é, entre seus protótipos “amar” e “odiar”, tal como referido anteriormente –, é constitutiva da distinção entre dentro e fora, sujeito e objeto (ibidem). Conclui o autor:

O ódio se nos apresenta como sendo, em sua forma mais primitiva, uma tendência subjacente à aniquilação do Outro como sujeito desejante; a análise das fantasias de fustigação tem permitido dar corpo a esta hipótese e ilustra-la clinicamente. No entanto, para além destas formas de expressão regressivas do ódio, do amor implorando desesperadamente através do ódio, perfila-se agora uma modalidade toda diferente do ódio que resulta diretamente do jogo dialético dos contraditórios, mola essencial do processo de diferenciação da psique. Na medida em que o ódio subentende a ação negadora através da qual o sujeito constrói sua identidade e forja sua atividade do pensamento, o ódio se faz reconhecer como uma entrada quase ontológica. (Dorey, 1986, p. 92-3)

Assim, ao fundamentar a *ação negadora* do ódio, como essencial à construção da identidade do sujeito, Dorey evoca a dimensão positiva e paradoxal de que, na perspectiva psicanalítica, o ódio pode se revestir.

Eis, portanto, o paradoxo da trama do ódio: odeio exatamente porque amo, e amo unicamente porque odeio.

Da destrutividade do ódio à pulsão de morte e ao dualismo pulsional

O elemento motor de toda a dinâmica psicológica é a pulsão destrutiva.
Petot, 1992, p. 152.

Sabina Spielrein apresenta novo enfoque do conceito de destrutividade, que, para a pesquisadora brasileira Renata Cronberg, “antecipa o paradoxo do conceito de pulsão de morte, que se desdobra em múltiplas possibilidades psíquicas e muitas facetas tanto em sua manifestação clínica como em sua conceituação” (*O amor que ousa dizer seu nome. Sabina Spielrein – pioneira da psicanálise*, 2008, p. 218). Afirma Spielrein:

Freud, mostrando que todo sonho significa, ao mesmo tempo, seu contrário, reencontra, no presente, esta noção, de uma “ambivalência das palavras primitivas” no domínio da lingüística. O conceito mesmo de ambivalência que utiliza Bleuler, da mesma forma que aquele da bipolaridade, de Stekel, significa que uma impulsão positiva é sempre duplicada por uma impulsão negativa, e, segundo Jung, se nós não sentimos alguma, nem positiva, nem negativa, é que as duas se compensam exatamente; de qualquer modo é suficiente que uma das duas sobrepuje, por pouco que seja, a outra, para que nos pareça a experimentar exclusivamente. (Spielrein, 1912, p. 547)

Ao final da exposição de suas ideias, Spilrein conclui:

A pulsão de autoconservação é uma pulsão simples, consistindo de um elemento positivo, enquanto que a pulsão de conservação da espécie, a qual deve destruir o ser antigo, antes de criar o novo, consiste, ao mesmo tempo, em um elemento positivo e um elemento negativo, ela é essencialmente ambivalente; é a razão pela qual é impossível fazer intervir seu componente positivo sem, ao mesmo tempo, também colocar em jogo seu componente negativo e inversamente. A pulsão de autoconservação é uma pulsão “estática”, na medida em que seu papel consiste em proteger o indivíduo, no seu estado atual, contra toda influência exterior, enquanto que a pulsão de conservação da espécie é uma pulsão “dinâmica”, que tem por fim a modificação do indivíduo, sua “ressurreição” sob uma nova forma. Ora, nenhuma modificação pode ter lugar sem a destruição do estado anterior. (Spilrein, 1912, p. 549-50)

No pensamento de Spilrein, impressiona-nos a independência e força criativa de suas ideias, dentre as quais destacamos a concepção de que as pulsões são necessariamente constituídas de elementos positivos e negativos e são marcadas, portanto, pela ambivalência, já que estes não são meros desvios daqueles: ambos têm papel igualmente importante nas pulsões. A autora russa chama a atenção para a existência de um componente destrutivo inerente à pulsão sexual: o elemento negativo, de destruição, artífice da modificação.

A ideia de *pulsão de destruição* é mais tarde incorporada por Freud na teoria das pulsões, em que associa ódio e destrutividade, como manifestação da pulsão de morte, que atua mediante rupturas, inviabilizando as ligações inerentes a Eros. Do começo ao fim, a aventura humana é urdida por *Eros* e *Thanatos* e a polaridade amor-ódio passa, então, a coincidir com a nova dualidade *pulsão de vida-pulsão de morte*, sendo a agressividade e destrutividade identificadas com a *pulsão de morte*.

Com a introdução do conceito de pulsão de morte em sua teoria, Freud entrevê a existência do masoquismo primário, expressão da pulsão de morte: estado em que a agressividade do indivíduo se volta para si mesmo, e a libido desvia para o exterior grande parte desta pulsão. Ao postular que a origem da pulsão de morte está no próprio indivíduo, o autor faz da autoagressão princípio da agressividade, assim rejeitando a noção de agressividade apenas como forma de relação com o outro.

A partir da evidência deste novo dualismo pulsional, surge uma pulsão agressiva verdadeiramente independente, cuja meta é a destruição do objeto. Freud passa a enfatizar cada vez mais as manifestações da *pulsão de morte* dirigidas ao exterior, a que denomina *pulsão de destruição* ou *pulsão de agressão*, para ele, derivado e principal representante da *pulsão de morte*, que atua lado a lado com a pulsão de vida.

Seguindo este percurso, Freud significativamente contribui para o entendimento do ódio e sua trama. Muito esclarecedora é sua indicação de que as pulsões que tendem a preservar e unir (*pulsões de vida*) e aquelas que tendem a desligar e destruir (*pulsões de agressão* ou de *destruição*) — vistas como versão da dualidade amor-ódio — dificilmente operam isoladas, mas se apresentam mutuamente mescladas. Tanto em 1915 como em 1925, “Freud [mostra] que o ódio não é apenas destruidor do objeto: ao estabelecer o primeiro limite diferenciador entre o dentro e o fora, ele assegura a permanência dele e está no princípio de sua constituição” (Jeammet N. , Ódio, 2005, p. 1310).

Nesta perspectiva, como o próprio Freud assinala, *Eros* precisa da agressividade para alcançar seus propósitos e é na dialética entre *Eros* e *Thanatos* que surge da vida. Para Zeferino Rocha, “é na tensão dialética criada por ambas [as pulsões] que a vida se desenrola e se expande” (1995, p. 322).

Como anteriormente afirmamos, o ódio não pode ser considerado apenas em sua face destrutiva. C. Bollas, por exemplo, refere-se à “(...) função positiva do ódio, ou fundamentalmente [ao] ódio não-destrutivo (...)” (1984, p. 222). Este afeto é revelado como elemento de uma trama, como sugere Dorey na citação anteriormente referida: amor e ódio “estão unidos por um laço dialético e formam uma dualidade pulsional sobre a qual se fundamenta toda a relação intersubjetiva” (1986, p. 75). De fato, não apenas a formação da psique, mas todo seu desenvolvimento posterior é atravessado pelo ódio e sua trama paradoxal.

5.3 Ódio a serviço da preservação psíquica – exemplos?

“Oh, thank God we hate each other I feel so free.”

Bollas C. , 1984, p. 227.

São inúmeras as situações em que determinadas circunstâncias ou vicissitudes frustram, desequilibram e geram ódio, ideia que não é difícil assimilar. Mais complicado é processar a concepção do ódio como força a serviço da preservação psíquica e da

criatividade, como catalisador de estruturação, integração e saúde, em nítida demonstração de sua dimensão paradoxal.

Alguns exemplos oriundos da prática clínica ilustram tal perspectiva, que, por vezes, surpreende não apenas paciente, mas também analista. Os casos de João e Anna, apresentados mais adiante, nos possibilitam distinguir clinicamente o *ódio construtivo* do *ódio mortífero*, como certa vez nos disse L. C. Figueiredo¹⁹², lembrando que o ódio tem sua dimensão positiva e necessária, mas muitas vezes paralisa, estratifica.

Nas palavras de C. Bollas, “quando uma pessoa odeia, é sempre verdadeiro afirmar que deseja destruir? Estou convencido de que muitos analistas podem encontrar exceções ao ódio destrutivo em seu trabalho clínico (...) mais do que no corpo de nossa teoria” (*Loving Hate*, 1984, pp. 221-2).

Elizabeth exterioriza e elabora seu ódio

“Sim, eu sei que o ódio pode ser bom.”

O seguinte diálogo entre paciente e analista, é revelador:

Paciente: *Sabia que tinha ódio no que eu dizia... e isso me ajudava muito a falar...*

Paciente: *O tempo todo, só compreendo, compreendo, compreendo...!*

Analista: *Na verdade, não é isso mesmo o que você espera dos outros? Que as pessoas entendam, entendam, entendam...?*

Analista: *Parece que você oculta seu ódio nessa forma de se relacionar com o outro. Como é pra você sentir ódio? Você pode, sim, sentir ódio. O ódio nem sempre quer destruir. Ele é necessário. Sem ódio, ninguém se estabelece!*

Paciente: [concordando, afirma:] *É, eu sei que o ódio pode ser bom! Santo Agostinho já dizia: “Deus sabe mais de nós do que nós mesmos!”* [E acrescenta] *Quando o ódio aparecia, tinha que dominar, porque senão, como é que ia ser?*

Este fragmento de nossa clínica certamente ilustra o ódio recalcado que emerge na relação transferencial do processo analítico dessa jovem professora, ódio entremeado com a ambivalência que dinamiza seu psiquismo. Seu ódio, no fundo, está interligado ao ódio materno não exteriorizado, que impediu a necessária vivência de separação entre mãe e filha, e, por conseguinte, restringiu a possibilidade de Elizabeth encontrar meios seguros de amar sem medo de destruir.

¹⁹² Em simpósio acontecido em João Pessoa, em outubro de 2011.

Toda essa conjuntura afetiva remete à trama inerente à relação amor e ódio, afetos preliminarmente intrincados, que só com a sustentação provida pela mãe podem ser “separados, inter-relacionados e gradualmente controlados de dentro, de uma forma saudável” (Winnicott D. W., 1993 [1954], p. 438). O ódio da mãe pela filha, pouco simbolizado e dissimulado, manifesta-se sub-repticiamente, em acentuada ambivalência; ódio que tem sua origem na chegada de Elizabeth ao mundo, essa filha que nasce sem que seja desejada e cuja concepção é fruto de recomendação do pai, tendo em vista amenizar o cotidiano entediante da esposa.

D. Winnicott considera inadequado que a mãe negue seu ódio, o que redundaria no desamparo do bebê, que não pode contar com o ódio de que precisa para alcançar a capacidade de odiar. No caso de Elizabeth, a atitude sentimentalista da mãe em relação a ela mascara o ódio de que Elizabeth precisa para capacitar-se a odiar e, por conseguinte, poder amar livremente. Tal como sugere Winnicott,

O sentimentalismo é inútil para os pais, pois contém uma negação do ódio e o sentimentalismo na mãe é ruim, do ponto de vista da criança. (...) Não me parece provável que uma criança humana, à medida que se desenvolve, seja capaz de tolerar a amplitude total de seu próprio ódio em um ambiente sentimental. Ela precisa de ódio para odiar. (Winnicott D. W., 1993 [1947], p. 352)

A ambivalência da mãe de Elizabeth sinaliza a impossibilidade de dar expressão a seu ódio enrustido e inconscientemente negado. Winnicott ressalta a importância da *capacidade para a ambivalência* e alerta para a necessidade de não mantermos a distorção — engendrada pelo ódio recalcado — dos elementos positivos de uma relação, distorção esta que obscurece “o conceito de uma capacidade para a ambivalência como uma conquista no desenvolvimento emocional” (Winnicott D. W., 1993 [1954], p. 457). Esta formulação, já destacada no quarto capítulo desta tese, enfatiza a perspectiva paradoxal, estruturante e necessária da ambivalência na experiência emocional e no psiquismo, como estrutura de afetos que se cruzam e se interligam em verdadeira rede. É precisamente essa trama que aqui buscamos salientar no fragmento clínico abaixo apresentado.

Ofélia: o ódio melancólico é deslocado

Analista: *E você vai deixar sua casa e seu carro pra seu marido?*

Paciente: *Isso nem tinha me passado na pela cabeça! Ah, não! Não vou dar essa boquinha pra ele! Não vou deixar, por hipótese nenhuma!*

O fragmento clínico acima mostra intervenção pontual da analista, que parece propiciar o deslocamento do ódio na dinâmica psíquica da paciente, que é melancólica, preservando-a do risco iminente de suicídio. Esta crucial intervenção pode ter reativado o ódio, que invade a cena intrapsíquica do melancólico e maltrata o ego, ao reorientá-lo de volta ao *objeto mau*, cuja *sombra recai sobre si*.¹⁹³ Deslocando-se em forma de punição contra o marido, o ódio da paciente presentifica o ódio pelo outro em si e, pelo menos temporariamente, a intervenção do analista consegue reordenar esse ódio.

Sustentar o ódio pelo objeto é, nesta circunstância clínica, fundamental, e dessa forma talvez seja possível integrar o objeto ao ego e assim recuperar a parte boa e clivada deste objeto. Por essa via talvez seja possível, ao mesmo tempo, integrar “a sombra do objeto” eivado de destrutividade e “introjetado sob a única forma má”, como sugere Laplanche, em *Problemáticas I – A angústia* (1987, p. 309).

No mesmo exemplo, podemos observar a trama que o ódio, como contraforça, pode enredar no intenso conflito de ambivalência, que predispõe à melancolia e leva o implacável superego, em seu cruel sadismo, a tentar subjugar o ego; este, em dolorosa luta e se protegendo como pode, tem de administrar a hostilidade que o acossa. Eis, portanto, o drama intrapsíquico acionado no quadro melancólico, cujo conflito de ambivalência desvela a ambiguidade do ódio, que serve simultaneamente a dois senhores: é cúmplice do ego, em sua luta contra o objeto, e do superego, em sua irredutibilidade contra o ego. Esta luta revela o paradoxo existente no âmago do psiquismo. Tal fato clínico pode elucidar o efeito da intervenção do analista, que, movido pela transferência, produz reorientação do ódio e, por conseguinte, gera certo remanejamento psíquico.

Os pacientes de Pao¹⁹⁴ – ódio organizador e defensor do ego

Hatred may play an ego organizing and defensive role and may help to establish a sense of continuity and identity in the patient.
(Pao, 1965, p. 264)

“If I am not a hater, I am nobody.”
Paciente de Pao (Pao, 1965, p. 260)

¹⁹³ Esta situação clínica, bastante elucidativa, nos foi relatada por uma psicanalista amiga.

¹⁹⁴ Ping-Nie Pao (1922-1981), nasceu em Xangai, trabalha nos Estados Unidos e se dedica ao estudo da esquizofrenia. Seu artigo *O papel do ódio no Ego*, de 1965, constitui sua única incursão direta sobre a questão do ódio.

Vários casos interessantes, do ponto de vista desta tese, são relatados pelo psicanalista e psiquiatra sinoamericano Ping Ne Pao, em artigo bastante citado por autores dos Estados Unidos quando o tema é o ódio. Pao enfatiza justamente a função positiva do ódio, quando afirma que tal afeto pode ser essencial ao processo de formação da identidade. Escreve ele:

Um jovem paranóico certa vez me disse: “Eu não gosto de ódio, mas tenho que odiar. Se não odeio, não sou ninguém. E não quero ser ninguém.” Quando seu ódio arrefeceu ele se tornou mais desorganizado e paranóico.

Da mesma forma, outro jovem esquizofrênico disse: “Eu odeio minha mãe. Mesmo que às vezes ache que ela não é tão ruim, ainda assim a odeio. Para o ódio é uma emoção agradável.” No seu caso o ódio serviu para aliviá-lo de todos os tipos de emoções incontroláveis e incertezas. (*The Role of Hatred in the Ego*, 1965, p. 260)

Em seu artigo, Pao afirma estar convicto de que o ódio tem grande poder para sustentar a vida de alguém. Relata ele o seguinte caso:

Uma paciente *borderline* entrou no hospital voluntariamente por causa de um desejo incontrolável de ferir seu próprio corpo. Um ano depois, ela decidiu deixar o hospital e seu analista. Depois de seis meses, retomou o tratamento com o mesmo analista e com ele permaneceu por seis anos. Explicou ela: “Quando saí do hospital, eu odiava. Eu não odeio você. Eu não tinha ideia se poderia me manter por conta própria, mas sabia que não tinha escolha. Eu simplesmente tinha que fazer o que fiz (...) Mas eu consegui, tudo bem. Encontrei um apartamento e um trabalho que me ocupou durante o dia. À noite, eu era muitas vezes acometida pelo desejo de me matar. Mas não poderia fazer isso porque odiava o hospital e não queria viver a profecia do hospital de que nada conseguiria fora dali. (Pao, 1965, pp. 260-1)

Pao assinala importante aspecto neste caso: o ódio da paciente desloca-se de seu analista para o hospital, e este deslocamento lhe possibilita estabelecer vínculo com o analista, a quem poderá então retornar para, eventualmente, elaborar suas dificuldades. Assinala Pao que o deslocamento de ódio para objeto de menor importância constitui experiência corriqueira. (Pao, 1965, p. 261)

Outro exemplo citado pelo referido psicanalista, também relevante para a temática desta tese, é o caso de uma paciente que contra ele dirigia intenso ódio. Durante oito

meses, ela iniciava a sessão amaldiçoando-o, e ele a ouvia sem reagir. Um dia, ela gritou: "Você está cheio de ódio, você me odeia." De fato, sentindo muito ódio, ao ponto de às vezes desejar estrangular a paciente, o analista replicou: "Você pode ficar feliz por ter encontrado alguém que odeia tanto quanto você, mas, você é a única de nós dois que se envergonha por seus sentimentos de ódio". Pao reconhece não saber ao certo se sua colocação contribuíra para inibir completamente a vergonha que ela sentia de seu próprio ódio, ou se isto fora resultado de sua gratificação por ter conseguido levá-lo a odiá-la. (Pao, 1965, pp. 262-3)

Reportamo-nos a Winnicott quando se refere ao ódio que, desde o começo, a mãe sente pelo bebê, mesmo que ele seja homem. (Winnicott, 1993 [1947], p. 348) e (Winnicott D. W., 1949, p. 73). Em capítulo anterior desta tese, em que tratamos das ideias do referido autor, lembramos o destaque que ele dá ao fato de o paciente, em certas etapas de alguns processos analíticos, procurar o ódio de seu analista. Para Winnicott, é geralmente tarefa do analista sustentar a objetividade e ser igualmente capaz de odiar objetivamente o paciente. Se o paciente busca ódio objetivo, é importante que o obtenha, que a ele seja oferecido ódio justificado, para que possa alcançar o amor objetivo.

No caso da paciente de Pao, é importante destacar o fato de ela encontrar, no analista, o ódio que busca e de, a partir daí, melhorar acentuadamente: deixa de ser agressiva, pára de andar com roupas sujas, e começa a tomar conta de si própria. (Pao, 1965, p. 263) Ao final do artigo, Pao afirma:

Ao ajudar o paciente a se livrar de seu ódio, o analista tem que discernir o significado do ódio para esse paciente. A remoção prematura de tal defesa ego-sintônica útil pode deixar o paciente completamente descoberto e ensejar complicações indesejáveis. Como suportar o ódio do paciente é desagradável para o analista, é necessário que ele perceba que, ao se permitir revelar esse estado afetivo, o paciente está mais empenhado em tentar uma mudança construtiva de personalidade. (Pao, 1965, p. 263)

Aqui constatamos a importância que Pao atribui à ocasião, em que, movido pelo ódio ao paciente, o analista é instigado a intervir; trata-se de um momento crucial, que gera movimento psíquico de integração e elaboração em favor da paciente. Entendemos que, de fato, algo extremamente importante ali aconteceu, tendo em vista que, ao conseguir se apropriar do próprio ódio, a paciente pôde com isso se fortalecer e se assenhorar de si mesma.

Acreditamos que este exemplo de Pao ilustra um *momento mutativo*, tal como Gilberto Safra defende em seu livro *Momentos mutativos em psicanálise* (1995). Tendo por fundamento o pensamento de Winnicott, Safra postula que o processo analítico possibilita a evolução da personalidade do paciente quando acontece de o analista alcançar o que o paciente busca na sessão. Como diz o autor:

O paciente sente que o analista lhe dá *holding* e ele (o paciente) busca expor nessa nova relação uma necessidade que não pôde ser satisfeita ao longo de seu desenvolvimento, na esperança de que o analista o compreenda, satisfazendo assim, de forma simbólica, o que busca para completar a evolução de sua personalidade. É o encontro dessa necessidade com o objeto procurado que chamo aqui de “momentos mutativos”. (Safra, 1995, p. 35)

Consideramos que, no caso relatado por Pao, o trabalho analítico viabiliza o resgate do ódio da paciente como potência própria, ódio como parte de sua verdade como sujeito. Pao é receptivo, propicia *holding* à paciente e sua interpretação acompanha o movimento psíquico dela. Ao alcançar, com suas palavras, a necessidade, por parte da paciente, de ter seu ódio assimilado, o analista lhe possibilita suprir uma carência ainda insatisfeita de sua vida psíquica. Em suma, sentencia Pao:

O ódio, estado afetivo do ego, surge em estágio posterior do desenvolvimento. (...) Do tratamento de pacientes hospitalizados e gravemente perturbados, são apresentados exemplos para mostrar como o ódio pode desempenhar papel organizador e defensivo do ego e ajudar a estabelecer o sentido de continuidade e identidade do paciente. (Pao, 1965, p. 264)

Da mesma forma, Winnicott defende que a disponibilidade emocional do analista — mais exatamente, seu ódio — é parcela do ambiente que deve ser oferecida ao paciente. Acreditamos que os casos relatados por Pao reforçam a ideia da maleabilidade do ódio e das possibilidades que a própria ambivalência deste afeto possibilita.

Clara, odiar para manter a integridade psíquica

Analista: *Você tem uma lista bem comprida dos que deseja ver mortos.*

Paciente: *Sim, inclusive meu pai e meu irmão. Que tristeza, porque é minha família...*

(Consoli, *Aspectos sostenedores del odio en un tratamiento psicoanalítico*, 2008)

Esta jovem paciente de Consoli, com menos de 30 anos, procura tratamento psicanalítico pouco depois da morte da mãe, quando abandona estudos e trabalho, iniciando um luto impossível. A análise se mantém por vários anos, com algumas interrupções e seu ódio — *ódio expulsivo*, pura descarga — se faz intensamente presente desde o início. A paciente odeia tudo e todos, e com todo o direito, pois a vida e o destino lhe tiraram injustamente a razão de viver. Dedica-se a tomar conta de seus dez gatos e de seu pai, que não consegue cuidar de si próprio. Nas sessões, “ferve o ódio constante mais vulcânico, sem auspiciosos intervalos de calma. Este ódio é (...) indiscriminado, ninguém dele escapa.” (Consoli, 2008)

Ao longo do tratamento, a analista busca formas de enfrentar aquele denso ódio. Seu trabalho de elaboração se desenvolve com lentidão, à medida que tenta construir uma forma de interpretação: quase sempre com humor suave e nada sádico, ela assinala os estragos causados pelo ódio da paciente, de modo que ambas riem juntas. Consoli acredita no sucesso da estratégia e afirma que, no terceiro ano da análise, o humor já se instalara na relação terapêutica.

Provavelmente, a capacidade da analista de suportar o ódio, sem devolvê-lo, e de tolerar a dor e o aborrecimento oriundos de um vínculo impregnado de maldade — enquanto interpretava com certa dose de humor e distanciamento — foi fundamental para a continuidade da análise pelo tempo necessário. (Consoli, 2008)

A autora conclui que Clara nunca saíra para o mundo exterior: fora parida sem parto, enquanto a mãe, mesmo depois de morta, a mantinha cada vez mais enclausurada. Na contratransferência, a analista experimentava sensação de asfixia e quase no final de seu texto, ela declara: “(...) posso dizer que sobrevivi a este processo psicanalítico impregnado de ódio. Sobreviveu também a paciente, que retomou seus estudos e finalmente colocou grau” (idem). Ainda sobre o mesmo caso, escreve Consoli:

No início, sua atitude tanática e invasora era paralisante para mim, pois eu não sabia e não conseguia interpretar seus comportamentos. Quando me foi possível entender seu ódio como sustentáculo face a um vazio ou a um mundo psicótico invasor, pude começar a interpretar e assim demolir o mundo de sua lógica binária, empobrecedora e estática. (Consoli, 2008)

A autora observa que a mãe — pouco carinhosa, cuidadosa ou protetora — provavelmente decepcionara a paciente, que teve que cuidar dela e trabalhar para alimentá-la. Assim é que a filha

tornou-se a mãe de sua mãe. Provavelmente, Clara necessitou odiar para manter a integridade psíquica e continuar com sua vida. Assim, foi o ódio que nela manteve a ilusão de completude narcísica e sustentou o Eu-prazer. Para ela, tudo que havia de ruim estava fora dela, e o que era bom, em seu interior (...) Este foi um movimento narcísico necessário à sua sobrevivência, que, ao mesmo tempo, a defendeu da loucura que a rodeava. Odiar foi, talvez, a única forma que Clara encontrou para fazer frente a uma situação patológica e para proteger seu *self* do perigo de perder sua integridade. (Consoli, 2008)

Enfim, Clara “necessitou odiar para manter sua integridade psíquica e prosseguir com sua dinâmica interna” (idem). Sua conduta invasora, consequentemente, reeditava o que lhe havia acontecido.

Podemos conjecturar um déficit de simbolização do pré-consciente da mãe, que implicou um déficit de simbolização no pré-consciente [da filha] e afirmar que Clara não ascendeu à triangularidade edípica, e, em consequência, foi carregando objetos muito pesados, muito difíceis para seu aparelho psíquico, objetos estes que não são eróticos mas objetos pré-genitais confusos, impregnados de letalidade. (Consoli, 2008)

A autora conclui, afirmando que, apesar de todas as dificuldades, a paciente fora movida por uma força interna inata, “(...) suficientemente forte para que tentasse, no tratamento, alterar o destino quase psicótico a que estava condenada” (idem).

A título de curiosidade, observamos que, assim como nós, Consoli foi levada pela história de ódio de sua paciente a se interessar pelo tema e, consequentemente, a estudá-lo e sobre ele escrever.

5.4 João: ódio como laço de filiação¹⁹⁵

Em um evento de que participamos, ouvimos de uma juíza a história de um garoto, João, cuja mãe fora denunciada por maltratá-lo. Sua relação com o filho, impregnada de ódio, era marcada por intensa agressividade. O garoto era continuamente escorraçado: “Eu não gosto de você, não quero cuidar de você, vá embora!”, dizia a mãe, que, mesmo no tribunal, reafirmava seu ódio desmedido pelo filho.

João fora encaminhado para adoção em decorrência da extrema hostilidade materna, sendo inicialmente enviado a um abrigo de menores, posteriormente desativado. Naquela ocasião, ele insistiu em voltar para a mãe, a quem defendia e cujos maus tratos ocultava. Intrigada, a juíza atendeu o pedido de João.

O ódio materno dá existência a João

Em debate sobre a história em questão, a psicanalista Edilene Queiroz destacou o fato de a filiação também poder se estabelecer pela via do ódio, colocação que nos despertou diversas reflexões e serviu de pretexto para a análise que passamos a apresentar.

Sabemos que a filiação dá a um bebê lugar de filho nos registros jurídico, social e psicológico, mas aqui enfocamos exclusivamente a dimensão psicológica desse processo; no caso, a problemática da filiação, considerando o ódio que marca a relação mãe-filho. Algumas indagações pertinentes a tal problemática surgem *a priori*: qual a origem do ódio que prevalece na relação mãe-filho? Qual a tessitura de uma filiação marcada pelo ódio? De que história a mãe de João é refém? O que a presença de João evoca em sua mãe?

Vale lembrar que, na perspectiva psicanalítica, o ódio, ao lado do amor, é sentimento constitutivo da subjetividade e nele, como no amor, se fundamenta a relação subjetiva com o outro. Amor e ódio são forças geradoras do sujeito bem como do objeto. O ódio nasce quando nasce o objeto, como hostilidade do ego em sua unidade narcísica diante do outro intrusivo. A primeiríssima relação com o outro é, portanto, de ódio — ódio primordial, *ódio ontológico*, como diz o psicanalista francês Roland Gori.

Enquanto processo psíquico vincular, a filiação insere uma criança em uma linhagem desde o nascimento do sujeito, ou seja, a partir da subjetivação. O vínculo é uma

¹⁹⁵ Barros & Rocha, *O ódio como laço de filiação*, 2010.

forma de funcionamento psíquico derivada das primeiras relações objetais. (Ducatti, 2003, p. 53) No processo de subjetivação, o ódio se faz presente como vínculo, pois, remete a uma ligação, a uma relação intersubjetiva, e está no cerne da subjetividade, como modalidade primeira de vínculo entre o sujeito e o outro. Nesta perspectiva, a filiação, por si só, envolve impulsos precursores do ódio.

Desde os primórdios do psiquismo, é a relação mãe-filho que condiciona o laço social, sendo amor e ódio seus constituintes. Assim, o laço que une mãe e bebê traz a marca inexorável da ambivalência. Michèle Benhaïm, em seu livro sobre a ambivalência materna, ressalta que esta “não é um acidente da relação da mãe com o filho, mas uma necessidade estruturante, cuja falta (...) pode evoluir para uma patologia” (2007, p. 11). Neste sentido, a ambivalência da mãe é fator pertinente ao processo de filiação e, como diz a autora, condição inerente à dinâmica do processo de individuação/separação. Para ela, “a ambivalência se revelará *negativa* ou *positiva*, ou ainda, o ódio será *destruidor* e mortífero, ou vital e *estruturante* (...)” (idem), perspectiva que nos parece inteiramente procedente.

O processo de filiação se dá via transmissão intersubjetiva e em meio a motivos e mecanismos inconscientes latentes. Como postula Freud no clássico ensaio *Além do princípio do prazer*, o ódio pode ter função potencial – podendo servir a um propósito mnêmico, ao restaurar um estado de coisas mais antigo. (Freud, 1920) Podemos pensar que o ódio materno pode ter caráter defensivo e se associar a uma economia psíquica, por meio da qual a mãe se esquivava de afetos insuportáveis, preservando-se do confronto com a perda e o desamparo, por exemplo.

Ao teorizar sobre formas de subjetivação, o psicanalista Joel Birman postula: “Diante da impossibilidade do sujeito de afrontar a dor produzida pelo desamparo, surge como solução imediata e, de maneira submissa, a colagem ao outro, considerado poderoso e do qual espera proteção para seus infortúnios” (2009b, p. 52). Apoiamo-nos nas ideias do autor para supor que a colagem submissa à mãe pode ter se constituído, para João, em uma forma privilegiada de subjetivação, uma saída para ele se resguardar do desamparo, da invasão pulsional advinda do ódio da mãe.

O evitamento do abandono pode ter se tornado motor de sua experiência afetiva, fazendo João se dobrar aos cuidados patológicos e se submeter servilmente aos maus-tratos da mãe, como se dissesse: “Enxote-me, mas não me deixe à deriva com meu

desamparo!” Este pacto inconsciente pode fazer eco à posição da mãe: alimentando-se do ódio ao filho, ela talvez conseguisse dominar sua própria vulnerabilidade. Um excesso de angústia certamente a submergia e é possível que aí deparássemos com a repetição de uma relação insustentável. Para a mãe, seu ódio pode funcionar como *contrainvestimento*, como meio de autopreservação e de preservação do outro, produzindo também vitalidade para o psiquismo imobilizado pelo desamparo. (Birman, 2006)

Que mais pode evocar a rejeição materna em relação a João? Um aspecto que chama atenção, no caso em questão, é que a paternidade não foi mencionada pela juíza e, ao que parece, o pai não se fez presente como mediador das pulsões hostis da mãe, deixando-a entregue a um ódio que não pôde se mesclar com o amor, o que inviabilizou o estabelecimento da ambivalência materna. Ao afastar o filho de si, a mãe talvez desejasse preservá-lo das teias de seu ódio, que não pôde ser simbolizado, mas apenas atuado. Podemos igualmente supor que só odiando, rejeitando e abandonando o filho a mãe conseguia dele se separar.

Finalmente, parece-nos que o caso de João pode ilustrar a complexidade dos afetos que se encerram na trama subjetiva da filiação. Aí observamos a nítida presença do ódio materno, o que sinaliza o fato de que o vínculo mãe-filho carrega intenso ódio, daí resultando uma filiação possível, mas, ainda assim, filiação. Acreditamos que no *continuum filiação-não-filiação* os afetos de ódio se apresentam em suas dimensões estruturante e destrutiva. Cabe a nós, psicanalistas, o desafio de ampliar os referenciais de análise sobre os diversos matizes do ódio, para melhor compreender o intrincado processo de filiação.

5.5 Anna: ódio como meio de afirmação

Com base em nossa experiência clínica de mais de uma década, elaboramos uma síntese da história clínica de Anna: história de ódio exilado nos confins do ego.

Assim como sua irmã mais velha, Anna, 25 anos, não fora desejada pela mãe, que tentara abortar as duas gestações. Segundo a mãe, Anna era feia e esquisita ao nascer e vivia acossada por muitos medos na infância; era triste, retraída, não se sentia amada nem reconhecida. Detestava o odor do pai drogado, que impregnara seus primeiros anos. Para ela, sua própria estranheza tinha origem certa: era frequentemente acariciada por um tio muito próximo, que a presenteava, em troca, com os chocolates de que mais gostava. A partir daí, vivera uma existência marcada por desesperança e estranhamento.

Em resumo: Anna nasceu menina quando a mãe desejava um filho homem, envergonhava-se do pai drogado, era molestada pelo tio, comparada a uma prima maluca, e se identificava apenas com a irmã homossexual: pai, tio, prima e irmã, todos considerados inferiores, como assim se sentia a própria Anna. O ambiente adverso legou-lhe estranhamento e ódio, fixando-a em uma posição de ressentimento e defesa narcísica.

Além de inferior, Anna sempre se sentira prisioneira da estranheza percebida no olhar da mãe. O sentimento de inferioridade se acentuava com a problemática da castração, que a impelia à experiência de sedução incestuosa e não lhe possibilitava abrir mão da satisfação pulsional. Desconfiada, Anna era muito negativa, via a falta como espoliação, e os objetos, como usurpadores.

Os conflitos afetivos, como assinala Freud (1915), se apresentam em pares, caso do amor e ódio. Na história de Anna, o ódio é prevalente e não há amor para arrefecê-lo ou para integrá-lo; sinaliza busca por reconhecimento e pelo amor do outro.

Uma escuta analítica e a intervenção da analista

Anna herdara a inferioridade originária dos humilhados, e seu encontro com o outro era conturbado e pouco matizado pelo amor; daí sua dificuldade de aproximação com os objetos. Seu ódio tinha dimensão narcísica, e suas relações interpessoais, marcadas por desconfiança e mal-estar permanentes, reeditavam a relação com a mãe e o abuso que a vitimara.

Anna se mantinha viva graças ao ódio pelos objetos, que também a protegia do caos familiar e lhe servia de defesa contra a ameaça de violação de sua integridade e autoestima. Vale salientar que a persistência do ódio como *blindagem defensiva* é incompatível com a saúde, como sugere L. C. Figueiredo¹⁹⁶.

Sabemos do poder da transferência para atualizar a história afetiva dos pacientes e trazer à tona vozes e imagos maternas e paternas, que se entrecruzam no psiquismo. A relação transferencial viabiliza a comunicação entre analista e paciente, a partir do lugar subjetivo a que o analista é remetido e da *cooperação inconsciente*¹⁹⁷ do paciente no processo analítico. Nos estágios iniciais da análise, para Winnicott, o analista conta com

¹⁹⁶ No já mencionado colóquio sobre o ódio, promovido, em 2012, pelo LABORE/EPsi.

¹⁹⁷ Na perspectiva de Winnicott, narração, sonho e recordação são atividades viabilizadas *pela cooperação inconsciente* do paciente em análise. (*O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*, 1983, p. 152)

certa força por parte do ego — força esta que corresponde ao apoio dado pela mãe ao ego da criança, que assim se fortalece. (*O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*, 1983, p. 154)

As observações acima nos remetem ao início da análise de Anna, quando a transferência e a *cooperação inconsciente* estabelecidas desvelaram o importante apoio egóico que, de alguma maneira, a mãe lhe propiciara.

Durante todo o período da análise, havia flagrante hostilidade no discurso de Anna, que, no entanto, se mantinha esperançosa quanto ao futuro. Na história desta paciente, a tendência à hostilidade, presente em suas relações objetais e atualizada no *setting* analítico, sinalizava que ódio e amor nela estavam cindidos, e sua ambivalência não fora suficientemente matizada e desenvolvida. Para alguém de seu ódio, pairava o desinvestimento da mãe, que não alcançava as necessidades da filha. A mãe projetava ódio e Anna o introjetava. Em parte, o ódio de Anna era, portanto, continuação do ódio proveniente da mãe, que fora incapaz de acolhê-la e de se constituir em fonte de prazer.

Como a mãe não pôde se identificar emocionalmente com a filha nem lhe atenuar as tensões ante o desprazer do encontro primordial com o outro, Anna reivindicava amor e reconhecimento por meio do ódio e assim tentava se desembaraçar de sua herança nefasta. Para ela, o ódio era meio de autoafirmação.

O pai de Anna, que a envergonhava, não pudera intermediar nem lhe afiançar experiências prazerosas: na fase edípica, por conseguinte, Anna se enredara em relações objetais marcadamente negativas. Cabe aqui lembrar a afirmação de Freud de que nada se perde na vida psíquica nem desaparece aquilo que ali se constitui: tudo se mantém e pode ressurgir em determinadas circunstâncias. Assim é que a Anna restava apenas se confrontar, sozinha, com as dificuldades por ela herdadas desde o nascimento e posteriormente enfeixadas no denso ódio que lhe servia de sustentação e vínculo.

Lembramos Winnicott quando defende que o centro gravitacional do indivíduo não está em si mesmo, mas em sua interação com o ambiente, ou, mais especificamente, na mútua interação entre mãe e bebê. Existem forças antagônicas nesta relação, que só se tornam fecundas se a mãe possibilita a circulação e transformação dessas forças vitais em potencial de construção e criatividade.

Como sugere Nicole Jeammet (*O ódio necessário*, 1991, p. 124) é difícil para o sujeito vivenciar afetos organizados como forças contraditórias, ao invés de experimentá-los sob a forma de paradoxos. Este é, pois, o caso de Anna, cujos afetos ou investimentos estavam cindidos porque organizados como forças contraditórias.

Apoiada pela presença viva e pela sobrevivência do analista — sustentada, portanto, pela transferência —, Anna pôs em marcha um trabalho psíquico que lhe possibilitou, gradualmente, dialetizar e integrar amor e ódio. Segundo Jeammet, pode-se dizer que tais forças

(...) só adquirem tal estatuto a partir da tensão mantida entre o outro construído em nós e o outro que existe fora de nós. (...) Não dialetizar os contrários em si, é, por conseguinte, fazer-lhes perder o seu poder de vida e de criatividade (...) Se não conseguirmos transformar em paradoxos todas essas forças antagônicas, *numa tensão que integra o outro em nós, para incessantemente o recontratar com o outros fora de nós*, libertaremos, privilegiando uma das forças em detrimento da outra, energias mortíferas em nós e no mundo. (*O ódio necessário*, 1991, p. 126-127)

Nossa presença e disponibilidade foram fundamentais para sustentação subjetiva de Anna, acompanhamento de seu discurso com atenção flutuante e acolhimento de suas vivências afetivas. Assim, o inesperado adveio, já que pudemos “*deparar com o surpreendente enigmático*” (Berlinck & Magtaz, 2012, p. 76).

Igualmente fundamental foi nossa disponibilidade para receber o impacto de suas transferências negativas – seus movimentos marcadamente ambivalentes, sua irritação e insatisfação bem como suas exigências. Dispusemo-nos a acolher sua experiência emocional, eivada de negatividade, mas foi certamente desafiante franquear o acesso do ódio transferencial, concomitantemente a ele sobreviver e dele participar; consentir, enfim, o uso da contratransferência como instrumento para a compreensão, interpretação e manejo desse ódio. Isto implicou, simultaneamente, dar acesso ao ódio sentido pela analista — ódio buscado e justificado —, para, então, possibilitar a Anna drenar toda a sua hostilidade em lugar seguro, expressar-se sem riscos de destruição e manifestar seu ódio livremente no interior da relação transferencial, sem perigo de desestabilização.

Tomamos aqui a *contratransferência* como reação ao que advém na transferência, levando em consideração algumas conotações da preposição *contra* — ‘em troca de’, ‘recebendo em troca’ ou ‘junto de’ e — como elemento de composição — ‘ação conjunta’, tal como destaca André Green:

Na medida que o paciente, em sua tarefa, oferece associações livres, de nossa parte, em nossa tarefa do lugar de analista e 'junto de', em troca não só oferecemos nossa escuta flutuante, mas também, numa ação conjunta, compartilhamos os conteúdos e os sentidos translatos que tais associações suscitam, no processo que transcorre entre nós, protagonistas da experiência analítica. (Green, *Sobre a loucura pessoal*, 1988, p. 262)

Ao longo do tratamento de Anna, cansaço e irritação por vezes nos dominavam, e só posteriormente, chegamos a compreender a importância de ter-lhe dito, enfaticamente: *“Pare com isso! Chega de tanto ver apenas o negativo! Por que só se volta para o que há de ruim em você ou à sua volta? Você não está se dando conta de suas conquistas!”* Ao que ela respondeu: *“É... falando assim, posso acreditar no que diz!”* (Barros M. N., 2004, p. 82)

Esta situação clínica nos remete às formulações winnicottianas sobre agressão e ódio. Reportamo-nos, particularmente, à sua postulação de que o bebê, num gesto impulsivo e em busca de oposição, aciona sua agressividade, necessitando, então, não apenas de um objeto que lhe dê satisfação, mas de um objeto externo.

Ao endereçar sua demanda ao ambiente, mediante atitudes às vezes agressivas, Anna, buscava ódio em sua analista; simultaneamente, dependia da sobrevivência dela a seus ataques, para poder emergir de seu funcionamento subjetivo e projetivo e alcançar o patamar objetivo da realidade e do outro.

Como anteriormente afirmamos, é no ódio, portanto, que o outro e a realidade podem ganhar reconhecimento. Anna se pôs em busca de uma externalidade que desse realidade a seus movimentos impulsivos, na verdade voltados para a vida. Hoje, podemos compreender o ódio oculto em nossa intervenção, que sobreveio inesperadamente e sem rodeios, como reação ao impacto da carga emocional que, por longo período, pesou sobre a relação analítica com Anna.

Este momento foi crucial: nossa intervenção certamente resultou do ódio em nós suscitado por ela; e, se considerarmos o que sugere Jeammet, tal ódio também era ponto de ancoragem, ódio “velando Eros”¹⁹⁸, ódio e amor que se dialetizavam como contrários, mas se matizavam e se transformavam em paradoxos.

A referida intervenção operou em Anna certa separação de sua mãe e da dinâmica familiar, possibilitando-lhe o reordenamento de seu ódio e produzindo efeito inesperado: a

¹⁹⁸ Expressão sugerida pelo psicanalista Ivo de Andrade em reunião científica do Laboratório de Psicopatologia Fundamental da Universidade Católica de Pernambuco.

partir de então, ela começou a se libertar de intransigências e animosidades, tornando-se mais relaxada no contato e na comunicação com o outro, então muito mais fecundos. Dessa forma, Anna pôde resgatar o sentido originário de seus afetos hostis, nomear e elaborar o próprio ódio e a dificuldade de relacionamento com os que a rodeavam.

Em suma, sua análise paulatinamente viabilizou a vivência, expansão e simbolização do ódio além de reordenamento subjetivo. Tal ocorrência corrobora a concepção winnicottiana de que, do lugar de analista, é fundamental que acolhamos o ódio surgido na contratransferência, que pode ser proveitosamente utilizado pelo analista para ampliar sua compreensão do paciente. No caso em questão, a paciente deparou com aquela inusitada (para ela) forma de ódio: o da contratransferência — operador de que se utilizou para se apropriar e “assinar” (assumir) a autoria de seu próprio texto.

O ódio como força unificadora

De nosso ponto de vista, o ódio pode preservar a integridade psíquica, tal como revelado no processo analítico de Anna, que nele se fortaleceu para fazer frente à desestruturação característica do meio em que vivia, sem deslizar de vez na problemática familiar. Como anteriormente afirmamos, tal compreensão produziu efeitos extremamente significativos tanto na escuta quanto no manejo do ódio, inaugurando, a partir de então, novas perspectivas para o caso em questão.

P.-L. Assoun afirma que “o ódio é uma forma de [o indivíduo] se autoconservar, em apoio às pulsões de vida” (1995, p. 143). Encravado no interior do ego, o ódio permanece como marca ativa e decisiva da diferenciação/separação do ego em relação ao outro; isto é, da afirmação do sujeito frente ao objeto: ódio como ponto de ancoragem, *velando Eros*.

Nesta perspectiva, podemos pensar o ódio de Anna como expressão do *narcisismo positivo*, que A. Green concebe como “(...) fator unificador que parte do ego, onde sua libido — opondo-se à libido do objeto — se empenha em realizar a coesão do ego: esse narcisismo inclina-se para a Unicidade” (1988, p. 18).

Podemos considerar o ódio como força psíquica que reforça a identidade e a representação do próprio sujeito, aguça percepções, potencializa o ego e suas fronteiras, demarcando limites e dessa forma mantendo a necessária distância do outro. Apesar de indestrutível, o ódio não é imutável nem definitivo, pois sua trama está sempre aberta para ser (re)ordenada e, portanto, (re)escrita.

À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Um texto que não enfrenta seu balbucio, sua própria afasia...
Que não constata a impotência da palavra em se enunciar
sem ambigüidades e equívocos... Que não confessa de
antemão sua impossibilidade, talvez não mereça sequer a
aventura de ser escrito.*

Cesar, Marisa Flório. *Exercício da Possibilidade*, texto de apresentação do livro de Rosana Ricalde, ArteDardo/Galeria, 2006.

A clínica nos desafia constantemente. Para ultrapassar seus impasses, formular hipóteses e vislumbrar novos caminhos para compreensão e manejo clínico de situações complexas, buscamos subsídios na teoria.

Constatamos que o ódio, comumente concebido como sentimento adverso, é associado a rancor, raiva, aversão, repugnância, antipatia, desprezo e ao desejo de causar o mal. O ódio remete ao que há de mais profundo no ser, lugar onde ninguém é bem-recebido. Portanto, a referência notadamente explícita e frequente que com frequência se faz ao ódio diz respeito unicamente à sua face destruidora e negativa. Por isso mesmo — e, quem sabe, inconscientemente movidos pelos vestígios do primeiro ódio, que desde sempre em cada um de nós habita —, todos tentam mantê-lo distante. Daí, a tendência a considerá-lo indesejável, a rejeitá-lo e combatê-lo.

A literatura psicanalítica também se restringe, basicamente, à face destruidora do ódio, apesar de a clínica evidenciar que nem sempre o ódio quer destruição, mas por vezes desempenha função positiva. Hoje entendemos que, além de sua dimensão destrutiva, a psicanálise revela que, nas relações de objeto, o ódio carrega uma história, comunica experiência e conhecimento de vínculos intersubjetivos além de dinamizar conflitos intrapsíquicos. Tal afeto exibe faces paradoxais, assume valência positiva, como afeto constituinte do sujeito e força psíquica de afirmação do ego, ao protagonizar o processo de estruturação psíquica e funcionar como elemento de preservação. Assim nos mostra a prática clínica, mas, cabe indagar de que forma o ódio atua no psiquismo.

Apesar de aparentemente muito conhecido, tropeçamos na hora de interpretá-lo e explicá-lo. As várias dimensões a ele inerentes demandam pesquisa que possibilite analisar: sua natureza e dinâmica, o funcionamento de sua economia, suas tramas, o trabalho

psíquico que aciona e os destinos que pode tomar – daí o caráter complexo da problemática do ódio e dos afetos em geral.

Para responder ao questionamento anterior, recorreremos a postulações de três dos psicanalistas mundialmente mais renomados: S. Freud, M. Klein e D. W. Winnicott. Considerando as concepções de sujeito e de psiquismo humano de cada um desses autores, suas teorizações oferecem subsídios fundamentais para o entendimento da presença do ódio na dinâmica psíquica.

Partindo de tais teorias — aqui parcialmente ampliadas por reflexões de estudiosos da atualidade sobre tal afeto —, centramos nossa investigação na trama paradoxal do ódio, dada sua ambivalente atuação na dinâmica psíquica: funciona como elemento de estruturação, de resistência, de afirmação do sujeito e, simultaneamente, como elemento de destrutividade.

Os modelos de psiquismo apresentados pelos referidos autores (o pulsional, de Freud; o objetal, de Klein; e o relacional, de Winnicott), diferem em vários pontos, mas são unânimes em considerar o ódio como elemento dinâmico na constituição psíquica do indivíduo. As formas como estes autores abordam a questão do ódio no psiquismo tem nuances singulares e não coincidem, embora seja ponto comum e da maior relevância o fato de todos considerarem sua incidência ambivalente e paradoxal. Isto não apenas nas etapas primeiras da constituição do psiquismo, seja do ponto de vista do desenvolvimento libidinal, da perspectiva das relações objetais, inerentes às posições subjetivas, ou no que diz respeito ao desenvolvimento emocional precoce do bebê, em sua relação com a mãe. Independentemente do modelo de psiquismo, os referidos autores concebem o ódio como elemento dinâmico tanto no contexto da organização e das diversas instâncias psíquicas como nas perspectivas pulsional, objetal e ambiental do psiquismo. Enquanto Freud fala em ambivalência, Klein destaca a trama e Winnicott realça a dimensão do paradoxo.

Em nossa experiência clínica vislumbramos, por intermédio do ódio transferencial, a dimensão paradoxal e contingente do ódio, que: ora se manifesta como *ódio destrutivo* – ruptura, força destruidora, sem objeto nem lugar de legitimação; ora se apresenta como *ódio positivo* – afeto necessário, estruturante, a serviço da afirmação psíquica do ego, dimensão essencial esta, realçada neste texto. Quando destrutivo, pode ser, simultaneamente, estruturante, motor de afirmação e construção. Se desligado — sem objeto, sem lugar de legitimação e sem simbolização, portanto —, é desagregador e

mortífero. Em sua valência positiva, é afeto necessário, a serviço da integridade psíquica, e cúmplice do eu. É justamente para essa face paradoxal do ódio que aqui chamamos a atenção.

O ódio viabiliza separar, mover, ao mesmo tempo em que possibilita abertura para o movimento gregário do amor, que demanda apagamento da alteridade. Além disso, como ressalta a psicanalista francesa Michèle Benhaïm, viabiliza a estruturação do amor materno como um amor que autoriza a criança a viver (2007, p. 13). A autora postula um *ódio vital* — que se origina da perda, da castração — e, por outro lado, um *ódio destruidor* — que repousa na ausência, no vazio (sem palavras, sem razão).

A experiência clínica não nos apresenta senão dimensões paradoxais — e, amiúde, também ambíguas — dos afetos. Ódio positivo, ódio negativo, ódio construtivo, ódio destrutivo, são faces que se alternam e/ou se combinam. O homem, ser pulsional em sua essência, não é, apenas, “bom” ou “mau”. Suas moções pulsionais, que consideramos más, nas vicissitudes de suas transformações, podem se tornar boas e/ou altruístas. O paradoxo é justamente aquilo que, simultaneamente, *é* e *não-é* e aparece: no amor e ódio simultâneos, concebido por Winnicott; no amor-ódio que, para Freud, faz oposição à indiferença; no sadismo que, conforme Klein, propicia aprendizagem, curiosidade; ou no *amódio*, sugerido por Lacan. É a ambivalência dos conceitos que aponta para a lógica do paradoxal, e consequentemente, para a trama igualmente paradoxal que o trabalho psíquico tece.

Transitando entre teoria e clínica, cuja articulação ativa aqui salientamos, recorremos a exemplos clínicos como base fenomenológica para elucidar o ódio construtivo, a serviço da preservação psíquica e afirmação do sujeito. Os fragmentos de casos reportados neste texto sugerem que o ódio pode ser igualmente usado como defesa, assim definindo o desenvolvimento da trama psíquica. Observamos a atuação do ódio em papéis diversos, inclusive o de mudar a dinâmica do psiquismo e da trama psíquica, reorientando-a.

Para ilustrar a face múltipla e paradoxal dos afetos, lembramos a afirmação de Freud de que, nos primeiros tempos da vida, o amor tem como finalidade “incorporar ou devorar” (1915). Amar é, então, aniquilar, como revela a experiência cotidiana: quando o amor existe sem distância, sem ausência e sem separação, amor sem ambivalência, sem

ódio, só amor, já é amor demais, já é “o mal se querendo”, como sentencia Riobaldo, personagem central do clássico romance de Guimarães Rosa, *Grande Sertão Veredas*.

Importante é notar que a afirmação do caráter ambivalente e paradoxal do ódio, sugere, por si só, a necessária ampliação da escuta, a maleabilidade do manejo clínico deste afeto na situação analítica. A compreensão mais abrangente do ódio, de suas raízes e manifestações, abre possibilidades para sua interpretação e manejo, possibilitando a reorganização de sua trama.

Dentre os exemplos ilustrativos apresentados, duas histórias — um fragmento clínico (de Anna) e uma situação judicial (de João) são mais amplamente discutidas nesta tese.

No caso estudado de João, o ódio materno expulsa de casa o filho — objeto de maus-tratos —, que é enviado a um abrigo de menores. Quando este abrigo é desativado, João insiste em retornar para a mãe, ou seja, para o ódio e os maus-tratos que ela lhe infligia: diante de seu insuportável desamparo, ele opta pelo vínculo no ódio. Esta é uma história paradoxal sobre um vínculo de filiação.

A história clínica de Anna, por sua vez, revela um dado intrigante: o ódio mantém integrado o núcleo do *self* e preserva a continuidade do ser. Como coloca L. C. Figueiredo, tal afeto “faz lembrar que o sujeito conta com ele mesmo e não com o outro”¹⁹⁹. Tendo em vista as condições adversas de seu ambiente, Anna se escuda no ódio contra o deslizamento na problemática familiar.

A partir deste entendimento, a escuta analítica adquire novos contornos: com Anna aprendemos que o ódio é linguagem que tece história e sentidos, é mensagem a ser decodificada, traduzida e ressignificada. Revela a substância íntima do ser, podendo — e é o que mais interessa — se constituir em abertura para uma relação criativa com o mundo. Aprendemos também que o ódio é paradoxal: abre a sensibilidade ao diferente, aguça a percepção, tem dimensão constituinte e pode ser, a um só tempo, destrutivo e construtivo.

É fundamental aqui destacar importante aspecto, que amplia o vértice de compreensão do ódio e é apontado nas reflexões de Figueiredo, quando acrescenta que o ódio é afeto necessário na constituição e afirmação do sujeito e do objeto, mas, certamente não é suficiente. Há que ser matizado pelo amor, parceiro inseparável. Se o

¹⁹⁹ No já mencionado colóquio sobre o ódio, promovido, em 2012, pelo LABORE/EPsi.

ódio persiste e se estabelece como modo de relação; se se mantém pela repetição e dificulta o contato com o outro; e se há identificação do sujeito com o negativo, o afeto de ódio é mera defesa narcísica. Afinal, acrescentamos nós, ódio sem utilização construtiva, puro ódio.

Entendemos que a relevância de nossa empreitada não se limita à conceituação do ódio e sua aplicabilidade. É preciso atentar para a riqueza, complexidade e paradoxalidade dos conceitos e dos afetos — abordagem que a escuta analítica certamente demanda. A depender da vicissitude que o ódio assume, interpretação e manejo devem variar; e o reconhecimento de seus diversos propósitos na economia psíquica requer sensibilidade clínica e criatividade na forma de traduzi-lo. O que a teoria mostra, em sua tendência à generalização, deve ser tomado, na psicanálise, apenas como referência, já que não podemos deixar de considerar o paciente em sua singularidade e especificidade.

Devemos ter em mente, como analistas, que, na relação transferencial, o ódio pode ser (re)experimentado e (re)potencializado — de modo a produzir afirmação narcísica —, e deve ser acolhido em sua paradoxalidade como texto, cuja história e sentido há que se resgatar e elaborar.

Acreditamos, finalmente, que esta tese possa vir a se constituir em subsídio e contribuição para aqueles que se dedicam à prática psicanalítica e ao estudo da psicanálise, particularmente no que diz respeito às complexas e reveladoras manifestações do ódio, características da condição humana.

REFERÊNCIAS

- Abraham, K. (1970 [1927]). *Teoria psicanalítica da libido*. Rio de Janeiro: Imago.
- Abram, J. (2000). *A linguagem de Winnicott; dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter.
- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. (2010). *APA Dictionary of Psychology*. Porto Alegre: Artmed.
- Anzieu, D. (1989). *A auto-análise de Freud e a descoberta da psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- ASSOCIATION FREUDIENNE. (1997). *Dicionário de psicanálise; Freud & Lacan*. Salvador: Ágalma.
- Assoun, P.-L., & Zafiroopoulos, M. (1995). *La haine, la jouissance et la loi*. Paris: Anthropos.
- Balint, M. (1952). On love and hate. *International Journal of Psycho-analysis*, 33, 355-62.
- Baranger, W. (1981). *Posição e objeto na obra de Melanie Klein*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Barros, M. N. (1999). *Daniel's loud silence*. João Pessoa: Sociedade Psicanalítica da Paraíba.
- Barros, M. N. (2002). *Dores e delícias de ser o que se é*. João Pessoa: Sociedade Psicanalítica da Paraíba.
- Barros, M. N. (2004). *O ódio e suas vicissitudes. Um estudo teórico-clínico à luz da psicanálise freudiana e kleiniana*. Recife: UNICAP. (Dissertação de Mestrado).
- Barros, M. N., & Rocha, Z. (2010). *O ódio como laço de filiação*. Recife (Trabalho apresentado no I Congresso Franco-Brasileiro sobre Psicanálise, Filiação e Sociedade).
- Benhaïm, M. (2007). *Amor e ódio. A ambivalência da mãe*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Berlinck, M. T. (1998). O que é Psicopatologia Fundamental. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, vol. I, nº 1, pp. 46-59.
- Berlinck, M. T. (2000). *Psicopatologia fundamental*. São Paulo: Escuta.
- Berlinck, M. T. (2009). A Psicopatologia Fundamental: contribuição para a sociedade democrática. In: F. C. S. Lemos & M. R. Souza (orgs.), *Psicologia e compromisso social: unidade na diversidade*. São Paulo: Escuta, 2009, pp. 43-56.
- Berlinck, M. T. & Magtaz, A. C. (2012). O caso clínico como fundamento da pesquisa em Psicopatologia Fundamental. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, vol. 15, nº 1, pp. 71-81.
- Bion, W., Rosenfeld, H., & Segal, H. (1961). Melanie Klein - Obituary. *International Journal of Psychoanalysis*, 42, 4-8.
- Birman, J. (1989). A clínica na pesquisa psicanalítica. In: C. S. Hutz, *2º Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico da ANPEPP*. (pp. 196-9). Rio de Janeiro: ANPEPP, pp. 196-9. Disponível em: <http://www.infocien.org/Interface/Simpos/An02T23.pdf> Acesso em: 25 de Junho de 2009.
- Birman, J. (2006). *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- Birman, J. (2007). Sublime ação. (Prefácio). In: S. V. Castiel, *Sublimação: clínica e metapsicologia*.
- Birman, J. (2009a). *As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2009b). *Cadernos sobre o mal: agressividade, violência e crueldade*. Rio de Janeiro: Record.
- Bleichmar, N. M., & Bleichmar, C. L. (1992). *A psicanálise depois de Freud – teoria e clínica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Blum, H. P. (1997). Clinical and Developmental Dimensions of Hate. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 45: 359-75.
- Bollas, C. (1984). Loving Hate. *Annual of Psychoanalysis*, 12: 221-37.
- Castoriadis, C. (2004). *Figuras do pensável; as encruzilhadas do labirinto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Cesar, F. F. (2009) *Asas presas no sótão: psicanálise dos casos intratáveis*. Aparecida: Idéias & Letras.
- Cintra, E. M., & Figueiredo, L. C. (2010). *Melanie Klein. Estilo e pensamento*. São Paulo: Escuta.
- COMISSÃO EDITORIAL INGLESA. (s/d). Nota Explicativa da Comissão Editorial Inglesa. In: M. Klein, *Obras completas de Melanie Klein*. Vol. I, Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (pp. 301-3). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- COMISSÃO EDITORIAL MELANIE KLEIN TRUST. (s/d). Nota explicativa. In: M. Klein, *Obras completas de Melanie Klein*. Vol. II, A psicanálise de crianças (pp. 301-3). Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- Consoli, G. V. (2008). Aspectos sostenedores del odio en un tratamiento psicoanalítico. *Psicoanálisis & Intersubjetividad*, 3(2008). Disponível em: www.psicoanaliseintersubjetividad.com/website/articulo.asp?id=201&idd=3 Acesso em: 10 de Junho de 2011.
- Cromberg, R. U. (2000). *Paranóia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cromberg, R. U. (2008). *O amor que ousa dizer seu nome. Sabina Spielrein – pioneira da psicanálise*. São Paulo: USP. (Tese de doutorado).
- Dias, M. M. (2012). *Os ódios: clínica e política do psicanalista*. São Paulo: Illuminuras.
- Dorey, R. (1986). L'amour au travers de la haine. *Nouvelle revue de psychanalyse*, Nº 33, pp. 75-93.
- Doron, R., & Parot, F. (2001). *Dicionário de psicologia*. São Paulo: Ática.
- Dorsch, F., Häcker, H., & Stapf, K.-H. (2009). *Dicionário de Psicologia Dorsch*. Petrópolis: Vozes.
- Ducatti, M. A. (2003). *A tessitura inconsciente da adoção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- ENCYCLOPÆDIA UNIVERSALIS. (1997). *Dictionnaire de la Psychanalyse*. Paris: Encyclopædia Universalis & Albin Michel.
- Enriquez, M. (1974). *La souffrance et la haine: paranoïa, masochisme et apathie*. Paris: Presses Universitaires de France.

- Enriquez, M. (1999). *Nas encruzilhadas do ódio. Paranóia, masoquismo, apatia*. São Paulo: Escuta.
- Fanti, S. (2003). *Dictionnaire pratique de la psychanalyse et de la micropsychanalyse*. Paris: Buchet/Chastel.
- Fédida, P. (1974). *Dictionnaire de la psychanalyse*. Paris: Librairie Larousse.
- Fédida, P. (1986). De la haine à la guerre. *Nouvelle revue de psychanalyse*, Nº 33, p. 177-83.
- Fédida, P. (1991). *Nome, figura e memória. A linguagem na situação psicanalítica*. São Paulo: Escuta.
- Ferreira, A. B. (2010). *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo.
- Ferreira, A. B. (2011). *Dicionário do Aurélio Online*. Disponível em: www.dicionariodoaurelio.com Acesso em: 17 de Janeiro de 2012.
- Figueiredo, L. C. (2002). A ética da pesquisa acadêmica e a ética da clínica em psicanálise: o encontro possível na pesquisa psicanalítica. In: E. F. Queiroz, & A. R. Silva, *Pesquisa em Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Escuta, pp. 129-142.
- Figueiredo, L. C. (2009). *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- Fine, A., Félice, N., & Pragier, G. (2005). *La haine. Haine de soi, haine de l'autre, haine dans la culture*. Paris: PUF.
- Freud, S. (1893-1895). *Casos clínicos*. In: S. Freud, ESB, vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- Freud, S. (1895 [1894]). *Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia*. In: S. Freud, ESB, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, S. (1895a). Carta de 31/10/1895. In: J. M. Masson, *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- Freud, S. (1895b). *Rascunho H. Paranóia*. In: S. Freud, ESB, vol. I. Rio de Janeiro: 1977.
- Freud, S. (1896). *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa*. In: S. Freud, ESB, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- Freud, S. (1897a). *Carta 70*. In: S. Freud, ESB, vol. I (pp. 360-2). Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- Freud, S. (1897b). *Carta 72*. In: S. Freud, ESB, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1990, pp. 366-7.
- Freud, S. (1898). *Carta de 9/10/1898*. In: J. M. Masson, *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- Freud, S. (1900). *A interpretação dos sonhos - I*. In: S. Freud, ESB, vol. IV (pp. 31-322). Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- Freud, S. (1901 [1900]). *A interpretação dos sonhos - II*. In: S. Freud, ESB, vol. V (pp. 323-611). Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- Freud, S. (1901). *Atos casuais e sintomáticos*. In: S. Freud, ESB, vol. VI. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1905 [1901]). *Fragmento da análise de um caso de histeria*. In: S. Freud, ESB, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- Freud, S. (1905a). *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. In: S. Freud, ESB, vol. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

- Freud, S. (1905b). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: S. Freud, ESB, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- Freud, S. (1909a). *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*. In: S. Freud, ESB, vol. X (pp. 13-154). Rio de Janeiro: Imago, s/d.
- Freud, S. (1909b). *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*. In: S. Freud, ESB, vol. X. Rio de Janeiro: Imago, s/d.
- Freud, S. (1910). *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância*. In: S. Freud, ESB, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1970, pp. 59-124.
- Freud, S. (1911). *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia*. In: S. Freud, ESB, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- Freud, S. (1912). *A dinâmica da transferência*. In: S. Freud, Obras completas, v. 10. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. (1913a). *A predisposição à neurose obsessiva*. In: S. Freud, Obras completas, v. 10. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. (1913b). *Totem e tabu*. In: S. Freud, ESB, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- Freud, S. (1915a). *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*. In: S. Freud, Obras Completas, vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. (1915b). *Os instintos e seus destinos*. In: S. Freud, Obras completas, vol.12 (pp. 51-81). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. (1917 [1915]). *Luto e melancolia*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- Freud, S. (1920). *Além do princípio do prazer*. In: S. Freud, Obras completas, vol. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. (1921). *Psicologia das massas e análise do Eu*. In: S. Freud, Obras completas, vol. 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Freud, S. (1923 [1922]). *Dois verbetes de enciclopédia; (A) Psicanálise*. In: S. Freud, ESB, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976, pp. 287-307.
- Freud, S. (1923). *O Eu e o Id*. In: S. Freud, Obras completas, vol. 16 (pp. 13-74). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Freud, S. (1924). *O problema econômico do masoquismo*. In: S. Freud, Obras completas, vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Freud, S. (1925). *A negação*. In: S. Freud, Obras completas, vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Freud, S. (1926[1925]). *Inibições, sintomas e ansiedade*. In: S. Freud, ESB, vol. XX (pp. 93-201). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, S. (1930). *O mal-estar na civilização*. In: S. Freud, Obras Completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. (1932). *Por que a guerra?* In: S. Freud, Obras completas, vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Freud, S. (1933 [1932]). *Conferência XXXII. Ansiedade e vida instintual*. In: S. Freud, ESB, vol. XXXII. Rio de Janeiro: Imago, 1976, pp. 103-38.

- Freud, S. (1940[1938]). *Esboço de psicanálise*. In: S. Freud, ESB, vol. XXIII (pp. 168-237). Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- Gantheret, F. (1986). La haine et son principe. *Nouvelle revue de psychanalyse*, Nº 33, p. 63-73.
- Gay, P. (1989). *Uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Gori, R. (2006). *O realismo do ódio*. *Psicologia Clínica*, 18, 2, 125-142.
- Graña, R. B. (2007). *Origens de Winnicott: ascendentes psicanalíticos e filosóficos de um pensamento original*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Green, A. (1988). *Sobre a loucura pessoal*. Rio de Janeiro: Imago.
- Greenberg, J. R., & Mitchell, S. A. (1994). *Relações objetais na teoria psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Grotstein, J. S. (2000). Some Considerations of "Hate" and a Reconsideration of the Death Instinct. *Psychoanalytic Inquiry*, 20: 462-80.
- Hassoun, J. (1997). *L'obscur objet de la haine*. Paris: Aubier.
- Heimann, P. (1982). Certas funções da introjeção e da projeção no início da infância. In: M. Klein, P. Heimann, S. Isaacs, & J. Riviere, *Os progressos da psicanálise* (pp. 136-84). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Herrmann, F. (2004a). Pesquisando com o método psicanalítico. In: F. Herrmann, & T. Lowenkron, *Pesquisando com o método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 43-83.
- Herrmann, F. A. (2004b). Pesquisa psicanalítica. *Ciência e Cultura*, vol. 56, n. 4, oct-dec/2004, p. 25-28.
- Hinshelwood, R. D. (1992). *Dicionário do pensamento kleiniano*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Houaiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Houaiss, A. (2009). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0*. (Versão integral do Dicionário Houaiss da língua portuguesa).
- Isaacs, Susan (1952[1948]) A natureza e a função da fantasia. In: M. Klein, P. Heimann, S. Isaacs & J. Riviere, *Os progressos da psicanálise* (pp. 79-135). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.
- Jalley, É. (1997). Concept d'opposition. In: *Dictionnaire de la Psychanalyse* (pp. 535-58). Paris: Encyclopædia Universalis / Albin Michel.
- Janet, P. (1937). *L'amour et la haine*. Paris: Maloine.
- Jeammet, N. (1989). *La haine nécessaire*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Jeammet, N. (1991). *O ódio necessário*. Lisboa: Estampa.
- Jeammet, N. (2005). Ódio. In: A. d. Mijolla, *Dicionário internacional da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago. (p. 1310)
- Jones, E. (1929). Fear, Guilt and Hate. *International Journal of Psycho-Analysis*, 10: 383-97.
- Khan, M. (1986). "Pensées"; de l'amour de la haine à la haine de l'amour. *Nouvelle revue de psychanalyse*, 141-75.

- Kaufmann, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Kernberg, O. F. (1991). The Psychopathology of Hatred. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 39: 209-38.
- Klein, M. (1921). *O desenvolvimento de uma criança*. In: M. Klein, Obras completas de Melanie Klein. Vol. I, Amor, culpa e reparação e outros trabalhos). Rio de Janeiro: Imago, 1996. pp. 21-75
- Klein, M. (1922). *Inibições e dificuldades na puberdade*. In: M. Klein, Obras completas de Melanie Klein. Vol. I, Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (pp. 76-80). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Klein, M. (1923a). *Amor, culpa e reparação*. In: M. Klein, & J. Riviere, Amor, ódio e reparação (pp. 79-162). Rio de Janeiro / São Paulo: 1975, Imago / Editora da Universidade de São Paulo.
- Klein, M. (1923b). *O papel da escola no desenvolvimento libidinal da criança*. In: M. Klein, Obras completas de Melanie Klein. Vol. I, Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Klein, M. (1925). *Uma contribuição à psicogênese dos tiques*. In: M. Klein, Obras completas de Melanie Klein. Vol. I, Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Klein, M. (1926). *Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas*. In: M. Klein, Obras completas de Melanie Klein. Vol. I, Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Klein, M. (1927a). *Simpósio sobre análise de crianças*. In: M. Klein, Obras completas de Melanie Klein. Vol. I, Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Klein, M. (1927b). *Tendências criminosas em crianças normais*. In: M. Klein, Obras completas de Melanie Klein. Vol. I, Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Klein, M. (1928). *Estágios iniciais do conflito edipiano*. In: M. Klein, Obras completas de Melanie Klein. Vol. I, Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (pp. 216-27). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Klein, M. (1929a). *Personificação no brincar das crianças*. In: M. Klein, Obras completas de Melanie Klein. Vol. I, Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (pp. 228-39). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Klein, M. (1929b). *Situações de ansiedade infantil refletidas em uma obra de arte e no impulso criativo*. In: M. Klein, Obras completas de Melanie Klein. Vol. I, Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (pp. 241-8). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Klein, M. (1930a). *A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego*. In: M. Klein, Obras completas de Melanie Klein. Vol. I, Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Klein, M. (1930b). *A psicoterapia das psicoses*. In: M. Klein, Obras completas de Melanie Klein. Vol. I, Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- Klein, M. (1932a). *A importância das situações de ansiedade arcaicas no desenvolvimento do ego*. In: M. Klein, Obras completas de Melanie Klein. Vol. II, A psicanálise de crianças (pp. 196-212). Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- Klein, M. (1932b). *A psicanálise de crianças*. Obras completas de Melanie Klein. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- Klein, M. (1932c). *A técnica da análise de crianças pequenas*. In: M. Klein, Obras completas de Melanie Klein. Vol. II, A psicanálise de crianças. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- Klein, M. (1932d). *Estágios iniciais do conflito edipiano e da formação do superego*. In: M. Klein, Obras completas de Melanie Klein. Vol. II, A psicanálise de crianças (pp. 145-68). Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- Klein, M. (1932e). *Fundamentos psicológicos da análise de crianças*. In: M. Klein, Obras completas de Melanie Klein. Vol. II, A psicanálise de crianças. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- Klein, M. (1933). *O desenvolvimento inicial da consciência na criança*. In: M. Klein, Obras completas de Melanie Klein. Vol. I, Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (pp. 286-95). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Klein, M. (1934). *Sobre a criminalidade*. In: M. Klein, Obras completas de Melanie Klein. Vol. I, Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (pp. 297-300). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Klein, M. (1935). *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos*. In: M. Klein, Obras completas de Melanie Klein. Vol. I, Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (pp. 301-29). Rio de Janeiro: Imago.
- Klein, M. (1937). *Amor, culpa e reparação*. In: M. Klein, & J. Riviere, Amor, ódio e reparação (pp. 79-162). Rio de Janeiro / São Paulo: 1975, Imago / Editora da Universidade de São Paulo.
- Klein, M. (1940). *O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos*. In: M. Klein, Obras completas de Melanie Klein. Vol. I, Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (pp. 385-412). Rio de Janeiro: Imago.
- Klein, M. (1946) *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides*. In: M. Klein, Inveja e gratidão e outros trabalhos. Obras completas de Melanie Klein. Vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1991, pp. 17-43..
- Klein, M. (1952a) *Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê*. In: M. Klein, Inveja e gratidão e outros trabalhos. Obras completas de Melanie Klein. Vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1991, pp. 85-118.
- Klein, M. (1952b) *As origens da transferência*. In: M. Klein, Inveja e gratidão e outros trabalhos. Obras completas de Melanie Klein. Vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1991, pp. 70-9.
- Klein, M. (1952c) *Influências mútuas no desenvolvimento do ego e do id*. In: M. Klein, Inveja e gratidão e outros trabalhos. Obras completas de Melanie Klein. Vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1991, pp. 80-4.
- Klein, M. (1957). *Inveja e gratidão*. In: M. Klein, Inveja e gratidão e outros trabalhos. Obras completas de Melanie Klein. Vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1991, pp. 205-67.

- Klein, M. (1959). *Nosso mundo adulto e suas raízes na infância*. In: M. Klein, Inveja e gratidão e outros trabalhos. Obras completas de Melanie Klein. Vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1991, pp. 281-97.
- Klein, M. (1975). Amor, culpa e *reparação*. In: M. Klein, & J. Riviere, Amor, ódio e reparação (pp. 79-162). Rio de Janeiro / São Paulo: Imago / Editora da Universidade de São Paulo.
- Lacan, J. (1982). *O Seminário – Livro 20: Mais, Ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Laplanche, J. (1987). *Problemáticas I – A angústia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1991). *Vocabulário de psicanálise – Laplanche e Pontalis*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lebrun, J.-P. (2008). *O futuro do ódio*. Porto Alegre: CMC.
- Liegner, E. J. (1980). The Hate that Cures: The Psychological Reversibility of Schizophrenia. *Modern Psychoanalysis*, 5: 5-95.
- Lowenkron, T. S. (2004). O objeto da investigação psicanalítica. In: F. Herrmann, & T. Lowenkron, *Pesquisando com o método psicanalítico* (pp. 21-31). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Luz, R. (2007). Comunicação escrita e pensamento – O exemplo de D. W. Winnicott. In: B. Bezerra Jr, & F. Ortega, *Winnicott e seus interlocutores* (pp. 13-34). Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Mannoni, M. (1995). *Amor, ódio, separação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Marin, I. K. (2002). *Violências*. São Paulo: Escuta.
- Masson, J. M. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago.
- Menezes, L. C. (2001). *O ódio e a destrutividade na teoria do narcisismo*. In: L. C. Menezes, *Fundamentos de uma clínica freudiana*. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 145-176.
- Meyer, C. (2005). *Le livre noir de la psychanalyse: Vivre, penser et aller mieux sans Freud*. Paris: Editions des Arènes.
- Mezan, R. (1998). *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva (4a ed.).
- Mijolla, A. d. (2005). *Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*. Rio de Janeiro: Imago.
- Mijolla-Mellor, S. d. (2005). Mulheres, feras e grandes criminosos. In: S. d. Mijolla-Mellor, *Crueldade no feminino* (pp. 37-76). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Monteiro, K. M. (2012). *Assassinos seriais: uma abordagem psicanalítica sobre o superego arcaico e os efeitos da sideração*. São Paulo: PUC-SP. (Tese de Doutorado em Psicologia Clínica).
- NOUVELLE REVUE DE PSYCHANALYSE. (1986). Argument. *Nouvelle revue de psychanalyse*, Nº 33, p. 7-10.
- NOUVELLE REVUE DE PSYCHANALYSE. (1986). L'amour de la haine. *Nouvelle revue de psychanalyse*, Nº 33. Paris: Éd. Gallimard.
- Oliveira, L. E. (1986). Les voix de la haine. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 33, 185-200.
- Onfray, M. (2010). *Le crépuscule d'une idole: L'affabulation freudienne*. Paris: Grasset.

- Outeiral, J. (2006). O paradoxo do ser humano ou O padoxo e o non-sense na clínica psicanalítica. In: R. Roussillon, *Paradoxos e situações limites da psicanálise*. São Leopoldo: Unisinos. p.7-24.
- Pao, P.-N. (1965). The Role of Hatred in the Ego. *Psychoanalytic Quarterly*, 34: 257-64.
- Petot, J.-M. (1992). *Melanie Klein II. O ego e o bom objeto. 1932-1960*. São Paulo: Perspectiva.
- Petot, J.-M. (2001). *Melanie Klein I. Primeiras descobertas e primeiro sistema. 1919-1932*. São Paulo: Perspectiva.
- Plastino, C. A. (2007). Winnicott: a fidelidade da heterodoxia. In: B. Bezerra Jr, & F. Ortega, *Winnicott e seus interlocutores* (pp. 199-228). Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Pontalis, J.-B. (1986). L'haine illégitime. *Nouvelle revue de psychanalyse*, Nº 33, p. 275-80.
- Queiroz, E. F. (2002). A pesquisa em psicopatologia fundamental: um discurso transdisciplinar. In: E. F. Queiroz, & A. R. Silva, *Pesquisa em psicopatologia fundamental*. (pp. 15-25). São Paulo: Escuta.
- Queiroz, E. F., & Silva, A. R. (2002). *Pesquisa em Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Escuta.
- REVUE ROUMAINE DE PSYCHANALYSE. (2008). *Les Defis de la Psychanalyse au XXIème siècle: penser la haine et la violence*. Bucarest: Societati Romane de Psihanaliză. (n. 2008/1, 2009/2 e 2009/3, n. Colloque international de Psychanalyse, Bucarest 30/outubro-2/novembro/2008). Disponível: <http://www.srdp.ro/Revista/revista.html> Acesso: 24 de Novembro de 2011.
- Rey-Flaud, H. (2002). Os fundamentos metapsicológicos de O mal-estar na cultura. In: J. L. Rider, M. Plon, G. Raulet, & H. Rey-Flaud, *Em torno de O mal-estar na cultura, de Freud*. São Paulo: Escuta.
- Rocha, Z. (1995). *Freud: aproximações*. Recife: Ed. Universitária/UFPE.
- Rocha, Z. (2008). *Freud: novas aproximações*. Recife: Editora Universitária da UFPE.
- Roudinesco, É. (2005). *Pourquoi tant de haine? Anatomie du "Livre noir de la psychanalyse" "Livro negro da psicanálise"*. Paris: Navarin.
- Roudinesco, É. (2009). *Em defesa da psicanálise. Ensaio e entrevistas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Roudinesco, É. (2010). *Mais pourquoi tant de haine?* Paris: Seuil.
- Roudinesco, É. (2011). *Freud - mas por que tanto ódio?* Rio de Janeiro: Zahar.
- Roudinesco, É., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Roussillon, R. (2006). *Paradoxos e situações limites da psicanálise*. São Leopoldo: Unisinos.
- Rycroft, C. (1975). *Dicionário crítico de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Safra, G. (1995). *Momentos mutativos em psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Safra, G. (1999). A clínica em Winnicott. *Natureza Humana*, 1, 91-101.
- Safra, G. (2001). Investigação em psicanálise na universidade. *Psicologia USP*, vol. 12, n. 2. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642001000200014&script=sci_arttext Acesso: 24 de março de 2010.

- Sartre, J.-P. (1997). *O ser e o nada*. Petrópolis: Vozes.
- Silva, M. E. (1993). Uma aventura: a tese psicanalítica - Entrevista com Fabio Herrmann. In: M. E. Silva, *Investigação e psicanálise*. (pp. 133-158). Campinas: Papirus.
- Singer, F. (2002). A teoria e seu objeto: psicanálise e psicopatologia fundamental. In: E. F. Queiroz, & A. R. Silva, *Pesquisa em Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Escuta, pp. 93-128.
- Spilrein, S. (1912). A destruição como causa do devir. In: R. U. Cromberg, *O amor que ousa dizer seu nome. Sabina Spilrein – pioneira da psicanálise*. São Paulo: USP, 2008. pp 514-49.
- Stein, C. (1988). *As Eríneas de uma Mãe. Ensaio sobre o Ódio*. São Paulo: Escuta.
- Suttie, I. D. (1935). *The origins of love and hate*. London: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co.
- Tanis, B. (2010). Presença do paradoxo na construção de vínculos: clínica, alteridade e cultura. *Jornal de Psicanálise*, 43(78), 57-78.
- Winnicott, C., Shepherd, R., & Davis, M. (1994). *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Winnicott, D. W. (1949). Hate in the Counter-Transference. *International Journal of Psycho-Analysis*, 30: 69-74.
- Winnicott, D. W. (1982 [1942]). *Por que as crianças brincam*. In: D. W. Winnicott, *A criança e o seu mundo* (pp. 161-5). Rio de Janeiro: LTC.
- Winnicott, D. W. (1982 [1945]). *Amamentação*. In: D. W. Winnicott, *A criança e o seu mundo* (pp. 55-63). Rio de Janeiro: LTC.
- Winnicott, D. W. (1982a [1949]). *A moralidade inata do bebê*. In: D. W. Winnicott, *A criança e o seu mundo* (pp. 104-9). Rio de Janeiro: LTC.
- Winnicott, D. W. (1982b [1949]). *As crianças e as outras pessoas*. In: D. W. Winnicott, *A criança e o seu mundo* (pp. 116-24). Rio de Janeiro: LTC.
- Winnicott, D. W. (1982 [1964]). *As raízes da agressividade*. In: D. W. Winnicott, *A criança e o seu mundo* (pp. 262-70). Rio de Janeiro: LTC.
- Winnicott, D. W. (1982 [1965]). *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro: LTC Editora.
- Winnicott, D. W. (1983 [1958]). *Psicanálise do sentimento de culpa*. In: D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 19-30). Porto Alegre: Artmed.
- Winnicott, D. W. (1983 [1959-1964]). *Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica?* In: D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 114-127). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. W. (1983 [1960]). *Teoria do relacionamento paterno-infantil*. In: D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 38-54). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. W. (1983 [1962]). *A integração do ego no desenvolvimento da criança*. In: D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 55-61). Porto Alegre: Artmed.

- Winnicott, D. W. (1983a [1963]). *Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos*. In: D. W. Winnicott, O ambiente e os processos de maturação (pp. 163-74). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. W. (1983b [1963]). *Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo*. In: D. W. Winnicott, O ambiente e os processos de maturação (pp. 79-87). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed.
- Winnicott, D. W. (1990 [1954]). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1993 [1936]). *Apetite e perturbação emocional*. In: D. W. Winnicott, Da pediatria à psicanálise (pp. 111-37). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Winnicott, D. W. (1993 [1941]). *A observação de bebês em uma situação estabelecida*. In: D. W. Winnicott, Da pediatria à psicanálise (pp. 139-64). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Winnicott, D. W. (1993 [1945]). *Desenvolvimento emocional primitivo*. In: D. W. Winnicott, Textos selecionados: da pediatria à psicanálise (pp. 269-85). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Winnicott, D. W. (1993 [1947]). *O ódio na contratransferência*. In: D. W. Winnicott, Textos selecionados: da pediatria à psicanálise (pp. 341-53). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Winnicott, D. W. (1993 [1949]). *A mente e sua relação com o psique-soma*. In: D. W. Winnicott, Da pediatria à psicanálise (pp. 409-25). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Winnicott, D. W. (1993 [1950]). *Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional*. In: D. W. Winnicott, Obras escolhidas - Da pediatria à psicanálise. (pp. 355-74). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Winnicott, D. W. (1993 [1951]). *Objetos transicionais e fenômenos transicionais*. In: D. W. Winnicott, Da pediatria à psicanálise (pp. 389-408). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Winnicott, D. W. (1993 [1952]). *Ansiedade associada à insegurança*. In: D. W. Winnicott, Da pediatria à psicanálise (pp. 204-10). Rio de Janeiro : Francisco Alves.
- Winnicott, D. W. (1993 [1954]). *A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal*. In: D. W. Winnicott, Da pediatria à psicanálise (pp. 437-58). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Winnicott, D. W. (1993). *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Winnicott, D. W. (1994 [1939]). *Agressão e suas raízes - Agressão*. In: D. W. Winnicott, Privação e delinquência (pp. 89-96). São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1994 [1963]). *Um sonho de D. W. W. relacionado a uma resenha de um livro de Jung*. In: C. Winnicott, R. Shepherd, & M. Davis, Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott (pp. 178-9). Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Winnicott, D. W. (1994 [1964]). *Agressão e suas raízes - Raízes da agressão*. In: D. W. Winnicott, Privação e delinquência (pp. 96-103). São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1994 [1965]). *Notas escritas no trem, Parte 2, Desenvolvimento do tema do controle*. In: C. Winnicott, R. Shepherd, & M. Davis, Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott (pp. 180-1). Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

- Winnicott, D. W. (1994a [1968]). *Comentários sobre meu artigo O uso de um objeto*. In: C. Winnicott, R. Shepherd, & M. Davis, *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott* (pp. 185-6). Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Winnicott, D. W. (1994b [1968]). *O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações*. In: C. Winnicott, R. Shepherd, & M. Davis, *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott* (pp. 171-7). Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Winnicott, D. W. (1994 [1969]). *O Uso de um Objeto no contexto de Moisés e o monoteísmo*. In: C. Winnicott, R. Shepherd, & M. Davis, *Eplorações psicanalíticas: D. W. Winnicott* (pp. 187-91). Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Winnicott, D. W. (1994). *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1995 [1956]). *A tendência anti-social*. In: D. W. Winnicott, *Privação e delinquência* (pp. 127-137). São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1995 [1960]). *Agressão, culpa e reparação*. In: D. W. Winnicott, *Privação e delinquência* (pp. 144-50). São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1995 [1963]). *O desenvolvimento da capacidade de envolvimento*. In: D. W. Winnicott, *Privação e delinquência* (pp. 105-10). São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (2005). *O gesto espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes.

APÊNDICE A – Da terminologia e os entendimentos sobre o ódio

1.	Da etimologia do termo a seus usos correntes e especializados	247
2.	O entendimento popular	248
	Dicionário Houaiss da língua portuguesa	248
	Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa	248
	Dicionário do Aurélio online	248
	Dicionário do Aurélio (da língua portuguesa)	248
	Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa	249
	Diccionario de la Lengua Española, da RAE	249
	Vocabolario Etimologico della Lingua Italiana	249
	Novissimo dizionario della lingua italiana – “Il Palazzi”	249
	Webster's third new international dictionary of the English language, unabridged	249
	Encyclopedia Britannica	250
	Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English	250
	Cambridge Advanced Learner's Dictionary & Thesaurus (British English)	250
	Cambridge Advanced Learner's Dictionary & Thesaurus (American English)	250
	Cambridge International Dictionary of English	250
	Dictionnaire de la langue Française – “Le Littré”	250
	Dictionnaire Larousse de la langue française – Lexis	250
	Le Dictionnaire Français – Larousse	251
	Le Petit Robert	251
	Le Grand Robert de la langue française	251
	Le Dictionnaire culturel en langue française	251
	Le Trésor de la Langue Française Informatisé	251
3.	O entendimento psicanalítico especializado: o verbete ausente	252
	J. Laplanche & J-B. Pontalis: <i>Vocabulaire de la psychanalyse</i>	252
	É. Roudinesco e M. Plon: <i>Dictionnaire de la psychanalyse</i>	252
	Association Freudienne: <i>Dicionário de psicanálise, Freud & Lacan</i>	252
	P. Kaufmann: <i>L'apport freudien</i>	252
	Encyclopædia Universalis & Albin Michel: <i>Dictionnaire de la psychanalyse</i>	252
	S. Fanti: <i>Dictionnaire pratique de la psychanalyse et de la micropsychanalyse</i>	252
	C. le Guen: <i>Dictionnaire freudien</i>	252
4.	O entendimento do ódio nos dicionários/enciclopédias especializados	253
	P. Fédida: <i>Dictionnaire de la psychanalyse</i>	253
	Ch. Rycroft: <i>A Critical Dictionary of Psychoanalysis</i>	253
	L. Eidelberg: <i>Encyclopedia of Psychoanalysis</i>	253
	S. Akhtar: <i>Comprehensive Dictionary of Psychoanalysis</i>	254
	A. Mijolla: <i>Dicionário Internacional da Psicanálise</i>	255
	D. Zimerman: <i>Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise</i>	255
	R. Doron & F. Parot: <i>Dicionário de psicologia</i>	255
	Associação Americana de Psicologia: <i>Dicionário de psicologia – APA</i>	256
	F. Dorsch, H. Häcker & K-H. Stapf: <i>Dicionário de psicologia Dorsch</i>	256
5.	Referências deste Apêndice	256

1. Da etimologia do termo a seus usos correntes e especializados

Em português e outras línguas românicas ou neolatinas, é lugar comum lembrar que o termo *ódio* advém do latim *odium*, e *odiar*, do verbo correspondente *odisse*. Na antiguidade, o vocábulo *odium* era utilizado pelos romanos no latim literário, propagando-se então pela via culta (erudita) e não pela via popular.

A evolução terminológica da raiz comum *odium* conduziu às atuais formas do vocábulo nas principais línguas românicas (latinas): *ódio* (português), *odio* (espanhol e italiano) e *haine* (francês). Em outras línguas, como o alemão e inglês, o vínculo a uma raiz comum também existe: *hate* ou *hatred* (inglês) e *hass* (alemão), e o significado corriqueiro da palavra ódio, sendo bastante parecido em todas essas línguas.

Na era moderna e na contemporaneidade, o termo ódio tem sentido amplo na linguagem popular, como demonstram dicionários e enciclopédias. Já as explicações sobre o ódio (o que é, como se origina etc.), ganharam novas nuances a partir da revolução deflagrada com a criação da psicanálise por Freud. Essas explicações estão reservadas às publicações especializadas, e serão aqui ilustradas em uma revisão de dicionários e enciclopédias de psicanálise, mediante quadro panorâmico com os entendimentos sobre o ódio mais comuns na área.

Em ambos os casos, não se trata de apresentar aqui mera listagem, mas uma série significativa de enunciados, para que possamos chamar atenção sobre nuances invisíveis, não detectadas fora desse conjunto.

O estudo que realizamos requer explicitação dos termos em torno dos quais versa nosso discurso. O termo ódio costuma ser associado a afeto, sentimento, paixão, atitude além de desejo de ruína ou desgraça alheia, sendo definido de maneiras mais ou menos semelhantes, a depender da fonte a que se recorre. Não há uso unívoco do termo assim como não há explicação ou teoria psicanalítica única.

Por outro lado, o termo ódio não raro aparece misturado/confundido/explicado ou associado a inúmeros termos: animosidade, antipatia, aversão, desagrado, desprezo, enfado, excreção, execração, fúria, grima, horror, hostilidade, impulsos agressivos, impulsos hostis, inimizade, inoportunidade, ira, malquerença, moléstia, nojo, ojeriza, raiva, rancor, repugnância, repulsa, repulsão, ressentimento, vingança. Trata-se de termos próximos, por vezes usados indistintamente.²⁰⁰ Outras vezes, dependendo de contexto e finalidades, não cabe realçar eventuais diferenças.

Costuma-se afirmar, por exemplo, que o ódio é mais profundo e duradouro do que a raiva, considerada principalmente como uma emoção, enquanto o ódio, mais como um

²⁰⁰ A Associação Americana de Psicologia, por exemplo, apresenta *ódio* e *rancor* praticamente como sinônimos, ao definir ódio como “emoção hostil que combina sentimentos de aversão, raiva e o desejo de retaliar danos reais ou imaginários. Também denominado rancor.” (AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION, 2010)

sentimento. Estas nuances têm e fazem diferença essencial, tanto no que tange à procedência quanto à sua manifestação.

O bom senso e o bom método indicam que devemos esclarecer, preliminarmente, de que forma o objeto estudado é entendido, em geral ou em área específica. Cabe, então, consultar os dicionários consagrados, que certamente refletem o pensamento popular, ou o linguajar comum, sobre o vocábulo em questão.²⁰¹

2. O entendimento popular

O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* assim define a palavra *ódio*:

1. Aversão intensa, geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida; odiosidade. 2. Pessoa ou coisa odiada; ódio, aversão, repugnância, antipatia, desagrado, enfado, nojo; moléstia, inoportunidade. (Houaiss, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, 2001)

Na recente versão eletrônica da referida obra, o termo *ódio* foi ligeiramente modificado em relação à versão anterior impressa:

1. aversão intensa geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida; odiosidade; 2. (Derivação: por metonímia) a pessoa ou a coisa odiada. Já sobre o verbete *odioso*, registra: (adjetivo) 1. que suscita ódio, indignação, contrariedade; detestável, execrável; 2. extremamente desagradável; insuportável, repelente, repulsivo; 3. o mesmo que *odiento* ('que revela'); 4. que merece condenação; reprovável, condenável; (substantivo masculino) 5. o que provoca ódio (Houaiss, 2009)

No *Dicionário do Aurélio*, o vocábulo aparece em, pelo menos, duas versões um tanto diferentes. A versão online assim registra o significado de *ódio*:

Sentimento de profunda inimizade; paixão que conduz ao mal que se faz ou se deseja a outrem. / Ira contida; rancor violento e duradouro. / Viva repugnância, repulsão, horror. / Aversão instintiva, antipatia. (Ferreira, *Dicionário do Aurélio Online*, 2011).

No *Dicionário do Aurélio da Língua Portuguesa*, versão impressa e mais completa, consta o seguinte:

1. Paixão que impele a causar ou desejar mal a alguém; execração, rancor, raiva, ira. (...) 2. Aversão a pessoa, atitude, coisa, etc.; repugnância, antipatia, desprezo, repulsão. (Ferreira, 2010)

²⁰¹ Tanto nesta parte específica do trabalho, relativa ao entendimento popular, quanto no item seguinte, relacionado aos entendimentos especializados, mantemos as definições nas línguas em que estão as respectivas fontes, por se tratar de questões lexicográficas e até lexicológicas. Quando possível, utilizamos versões já vertidas para o português.

Curiosamente, a explicitação do vocábulo inclui menção a um *ódio são, ódio bom*, alusão positiva extremamente rara em todas as obras lexicográficas consultadas.

Outra obra tradicional, o *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*, define *ódio* como se segue:

1 Rancor profundo e duradouro que se sente por alguém. 2 Aversão ou repugnância que se sente por alguém ou por alguma coisa. 3 Antipatia. *Antôn: amor, afeto.* (Weiszflog, Prado, & Silva, 2011)

O *Diccionario de la Lengua Española*, da Real Academia Española, notadamente o dicionário de maior reconhecimento em língua espanhola, em sua 22ª e última edição, de 2001, define o termo de forma bem sucinta:

Antipatía y aversión hacia algo o hacia alguien cuyo mal se desea. (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2001)²⁰²

O linguista Ottorino Pianigiani, na versão para a *web* de seu *Vocabolario Etimologico della Lingua Italiana*, inicialmente publicada em 1907 (Roma: Albrighi & Segati) e depois de várias atualizações digitalizada em 2002, refere-se a *odio* nos seguintes termos:

ira condensata e invecchiata nell'animo dei alguno, che non sazia mai, né si acquieta, se non col disfacimento del nemico.²⁰³ (Pianigiani, 2002)

Já o tradicional e reconhecido *Dizionario della lingua italiana* (“il Palazzi”), de Fernando Palazzi, indica:

Odio. Totale e intensa avversione per qc. Intolleranza, insofferenza verso qcs. (Palazzi, 2007)

O *Webster's Dictionary*, um dos mais prestigiosos dicionários de língua inglesa, em sua versão não abreviada, define *hate* (substantivo), como:

1 a: intense hostility toward an object (as an individual) that has frustrated the release of an inner tension (as of biological nature); an habitual emotional attitude in which distaste is coupled with sustained ill will; c: a strong dislike or antipathy 2: an object of hatred; e to hate; (verbo) 1: To feel extreme enmity toward. Regard with active hostility. 2 a: to have a strong aversion to; detest, resent. b: to find distasteful: dislike. To express or feel extreme enmity or active hostility. (MERRIAM-WEBSTER INC., 1986)

²⁰² A Real Academia Española oferece, em seu sítio oficial na internet, a possibilidade de consultar online todas as 22 edições de seu *Diccionario de la Lengua Española* (DRAE). Verificamos assim que a definição da RAE tem sofrido pequenas alterações.

²⁰³ “ira concentrada e há muito arraigada na mente de uma pessoa, que não se satisfaz nem se aquieta, a não ser com o aniquilamento do inimigo.”

A versão *online* da clássica *Encyclopedia Britannica* faz distinção entre os dois vocábulos utilizados na língua inglesa para designar o ódio (*hatred*, substantivo, e *hate*, verbo), geralmente empregados como sinônimos:

Hatred: 1: hate; 2: prejudiced hostility or animosity.

Hate: 1 a: intense hostility and aversion usually deriving from fear, anger, or sense of injury; b: extreme dislike or antipathy. 2: an object of hatred. (ENCYCLOPEDIA-BRITANNICA, 2012)

O *Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English*, assim define *Hate*:

a) to dislike somebody or something intensely;

b) to find something very unpleasant, to dislike something very much; strong dislike, hatred. (Hornby, 1995)

O conceituado *Cambridge Advanced Learner's Dictionary & Thesaurus*, apresenta definições um tanto diferentes nas versões, ambas online, dos dicionários em *British English* e no que denominam *American English*. Em inglês britânico, consta:

hate verb: to dislike someone or something very much

hatred noun: an extremely strong feeling of dislike

Em inglês americano, assim registra:

hatred: a strong feeling of dislike, hate. (CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2012)

Finalmente, o mais completo *Cambridge International Dictionary of English*, indica:

An extremely strong dislike. (CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 1995)

Em língua francesa — após publicação nos anos 60 do século XIX e particularmente a partir de sua segunda edição (1872-1877) — durante muito tempo imperou o colossal *Dictionnaire de la langue Française*, o conhecido “Le Littré”, nunca atualizado desde então. Após referir inúmeros usos dos termos, explicita Émile Littré:

Haine: Sentiment d'aversion qu'on éprouve pour certaines choses.

haïr: Avoir pour quelqu'un un sentiment qui fait que nous lui voulons du mal. (Littré, 1872-1877)

O dicionário Larousse, na versão *Dictionnaire de la langue française –Lexis*, diz sobre a palavra *haine*:

1. Ressentiment causé par quelque mauvaise.
2. Sentiment violent d'hostilité ou de répugnance. (...) Détester quelque chose. (LAROUSSE, 1992, p. 880)

O popular dicionário *Le Dictionnaire Français – Larousse*, na versão online, define *haine*:

Sentiment qui porte une personne à souhaiter ou à faire du mal à une autre, ou à se réjouir de tout ce qui lui arrive de fâcheux.

Aversion profonde, répulsion éprouvée par quelqu'un à l'égard de quelque chose. (LAROUSSE, 2012)

O prestigioso dicionário *Le Petit Robert*, assim define o termo:

1. Sentiment violent que pousse à vouloir du mal à quelqu'un et à se réjouir du mal qui lui arrive.
2. Aversion profonde pour quelque chose. (Robert, *Le petit Robert*, 1981)

Um dos mais tradicionais e reconhecidos léxicos da língua francesa da atualidade, *Le Grand Robert*, indica:

haine: Sentiment violent qui pousse à vouloir du mal à quelqu'un et à se réjouir du mal qui lui arrive. Abomination, aigreur, animadversion, animosité, antipathie, aversion colère, dégoût, détestation exécration, horreur, hostilité, inimitié, malignité, rancoeur, rancune, repulsion, répugnance, ressentiment. (Robert, 2001, p. 1657)

No *Dictionnaire culturel en langue française*, da série de publicações do *Le Robert*, dirigido por Alain Rey, aparece:

haine: Sentiment violent qui pousse à vouloir du mal à quelqu'un et à se réjouir du mal qui lui arrive. (Rey, s/d, p. 1529)

Finalmente, *Le Trésor de la Langue Française Informatisé* assim define o termo:

Haine: A. Sentiment de profonde antipathie à l'égard de quelqu'un, conduisant parfois à souhaiter l'abaissement ou la mort de celui-ci.
B. Sentiment de profonde aversion pour quelque chose. (ATILF, 2012)

3. O entendimento psicanalítico especializado: ódio, o verbete ausente

O estudo do termo *ódio* não pode se circunscrever ao entendimento popular, corrente, mas requer também explicitação do ponto de vista especializado, psicanalítico. Não sendo conceito central nas teorias psicanalíticas, o ódio ocupa lugar diferenciado nos dicionários e enciclopédias da área. Alguns autores desenvolvem o verbete de forma própria, outros o incluem, reportando-se às concepções de terceiros, e finalmente, muitos deles sequer o listam.

Dentre as obras mais conhecidas, em que não há espaço específico dedicado ao conceito de ódio, e conseqüentemente, inexistente verbete exclusivo relativo a *ódio*, destacam-se: o *Vocabulário de psicanálise* (*Vocabulaire de la psychanalyse*), de Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis (Laplanche & Pontalis, 1991)²⁰⁴ e o *Dicionário de psicanálise* (*Dictionnaire de la psychanalyse*), de Élisabeth Roudinesco e Michel Plon (Roudinesco & Plon, 1998). Ausência semelhante ocorre no *Dicionário de psicanálise, Freud & Lacan*, vol. 1, da Associação Freudiana (ASSOCIATION FREUDIENNE, 1997).

Não há verbete exclusivo referente ao termo na obra de Pierre Kaufmann (ed.), o *Dicionário enciclopédico de psicanálise* (*L'apport freudien: Éléments pour une encyclopédie de la psychanalyse*). Entretanto, há referências ao ódio nos verbetes *amor*, *conflito*, *ideal do eu*, *inibição* e *neurose obsessiva*. (Kaufmann, 1996).

No *Dictionnaire de la Psychanalyse*, projeto da Encyclopædia Universalis & Albin Michel, prefaciado por Philippe Sollers, o termo não integra a listagem de verbetes independentes e só aparece nessa obra na contribuição de Émile Jalley (1997) sobre *conceito de oposição* (*concept d'opposition*), mais precisamente, sobre “pares de opostos e polaridades na gênese do Eu” (*couples d'opposés et polarités dans la genèse du moi*). A obra inclui interpretação dos entendimentos de Freud em relação à genese do amor e do ódio, fundamentando a mudança da compreensão desses conceitos inicialmente como *pulsão* para a aceção posterior como *sentimentos*. Para explicitar seu objetivo, faz referência a dois sistemas: um de *oposições* e o outro de *polaridades*. (ENCYCLOPÆDIA UNIVERSALIS, 1997, pp. 552-5) Trata-se de referência que evidencia o lugar marginal do ódio na teoria psicanalítica.

Silvio Fanti, em seu *Dictionnaire pratique de la psychanalyse et de la micropsychanalyse*, não trata de ódio e nem mesmo de amor isoladamente. No contexto das “Três atividades cardinais do homem”, no item “Sexualidade”, faz menção à questão da ambivalência ao se referir ao “*amour-haine comme réminiscence du bon-mauvais sein et structuration anale de: aimer en déféquant – haïr en rettenant.*” (Fanti, 2003, p. 219)

O fato de o tema do ódio não ser tratado como conceito central na obra de Freud se reflete nas exposições de vários autores. Da mesma forma Claude Le Guen, em seu *Dictionnaire freudien* (Guen, 2008), não inclui entrada específica para o termo ódio como

²⁰⁴ Por outro lado, isto não significa que os autores desconheçam ou mesmo ignorem o termo. Assim, por exemplo, no verbete “objeto”, os autores vinculam este conceito ao de pulsão e aos de amor e ódio.

verbetes independentes. Para questões relativas a ódio, a obra remete a agressão; amour; anal; ça; envie du pênis; frustration; libido; mélancolie; pulsion de mort; surmoi.

4. O entendimento do “ódio” em dicionários/enciclopédias especializadas

Pierre Fédida, no *Dictionnaire abrégé, comparatif et critique des notions principales de la psychanalyse*, define o vocábulo:

Haine, terme utilisé en psychanalyse (...)

1º pour désigner, par rapport à l’amour, “une force de destruction, de disintegration, que va dans le sens de la privation et de la mort” (Joan Riviere);

2º pour connoter dans l’amour le sens des forces d’agression;

3º pour souligner l’action du sur-moi en relation avec le sentiment de culpabilité. (Fédida, *Dictionnaire de la psychanalyse*, 1974, p. 143)

A seguir, Fédida nos remete aos verbetes agressividade, ambivalência, amor, culpabilidade, pulsão de morte.

Charles Rycroft, na versão em português de seu reverenciado *A Critical Dictionary of Psychoanalysis* (1968), primeiro grande dicionário de psicanálise em língua inglesa de autoria não coletiva, escreve:

ÓDIO:

1. Princípio ou força interna que se supõe acionar o comportamento.

2. AFETO caracterizado por um desejo duradouro de danificar ou destruir o objeto odiado. O ódio é não raro confundido pelos analistas com a IRA, embora esta seja uma emoção passageira, não duradoura, e que pode ser sentida em relação a alguém que se ama. Segundo McDougall (1908), o ódio é um SENTIMENTO e a ira uma EMOÇÃO primária, simples. Segundo Freud (1915), o ódio é a reação a ameaças ao EGO, mas, em seus trabalhos especulativos posteriores, o ódio foi considerado como manifestação do INSTINTO DE MORTE. Os analistas influenciados por essas idéias posteriores tendem a considerar o AMOR e o ódio como contrários, e a encarar a psique como um campo de batalha entre esses dois instintos opostos. (Rycroft, *Dicionário crítico de psicanálise*, 1975, p. 167)

Ludwig Eidelberg, na *Encyclopedia of Psychoanalysis* (1968), escreve:

Hate denotes a feeling of intense dislike, aversion, or bitterness toward a particular object; an urge to attain gratification through injury to, or destruction of, the object. Freud (1913) originally placed hate with the ego instincts, in contrast to the unconscious

libidinal instincts. The study of compulsive neurotics indicates the presence of a very severe superego and this severity may be due to the quantity of aggression. At first Freud could not agree with Stekel who thought that the study of human development would lead to the conclusion that hate preceded love. Later, in 1920, consideration of the self-destructive nature of the repetition compulsion led him to give hate and love equal status in the id. Hate was placed with the aggressive or death instincts, while love was placed with the sexual instincts. Within the framework of the structural theory, hate was assigned a role in each of the three provinces of the psychic apparatus. In the id, it was synonymous with the aggressive drive. In the ego of the normal individual, it appeared as conscious hatred or as aggression subordinated to constructive ends. In the superego, it took the self as its object and resulted in feelings of guilt or self criticism.

Um dicionário recente registra verbete específico sobre o ódio, o *Comprehensive Dictionary of Psychoanalysis*, de Salman Akhtar, que coloca:

Hatred: a complex, characterologically anchored, chronic affective state that involves much cognitive elaboration and rationalization. It angrily and relentlessly demands the destruction of a specific internal object and its externalized forms. However, it is more than an affect. It is invariably accompanied by tenaciously held unconscious fantasies as well as distortions of ego and superego functioning. The unconscious fantasy underlying hatred consists of the belief that one has been wronged, betrayed, and injured by others. Accompanying this is a peculiar narrowing of cognitive functions that shapes but distorts reasoning capacities. This prevents the alteration of sadomasochistic beliefs by benevolent, reactive knowledge. Corruption of superego functions is also usually present in the form of blindness to ethical barriers in the path of one's destructiveness. The myriad manifestations of hatred, going from the most severe to the mildest, include planned murder, psychosocial ostracization, physical torture, sadomasochistic sexuality, psychological abuse, emotional domination, intellectual control, and unrelenting demonstration of one's moral superiority over others. Major contributions to the psychoanalytic understanding of hatred have been made by Melanie Klein (1933, 1948), Ping Ne Pao (1965), Wilfred Bion (1967), Herbert Rosenfeld (1971), John Maltzberger and Dan Buie (1974), Eric Brenman, (1985), Otto Kernberg (1992, 1995), Jerome Winer (1994), Harold Blum (1995), and Fred Pine (1995). See also *The Birth of Hatred*, a slim but highly informative volume edited by Salman Akhtar, Selma Kramer, and Henri Parens (1995). (Akhtar, *Comprehensive dictionary of psychoanalysis*, 2009)

Outra obra recente, o *Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*, (*Dictionnaire international de la psychanalyse: concepts, notions, biographies, œuvres, événements, institutions*) em dois volumes, publicado sob a direção geral de Alain de Mijolla, originalmente em 2002, dedica amplo espaço aos conceitos *ódio* e *ódio de si mesmo* (ambos de autoria de Nicole Jeammet), além de *ódio de transferência* (redigido por Jean-François Rabain). (Mijolla, *Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*, 2005, pp. 1310-1 e 1901-4, v. 2). Nos referidos verbetes são discutidos os fundamentos da relação amor-ódio e seu desenvolvimento ao longo das diferentes fases (oral, sádico-anal, genital...), destacando seu papel constitutivo, o que teria levado a autora (N. Jeammet, 1989) a falar em *ódio necessário*.

No Brasil, onde ainda não há tradição de grandes dicionários e/ou enciclopédias de produção nacional, não encontramos referências nesta área. Uma das poucas exceções, é um trabalho de David E. Zimerman, que, em seu recente *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise* (Zimerman, 2001), menciona que os autores Bion e Winnicott chegaram a estudar mais especificamente o sentimento de ódio, passando, a seguir, a apresentar o que seria o entendimento destes autores.

Na área da psicologia, quando dicionários/enciclopédias especializados incluem o verbete ódio, além de habitualmente serem bem sucintos também costumam limitar-se à manifestação deste afeto. Observamos que, quando incluem o vocábulo “ódio”, fazem referência a autores da psicanálise para referenciar o termo, chegando mesmo a convidar psicólogos psicanalistas para a tarefa.

Os autores R. Doron e F. Parot, em seu *Dictionnaire de psychologie* (1991), assim definem a palavra na edição em português:

O ódio é um sentimento, sempre intenso, de uma pessoa em relação a outra ou outras pessoas, a quem. deseja o mal ou de cujas desgraças se alegra. O ódio é desencadeado pela inveja, pelo ciúme, pelo amor-próprio ferido, por uma injustiça sofrida. Pode provocar o desprezo, a agressividade, a vingança. Pode alternar-se com sentimentos de amor para com a mesma pessoa (ambivalência) ou da transformação em contrário de uma paixão amorosa excessiva ou desiludida. Enquanto o amor busca a semelhança ou a complementaridade com o parceiro, o ódio é uma reação de intolerância para com as diferenças com relação ao outro ou aos outros. As bases inconscientes do ódio foram estudadas pela psicanálise. S. Freud relaciona-as com as pulsões de morte. M. Klein precisou a precocidade das fantasias sádicas e destrutivas no bebê. D. Winnicott fez que se reconhecesse o papel, às vezes necessário, do ódio na contratransferência do psicanalista. D. Anzieu²⁰⁵. (Doron & Parot, 2001)

²⁰⁵ Como era de se esperar, o verbete foi redigido por um psicólogo psicanalista: Didier Anzieu.

Na edição em português do *APA Dictionary of Psychology*, da American Psychological Association, o verbete ódio assim aparece:

Emoção hostil que combina sentimentos de aversão, raiva e o desejo de retaliar danos reais ou imaginários. Também denominado rancor. (AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION, 2010)

Já no *Dicionário de Psicologia Dorsch*:

Sentimento intenso (intencional) de repulsa, hostilidade, aumenta até a destruição (ódio mortal). Opõe-se ao amor, mas há também a mistura de ódio e amor. (Dorsch, Häcker, & Stapf, 2009)

5. Referências deste Apêndice

- Akhtar, S. (2009). *Comprehensive dictionary of psychoanalysis*. London: Karnac. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?tbm=bks&hl=pt-BR&q=comprehensive+dictionary+of+psychoanalysis>. Acesso em: 14/09/2012.
- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. (2010). *APA Dictionary of Psychology*. Porto Alegre: Artmed. (ed. original: 2007).
- ASSOCIATION FREUDIENNE. (1997). *Dicionário de psicanálise; Freud & Lacan*. Salvador: Ágalma. (Vol. 1; do orig. francês de 1993).
- ATILF. (2012). *Le Trésor de la Langue Française Informatisé*. Editions CNRS. Disponível em: atilf.atilf.fr Acesso: 12 de Outubro de 2012.
- CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS. (1995). *Cambridge International Dictionary of English*. Bath: Cambridge University Press.
- CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS. (2012). *Cambridge Dictionaries Online*. Acesso em 3 de janeiro de 2012, disponível em http://dictionary.cambridge.org/dictionary/british/hate_1?q=hate
- Doron, R., & Parot, F. (2001). *Dicionário de psicologia*. São Paulo: Ática. (do original Dictionnaire de psychologie. Paris: PUF, 1991).
- Dorsch, F., Häcker, H., & Stapf, K.-H. (2009). *Dicionário de Psicologia Dorsch*. Petrópolis: Vozes.
- ENCYCLOPEDIA-BRITANNICA. (2012). *Encyclopedia Britannica eb.com*. Acesso em 9 de janeiro de 2012, disponível em <http://www.britannica.com/bps/dictionary?query=hate> & <http://www.britannica.com/bps/dictionary?query=hate>
- ENCYCLOPÆDIA UNIVERSALIS. (1997). *Dictionnaire de la Psychanalyse*. Paris: Encyclopædia Universalis & Albin Michel.
- Fanti, S. (2003). *Dictionnaire pratique de la psychanalyse et de la micropsychanalyse*. Paris: Buchet/Chastel.
- Fédida, P. (1974). *Dictionnaire de la psychanalyse*. Paris: Librairie Larousse.
- Ferreira, A. B. (2010). *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, (5ª ed. rev. e atualizada).

- Ferreira, A. B. (2011). *Dicionário do Aurélio Online*. Acesso em 17 de 1 de 2012, disponível em www.dicionariodoaurelio.com
- Guen, C. L. (2008). *Dictionnaire freudien*. Paris: PUF.
- Hornby, A. S. (1995). *Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English*. Oxford: Oxford University Press. (5th ed.).
- Houaiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Houaiss, A. (2009). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0*. (Versão integral do Dicionário Houaiss da língua portuguesa).
- Kaufmann, P. (. (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (original: L'apport freudien: Éléments pour une encyclopédie de la psychanalyse, Paris: Bordas, 1993).
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1991). *Vocabulário de psicanálise – Laplanche e Pontalis*. São Paulo: Martins Fontes.
- LAROUSSE. (1992). *Dictionnaire de la langue française – Lexis*. Paris: Larousse.
- LAROUSSE. (2012). *Le Dictionnaire Français – Larousse*. Acesso em 18 de janeiro de 2012, disponível em www.larousse.fr/dictionnaires/francais
- Littre, É. (1872-1877). *Dictionnaire de la langue Française*. Fonte: <http://francois.gannaz.free.fr/Littre/accueil.php>. Acesso em: 10 de março de 2012.
- MERRIAM-WEBSTER INC. (1986). *Webster's third new international dictionary of the English language, unabridged*. Chicago: Encyclopedia Britannica, Inc., vol. I.
- Mijolla, A. d. (2005). *Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*. Rio de Janeiro: Imago.
- Palazzi, F. (2007). *Dizionario Palazzi*. Milano: Hoepli.
- Pianigiani, O. (2002). *Dizionario Etimologico online*. Fonte: www.etimo.it
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. (2001). *Diccionario de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe.
- Rey, A. (s/d). *Dictionnaire culturel en langue française*. Paris: Dictionnaires Le Robert.
- Robert, P. (1981). *Le petit Robert*. Paris: Le Robert.
- Robert, P. (2001). *Le Grand Robert. Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris: Dictionnaire le Robert.
- Roudinesco, É., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Rycroft, C. (1975). *Dicionário crítico de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Weiszlog, W., Prado, A., & Silva, H. (2011). *Michaelis*. Acesso em 15 de 1 de 2012, disponível em Michaelis: <http://michaelis.uol.com.br>
- Zimerman, D. E. (2001). *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise*. Porto Alegre: ARTMED.

APÊNDICE B – Seleção de autores com textos relevantes sobre o ódio

- Ernest Jones – *Fear, Guilt and Hate*, 1929
- Ian Suttie – *The Origins of Love and Hate*, 1935
- Joan Riviere & Melanie Klein – *Love, Hate and Reparation*, 1937
- Michael Balint – *On love and hate*, 1951
- Ping-Nie Pao – *The Role of Hatred in the Ego*, 1965
- Herbert Rosenfeld – *A clinical approach to the psychoanalytic theory of the life and death instincts: an investigation into the aggressive aspects of narcissism. & Contributions to the psychopathology of psychotic patients. The importance of projective identification in the ego structure and object relations of the psychotic patient*, 1971
- Christopher Bollas – *Loving Hate*, 1984
- Micheline Enriquez – *Aux carrefours de la haine*, 1984
- Jean-Bertrand Pontalis – *L'amour de la haine & La haine illégitime*, 1986
- Masud Khan – «*Pensées*»- *De l'amour de la haine à la haine de l'amour*, 1986
- Pierre Fédida – *De la haine à la guerre*, 1986
- Roger Dorey – *L'amour au travers de la haine*, 1986
- François Gantheret – *La haine et son principe*, 1986
- L. E. Prado de Oliveira – *Les voix de la haine*, 1986
- Conrad Stein – *Les Erinyes d'une mère : Essai sur la haine*, 1987
- Nicole Jeammet – *La Haine nécessaire*, 1989
- Otto Kernberg – *Hatred as pleasure*, 1990; *The psychopathology of hatred*, 1991
- Maud Mannoni – *Amour, haine, séparation*, 1991
- Paul Laurent Assoun – *Portrait métapsychologique de la haine*, 1995
- Jacques Hassoun – *L'obscur objet de la haine*, 1997
- Roland Gori – *La visée ontologique de la haine*, 2000 & *Le Réalisme de la haine*, 2000
- Michèle Benhaïm – *L'Ambivalence de la mère*, 2001
- Jean-Pierre Lebrun – *L'avenir de la haine*, 2006
- Heitor O'Dwyer de Macedo – *La haine*, 2008

Além dos trabalhos dos dois autores brasileiros acima mencionados e que atuam no exterior, recentemente têm surgido publicações valiosas:

- Luís Carlos Menezes – *Questões sobre o ódio e a destrutividade na metapsicologia freudiana*, 1991 & *O ódio e a destrutividade na teoria do narcisismo*, 2001
- Decio Gurfinkel – *Ódio e inação: o negativo na neurose obsessiva*, 2005
- Carmen Da Poian – *Do ódio à violência*, 2008
- Mauro Mendes Dias – *Os ódios: clínica e política do psicanalista*, 2012
- Renato Mezan – *Os ódios: clínica e política do psicanalista*, 2012

APÊNDICE C – Referências complementares

(fontes não citadas na tese)

- Adam, M. (2004). Resenha do livro de Philippe Saltel, *Les philosophes et la haine* (Paris, Ellipses, 2001). *Revue philosophique de la France et de l'étranger* (Analyses et comptes rendus), 129, 359-60.
- Akhtar, S. (1995). Some Reflections on the Nature of Hatred and Its Emergence in the Treatment Process; discussion of Kernberg's chapter "Hatred as a core affect of aggression". In: S. Akhtar, S. Kramer, & H. Parens, *The Birth of Hatred*. Northvale/London: Jason Aronson, pp. 83-101.
- Akhtar, S., Kramer, S., & Parens, H. (1995). *The birth of hatred; developmental, clinical and technical aspects of intense aggression*. Northvale/London: Jason Aronson.
- Alsteens, A. (1985). Enriquez M. Aux carrefours de la haine. *Revue Belge de Psychanalyse*, 6, 119-21. (Notes de Lecture).
- Benbassa, E., & Attias, J.-C. (2000). Introduction. In: E. Benbassa, & J.-C. Attias, *La Haine de soi. Difficiles identités*. (pp. 15-24). Éditions Complexe.
- Benbassa, E., & Attias, J.-C. (2000). *La Haine de soi. Difficiles identités*. Éditions Complexe.
- Benhaïm, M. (2001). *L'ambivalence de la mère. Étude psychanalytique sur la position maternelle*. Paris: Érès.
- Benhaïm, M. (2004). *A queixa materna*. Disponível em: Estilos da Clínica: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/estic/v9n16/v9n16a04.pdf> Acesso em: 27 de Maio de 2009.
- Blum, H. P. (1995). Sanctified Aggression, Hate, and the Alteration of Standards and Values. In: S. Akhtar, S. Kramer, & H. Parens, *The birth of hatred*. Northvale/London: Jason Aronson, pp. 15-37.
- Boons, M.-C. (1985). Dire la haine? *Littoral – Revue de psychanalyse*, 15/16, 147-151.
- Bourdin, D. (2005). L'ambivalence dans la pensée freudienne. In: M. Emmanuelli, R. Menahem, & F. Nayrou, *Ambivalence. L'amour, la haine, l'indifférence*. Paris: Presses Universitaires de France, pp. 15-44.
- Boureau, A. (1986). L'inceste de Judas. Essai sur la genèse de la haine antisémite au XIIe siècle. *Nouvelle revue de psychanalyse*, N° 33, p. 25-41.
- Bourgeoisa, M. L., Bénézech, M., & Le Bihanc, P. (2005). La haine psychotique et le passage à l'acte destructeur. *Annales médico-psychologiques*, 163, 8, 656-61.
- Caplansky, M. U. (2010). Odio en la contratransferencia. *Revista Latinoamericana de Psicoanálisis*, 9, 149-154.
- Cazotte, J. (1991). *O diabo amoroso*. São Paulo: Escuta.
- Consoli, G. V. (2009). Structuring Aspects of Hate in a Psychoanalytical Treatment. *Canadian Journal of Psychoanalysis*, 17: 305-22.
- Cuesta, A. D. (2003). El amor, el odio y la ignorancia. *Extensión, revista de psicoanálisis*. (<http://www.extensionuniversitaria.com/num60/pg1.htm#EL%20AMOR,%20EL%20ODIO%20Y%20LA%20IGNORANCIA>, acesso 9/maio/2006).
- Desroses, J. (2005). La haine, rencontre, pour une fille, avec le réel d'Acu corps maternel. *La clinique lacanienne*, 2005/1, 8: 133-8. Disponível em:

http://www.cairn.info/zen.php?ID_ARTICLE=CLA_008_0133 Acesso em: 5 de Maio de 2012.

- Didier-Weil, A. (1985). Les deux haines. *Littoral – Revue de psychanalyse*, 15/16, 115-120.
- Dimen, M. (1994). Money, Love, and Hate: Contradiction and Paradox in Psychoanalysis. *Psychoanalytic Dialogues*, 4: 69-100.
- Downey, T. W. (2004). Notes on Hate and Hating. *Psychoanalytic Study of the Child*, 59: 3-20.
- Eibl-Eibesfeldt, I. (1972). *Amor y odio. Historia de las pautas elementales del comportamiento*. México: Siglo XXI.
- Eibl-Eibesfeldt, I. (1996). *Love and hate. The Natural History of Behavior Patterns*. London: Aldine de Gruyter.
- Emmanuelli, M., Menahem, R., & Nayrou, F. (2005). *Ambivalence. L'amour, la haine, l'indifférence*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Epstein, L. (1977). The Therapeutic Function of Hate in the Countertransference. *Contemporary Psychoanalysis*, 13: 442-60.
- Gabbard, G. O. (1993). On Hate in Love Relationships: The Narcissism of Minor Differences Revisited. *Psychoanalytic Quarterly*, 62: 229-38.
- Gabbard, G. O. (2000). Hatred and Its Rewards: A Discussion. *Psychoanalytic Inquiry*, 20: 409-20.
- Gabbard, G. O. & Winer, J. A. (1994). Hate in the Analytic Setting. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 42: 219-31.
- Galdston, R. (1987). The Longest Pleasure: A Psychoanalytic Study of Hatred. *International Journal of Psycho-Analysis*, 68: 371-8.
- Gay, P. (1993). *The Cultivation of Hatred; The Bourgeois Experience; Victoria to Freud*. New York: W. W. Norton.
- Goldberg, J. G. (1993). *The Dark Side of Love: the positive role of our negative feelings - anger, jealousy, and hate*. New York: Jeremy P. Tarcher/Putnam Book.
- Goldberg, J. G. (1997). *El lado oscuro del amor. El papel positivo de nuestros sentimientos negativos: ira, celos y odio*. Barcelona: Ediciones Obelisco.
- Gori, R. (2000). La visée ontologique de la haine. *Transhumances II, Discours, organisation et souffrance au travail*, 13-22.
- Gori, R. (2000). La visée ontologique de la haine. *Adolescence*, numéro spécial, p. 45-55.
- Gori, R. (2004). *Lógica das paixões*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Green, A. (2002). A Dual Conception of Narcissism: Positive and Negative Organizations. *Psychoanalytic Quarterly*, 71: 631-49.
- Grossman, L. (2006). Hate and Love in Psychoanalytical Institutions: The Dilemma of a Profession. *Psychoanalytic Quarterly*, 75: 892-8.
- Guenard, T. (1999). *Plus fort que la haine*. Paris: Presses de la Renaissance.
- Gurfinkel, D. (2005). Ódio e inação: o negativo na neurose obsessiva. In: M. T. Berlinck (org), *Obsessiva neurose*. São Paulo: Escuta, pp. 237-94.
- Heaton, J. M. (1989). *The Origins of Love and Hate, by Ian Suttie*. Free Associations, 1W: 128-33.

- Henny, R. (1968). Psychanalyse de la haine. *Société vaudoise d'hygiène mentale*, 66.
- Holmes, D. E. (1995). Hatred in Women: A Critique of Its Origins and Effects; A discussion of Pine's chapter "On the origin and evolution of a species of hate: a clinical-literary excursion". In: S. Akhtar, S. Kramer, & H. Parens, *The Birth of Hatred*. Northvale/London: Jason Aronson, pp. 133-47.
- Hurni, M., & Stoll, G. (1996). *La haine de l'amour : la perversion du lien*. Paris/Montréal: L'Harmattan.
- Jones, E. (1924). La peur, la culpabilité et la haine. *Théorie et pratique de la psychanalyse*, 1969, pp. 278-91.
- Kernberg, O. F. (1995). Hatred as a Core Affect of Aggression. In: S. Akhtar, S. Krame, & H. Parens, *The Birth of Hatred*. Northvale/London: Jason Aronson, pp. 53-82.
- Kernberg, O. F. (1998). Aggression, Hatred, and Social Violence. *Canadian Journal of Psychoanalysis*, 6: 191-206.
- Khan, M. (1986). "Pensées"; de l'amour de la haine à la haine de l'amour. *Nouvelle revue de psychanalyse*, 33: 141-75.
- Kristeva, J. (2005). *La haine et le pardon*. Paris: Fayard.
- Lazar, R. (2003). Knowing hatred. *International Journal of Psycho-Analysis*, 84: 405-25.
- Lebrun, J.-P. (2006). *L'avenir de la haine*. Bruxelles: Yapaka.
- Lebrun, J.-P. (2007). L'avenir de la haine. *La clinique lacanienne*, 2007/1, n. 12, p. 127-143.
- Levenkron, H. (2006). Love (and Hate) with the Proper Stranger: Affective Honesty and Enactment. *Psychoanalytic Inquiry*, 26: 157-181.
- Lewin, S. (2009). Delusional Hate: Primary Identification in the Case of a Gifted Patient with a Predatory Mother. *Contemporary Psychoanalysis*, 45: 218-38.
- Lichtenberg, J. D. (2000). Hatred and Its Rewards: A Case Illustration. *Psychoanalytic Inquiry*, 20: 389-408.
- Lippmann, P. (2000). Dreams and Psychoanalysis: A Love—Hate Story. *Psychoanalytic Psychology*, 17: 627-50.
- Macedo, H. O. (2008). *Lettres à une jeune psychanalyste*. Paris: Éd. Stock.
- Macedo, H. O. (2011). Carta 34 - O ódio. In: H. O. Macedo, *Cartas a uma Jovem Psicanalista* (pp. 257-66). São Paulo: Perspectiva.
- Mann, D. (2002). *Love and hate: psychoanalytic perspectives*. New York: Routledge.
- Mayes, L. C. (2004). Discussion of T. Wayne Downey's "Notes on Hate and Hating". *Psychoanalytic Study of the Child*, 59: 21-9.
- Menezes, L. C. (1991). Questões sobre o ódio e a destrutividade na metapsicologia freudiana. *Percursos, Revista de Psicanálise*, Ano III, Nº 7.
- Money-Kyrle, R. (1936). The Origins of Love and Hate: By Ian D. Suttie. *International Journal of Psychoanalysis*, 17: 137-8.
- Nasio, J. D. (1996). El concepto de odio. *Revista Transdisciplinaria Con-versiones*, Buenos Aires. Disponível em: www.con-versiones.com/nota0155.htm Acesso: 25 de fevereiro de 2010.

- Neubauer, P. B. (1995). Hate and Developmental Sequences and Group Dynamics. In: S. Akhtar, S. Kramer, & H. Parens, *The Birth of Hatred*. Northvale/London: Jason Aronson, pp. 149-63.
- Neuman, Y. (2009). On love, hate and knowledge. *International Journal of Psychoanalysis*, 90: 697-712.
- Newman, A. (2003). *As idéias de D. W. Winnicott: um guia*. Rio de Janeiro: Imago.
- Ogden, T. H. (2003). Une nouvelle lecture de l'origine de la theorie des relations d'objet. *L'année psychanalytique internationale*, 2003: 165-81.
- Pine, F. (1995). On the Origin and Evolution of a Species of Hate: A Clinical-Literary Excursion. In: S. Akhtar, S. Kramer, & H. Parens, *The Birth of Hatred*. Northvale/London: Jason Aronson, pp. 103-32.
- Poian, C. da (2009). Do ódio à violência. Disponível em: http://www.cprj.com.br/download/artigo_da_poian_do_odio_a_violencia.pdf Acesso em 24 de Maio de 2009.
- Prelinger, E. (2004). Thoughts on Hate and Aggression. *Psychoanalytic Study of the Child*, 59: 30-42.
- Riviere, J. (1975). Ódio, voracidade e agressividade. In: M. Klein, & J. Riviere, *Amor, ódio e reparação* (pp. 13-78). Rio de Janeiro / São Paulo: Imago / Editora da Universidade de São Paulo.
- Rocha, Z. (1998). *Palavras para o silêncio*. Recife: Editora Universitária da UFPE.
- Romano, R. (2009). *Os nomes do ódio*. São Paulo: Perspectiva.
- Rosenfeld, H. A. (1971). A clinical approach to the psychoanalytic theory of the life and death instincts: an investigation into the aggressive aspects of narcissism. *Int. J. Psychoanal.* 52:169-178
- Rosenfeld, H. A. (1971). Contributions to the psychopathology of psychotic patients. The importance of projective identification in the ego structure and object relations of the psychotic patient. *Problems of Psychosis*.
- Rubin, G. (2007). *Du bon usage de la haine et du pardon*. Paris: Payot.
- Saltel, P. (2001). *Les philosophes et la haine*. Paris: Ellipses.
- Shapiro, E. R. (2004). Discussion of Ernst Prelinger's "Thoughts on Hate and Aggression". *Psychoanalytic Study of the Child*, 59: 44-51.
- Sherby, L. B. (1989). Love and Hate in the Treatment of Borderline Patients. *Contemporary Psychoanalysis*, 25: 574-91.
- Sperling, D. (1995). *Genealogía del odio. Sobre el judaísmo en occidente*. Buenos Aires: Emecé Editores.
- Stryckman, N. (2002). *Plus fort que la haine*. Disponível em Cahiers de psychologie clinique, Bruxelles, Nº 18 2002/1, Les différences: <http://www.cairn.info/revue-cahiers-de-psychologie-clinique-2002-1-p-266.htm#> Acesso em 15 de Janeiro de 2010.
- Suttie, I. D. (2007). *Los orígenes del amor y del odio*. Barcelona: Obelisco.
- Vacola, G. (1992). Amour et haine, Éros-Thanatos. *Actualités psychiatriques*, Nº 1, 12-14.
- Zimerman, D. E. (2010). *Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento, reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas*. Porto Alegre: Artmed.